

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

CRISTINA REGO MONTEIRO DA LUZ

A PAUTA JORNALÍSTICA E SUAS MEDIAÇÕES

Rio de Janeiro

Julho/2005

CRISTINA REGO MONTEIRO DA LUZ

A PAUTA JORNALÍSTICA E SUAS MEDIAÇÕES

Tese apresentada ao Curso de  
Doutorado da Universidade  
Federal do Rio de Janeiro - UFRJ  
como requisito parcial para a  
obtenção do Grau de Doutor. Área  
de concentração: Comunicação e  
Cultura

Orientador: Prof. Dr. JOSÉ AMARAL ARGOLO

Rio de Janeiro

Julho/2005

LUZ, Cristina Rego Monteiro.

A pauta jornalística e suas mediações. Rio De Janeiro, 2005

Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2005.

Orientador: José Amaral Argolo

1. Pauta jornalística, pauteiro, jornalismo.

I. ARGOLO, José Amaral (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. III. Título

CRISTINA REGO MONTEIRO DA LUZ  
A PAUTA JORNALÍSTICA E SUAS MEDIAÇÕES

Tese apresentada ao Curso de  
Doutorado da Universidade Federal do  
Rio de Janeiro - UFRJ como requisito  
parcial para a obtenção do Grau de  
Doutor. Área de concentração:  
Comunicação e Cultura

Aprovada em julho de 2005

Banca Examinadora

---

Prof. Dr. José Amaral Argolo  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Paulo Roberto Gibaldi Vaz  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Milton da Silva Pinto  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Marilene Cabral do Nascimento  
Universidade Estácio de Sá

---

Prof. Dr. Oswaldo Munteal Filho  
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro  
Julho/2005

Aos meus amigos verdadeiros  
À minha família querida  
Ao Princípio

Nada substitui o homem intelectualmente bem treinado para atuar em defesa de metas  
passíveis de interpretação, sutileza, revisão e de aproveitamento de oportunidades  
anteriormente desconhecidas.

Márcio Rego Monteiro  
Meu pai

## AGRADECIMENTOS

São muitos os que merecem meus agradecimentos sinceros.

Ao Mestre Gabriel, por poder viver este momento; aos homens da medicina.

Algumas pessoas contribuíram para a possibilidade de realização deste trabalho, dando suporte emocional e estrutura. Estes têm lugar bem especial em meu coração: Myrna, minha amada mãe. Paulo da Luz, meu marido, que participou de muitas maneiras para o sucesso dessa empreitada. Angela, Branda e Joana, minhas filhas. Angela e Luiz Alberto Barreto, minha sempre irmã e meu cunhado, grande amigo-irmão. Lucas e João, meus sobrinhos queridos. Agora, Átila, meu irmão.

Aos que auxiliaram de forma pontual e significativa, o meu carinho e gratidão. À minha amiga, Profa Dra. Édira Castelo Branco, pelo incentivo. Ao Prof. Marcelo Afonso, por sua amizade e disposição para prestar um auxílio imprescindível nos momentos finais de formatação do trabalho. A minha querida amiga Dulce Cardoso pela fiel prontidão nos momentos de conclusão, decisivos. A minha sobrinha Rosa Portugal, pelas gravações. Todos afinados com a proposta da superação.

A Alfredo Herkenhoff, por ceder os textos de seu livro inédito *Pautas e Fontes*, de onde tirei a maior parte das informações sobre José Gonçalves Fontes.

Ao amigo Paulo João Raad, pela metalinguagem estruturante.

Aos meus professores da UFRJ, a gratidão pelo conhecimento repassado e o compromisso mantido com seus lugares ao longo dos anos.

Ao Prof. Dr. José Amaral Argolo, meu Orientador, conhecedor do dia a dia das redações, uma homenagem especial pela constante amizade ao longo de muitos anos de trabalho profissional, e pelo estímulo para não desistir, nos momentos em que este estímulo foi necessário.

Ao Dr. Fausto Santos e Dr. Aluísio Silva pela compreensão. À Patrícia Reis, Viviane Barreto e Leonardo Araújo, pela força e participação. À Neide Menezes pelo carinho.

Aos fraternos companheiros de magistério e da crença de que a amizade vale a pena, Oswaldo Munteal e Amaury Fernandes.

A muitos omiti, por ignorância, mas sei que Aquele que sabe compreenderá e já garante o merecimento da colheita pelo Bem plantado.

# SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
1.1. Pauta – a ponta do fio de Ariadne .....	3
1.2. O Fio .....	7
<b>2. LABIRINTO</b>	<b>13</b>
2.1. Conhecendo a obra de Dédalo .....	13
2.2. Oráculo, de frente para trás .....	18
2.3. Revisitando registros históricos .....	20
2.4. A pauta na industrialização .....	28
2.5. Esfera pública .....	30
<b>3. HERÓIS DO LABIRINTO</b>	<b>34</b>
3.1. Maurício Azedo .....	36
3.2. Bruno Thys .....	51
3.3. José Augusto Ribeiro .....	57
3.4. Alberto Dines .....	75
3.5. Luciano de Moraes e José Gonçalves Fontes .....	79
<b>4. O FIO DE ARIADNE</b>	<b>86</b>
4.1. O estilhaçamento da informação .....	87
4.2. Descomplicando, apesar da complexidade .....	95
4.3. Compilação de Colunas .....	95
<b>5. CONCLUSÃO</b>	<b>107</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>111</b>
6.1. Livros .....	111
6.2. Artigos de Revistas .....	118
6.3. Artigos de Jornais .....	119
6.4. Sites na Internet .....	120
6.5. Teses, dissertações e TCC .....	120
<b>7. ANEXOS</b>	<b>122</b>
7.1. Texto de José A. Argolo sobre Luciano de Moraes .....	122
7.2. Pautas de José Gonçalves Fontes .....	126
7.3. Entrevista de Wilson Figueiredo .....	135
7.4. Entrevista com Alfredo Herkenhoff .....	151
7.5. Entrevista com Maurício Azedo .....	169
7.6. Entrevista com José Augusto Ribeiro .....	188
7.7. Pautas Contemporâneas do Jornal O Dia .....	213

## **RESUMO**

Este trabalho propõe um olhar acadêmico sobre a pauta jornalística, sua elaboração e estrutura. Defende a tese de que a pauta, generalista ou por editorias, é um instrumento referencial significativo e inexplorado no estudo sobre o processo de produção da notícia no Brasil. Recurso organizacional nas redações dos maiores jornais do país especialmente a partir da década de 50, a pauta revela ideologias, estruturas de poder, injunções políticas, econômicas e sociais ao longo da história da imprensa no país. O cargo de pauteiro, uma invenção nacional, passa a representar, neste contexto, uma figura de poder heróica ou autoritária. Resgata-se, com a tese, a proposta da discussão humanista num cenário em que a pressão tecnológica de reprodutibilidade acelerada ameaça o paradigma de confiabilidade no exercício do jornalismo.



## **ABSTRACT**

The development of this work was thought as an academic evaluation of the journalistic daily guideline and its structure. It defends the thesis that guidelines, being it within its global view or by means of breaking down by each and every editor are an unexplored and strategic tool on the study regarding news production. Guidelines have been a newsroom organizational source among the largest and most important Brazilian Newspapers, especially since the 50's, where we can find ideological bias, power structure, political, economical and social interference along with the history of Brazilian Press. The editor or journalist that is in charge of establishing the daily news guideline - a native invention - has the shape, within this context, of a powerful, authoritarian or "heroic" professional. The thesis has brought to the discussion table a proposal to evaluate, with a humanistic lens, the environment in which technological pressure to meet printing deadlines can be a threat to reliability of journalism and to journalists.

## **1. INTRODUÇÃO**

A tese propõe identificar na forma como é produzida a pauta uma referência diária de forma e conteúdo das informações veiculadas – ou evitadas - por empresas jornalísticas. Vê-la como pulso do organismo vivo que é o jornalismo, especialmente nas grandes empresas midiáticas (no nosso caso, utilizando como referência a análise dos perfis humanos envolvidos na metodologia de captação e seleção de grandes jornais cariocas). A partir dos bastidores da notícia, revela-se a intimidade da alma da reportagem, da edição. A intenção deste trabalho é transformar a pauta, uma instância até então coadjuvante, em elemento de base para análise do processo de produção da notícia. A pauta fornece elementos fundamentais de pesquisa pela condição de concernência, atualidade e possibilidade de estimular a percepção crítica, ocupando o lugar de navegador na corrida diária da informação. É espaço pontual e privilegiado de registro dos ângulos de produção da imprensa. A pauta pode revelar a natureza, as tendências e a qualidade do jornalismo praticado por este ou aquele grupo de profissionais, vinculados a esta ou aquela empresa. Identifica-se atualmente um quadro em que, simbioticamente envolvidas numa política neo liberal globalizante (subentendidas todas as injunções concernentes), as empresas jornalísticas, para sobreviver, mutilam-se no que possuem de mais caro: a autonomia de decisão no direcionamento do noticiário. A pauta atualmente revela este processo de progressiva alienação através do enquadramento de seus enfoques, da modulação das abrangências de acordo com o comprometimento da notícia, da excessiva divisão de trabalho, da perda de profundidade analítica, visão crítica e objetividade. Atualmente, tudo indica que os jornalistas profissionais continuam pilotando o veículo - tecnicamente.

No entanto o navegador, aquele que guia, a agulha que aponta a direção, não está lá. É externo, de uma nova maneira, fragmentada, fractal.

Esta percepção, que sugere uma estocada final no romantismo da atividade, representa ao mesmo tempo o desejo de ruptura, que poderá então gerar a possibilidade de construir de

forma consciente o processo de valorização da imprensa como o lugar por excelência da livre manifestação do pensamento. Nossa proposição é uma reação instrumentalizadora à refeudalização da informação.

Esta tese começou a ser elaborada na busca pela etiologia do jornalismo. Depois de vinte e três anos de profissão, muitas conquistas e alguns dissabores ajudaram definir perspectivas mais realistas da atividade e a melhorar a formulação das perguntas – muitas – que vêm sendo oferecidas pelo bom senso com impressionante generosidade ao longo do caminho. Um caminho delineado pelas paralelas de margens distintas: a da visão prática do profissional que tem sua perspectiva contida pela pressão dos prazos diários da produção e a do crítico que, pelo distanciamento, percebe o contexto em que estas pressões são exercidas. O que se vê de cada margem é real, mas de nenhuma delas se vê o todo. O que fazer para legitimar uma percepção justa? Unir as margens? E para unir as margens, será preciso secar o rio? Como chegar a uma *práxis* que sintetize percepção teórica abrangente e prática eficaz? Quem veio das redações, do dia a dia da profissão, talvez *sinta* e identifique com mais contundência o tamanho desta dificuldade, a dicotomia entre proposta e prática, mais do que o teórico. Academicamente, como compreender e classificar *cientificamente* uma atividade que contém distintas percepções e formas de interpretar e mediar a realidade, envolvendo questões políticas, econômicas, tecnológicas, culturais?

Para começar, o que define a notícia, num enorme leque de acontecimentos? Existem critérios ideais de seleção? A que estão submetidos estes critérios? Se saímos do enquadramento das margens e inserimos o fluxo da água do rio na paisagem, convidando a vida, o universo das relações com o público receptor, para ser mais um elemento na nossa análise, a situação é ainda mais complexa. Conversemos com aquele a quem tudo se destina – o público leitor, que aliás nos engloba também. Porque a sensação de muita oferta e pouco sentido? O que houve com a credibilidade do jornalismo? Que lugar social ocupa o jornalista ao desempenhar sua função profissional? Porque alguns conhecidos jornalistas de nosso tempo dizem que *a festa acabou?* (TALESE, 2004, p.435) A submissão a valores de mercado é absoluta ao ponto de suprimir a bandeira filosófica da profissão e – acima de tudo - buscar a verdade? (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003, p.119)

Longe das abordagens antropológicas, Ciro Marcondes Filho vê o jornalismo como filho legítimo da Revolução Francesa e diz que ela, além de tornar-se símbolo da queda dos regimes monárquicos e do poder aristocrático, foi também a conquista do direito à informação, liberando o saber acumulado, reservado aos sábios para circular mais ou menos livremente. E chega a afirmar que *são os jornalistas que irão abastecer esse mercado; sua*

*atividade será a de procurar, explorar, escavar, vasculhar, virar tudo de pernas para o ar, até mesmo profanar, no interesse da notícia.* Mas esta reflexão apenas antecede a constatação de Marcondes Filho de que os jornalistas *acabaram por desintegrar-se de forma misteriosa, (...) uma desintegração in praesentia.* (MARCONDES FILHO, 2002)

Estarão, os jornalistas, atuando como fantasmas de si mesmos?

Porque será que tenho, também eu, a sensação que esta profissão não existe, que não tem de fato corpo, estatuto, que as práticas jornalísticas constituem, na melhor das hipóteses, um conjunto heterogêneo com limites incertos, pronto a se deslocar sob as pressões tecnológicas ou econômicas? (LACAN, 1994, p.36)

Inicialmente referenciei-me por reflexões que pudessem esclarecer as razões da descaracterização do jornalismo enquanto espaço de livre discussão de idéias, como constatado através de pesquisas e trabalhos já publicados de diversos autores, ao mesmo tempo em que temos a multiplicação de empresas que promovem circulação de informação. A informação amplia-se para atender a pressão da burguesia mercantil e hoje se ajusta a nova divisão corporativa globalizada. Frente à amplitude do tema, procurei uma ponta de fio da rede. Algo palpável, que pudesse servir de elemento de referência para auxiliar a entender como aconteceu na prática, na oficina de trabalho, o que percebemos ao analisar o produto do jornalismo atual e como ele é recebido pelo público. Algo como a bengala do deficiente visual, um instrumento de muitas serventias, básico, que acompanha o neófito ou o experiente, que pareça secundário mas é fundamental. Algo vertical, espinha dorsal, seta indicadora, direção reveladora.

### **1.1. Pauta – a ponta do fio de Ariadne**

Buscando este ponto de partida, priorizei a observação da pauta do jornalismo diário, o primeiro a projetar e assimilar os impactos da informação massificada. É no jornalismo do dia a dia que esconde-se o mistério com que o público ainda envolve os jornalistas, heróis do seu tempo.

A escolha do tipo de jornalismo recaiu no impresso em função de uma historicidade documental resgatável. O registro impresso facilita a pesquisa, sem as grandes lacunas do processo de produção da informação no âmbito audiovisual.

Protegida em bastidor encoberto por véu (nem tão diáfano) de palavras tecidas como discurso justificador, a pauta funciona como pivô na trama da notícia no todo do campo jornalístico (que se multiplica em revistas semanais generalistas, publicações segmentadas,

documentários, telejornais, mesas redondas, internet, rádio, etc) onde forças se confrontam ou interrelacionam dentro de labirínticos limites preestabelecidos. (BOURDIEU, 1997, p. 76) Ela é o elemento que serve ao controle da chefia de reportagem (e portanto ao Editor, ao Diretor de Jornalismo e à empresa), e é a guia, ampliadora ou restritiva, do repórter. A pauta denuncia, ao serem identificadas suas fontes, o afastamento do jornalista de seu objeto, o do que deveria ser seu objeto: a realidade que o cerca para além da Redação. Percentuais cada vez mais altos de pequenos textos profissionalmente formatados como notas, *releases*, informações de interesse particular ou dirigido, preparados por jornalistas que foram ficando fora do “mercado” e encontraram lugar em assessorias de comunicação, ou já formados nas universidades de comunicação para esta função, são direcionados para escoar por um funil de bico cada vez mais fino, o de profissionais assoberbados com múltiplas funções simultâneas dentro da empresa jornalística.

O fio da pauta tece um bordado. Este bordado é aplicado num bastidor<sup>1</sup> cujos anéis delimitadores e tensores são interesses corporativos cada vez mais invasivos.

“No começo de tudo está a pauta”. (MORAES, 1987, p.24)

“A pauta, como reflexão prévia da notícia, revela os valores, preconceitos e até a arrogância presente nas redações” – (HERKENHOFF, apud SOARES, 2003, p.14)

“A pauta não é apenas uma lista ou uma redação, conforme a linguagem fria dos dicionários, mas o verbo transitivo pautar dá uma subjetiva idéia da finalidade quando é entendido como regular, dirigir, tornar metódico ou adaptar. (...) A pauta excelente é aquela que tem uma apresentação que possa facilitar o chefe de reportagem em termos de distribuição dos assuntos e os repórteres na compreensão do que é pedido.” (PORTELA, 1972)

“Pauta é a porta de entrada dos acontecimentos de uma notícia, um mecanismo que possui certo poder decisivo e através do qual selecionam-se fatos, assuntos ou temas, que são trabalhados no dia-a-dia dos jornais”. (HENN, 1996)

“A pauta é “um conjunto de assuntos que uma editoria está cobrindo para determinada edição do jornal como a série de indicações transmitidas ao repórter, não apenas para situá-lo sobre algum tema, mas, principalmente, para orientá-lo sobre os ângulos a explorar na notícia”. *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*.

“Se eu faço boas pautas, é minha obrigação. Mas se esqueço de alguma coisa, tudo recai sobre mim. A gente não existe, só quando a gente não faz é que se lembram da gente” – (DUART, apud TEIXEIRA, 2003, p.54)

“Um dos momentos privilegiados para perceber tensões, hierarquias, tipos de relações que se estabelecem, formas de controle entre e sobre os jornalistas, que são *colegas* de jornal, é a ocasião do dia em que se realiza a *reunião de pauta*. Toda redação faz a sua.” (NOGUEIRA, 2002, p.70)

---

<sup>1</sup> Bastidor - Dois anéis de madeira. Entre um e outro, o pano que será bordado fica bem esticado.

“Imagina estar numa redação com 30 repórteres, com pauta livre? Cada um vai fazer o que quiser.(...) Tem que ter um maestro na orquestra. “Uma orquestra sem maestro não funciona, vai desafinar.” – LAPA, apud TEIXEIRA, 2003, p.20)

Complicadores para criar um protocolo de pesquisa não faltam. Até mesmo a classificação da Comunicação como ciência é motivo para discussão. Um dos setores específicos da Comunicação, o fazer jornalístico prático tem muitas injunções. Tantas, que Lacan perguntava-se se a profissão de jornalista realmente existia... A transmutação etérea parece perseguir a atividade que, contraditoriamente, busca para registro o que há de mais factual no relacionamento humano.

Nosso objeto de pesquisa, a pauta, está em extinção.

Independentemente das questões que envolvem o reconhecimento formal da função (o primeiro a ter este registro profissional em carteira foi Luciano de Moraes, no Jornal do Brasil, em 1979), o fluxo contínuo e acelerado de notícias está provocando o desaparecimento da pauta como etapa inicial de todo o processo jornalístico. No webjornalismo, o ritmo de veiculação de informações é o que condiciona todo o conteúdo de um site jornalístico, por exemplo. No jornalismo impresso convencional, uma notícia antes de ser veiculada tinha que entrar na pauta para ser avaliada, pesquisada e editada. Hoje, num webjornal como o Último Segundo, 70% do material noticioso vão *direto para a Internet* e só depois é que os editores se preocupam com as rotinas jornalísticas tradicionais. Esta inversão do processo jornalístico é a mudança mais perceptível na dinâmica das redações na era do “tempo real”, segundo revelam os resultados de uma pesquisa feita com os redatores do Último Segundo, patrocinado pelo provedor da Internet, IG.

Mesmo com os questionamentos sobre sua cientificidade, evidentemente a atividade jornalística existe, assim como suas áreas de atuação específicas. E os itens da pauta, como os cacos cerâmicos de uma escavação arqueológica, revelam processos de elaboração, dominação, ideologias, focos de interesse, ângulos, contingencionamento de pessoal, subdivisões e estrutura, dizem muito de seus autores, de seu período, referenciam origens, denunciam escolhas e omissões. A pauta expõe, sensível, fatores que determinam limites - e o recorte da informação que circula. Sua feitura denuncia graus de organização, maturidade e abrangência de visão. Estas diferenças não são tão evidentes aos leigos e mesmo entre profissionais, ângulos e opções não cogitadas ou omitidas podem passar despercebidas. Daí a proposta de trazer a pauta jornalística para primeiro plano, fazê-la objeto de referência, ponto de partida para um novo olhar, bem próximo da realidade instrumental de quem está com a mão na massa. O fato da pauta não ter sido documentada, padronizada, reconhecida como

atividade com características próprias, não significa que ela não tenha um *corpus* de referência. A pauta jornalística, desde a gênese do impresso noticioso, sempre existiu. É a idéia selecionada, o olhar que recorta, é sujeito verbo e predicado identificado, é a informação hierarquicamente ordenada, é a percepção reportada de acordo com padrões coletivos de compreensão rápida.

O lugar da pauta é tão definidor no processo de produção da notícia que causa estranheza não encontrar reflexões a respeito do assunto, nem quando se reconhece sua existência instrumental, caso dos manuais de jornalismo e livros didáticos de formação universitária.

A pauta é a ferramenta de representação de um processo seletivo que delinea o que e como, o que quer que seja será registrado pela mídia, repercutido por *formadores de opinião*, dando acesso à informação formatada para consumo. Em 1965, o jornalista norte-americano Walter Lippman (LIPPMAN, 1965) entrou para o rol dos autores mais citados em seu campo quando descreveu a percepção empírica de que o público não complementava através da leitura dos jornais a compreensão do que acontecia à sua volta, mas criava imagens mentais geradas *a partir do que era veiculado* pelos meios de comunicação.

Este aspecto foi aprofundado nos estudos de comportamento da opinião pública durante períodos eleitorais pela cientista social alemã Elizabeth Noelle-Neumann (NEUMANN, 1984, p. 202). Responsável por uma das mais influentes teorias a respeito da opinião pública a partir da década de 60, Noelle-Neumann identificou o efeito que veio a denominar “espiral do silêncio”. Por esta teoria, o progressivo desaparecimento de determinadas opiniões e pontos de vista nos meios de comunicação define e reforça o senso comum. Direciona o pensamento e a opinião, através do sentido gratificante de integração com a maioria. Neumann baseou-se em quatro assertivas:

1. A sociedade ameaça com o isolamento o indivíduo desviante.
2. O indivíduo experimenta continuamente o medo do isolamento.
3. Em função do medo do isolamento, o indivíduo está constantemente tentando avaliar as tendências de opinião que o cerca.
4. Os resultados desta avaliação afetam seu comportamento em público, especialmente no que diz respeito à livre expressão do pensamento, ou à reserva de opinião.

A partir desta perspectiva, e do momento em que a pauta passa a ser documentada, ela torna-se ferramenta de referência, uma chave na filtragem da informação jornalística que

direciona a percepção, torna visível ou invisível um acontecimento, como sugere a teoria do *gatekeeper*<sup>2</sup>.

## 1.2. O Fio

O fio leva às raízes históricas, econômicas, tecnológicas e sociológicas que definem o processo de produção jornalística, até chegarmos aos principais jornais impressos cariocas atuais de grande porte, considerados aí os que se enquadram como veículo impresso, noticioso e periódico, de edição diária e circulação nacional. O foco é a identificação da importância da pauta, a priorização dos critérios de seleção das notícias a serem publicadas, de acordo com a natureza de cada veículo, os pauteiros e o momento político e institucional em que estavam historicamente inseridos. Com o levantamento de depoimentos e registros de experiências pessoais, surge uma leitura paralela, vivencial, da realidade profissional. Esta leitura reúne algumas abordagens já exploradas: a visão sociológica do universo jornalístico, tomando por base as relações de hierarquia e poder dentro das empresas; as instâncias culturais refletidas no recorte jornalístico dos fatos. Por fim, os determinantes tecnológicos do processo de produção e os fatores macro-condicionantes políticos e econômicos.

Depois da visão macro, a visão micro: exemplos de pautas. Usando a pauta como índice, surgem premissas contextuais que abrem a possibilidade para definir as características de elaboração das pautas jornalísticas como **Externa**, **Mista** ou **Interna** em relação à autonomia da Redação, ao centro gerador de poder que as tutelam. Esta categorização reflete as influências políticas e administrativas que atuaram na pauta dos principais jornais cariocas (*Diário Carioca*, *Última Hora*, *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *O Dia*, etc.), e mostra como a pauta também serve como instrumento de controle profissional interno. Esta abordagem contextualiza a pauta jornalística enquanto instância definida no processo de produção e seleção do que virá a ser notícia.

A história da pauta situa-se num período de cerca de 50 anos, do final da década de 50 aos dias de hoje. Com uma curiosa observação: a pauta, com as características instrumentais que conhecemos no ambiente jornalístico, é invenção brasileira. Esta informação, de Luis Guilherme Pontes (PONTES, 1989), baseia-se em depoimento de Alberto Dines de 1987.

---

<sup>2</sup> A teoria do *gatekeeper* foi elaborada por David Manning White nos anos 50. Originalmente surgida no campo da psicologia e adaptada à análise comunicacional, dá ênfase à ação pessoal. Em seu estudo, White concluiu que o jornalista funciona como um porteiro (*gatekeeper*), que abre e fecha as portas para a notícia de acordo com seus critérios.



Esta informação foi confirmada em entrevista colhida para este trabalho, conforme consta no capítulo dedicado aos “heróis do labirinto” – os pauteiros brasileiros. O cargo não existe nas redações estrangeiras. Nos dicionários estrangeiros especializados não há verbete a respeito da pauta. No Dicionário de Comunicação, de Carlos Rabaça e Gustavo Barbosa, compilado com a colaboração do Prof. Muniz Sodré, existe a palavra pauteiro, e a palavra *pauta* recebe meia página.

- (jn) 1. Agenda ou roteiro dos principais assuntos a serem noticiados em uma edição (...) Súmula das matérias a serem feitas em uma determinada edição.(...) 2. Planejamento esquematizado dos ângulos a serem focalizados numa reportagem, com um resumo dos assuntos (no caso de *suíte*) e a indicação ou sugestão de como o tema deve ser tratado.(...) 3. Anotação de temas que poderão ser desenvolvidos oportunamente, para aproveitamento em futuras edições. Fonte de criação de assuntos. Programação de coberturas, pesquisas ou *cozinhas* a serem feitas pela equipe de reportagem e de redação.(RABAÇA; BARBOSA, 1978, p.351)

As personalidades de alguns dos profissionais que desempenharam o papel de pauteiros, especialmente Alves Pinheiro (o primeiro de que se tem registro), Alberto Dines, Gonçalves Fontes, Luciano de Moraes (o primeiro registrado como tal numa empresa jornalística), Maurício Azedo, José Augusto Ribeiro, e outros, originaram um levantamento biográfico baseado mais em entrevistas do que em bibliografia especializada, muito escassa. Alves Pinheiro, Gonçalves Fontes e Luciano de Moraes já faleceram. Algum material levantado foi reunido em pesquisas e consultas à Biblioteca Nacional, que oferece um excelente acervo de exemplares de impressos recolhidos desde o período colonial.

Todo o material a respeito de pauteiros foi obtido através de depoimentos de profissionais que conviveram com eles - inclui-se aí o Prof. José Amaral Argolo (ver ANEXO) - de alguns poucos registros jornalísticos e de entrevistas realizadas para esta tese. Seus depoimentos inéditos são importantes registros da história do jornalismo carioca.

Estão compiladas algumas pautas elaboradas nas décadas de 60 e 70, que comparadas com as pautas atuais, mostram diferenças significativas. A primeira evidência é a perda da contextualidade. O pauteiro generalista sempre oferecia numa visão mais abrangente, facilitando a compreensibilidade das matérias por parte de um público extremamente heterogêneo. Como ele fazia a pauta para todas as editorias, os acontecimentos eram hierarquizados segundo uma perspectiva geral. Praticamente todas as informações locais e nacionais das pautas do telejornal eram tiradas dos jornais, e o complemento ficava por conta das agências de notícias e da apuração (rádio escuta). Este material não foi explorado em toda a sua potencialidade neste trabalho, tarefa que ficou agendada para projetos a serem

desenvolvidos futuramente. Mas já aqui foram base para algumas observações concernentes ao tema.

A experiência da visitas às redações, acompanhando as reuniões de pauta, com a observação direcionada tanto à estrutura de poder evidenciada na condução dos assuntos quanto ao local físico escolhido para estas reuniões foi enriquecedora. É emblemático, por exemplo, o caso do Jornal do Brasil. O JB, jornal que chegou a instituir uma Editoria de Pauta em 1966, chefiada por Fernando Gabeira, chega atualmente a realizar reuniões de pauta no saguão de entrada da redação, numa mesa em frente ao abre e fecha ininterrupto das portas dos elevadores de um prédio comercial. Ali, no meio do corredor de passagem, é decidido o que será manchete, o que e quanto se investirá nas notícias a serem publicadas por um dos mais tradicionais e influentes jornais do país. Neste caso, a possibilidade de presenciar o processo de elaboração da pauta foi extremamente revelador.

Como os colunistas devem trabalhar basicamente com informações inéditas e exclusivas, notas veiculadas por colunas de quatro jornais cariocas foram compiladas, mapeando a tendência à absorção de informações *plantadas* por assessorias de imprensa, no interesse de grupos financeiros, empresariais e políticos. Estas notícias, publicadas em colunas, são muitas vezes pautam o dia seguinte das editorias da geral, economia e política. Hoje, cada um deles recebe cerca de 200 mensagens de assessorias por dia, sobrecarregando o acúmulo de funções já existente. O universo de análise que esta prática abre é praticamente virgem, e vamos nos ater aos aspectos que comprovam as hipóteses levantadas em nossa “autópsia” teórica.

Baseados na construção da pauta, podemos identificar quais são as características do jornalismo enquanto atividade que se propõe a garantir a liberdade de pensamento, que podem sobreviver às estruturas institucionais existentes. A proposta é repensar o modelo, reconhecendo na pauta um lugar nevrálgico de espinha de sustentação funcional. Levantar a hipótese de que, desconhecendo-a como índice não só dos assuntos eleitos para publicação, mas como índice de paradigmas vigentes na circulação da informação midiaticizada, estamos negando possibilidades de mudanças de grande poder transformador. Desde garantir meios para facilitar o direcionamento dos papéis mais adequados à imprensa em sua função social, até poder, através de uma identificação clara de um mecanismo de controle da produção da informação, evitar que ela se submeta a padrões excessivamente mercadológicos.

No primeiro capítulo, é delineado historicamente o desenvolvimento da pauta jornalística no Brasil. As injunções políticas, econômicas e tecnológicas que marcaram a pauta dos jornais impressos. O período colonial, o Império e a República. Personagens que

revelam a história através de seus hábitos, relações de poder e de produção de informação. A seqüência do desenvolvimento do capitalismo e a entrega de ritmo e direção à correnteza, assoreando a autonomia da própria imprensa.

Nelson Werneck Sodré observa, na introdução com que atualizou a quarta edição da *História da Imprensa no Brasil*, cujo lançamento ele não chegou a ver:

... um grande jornal, hoje, é uma empresa capitalista de grandes proporções. Não está mais ao alcance de qualquer detentor de capital, exige capital de vulto. Para isso concorre, naturalmente, o avanço da tecnologia de imprensa, quando a oficina de um grande jornal parece uma fábrica. Já nem se chama mais oficina, a rigor. Esse avanço tecnológico obrigou, por outro lado, que as empresas jornalísticas se empenhassem em investimentos acima de suas possibilidades normais. A situação financeira delas, por isso mesmo, é periclitante, em casos conhecidos. Se fossem empresas de outras áreas, estariam liquidadas por razões de mercado. Razões que elas defendem com ardor infeliz, todos os dias, atreladas ao neoliberalismo. Como as do condenado que elogia o dono da corda em que será enforcado. (SODRÉ, 1999, p.XI)

No período colonial, a pauta é a própria razão de ser do um jornal, aquilo que justifica a necessidade de criar o impresso, vem de fora, é *externa*. Uma pauta que nasce e permanece sendo gestada e gerida de fora para dentro, de cima para baixo. O impresso é apenas um canal de divulgação a serviço do poder político que o produziu. Na seqüência, a relativa pluralidade das atividades políticas e a modernização das tipografias tornam possível uma maior oferta de publicações. A pauta torna-se *mista* – os jornais nascem de núcleos de interesse partidário, social ou cultural. No caso da política, aliavam-se a um determinado grupo, mas também mantinham um espaço comercial aberto, fundamental para garantir custos cada vez mais altos de produção.

A industrialização muda o perfil tecnológico e profissional. Foi lenta mas devidamente eliminada a permuta concedida a profissionais que tinham empregos públicos, mas apreciavam o prestígio granjeado por também serem jornalistas e terem suas idéias ou notas de interesse pessoal divulgadas – o controle da pauta era relativo, mais dirigido às principais manchetes. As reformas editoriais baseadas no modelo de jornalismo norte americano e as modificações de texto inspiradas nas propostas da Semana de 22, além do exemplo do jornal *Última Hora*, que pagava bem aos jornalistas sancionando assim um status de autonomia até então inexistente, provocaram nova transmutação. As pautas dos grandes jornais, depois da transformação da produção jornalística artesanal em escala de grande empresa, caminharam para tornar-se instância de organização de agenda centralizada dentro da redação - *internas*.

Como os jornais não eram profissionais, não pagavam os jornalistas para que eles vivessem como jornalistas, o jornal era um receptor de notícias, de interesses que confluíam para o jornal com absoluta liberdade, sem nenhuma suspeita, tudo era normal. Eu me lembro que no O Globo, no tempo do Pinheiro, quando eu vim para o

Rio de Janeiro, há quarenta e tantos anos, diziam que o Pinheiro chamava você para trabalhar no Globo e pagava mal, mas você poderia levar matérias de seu interesse para serem publicadas. A pauta era fora. Depois, o que se fez foi trazer este centro de gravidade de fora para dentro do jornal. A pauta passou a ser de responsabilidade da empresa. Portanto, só uma pessoa que tivesse a confiança da empresa é que poderia ser o pauteiro. (Wilson Figueiredo, Anexo)

As pautas ganharam tanto prestígio e independência *dentro* da redação que, por curtíssimo espaço de tempo chegaram a ser vendidas como produto, pelo próprio jornal que as elaborava – caso do *Jornal do Brasil*. Também lá havia uma editoria que observava a qualidade das pautas. Muitas vezes a pauta indicava até mesmo a angulação mais adequada para as fotografias (TEIXEIRA, 2003, p.14)

A partir do final da década de 60, deixaram de ser elaboradas por pauteiros generalistas, voltados única e exclusivamente para esta função. De 20, 25 anos para cá, as pautas, ainda mantidas *internas*, foram descentralizadas. Passaram a ser feitas pelos editores, *gatekeepers*<sup>3</sup>, responsáveis não só pela excelência das informações dentro de áreas específicas de conhecimento, como também pela política editorial da empresa. Portanto, o olhar do editor, cargo definido como interface técnica e administrativa da direção do jornal na redação, está afeito aos interesses da empresa e inevitavelmente contaminado pela responsabilidade institucional do lugar. A convergência da teoria de Neumann com a proposta deste trabalho está na análise das conseqüências do desaparecimento de aspectos contraditórios da pauta, em circunstâncias amplamente amparadas pela atual tendência empresarial aglutinadora das megacorporações midiáticas e pela “circulação circular da informação”

“Pela primeira vez na nossa história, as notícias estão sendo produzidas cada vez mais por companhias **de fora** (grifo meu) do jornalismo, e essa nova organização econômica é importante. Nós estamos enfrentando a possibilidade de o noticiário independente ser substituído por interesses comerciais apresentados como notícia.(...) Ser imparcial ou neutro não é um princípio central do jornalismo (...) O passo crítico (...) não é neutralidade, mas independência.” (Bourdieu, 1997, p.30).

No segundo capítulo temos o perfil humano, os depoimentos e a clara interseção do entorno político e econômico nacional na trajetória dos jornais e no desempenho pessoal e profissional dos pauteiros. O depoimento de pauteiros históricos em contraste com um editor chefe atual de um jornal empresarial criado para atender demandas mercadológicas – o jornal *Extra*, das organizações *Globo* mostra a riqueza de material disponível para a concretização posterior de nossa proposta – uma pesquisa de vulto sobre o processo de produção da notícia

---

<sup>3</sup> Teoria segundo a qual os jornalistas funcionam como porteiros, selecionando a informação que entra ou que é impedida de entrar na edição de seus veículos.

usando como linha de referência as diferentes instâncias envolvendo a pauta jornalística em suas diversas fases, que sempre remetem à realidade política, econômica e social do país.

No terceiro capítulo, o Fio de Ariadne, trazemos para o horizonte de discussão o impacto irreversível da tecnologia e a incorporação avassaladora da pressão exercida pelo jornalismo instantâneo, online, 24 horas, e as armadilhas que a noção de rapidez e volume de acessos pode criar na relação entre jornalistas e consumidores de notícia. Consumidores do produto-informação, que já perdeu no tempo a importância da autoria, da checagem de veracidade, da qualidade como valores que referenciam qualidade.

## 2. LABIRINTO

Definitivamente: que conseqüências têm esse produto, criado pelos diferentes caminhos que haveremos de investigar, que finalmente constitui o jornal? Existe uma literatura imensa a respeito, em parte muito valiosa, mas que também, embora proceda de destacados especialistas, é freqüentemente muito contraditória.

MAX WEBER

### 2.1. Conhecendo a obra de Dédalo

A História do jornalismo é geralmente contada em conjunto com a História da imprensa, envolvendo diversas atividades que tem como área de interseção o repasse de uma informação entre uma ou mais pessoas. São sempre citadas as práticas de comunicação oral dos atos de governantes por meio de autos, os tipos chineses na madeira, a *Acta Diurna* dos romanos, a impressão com Gutemberg e os tipos móveis, além dos diversos impressos de que se tem registro e notícia através da história. Um *déjà-vu* conhecido que referenda um mix mítico em lenda, linearmente consolidada.

Mas jornalismo, jornalismo mesmo, aquele caracterizado pela produção diária da informação por profissionais (fotógrafos, advogados, jovens desempregados, intelectuais e até mesmo jornalistas), para um público que adquire um noticioso com estrutura editorial fixa, é uma história recente (e plena de riscos interpretativos). Vamos corrê-los.

A meta proposta é provar a viabilidade de identificar a pauta como núcleo celular do processo de organização em torno do qual se produz um jornal, e numa visão sistêmica oriunda da prática da redação, propor um olhar que incida sobre a pauta como importante sintoma referencial de uma história que pode estar apenas começando.

A pauta começa a ganhar destaque com a modernização da linguagem e com a inserção do jornal brasileiro no processo de industrialização do país - entre 1950 e 1960 a transformação do estilo jornalístico e a divisão de trabalho dentro das redações foram

significativas. O texto deixou de ser literário e absorveu a fala coloquial, proposta dos pós-modernistas de 1922. O jornalismo norte-americano, seu lado empresarial, influenciou os métodos de administração e produção do jornalismo brasileiro, especialmente no Rio e em São Paulo. O *lead* tornou-se “lide”. Foi um salto de qualidade em termos do jornalismo praticado em todo o mundo, considerando-se uma melhor definição na abordagem das notícias em termos de objetividade. Luís Edgard de Andrade, que trabalhou como chefe do *copydesk* no Diário Carioca, Prêmio Esso Nacional de Jornalismo e editor (em 1985) do Manual de Telejornalismo da TV Globo, onde foi Editor Chefe do Jornal Nacional, dá seu depoimento:

A chegada do lide ao Brasil, 50 anos depois, parece banal. Na época, foi uma revolução. Basta lembrar que, mais tarde, nos anos 60, quando fui correspondente em Paris, o *lede* ainda não havia chegado à imprensa francesa. A narrativa cronológica determinava o estilo das notícias nos jornais de Paris. (ANDRADE, 2003 apud DIÁRIO CARIOCA, p. 85)

A fórmula é repetida até hoje nas faculdades de comunicação: quem, como, quando onde, como e porque passaram a ser as balizas da objetividade essencial para o alto do texto. O primeiro jornal a absorver esta nova maneira de escrever foi o Diário Carioca, seguido pelo Jornal do Brasil (que também renovou a estética gráfica). Outros grandes jornais do Rio (O Globo) e de São Paulo (O Estado de São Paulo, a Folha de São Paulo), só adotaram o novo estilo no início dos anos 70. O exemplo carioca alastrou-se a partir desta época pela imprensa de todo o país. O responsável pela implantação da reforma do Diário Carioca, Pompeu de Souza, aprendeu as novidades que transformou em Manual de Redação quando estagiou como jornalista em Nova Iorque durante a Segunda Guerra Mundial. O Manual tinha 16 páginas e intitulava-se “Regras de Redação do Diário Carioca”. Foi, durante muitos anos, o único manual de redação do jornalismo brasileiro.

Eu comecei a reforma do Diário Carioca durante o carnaval de 1950. Estava de folga na Faculdade de Jornalismo e aproveitei para mudar tudo. Os jornais eram todos redigidos na técnica do “nariz-de-cera”, fazendo especulações puramente subjetivas, especulações filosóficas, uma sublitteratura. Eu me convenci que não dava mais para você escrever para jornal na base do “nariz-de-cera”. O leitor acabava por se transformar num corredor de obstáculos. Ele procura parágrafos para procurar notícia, que estava muitas vezes no pé da matéria. Implantei o *copydesk* e redigi aquilo que os americanos chamaram de *study book* e que eu chamei de “Regras de Redação do Diário Carioca”. Inicialmente, as reformas causaram um verdadeiro escândalo. O Lacerda, naquela época, já tinha criado a *Tribuna da Imprensa*. Ele pegou o *study book* do Diário Carioca, acrescentou umas piadas ótimas e fez o da *Tribuna*. Era, praticamente, o mesmo manual. Bem, mas o que eu pretendia era narrar o acontecimento não mais na ordem cronológica nem na ordem lógica, e sim na ordem psicológica, para que tudo ficasse claro para o leitor. (SOUZA, 1986 apud DIÁRIO CARIOCA, p. 103).

O *copydesk*, profissional que dava o texto final ao material apurado pelos repórteres, afinava o diapásão estilístico do jornal. Mas em matérias mal apuradas, nem *copydesk* dava jeito. As pautas surgiram como forma de garantir a harmonia editorial na produção na redação, melhorar a organização desta produção, orientar melhor o conteúdo a ser apurado pelos repórteres e como consequência trouxe para dentro do jornal um “escapamento” da manipulação política da notícia, trazendo mais transparência para a produção jornalística, como fica claro neste depoimento inédito do jornalista Wilson Figueiredo, vice presidente do *Jornal do Brasil*, onde trabalhou por 46 anos. O depoimento antecedeu em seis meses sua demissão da empresa, no dia 13 de setembro, adquirida pelo empresário Nelson Tanure. Figueiredo exerceu no jornal as funções de redator, editorialista, chefe de redação, vice-presidente entre outras<sup>4</sup>:

A pauta é uma instituição recente. Ela cresceu, se desenvolveu, criou uma doutrina operacional que é neutra, a doutrina dela é neutra, mas depois que os jornais se profissionalizaram. Como os jornais não eram profissionais, não pagavam os jornalistas para que eles vivessem como jornalistas, o jornal era um receptor de notícias, de interesses que confluíam para o jornal com absoluta liberdade, sem nenhuma suspeita, tudo era normal. Eu me lembro que no O Globo, no tempo do Pinheiro, quando eu vim para o Rio de Janeiro, há quarenta e tantos anos, diziam que o Pinheiro chamava você para trabalhar no Globo e pagava mal, mas você poderia levar matérias de seu interesse para serem publicadas. A pauta era fora. Depois, o que se fez foi trazer este centro de gravidade de fora para dentro do jornal. A pauta passou a ser de responsabilidade da empresa. Portanto, só uma pessoa que tivesse a confiança da empresa é que poderia ser o pauteiro.(FIGUEIREDO,2004)

A definição de pauta que utilizaremos no trabalho é o de roteiro inicial manifestado, previsão oral ou escrita dos principais assuntos a serem abordados na edição de um impresso noticioso, estabelecendo as determinantes de tempo, local, espaço e sentido. Trata-se, para efeito de nossa proposta, do conceito que identificará a instância que define previamente o que será tratado na edição de um ou mais exemplares de veículo de comunicação impresso, como o assunto será trabalhado e quem o conduzirá, não importando a priori a forma escolhida para o armazenamento deste assunto e seu encaminhamento. Lanço mão de mais algumas definições, entre tantas que já mencionamos na introdução:

**Pauta** - Informação, ou documento, que tanto pode nascer de supetão, a partir de uma única fonte, ou de um fato bem delimitado, um acidente ou um assassinato, quanto pode nascer gota a gota, forjado a partir de pequenas sugestões de todos, dentro e fora do jornal. Cardápio de possibilidades de cada edição, a pauta depende de boas fontes e de jornalistas para ficar organizada e rica. A pauta é subdividida em pautas das várias editorias. Em cada uma delas, a pauta pode ser o conjunto de possibilidades das notícias do setor, bem como o conjunto de possibilidades de uma única reportagem. A forma gráfica mais comum da pauta é a de um parágrafo, com um pequeno título, uma breve descrição do *lead* que se busca e os itens a serem

---

<sup>4</sup> Entrevista exclusiva concedida a mim por Wilson Figueiredo ainda em sua sala do Jornal do Brasil, no 18º andar, na Av Rio Branco, em março de 2004. Ver Anexo.



apurados. No fim do texto, ou no começo, coloca-se o nome do repórter encarregado de investigar o caso.

**Pauta boa** – É a que permite mil investimentos do repórter. Mas pauta boa não significa o contrário de pauta ruim. Esta não existe. Qualquer pauta pode crescer se o repórter tiver empenho, buscar novas angulações, demonstrar criatividade e ganhar espaço para publicação. A sugestão mais parecida com o que seria uma pauta ruim é o chamado NF, ou nada feito.

**Pauta da normalidade** - As grandes datas do calendário de uma sociedade, como Natal, 7 de Setembro, Tiradentes, Volta às aulas, Dia dos Pais, inverno, verão etc. Esses temas requerem criatividade para não se repetirem na mesma. Na pauta da normalidade, além de um bom serviço do que funciona e o que não funciona, é fundamental contar com o empenho do repórter para descobrir facetas do dia-a-dia e novos costumes e opções de lazer.

**Pauta pendente** - Jargão para definir o estágio de uma pauta, significando que ainda não foi possível designar alguém para apurá-la pelos mais diversos motivos, desde dúvida sobre sua relevância até falta de jornalista num dado momento da rotina do trabalho.

**Pauteiro** - Pessoa encarregada de sugerir pautas e organizar sugestões de pautas vindas de diversos setores. O cargo costuma ser exercido pelo chefe de reportagem. Normalmente, o pauteiro específico trabalha durante a madrugada, quando só há repórteres de plantão, e os assessores, leitores e personalidades estão dormindo. Por isso é tarefa do pauteiro ler bem o próprio jornal, ler os jornais concorrentes da mesma cidade, avaliar o relato de jornalistas de plantão, da escuta de rádio e TV e deixar, ao amanhecer, um conjunto de diversas possibilidades de apuração para a equipe da redação. Na editoria de cidade da maioria dos jornais, logo ao amanhecer, chega o primeiro chefe de reportagem que, diante da pauta preparada no fim de noite e durante a madrugada, tem como função fazer algumas opções, levando em consideração os recursos de que dispõe, sejam eles humanos - números de repórteres, fotógrafos e motoristas, sejam eles materiais, ou recursos financeiros e autorização de gasto para, numa emergência, por exemplo, alugar um avião ou helicóptero ou comprar uma passagem para uma grande cobertura longe da cidade. (ALFREDO HERKENHOFF, 2005)

Estas definições iniciais são importantes, frente à proposta de investigar a viabilidade de transformar a percepção dos métodos e características da pauta numa instância técnica de referência para o estudo do processo de produção da notícia.

Cada veículo organiza sua equipe de uma forma, seguindo um modelo geral de estrutura. Em 2004, o jornal O Globo tinha na Editoria Rio, núcleo de profissionais da redação dedicados à cobertura jornalística da cidade, uma pauteira, três chefes de reportagem, três sub editoras (fechadoras – que também fazem o papel de diagramadoras, numa confirmação da tendência de que cada vez mais o profissional de imprensa é um faz-tudo), um editor, dois revisores e dois diagramadores. As reuniões diárias fazem parte da rotina obrigatória: às onze horas, os editores fazem a discussão e avaliam pautas. Às dezesseis horas, há reunião da Editoria Rio com os dois chefes de reportagem que ficam na redação à tarde e os sub-editores de Cidade. O fechamento da edição reunindo o Editor Chefe com os demais editores é às dezoito horas. O Editor de Fotografia participa de todas as reuniões.

A Editoria Rio de O Globo subdivide a equipe de repórteres em temas, de acordo com o perfil do jornalista, levando em consideração as facilidades que demonstra em relação ao

assunto (fontes, conhecimentos sobre a área, etc.). Havia então cinco grupos de trabalho: Justiça e Polícia, Administração e Política, Meio Ambiente, Educação e a área de Saúde. Uma pauteira trabalha à noite na redação lendo emails (cerca de 300 por dia), escutando programas de rádio e TV e colhendo informações de leitores pelo telefone, para produzir uma pré-pauta noturna, que será encaminhada ao chefe de reportagem pela manhã. Muitas pautas acabam surgindo de última hora, vindas principalmente da Rádio Escuta, uma sala de apuração chamada de “casinha” nas redações, equipada com TV, rádios (para gravar a programação aberta e a comunicação da polícia), internet, telefone e fax. No caso das organizações Globo, o repórter da Rádio Escuta tem que cumprir certas obrigações, como enviar notas e *flashes* (pequenas matérias completas) para o *Globo online* (serviço informativo 24hs no ar pela Internet) e para a *Rádio CBN*. E existe a determinação de uma cota de produção: na Editoria Rio a cota diária é de 30 *flashes* nos dias de semana e 8 nos finais de semana. Os flashes mais interessantes são transformados em notas. Apesar da informação prestada por Paulo Roberto Araújo, Chefe de Reportagem da Editoria Rio de *O Globo*, de que poucos releases de assessorias de imprensa são aproveitados como pautas, segundo Angelina Nunes<sup>5</sup>, outra chefe de reportagem do jornal, houve um momento em que tantos eram os textos praticamente completos em termos de informação recebidos de assessorias e aproveitados pelos repórteres, que as chefias de *O Globo* determinaram que todas as matérias tivessem documentos que comprovassem a apuração correta dos dados, especificando claramente as fontes.<sup>6</sup> Araújo afirma que é de telefonemas, cartas e emails de leitores, assim como do trabalho de repórteres, fotógrafos e da Rádio Escuta que sai a maioria das pautas da editoria.

É interessante observar que muitos estudiosos e pesquisadores trabalharam com a forma de captação das informações jornalísticas e com algumas das influências que determinaram a construção de teorias de jornalismo, utilizando os aspectos descritivos, denotativos e conotativos dos enfoques jornalísticos (teoria do espelho), os estilos literários (*new journalism*), as determinantes estruturais da empresa e as funcionais de relacionamento (teoria organizacional), hierarquias de poder e relação (teoria instrumentalista), ao que é ou deixa de ser relacionado para publicação (*gatekeeper*) até mesmo aspectos cibernéticos (teoria dos fractais).

---

<sup>5</sup> Informação prestada por ocasião de depoimento de Angelina sobre a pauta de *O Globo*, 2003, aos alunos de Edição de Jornal e Revista da FACHA (Faculdades Integradas Hélio Alonso).

<sup>6</sup> Informações colhidas em entrevista realizada por Mário Dias Ferreira, Ângela Moraes e Livia Diniz, alunos do 7º período da FACHA (Faculdades Integradas Hélio Alonso) na redação de *O Globo*, para trabalho acadêmico final da disciplina Edição em Jornal e Revista, em setembro de 2004.

Há uma exceção, um olhar mais dirigido para esta espinha dorsal da metodologia da organização jornalística: é a teoria norte-americana do Agendamento, ou *Agenda setting*, não por acaso fruto da experiência de pesquisadores do início da década de 70 oriundos da vida prática das redações. Em síntese, a teoria do agendamento diz que o que está presente no conteúdo dos *mass media* tenderá a estar presente no pensamento das pessoas. Se levarmos em consideração o que Todd Gitlin demonstra em seu livro *Mídias sem limite* (GITLIN, 2003, p.29-32)), que a supersaturação das mídias é um fato incontestável na vida contemporânea urbana, resta-nos pouco espaço preservado para percepção reflexiva.

Nenhuma das angulações teóricas citadas utilizou, no entanto, a estrutura da pauta propriamente dita enquanto referência objetiva de identificação das diversas manifestações de organização do processo, deixando que o elemento definidor ficasse essencialmente focado no editor (o *gatekeeper*), ou então no resultado causado pela seleção das notícias (*agenda setting*). Mas elas nos serão úteis referências.

## 2.2. Oráculo, de frente para trás

Quando as primeiras publicações noticiosas foram impressas no Brasil, escrever sobre fatos e opiniões em papel a ser reproduzido e distribuído a outras pessoas, gratuitamente ou pago, prescindia de um planejamento meticuloso e mesmo de um resumo anterior a respeito do que seria abordado a cada edição. Isso a despeito de possíveis anotações e registros para organização geral de uma edição, especialmente no sentido de organizar o projeto gráfico e a diagramação. Poucos sabiam ler e escrever, o âmbito de circulação de informações era extremamente restrito e seletas eram as notícias a serem veiculadas num mundo sem mecanismos eletrônicos de aceleração. Vivíamos então o período da pré-história da pauta.

A título de proposta de nomenclatura para organizar a perspectiva da abordagem analítica, propõe-se considerar três categorias de pauta, que passam a definir instâncias geradoras de sentido de origem e sua correspondência cronológica: a ***pauta externa***, a ***mista*** e a ***interna***. As denominações externa, mista e interna referem-se ao controle exercido pelo corpo de jornalistas envolvidos na produção de conteúdo do jornal.

A nomenclatura ***pauta externa*** passa então a definir os assuntos que justificam e mantém, de forma simbiótica, o motivo pelo qual o impresso passou a existir. Esse motivo pode ser um pensamento doutrinário, um movimento político, a consolidação de uma instituição, a disseminação de uma proposta cultural, etc.

Esta configuração se enquadra num momento em que a imprensa só recebe este nome por reproduzir para um número maior de pessoas do que aquele que envolve sua produção novidades de “rápida” assimilação e “acelerada” rotatividade através de métodos gráficos, mantendo uma periodicidade. A prática inicial nos primórdios da imprensa no Brasil era essencialmente solitária, reunindo poucos em torno de uma empreitada que manteremos com a denominação de jornalística, mesmo considerando que estava muito mais próxima da categoria dos murais, panfletos e boletins informativos.

No Brasil, no período colonial, a pauta – seleção dos assuntos a serem abordados numa edição jornalística, é **externa**. Considera-se que seja a própria razão de ser das edições de impressos noticiosos da época, aquilo que justifica a necessidade de criar o jornal, a idéia a ser divulgada.

Uma **pauta externa** nasce e permanece sendo gestada e gerida de fora para dentro, sem a visão crítica de pessoas treinadas para ampliar abordagens, levantar novos ângulos, muito menos separar o que é fato do que é opinião, já que era tudo uma coisa só. Mesmo quando a imprensa do período republicano já se encontrava mais estruturada enquanto atividade profissional e tecnológica, não havia ainda a separação entre fato jornalístico e opinião editorializada, que só veio a se instaurar nas redações cariocas como referência de qualidade jornalística muito tempo depois, sob influência do jornalismo norte americano.

No centro dos interesses mobilizadores para a existência ou controle dos primeiros impressos noticiosos no Brasil, identifica-se o que pode ser chamado de grandes nichos de agendamento, representados pelos interesses de forças mobilizadoras das instâncias de consolidação do poder no período da implementação dos desígnios colonizadores portugueses no Brasil: a Corte, responsável pelos mecanismos de controle territorial, econômico e social, os movimentos políticos e sociais de inspiração européia, a Igreja e a Maçonaria. Há inúmeros registros históricos a respeito, deixando evidenciados os fatores condicionantes gerados pelas instâncias citadas.

Propõe-se denominar **pauta mista** aquela que surge no período de transição de modelos quando as pessoas que estão à frente de empreendimentos jornalísticos (geralmente políticos, literatos, bacharéis, padres, gráficos e militares) montam, com base na proposta (geralmente política) que gera o surgimento do veículo, uma estrutura profissional embrionária, cuja relação com o conteúdo do jornal não seja de comprometimento ideológico, ou qualquer vínculo doutrinário, e a estrutura de produção jornalística obedeça a critérios mais funcionais. É quando surge a divisão de trabalho consolidada. Os gráficos (que por muito tempo ocuparam lugar de destaque na história do jornalismo), a parte comercial. Já há

também uma pequena divisão de tarefas no quadro de jornalistas e redatores que nesta fase ainda nem elegiam obrigatoriamente o jornal como local de trabalho, mas mais tarde integrariam a redação (repórteres e editores especializados). A parte externa da *pauta mista* – compromissos de origem do jornal - é uma continuação; a parte interna é a novidade que ancora o início da instauração do jornal empresa que chega e se estabelece com a industrialização.

A pauta *interna* é aquela que, mesmo com a forte influência dos interesses políticos e econômicos do proprietário do jornal, é construída a partir dos quadros profissionais que constroem a rotina do jornalismo. É nesta fase que se estabelece a associação da imagem do profissional cioso de seu posto com o romantismo herdado da prática essencialmente ideológica do jornalismo.

Antigamente, um jornal, mesmo um grande jornal, dividia o pessoal em três categorias: direção, redação e oficinas. A direção exercia a propriedade do jornal, com todos os poderes (salvo nos períodos ditatoriais) ; a redação estava já emancipada da linguagem literária da fase artesanal, já se firmara a diferença entre literatura e jornalismo, particularmente na linguagem, e os jornalistas já apresentavam fisionomia profissional. Passara a fase retratada por Lima Barreto no Isaías Caminha. Hoje, jornalista é uma coisa, literato é outra coisa. A mudança importante foi operada no nível das oficinas: elas não comportam mais o aparelhamento gráfico diversificado anterior, em que reinava a linotipo. A oficina, nome em desuso, resume-se em gigantesca impressora que substitui a rotativa de outros tempos. Ela fabrica o jornal até o empilhamento para distribuição. Não são operários os que a operam, são engenheiros. O trabalho gráfico é residual. (SODRÉ, 1999, p.XV)

### 2.3. Revisitando registros históricos

Os primeiros equipamentos gráficos que chegaram ao país para dar início à existência da imprensa brasileira vieram por iniciativa (ou descuido) oficial. O futuro Conde da Barca, Antonio de Araújo, membro da corte de D. João, na pressa de fugir das tropas francesas, trouxe de Portugal a bordo do navio *Medusa* dois prelos e 26 volumes de material tipográfico comprado na Inglaterra, (BAHIA, 1990, p.9) que deveriam ter sido encaminhados à Secretaria de Estrangeiros e da Guerra, de que era titular. Foi este equipamento que possibilitou a impressão, nas terras de Além Mar, de papéis diplomáticos, cartas de baralho e o lançamento do primeiro periódico impresso no Brasil, a 10 de setembro de 1808 - *A Gazeta do Rio de Janeiro*, preparada por um historicamente inexpressivo “Frei Tibúrcio”:

Por meio dela só se informava ao público, com toda a fidelidade, do estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício, notícias dos dias natalícios, odes e panegíricos da família reinante. Não se manchavam estas páginas com as efervescências da democracia, nem a exposição de agravos. A julgar-se do Brasil

pelo seu único periódico, devia ser considerado um paraíso terrestre, onde nunca se tinha expressado um só queixume. (ARMITAGE, 1914 apud SODRÉ, 1999)

Se a Corte tinha sob jugo todo o espaço editorial possível, a Igreja (que o diga Frei Tibúrcio), fazia o papel de *Copy desk* permanente. Era instância de referência para a censura de imprensa, herdada da atividade literária em Portugal desde seus primórdios. Em Portugal, nenhum livro poderia ser liberado para impressão sem passar pela censura episcopal, pela Inquisição e pela Censura Régia, que proibia qualquer obra “sem ser vista e examinada pelos desembargadores do Paço, depois de vista e aprovada pelos oficiais do Santo Ofício da Inquisição” (SODRÉ 1999). Esta herança político-cultural transformava o livro em peça herética e só permitiu a chegada oficial de alguns exemplares ao Brasil em 1775.

No dia 1º de junho de 1808 começou a circular o *Correio Brasiliense*, fundado, dirigido e redigido, até dezembro de 1822, por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça durante toda a existência dos 175 números do jornal. As edições, de caráter doutrinário, vinham da Inglaterra, onde Hipólito da Costa tinha amigos maçons (o principal deles era o Conde de Sussex, um dos filhos do Rei George III), que o abrigaram depois da fuga da prisão pela Inquisição, em Portugal, em 1805. O jornal começou com a perspectiva de Hipólito de que, ao vir para o Brasil, a corte portuguesa poderia instaurar um período de grande progresso e terminou no ano da Independência. O ciclo de existência do *Correio Brasiliense* prova que quando a pauta é **externa**, e justifica a existência do impresso, quando a idéia mobilizante perde o sentido também a publicação deixa de ter razões para existir.

A Maçonaria estava enraizada na elite política brasileira, e a repercussão das diferentes tendências existentes dentro da própria Ordem repercutia na imprensa brasileira. Apesar dos jornais independentes que se seguiram ao *Correio Brasiliense* não pertencerem a membros da Maçonaria (o *Conciliador do Reino Unido* pertencia ao Diretor da Censura, José da Silva Lisboa, depois, Visconde de Cairú; *O Amigo do rei e da Nação* e *O Bem da Ordem* também não eram jornais liberais) os maçons foram responsáveis por impressos mobilizadores do movimento liberal, como o *Revérbero Constitucional Fluminense*, o primeiro jornal que não passava pela censura antes de ser publicado.

O prestígio de Hipólito da Costa e de seu jornal era grande entre a gente esclarecida do Rio de Janeiro. No entanto, se a influência de suas idéias liberais pode ser sentida em todo o cenário político que se estava estabelecendo, os jornais mais radicais daquele momento não defendiam exatamente os mesmos projetos de Hipólito. Isto se devia ao fato de que por trás de quase toda a agitação política que se verificava no Brasil e em Portugal estava a Maçonaria, e esta era então dividida entre uma tendência francesa (mais republicana) e outra inglesa (mais monarquista constitucional). Hipólito e José Bonifácio se identificavam com esta última; Joaquim Gonçalves Ledo e João Soares Lisboa, com a primeira. Os jornais eram vendidos a partir de subscrição, sua tiragem ficando em torno de 200 exemplares, chegando, os

multíssimos bem sucedidos, no máximo, a 500 exemplares. Muitos jornais eram lidos nas tabernas e nas praças. Mesmo assim o público do jornal não era certamente essa população de excluídos que os próprios jornalistas preferiam não ver envolvida na luta que travavam pelos interesses do Brasil. (LUSTOSA in EGYPTO,2003 – Observatório de Imprensa)

Só em 1821 começaram a circular no Rio de Janeiro os primeiros jornais independentes (LUSTOSA,2003). O México conheceu a imprensa em 1539, o Peru em 1538 e as colônias inglesas em 1650.

Não são poucos os nomes de sacerdotes católicos que participaram do processo de construção da imprensa nacional nos seus primórdios. Alguns deles chegaram a ser ativistas revolucionários e responsáveis por jornais como o *Tifis Pernambucano*, lançado dia 25 de dezembro de 1823, por frei Joaquim do Amor Divino Caneca, em Pernambuco, por ocasião da dissolução da Constituinte.

Um clero, portanto, em que o fermento cultural fez crescer as tendências políticas, que participou profunda e generalizadamente das lutas do tempo, que discerniu com clareza as necessidades do povo brasileiro e soube servi-las com heróico devotamento. Clero em que se recrutariam, logo adiante, os jornalistas mais ardorosos e também alguns dos mais lúcidos que a época conheceu. Figuras, essas do clero, a que a história não fez ainda justiça, esquecendo a maior parte delas, reduzindo as dimensões de outras, deixando sem adequada análise esse fenômeno singular que foi a participação dos religiosos na vanguarda liberal da fase da autonomia. (SODRÉ,1999, p.16)

Estes registros demonstram claramente que **na primeira fase da imprensa brasileira a pauta e a razão de ser dos jornais eram uma coisa só**. Werneck Sodré, na História da Imprensa no Brasil fala da existência da série *Sentinelas* (SODRÉ, 1999, p. 66), que teve início em 1822, editada por Cipriano José Barata de Almeida, ativista republicano formado bacharel em Coimbra. Cada exemplar da série *Sentinelas* mudava de nome dependendo das prisões para onde era levado Barata: *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco* teve tiragem de 66 números. *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco Atacada e Presa na Fortaleza de Brum por Ordem da Força Armada Reunida*, um exemplar. *Sentinela da Liberdade à Beira Mar da Praia Grande*, em Niterói, de 1823, teve 32 números. *Nova Sentinela da Liberdade na Guarita do Forte de São Pedro na Bahia de Todos os Santos*, de 831, teve 37 exemplares. E assim foi, com mais sete “títulos itinerantes”. O jornal, portanto, não era uma redação, uma equipe, um projeto editorial. O jornal era seu autor, e a pauta central era a idéia que ele defendia.

A escolha dos temas e a forma de abordagem dos assuntos escolhidos a cada edição eram vinculados à interpretação de fatos externos, não sofria interferência da visão crítica de outros no processo de produção do impresso. A figura do jornalista fundia-se com a de um

pregador, no sentido da transmissão didática e doutrinária das idéias que defendia, e a do ser eminentemente político. Alguns jornais da virada do século XIX para o XX, e nisso se inclui o *Correio Brasiliense*, tinham forma de livro.

Caracteriza-se desta maneira a fase em que podemos considerar a pauta como *externa*, já que o fator mobilizante para a existência dos jornais era o ideário político, econômico e cultural. Este ideário era gestado, portanto, fora do ambiente (físico ou, diríamos hoje, virtual). A estrutura de produção era centrada essencialmente no fundador do impresso. Não raro o jornal era feito por apenas uma pessoa (caso dos pasquins) ou várias – a produção de um impresso dificilmente envolvia mais do que um grupo bastante reduzido de redatores, e responsáveis pela parte gráfica. O próprio Hipólito da Costa por mais de uma vez declarou que fazia o monumental trabalho mensal de produção do *Correio Brasiliense* (com sua média de 140 páginas por exemplar) sozinho (SODRÉ, 1999, p.23).

O impresso era apenas um canal de divulgação a serviço da percepção política daqueles que o produziam. O Jornal do Brasil, lançado em 1891 e que muitas vezes será citado aqui por seu pioneirismo em relação ao tratamento da pauta, é assim definido por seu fundador, Rodolfo Epifânio de Souza Dantas, numa carta dirigida a Joaquim Nabuco:

Além da informação mais copiosa e segura sobre a vida contemporânea no país e no estrangeiro, discutir as nossas questões correntes fora de qualquer espírito de seita nem de reação, mas com inteira isenção e independência e subordinação perfeita ao nosso ponto de vista liberal. Mais do que isto não conviria ao interesse público na atualidade, e a menos não me prestaria eu. (BAHIA, 1990, p. 115)

Esta estrutura permeou a prática jornalística brasileira por muitos anos, até o período de 1850 a 1875, quando em 25 anos a indústria gráfica teve grande desenvolvimento e o mercado jornalístico diversificou-se. Em 1875 foram editados no Rio de Janeiro e em São Paulo, entre outros, dois jornais que dobrariam o marco de um século de existência: *A Província de São Paulo* (futuro *Estado de São Paulo*), e a *Gazeta de Notícias* (BAHIA, 1990, p.75-76).

Como os jornais não eram profissionais, não pagavam os jornalistas para que eles vivessem como jornalistas, o jornal era um receptor de notícias, de interesses que confluíam para o jornal com absoluta liberdade, sem nenhuma suspeita, tudo era normal. Eu me lembro que no O Globo, no tempo do Pinheiro, quando eu vim para o Rio de Janeiro, há quarenta e tantos anos, diziam que o Pinheiro chamava você para trabalhar no Globo e pagava mal, mas você poderia levar matérias de seu interesse para serem publicadas. A pauta era fora. Depois, o que se fez foi trazer este centro de gravidade de fora para dentro do jornal. A pauta passou a ser de responsabilidade da empresa. Portanto, só uma pessoa que tivesse a confiança da empresa é que poderia ser o pauteiro. (Wilson Figueiredo, Anexo)



Quando Wilson Figueiredo, durante muitos anos diretor do Jornal do Brasil, fala em “profissionalização da imprensa”, ele está referindo-se ao período de nascimento do Última Hora, (1952) quando Samuel Wainer criou novos padrões salariais para o jornalista, estabelecendo uma mudança no padrão do trabalho nas redações. O UH trouxe pessoas para serem apenas funcionários do jornal, modificando a vida de muitos que recebiam salários fora em outros empregos, mas trabalhavam no jornal quase de graça para que seus nomes aparecessem. Isto era muito comum.

Disciplinou-se a entrada de matérias, ficou tudo mais transparente. Eu me lembro que tinha um sujeito que trazia do Ministério da Aviação umas notas em folha de papel jornal, um negócio inacreditável! Ele nem escrevia! Pegava, trazia, entregava e ia embora. O salário dele era lá, aqui ele fazia um bico, um pró-labore. Uns trabalhavam na prefeitura, traziam notícias de lá. Outros trabalhavam na Câmara dos Deputados, traziam notícias da Câmara. Ainda bem que trabalhavam na Câmara e traziam notícias de lá, hoje nem notícias da Câmara tem mais. (Wilson Figueiredo, Anexo)

A pauta, “fora”, como diz Figueiredo, já não condizia com a estrutura organizacional da empresa, que precisava deter o poder decisório da publicação em todas as suas instâncias. Do ponto de vista profissional, isto significou uma especialização.

A industrialização muda o perfil tecnológico e profissional do jornalista. A mudança teve ritmo lento, mas foi devidamente eliminada a permuta concedida a profissionais que tinham empregos públicos e apreciavam o prestígio granjeado por também serem jornalistas ao terem suas idéias ou notas de interesse pessoal divulgadas – o controle da pauta era relativo, mais dirigido às principais manchetes. As reformas editoriais baseadas no modelo de jornalismo norte americano e as modificações de texto inspiradas nas propostas da Semana de 22, além do exemplo do jornal *Última Hora*, que pagava bem aos jornalistas sancionando assim um status de autonomia até então inexistente, provocaram nova transmutação. As pautas dos grandes jornais, depois da transformação da produção jornalística artesanal em escala de grande empresa, caminharam para tornar-se instância de organização de agenda centralizada dentro da redação - *internas*.

As pautas ganharam status de produto *dentro* da redação. Por curtíssimo espaço de tempo (dois meses) chegaram a ser vendidas como produto, pelo próprio jornal que as elaborava – caso do *Jornal do Brasil*. A suspensão da venda deu-se porque, por um lado, estava municiando os concorrentes, e por outro expunha ao público externo as brincadeiras, observações, críticas, comentários sarcásticos ou irônicos, típicos dos alentados textos de pauta da época.

**Fontes escreveu esta pauta:** Uma matéria que tem o seu lado sério, ridículo, divertido e social: o governador Marcello Alencar concretizou medida

administrativa de maior relevância: homologou, sem vetos, o projeto que cria o Dia Estadual da Mulata de Show. A nota irônica em O Globo, coluna do Swann, dá um sambão com direito a todos os requebrados imagináveis, incluindo os fantasiosos. Para começar é uma lei - vejam só, uma lei racista. Será que fora o Dia Estadual da Mulata de Show todos os outros dias do ano serão de brancos? É discriminatória: o Dia Estadual da Mulata de Show não abarca o resto das mulatas, que não são de show, mas dão um show de beleza, sensualidade e talento em todos os setores da vida. e o produtor Oswaldo Sargentelli fosse deputado diríamos que o projeto transformado em lei pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) e sancionado pelo Marcello Alencar seria de sua lavra e larva. A notinha de Ricardo Boechat não diz quem foi o autor da lei. Interessante é descobrir as motivações - já que não parece haver razões - que levaram o autor a apresentar esse importante projeto. E, também, quais foram os fundamentos?

Quanto tempo esse projeto levou para ser aprovado? Por quantos deputados foi aprovada a lei? Quem aprovou e quem votou contra? Vamos discriminar os nomes. Quanto custou ao erário essa peça legislativa digna de quem não tem nada mais importante para fazer e que só deve ter bumbum na cabeça? Temos de saber qual o dia e o mês, por que a data escolhida e por que tal dia. Ainda no campo da autoria, perguntar ao Marcello Alencar por que sancionou essa lei da maior relevância? Quem são as mulatas de show? Perfil e entrevistas com algumas delas sobre a profissão e sobre a efeméride que legislaram sobre elas. Existe um monte de mulatas que estão fora da lei. Temos as famosas como aquela que foi musa de um dos verões da Revista Domingo, a Camila Pitanguinha, modelo e atriz, a Globeleza Valéria Valenssa, da vinheta viva dos carnavais da Globo. Existem outras como aquelas das novelas e que, por não serem de show, devem se sentir do mesmo modo barradas. O elenco das barradas pode ser ampliado. Como? Ouvindo e fotografando mulatas que trabalham como jornalistas, magistradas, professoras, médicas e por aí afora. Também pode ficar legal incluímos as belas, as feias, as sensuais e os bagulhos (HERKENHOFF,2005)

Fontes foi pauteiro dos bons, e é um dos nossos Heróis do Labirinto. Seu trabalho minucioso como pauteiro só pode ser resgatado graças ao cuidado de Alfredo Herkenhoff, que guardou as muitas boas pautas do colega que o Jornal do Brasil já não aproveitava plenamente em função da decadência da estrutura do jornal. A dificuldade de recuperar pautas dos grandes jornais diários não é restrita à produção do Jornal do Brasil. A maioria absoluta das pautas produzidas em massa ao longo dos anos nas principais redações do país foram para o “arquivo sexto” – as latas de lixo.

Mais do que um apoio para a reportagem, a pauta foi sofisticando-se de uma tal forma que, o Jornal do Brasil chegou a criar uma editoria de pesquisa. E era tão qualificada que, além de projetar várias abordagens, formulando perguntas a que o repórter deveria atender, previa inclusive como deveria ser a angulação da cobertura fotográfica (TEIXEIRA,2003).

Entenda-se esta qualificação, de pauta *interna*, como aquela que administrativamente era organizada na redação dentro de padrões profissionais que se sofisticavam. No entanto, as circunstâncias políticas externas eram obscuras, com caminhos e descaminhos, um labirinto em que muitos jovens viam-se frente a frente com o monstro da dissimulação e da dubiedade. O confronto com realidade política muitas vezes era mais difícil do que encontrar o centro do labirinto.

O vigor da imagem romântica da imprensa confundia-se com a percepção de intensa participação política que, à época, definia linhas que separavam o caminho da direita e o caminho da esquerda no labirinto. Poucos dos que se dispunham a fazer a prova de coragem de percorrê-lo detinham o fio de recondução à luz. O monstro da desilusão devorou muitas expectativas utópicas de exercício do papel de defensor militante da liberdade de pensamento na imprensa.

Estabelece-se um controle mais rigoroso sobre a produção das notícias, os jornalistas começam a identificar a pauta como mais uma instância cerceadora da criatividade na atividade jornalística:

Com o tempo, há uma certa tirania da pauta. Há uma política que se constitui como uma oligarquia. A pauta também é instrumento de demissão e de admissão. Você não gosta da pessoa, dá a ele um serviço que ele não vai dar conta, ou vai proteger alguém, entende? Quer dizer, aquilo se tornou instrumento de poder, do ponto de vista profissional nas relações de trabalho. (Wilson Figueiredo, Anexo)

É interessante observar-se que uma pauta organizada, simultaneamente ordena o funcionamento da produção do noticiário, estabelecendo um processo de produção mais consciente e expõe com clareza circunstâncias políticas e funcionais do veículo.

No Brasil, a produção do consenso parece ser antes um processo político que se realiza primeiro na esfera do poder, e só depois busca a esfera pública como processo mediático. Dessa instância superior, o consenso é imposto à mídia e parece determinar o próprio padrão da cobertura jornalística. Por isso, mostra-se ainda mais agressivo nos momentos decisivos da política doméstica e naqueles em que os privilégios das oligarquias estão em jogo, como é o caso dos conflitos de terra e da reforma agrária. Nas campanhas presidenciais, a mídia assume abertamente a candidatura do sistema. Nesse e em outros momentos de ameaça de ruptura, o consenso é produzido externamente à mídia e a ela imposto como parte de uma decisão de estado maior das classes proprietárias. (KUCINSKI, 1998, p. 21)

O processo de reprodução de valores e interesses nas pautas jornalísticas reproduz todo um modelo hegemônico facilmente identificável na estrutura das grandes empresas jornalísticas brasileiras: pertenciam a grupos familiares que refletiam por sua vez a configuração oligárquica, por exemplo, da propriedade da terra:

Enquanto na maioria das democracias liberais avançadas há um grau substancial de pluralismo ideológico na imprensa escrita, no Brasil os jornais, propriedade desta oligarquia, compartilham uma ideologia comum, variando apenas em detalhes não significativos. Por seu caráter documental os jornais são as bases de partida dos processos de definição da agenda de discussões e de produção de consenso. ((KUCINSKI, 1998, p. 16)

O mercado de trabalho, em plena ditadura militar, começa a absorver mais e mais profissionais. As universidades se multiplicam, assim como as concessões de rádio e tv. Os cursos de comunicação inundam o mercado de mão de obra, numa oferta excessiva. Junta-se a

este quadro a pressão dos custos cada vez mais altos de equipamentos gráficos e o surgimento de novas tecnologias, como a Internet.

Alberto Dines, outro Herói do Labirinto, tem uma teoria bastante consistente a respeito da juvenilização das redações (ABREU; WELTMAN; ROCHA, 2003, p.126) : a de que a greve do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, de maio de 1979, que reivindicava um aumento salarial de 25%, além de ter sido um fracasso, teria gerado as condições para a criação da ANJ, Associação Nacional de Jornais, promovendo o que até então tinha sido impossível – a articulação dos donos dos principais jornais do Rio e de São Paulo, o que equivalia a dizer a articulação dos principais jornais do país. Esta articulação determinou uma mudança conceitual do jornalismo brasileiro.

A partir dali os empresários atuaram na própria essência do fazer jornalismo, com toda aquela supremacia do marketing, com o movimento de trocar as redações, tirar os mais velhos e botar a garotada. Isto marcou profundamente a imprensa brasileira (...) Houve coisas de caráter conceitual. A ANJ importou um grupo de consultores de Navarra e Miami, com idéias muito mercadológicas, no mau sentido, que desvirtuaram o jornalismo como um todo, criaram novos padrões. E todos adoraram isso, porque todos são sócios da ANJ. Eles fazem uma coisa bem-feita, estilo americano, montam seminários, mandam os chefes de redação assistir, aí vem aqueles consultores de Navarra e de Miami e fazem a cabeça, infundem coisas malucas como, por exemplo, que um iconográfico vale mais do que 10 mil palavras. Os jornais estão cheios de gráficos, e têm um texto de 20 linhas. É toda uma revolução, a pretexto de atender o mercado, mas é uma revolução tecnocrata. (ABREU; WELTMAN; ROCHA apud DINES, 2003, p.129)

Os jovens estudantes vêm com um perfil moldado pelo ideal televisivo, distante do jornalismo romântico, heróico. Há uma evasão dos profissionais mais experientes para as assessorias de comunicação, acompanhando uma tendência internacional de grandes empresas de Relações Públicas, lobistas internacionais.

A partir do final da década de 60, as pautas deixaram de ser elaboradas por pauteiros generalistas voltados única e exclusivamente para esta função. De 1980 para cá, as pautas, ainda mantidas **internas**, foram completamente descentralizadas. Passaram a ser feita pelos editores, *gatekeepers*<sup>7</sup>, responsáveis não só pela excelência das informações dentro de áreas específicas de conhecimento, como também pela política editorial da empresa. Portanto, o olhar do editor, cargo definido como interface técnica e administrativa da direção do jornal na redação, está afeito aos interesses da empresa e inevitavelmente contaminado pela responsabilidade institucional do lugar. A convergência da teoria de Neumann com a proposta deste trabalho está na análise das conseqüências do desaparecimento de aspectos contraditórios da pauta, em circunstâncias amplamente amparadas pela atual tendência

---

<sup>7</sup> Teoria segundo a qual os jornalistas funcionam como porteiros, selecionando a informação que entra ou que é impedida de entrar na edição de seus veículos.

empresarial aglutinadora das megacorporações midiáticas e pela “circulação circular da informação”. (BOURDIEU,1997,p.30)

Pela primeira vez na nossa história, as notícias estão sendo produzidas cada vez mais por companhias **de fora** (grifo meu) do jornalismo, e essa nova organização econômica é importante. Nós estamos enfrentando a possibilidade de o noticiário independente ser substituído por interesses comerciais apresentados como notícia. (...) Ser imparcial ou neutro não é um princípio central do jornalismo (...) O passo crítico (...) não é neutralidade, mas independência. (Wilson Figueiredo, Anexo)

A artesanania no processo de elaboração dos impressos jornalísticos brasileiros, que implica na correspondente pauta essencial, estabelecida sem instância própria, fundida na razão de ser do veículo jornalístico impresso, é totalmente substituída pela concepção burguesa de produção. **Só então a pauta passa a ser decidida de dentro para fora, porque a importância da subsistência do veículo sobrepõe-se à importância da subsistência das idéias que ele veicula.** A relativa pluralidade das atividades políticas e a modernização das tipografias tornam possível uma maior oferta de publicações.

## 2.4. A pauta na industrialização

Com a organização empresarial, jornais deixam de ser publicações gestadas em grêmios recreativos, grupos políticos ou por pessoas ligadas a interesses específicos que utilizam um impresso como duto de divulgação de idéias lineares. “*A imprensa nasceu com o capitalismo e acompanhou o seu avanço*” (SODRÉ,1999, p.X). O jornal só se torna realmente um veículo de propagação de idéias e informações no Brasil a partir do crescimento industrial, nas três primeiras décadas do século passado. É um período em que o número de empresas industriais no país cresceu significativamente: de três mil duzentas e cinquenta em 1907 para treze mil trezentas e trinta e seis em 1920. Em 1938 já existiam mais de sessenta mil fábricas no Brasil (MATTOS,2000, p.18).

Pela forma como deu saltos econômicos e culturais do estágio agrário para o urbano (MUNIZ SODRÉ,1977), e pulou do nacional para o global, o Brasil revela uma dialética de desenvolvimento acelerada, com todos os seus prós e contras. Esta característica entra em sinergia com o processo internacional de aceleração e reprodução da informação, atrelado à exacerbada concentração das empresas jornalísticas, como um dos segmentos de mega corporações globalizadas.

A imprensa em geral, mais consolidada a partir da industrialização, amplia o público leitor, fornece um padrão técnico de produção em escala e cria as condições de preço e

sustentabilidade econômica para as publicações. Durante o Estado Novo (1937-1945) Getúlio Vargas investiu fortemente na expansão da indústria pesada, fortalecendo a proposta nacionalista inspirada no modelo fascista europeu. A recessão econômica mundial, que causou a diminuição da presença do capital estrangeiro no país, favoreceu a participação do Estado como investidor na economia brasileira.

Os governos pós 1964 tiveram algumas semelhanças significativas com o Estado Novo. As semelhanças mais óbvias são as que se referem às características sociais e ideológicas dos regimes. A ESG, Escola Superior de Guerra, que formou doutrinariamente o ideário da Revolução de 1964, define comunicação como *o processo de transmitir alguma coisa a fim de exercer uma influência consciente no receptor da comunicação, cuja reação será o ponto de partida, ou seja, o emissor da mensagem* (MATTOS, 2000, p.236, apud Castro Camargo,).

A fortíssima participação do Estado na economia brasileira, com reflexos diretos sobre todos os setores do país, inclusive nos meios de comunicação, só começou a ser redirecionada a partir da década de 90, com a privatização iniciada pelo governo de Collor de Mello e continuada por Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso. O liberalismo econômico intensificado nesta última década tem sido fator decisivo nas modificações registradas nos veículos de comunicação nacionais, afastando resistências à política de privatização e permitindo a concentração e a internacionalização na economia brasileira (MATTOS, 2000, p.23).

A história da imprensa funde-se em diversos aspectos à história do desenvolvimento da sociedade capitalista. Muitos são os atores e as circunstâncias, os interesses e aspirações envolvidas na luta pelo controle dos meios de difusão de idéias e informações.

Ao lado dessas diferenças, e correspondendo ainda à luta pelo referido controle, evolui a legislação reguladora da atividade da imprensa. Mas há ainda um traço ostensivo, que comprova a estreita ligação entre o desenvolvimento da imprensa e o desenvolvimento da sociedade capitalista, aquele acompanhando a este numa ligação dialética e não simplesmente mecânica. A ligação dialética é facilmente perceptível pela constatação da influência que a difusão impressa exerce sobre o comportamento das massas e dos indivíduos. O traço consiste na tendência à unidade e à uniformidade. (WERNECK SODRÉ, 1999)

A unidade e a uniformidade são a base do lucro. Reprodutibilidade em massa de um produto barateia a sua produção. A necessidade de tecnologia e equipamentos sofisticados provoca a uniformidade. O processo de globalização de um modelo de produção e de produtos de consumo que influem econômica e culturalmente no comportamento reforçam o pensamento hegemônico. O “pensamento único” passa a ser debatido como uma tendência

prevalente no estudo da comunicação. Paradoxalmente, não há mais censura – há a pulverização da notícia. Não há proibições – há dispersão. Não há falta de informação, há excesso.

A prevalência da atividade econômica além fronteiras tornou a globalização agravadora de diferenças sociais. Fortalece-se através do capital volátil, desenvolve-se a custa de dilapidação de valores identitários culturais, econômicos e do enfraquecimento do Estado. Tem provocado um processo neutralizante na área política internacional, e aglutinação de grupos econômicos, afetando a alteridade. As linhas do labirinto da economia globalizada na estrutura da produção da informação são reais, e também já foram suficientemente demonstradas. Não se trata de algo novo.

A Europa viveu seu período de imprensa ideológica (na Inglaterra, viu-se surgir princípio da liberdade de imprensa, nos Estados Unidos ela se estabelece amplamente com a independência), mas a imprensa só se transformou em veículo de massa quando, sob pressão para que passasse para a iniciativa privada, escapando do controle estatal, industrializou-se. Fermento com veneno – a imprensa alia-se ao capitalismo em ascensão.

No Brasil, a imprensa que, grosso modo, já nasceu com a industrialização, viu o espaço das reportagens dos grandes jornais, compassadamente, cada vez mais delimitado pela publicidade – leia-se capital proveniente das contas de empresas estatais e de grandes corporações financeiras. A tendência para a diferença entre a visão das redações e dos departamentos comerciais começam a se manifestar nos jornais de maior circulação. A pauta *interna* enfrenta problemas.

## 2.5. Esfera pública

Vincula-se à visão de refeudalização da esfera pública, de Jürgen Habermas (HABERMAS, 2003) que a pauta foi profundamente influenciada pela remodelação das redações, pela pressão do aumento do fluxo de informações e pela vinculação corporativa das empresas, ficando cada vez mais permeável a interesses externos ao jornal.

A condição da imprensa é paradoxal: tanto instância de mobilização democrática a serviço do livre debate quanto espaço de injunção de interesses econômicos transnacionais – veja-se a excepcionalidade dos momentos que evidenciaram reação à censura política e a constatável influência externa no processo de produção jornalístico, moldando fatos de acordo com interesses políticos específicos.

O que é publicado, preto ou colorido no papel, serve a milhares de monografias, dissertações e teses, a instâncias jurídicas e processuais, a pesquisas históricas, como provas documentais. O que é publicado se torna público, como indica a raiz etimológica. O que foi impresso se torna documento. Mas e o processo de determinar o que *não é* publicado? Não estamos falando da censura institucionalizada, ou mesmo de claras subordinações econômicas, mas finalmente do labirinto em que a liberdade de imprensa entrou. Jürgen Habermas, em *Mudança Estrutural da Esfera Pública*, diz que nos documentos medievais, “senhorial” é empregado como sinônimo de *publicus*, e *publicare* significa requisitar para o senhor. O autor (HABERMAS,1984) conceitua Esfera Pública como espaço destinado à discussão de idéias que definem a direção de uma racionalização possível dentro da sociedade. Referenciando-se em Habermas, têm-se três momentos de transformação da Esfera Pública: no primeiro, ela estaria circunscrita aos interesses da nobreza. No segundo, os interesses da burguesia determinariam novo balizamento de valores, surgindo então uma Esfera Pública Burguesa. No terceiro momento, haveria uma refeudalização da Esfera Pública, a partir da delimitação de interesses (novamente, privados) daqueles que detêm os meios de comunicação de massa, criando um *consenso fabricado*, fartamente identificado por críticos e historiadores na literatura dedicada à questão (HALIMI,1998; WERNECK SODRÉ,1999; KOVACK e TOM ROSENSTIEL,2003). A influência do processo de globalização sedimentado através do pensamento neoliberal evidencia-se de maneira irrefutável nas megacorporações jornalísticas, cuja propriedade ou principal influência vincula-se a grandes conglomerados financeiros, de capital volátil, não local (BAUMAN,1999). São os novos senhores feudais que *delimitam o que e como deve ser feita a publicidade das coisas*. (CÂMARA,2002)

Naturalmente, o consenso fabricado não tem a sério muito em comum com a opinião pública, com a concordância final após um laborioso processo de recíproca ‘Aufklärung’, pois o ‘interesse geral’, à base do qual é que somente seria possível chegar a uma concordância racional de opiniões em concorrência aberta, desapareceu exatamente à medida que interesses privados privilegiados a adotaram para si a fim de auto-representarem através da publicidade. (HABERMAS,1984, p. 228).

Assim, é clara a importância de identificar a refeudalização da Esfera Pública para o entendimento do papel da publicidade nos meios de comunicação e das relações entre as mídias e a economia/política. *É artificial separar o econômico do político. O ato de produzir é também um ato político* (SOUZA,1984). Em “Como se faz análise de conjuntura”, o antropólogo Herbert de Souza identifica a lógica do capital transnacional, que não abdica da estabilidade dos regimes nacionais – o capital mundial necessita do poder político de cada



país. O Estado sensível à transnacionalização reflete um sistema de poder político comprometido com os interesses do capital volátil, exercendo estratégico controle dos meios de comunicação, assim identificado por Betinho:

- a informação é apropriada pelo Estado como elemento fundamental de poder;
  - são os setores dominantes que geram as imagens correntes do país e do mundo;
  - desenvolve-se o monopólio do (*poder*) executivo na produção e difusão das informações, a partir das quais a realidade é pensada sem mecanismos de controle público sobre a qualidade ou a veracidade destas informações;
  - a produção dos dados é em grande medida privilégio do Estado. A estatística deixa de ser confiável para ser uma arma política;
  - o Estado, sem fiscalização e controles democráticos, determina quem somos, que produzimos, quanto ganhamos e prognostica como será nosso futuro;
  - a sociedade civil é pensada como reflexo do Estado, e se vê muitas vezes incapaz de contrapor-se aos dados produzidos e manipulados pelo Estado.
- Os movimentos de oposição real ao regime são tratados segundo os princípios da guerra e não da política. Não há jogo político, mas guerra política.

René Armand Dreifuss, no cuidadoso levantamento histórico realizado entre 1976 e 1980 para sua tese de doutorado apresentada na Universidade de Glasgow, na Inglaterra, depois publicada com o título “1964: A conquista do Estado – Ação política, poder e golpe de classe” detalha o processo de penetração do capital estrangeiro (especialmente norte americano) na estrutura econômica brasileira.

A tendência para a desnacionalização, concentração e predominância em setores industriais específicos das multinacionais aumentou fundamentalmente após 1964, uma vez que as condições políticas e econômicas para esse movimento ascendente foram impostas. Nesse processo, o capital americano estabeleceu sua supremacia entre os interesses multinacionais. Em 1969, a “apropriação” da economia brasileira por interesses multinacionais era um fato consumado. Companhias multinacionais controlavam 37,7% da indústria do aço, 38% da indústria metalúrgica, 75,9% dos produtos químicos derivados de petróleo, 81,5% da borracha, 60,9% das máquinas, motores e equipamentos industriais, 100% dos automóveis e caminhões, 77,5% de peças e acessórios para veículos, 39,8% da construção naval, 71,4% do material para construção das rodovias, 78,8% dos móveis de aço e equipamentos para escritório, 49,1% dos aparelhos eletrodomésticos, 37,1% do couro e peles, 55,1% dos produtos alimentícios, 47% das bebidas, 90,6% do fumo, 94,1% dos produtos farmacêuticos, 41% dos perfumes e cosméticos e 29,3% da indústria têxtil. (DREIFUSS, 1981, p.62)

Levando-se em consideração que:

5. a publicidade é a principal fonte mantenedora das corporações midiáticas e empresas jornalísticas em geral;
6. as constantes encampações de grupos menores por megacorporações agravam o quadro de comprometimento dos interesses comuns aos negócios de acionistas anônimos (e portanto dispersos em termos de territorialidade e compromisso com interesses locais) em que os empreendimentos jornalísticos estão inseridos;

7. O próprio jornalista internaliza os paradigmas de preservação do campo jornalístico (BOURDIEU, 1977, p. 81) tal como está estabelecido.

Temos que espaço para livre discussão de idéias é um dos poucos segmentos a não estarem representados no conjunto de interesses envolvidos. Está estabelecida a refeudalização da Esfera Pública de Habermas, evidenciada na escolha de temas e informações a serem repassadas para o público leitor / consumidor.

Entre a pressão econômica e a conseqüente influência editorial, está o um ponto central de interesse: a mudança na estrutura da produção da informação nas redações dos jornais brasileiros das décadas de 90 até 2003. Mais especificamente, na espinha dorsal da notícia: a pauta.

### 3. HERÓIS DO LABIRINTO

Heróis: homens fortes, intrépidos e belos de alma, mente e corpo, mesmo que não tenham sido assim, da maneira como queria a fantasia humana naqueles tempos antigos e míticos. De todo modo eles existiram; sempre houve e sempre haverá heróis, pois enquanto houver covardia, haverá também bravura; enquanto houver maldade, haverá também virtude; enquanto houver mesquinhez, haverá também grandiosidade. O mal gera o bem assim como o inverno traz a primavera. Os homens simples adoram os heróis, acreditam neles e com isso adquirem força. E essa é a força que impele para frente as gerações humanas.

Menelaos Stephanides, 2000, p.3

A percepção que os profissionais da imprensa tem da pauta tem medida. De distância, sentido e profundidade. Olham-na excessivamente de perto, excessivamente tangível, insuficientemente significativa. Reduzi-la a dimensões tão equivocadas gera tamanha distorção que até mesmo a diferença semântica entre a pauta - assunto, a pauta – papel, com lista impressa e a pauta – projeto, que gera reuniões diárias de fechamento de edição, não tem uma nomenclatura própria que diferencie a circunstância do objeto. Tudo é pauta, e os pauteiros sofrem as consequências deste mesmo tipo de descuidada imprecisão. Mas por enquanto vamos nos ater a alguns antigos paradigmas. Mais uma vez, eles nos servirão de referência no caminho.

O pauteiro aparece enquanto profissional especializado numa única função no Rio de Janeiro, no **Jornal do Brasil**, por ocasião de sua primeira reforma gráfica, que virá a ser citada por Alberto Dines mais adiante, entre os anos de 1956 a 1959. Houve uma reestruturação na redação, que deu origem à função. Na árvore genealógica do pauteiro brasileiro está o antepassado norte americano *copydesk*, responsável pela qualidade do texto, muitas vezes sofrível dos repórteres, tanto do ponto de vista do domínio da língua portuguesa quanto da qualidade da cobertura jornalística, algumas vezes tão incompleta que não havia *copydesk* eficiente que desse jeito. O pauteiro aparece, como criação brasileira, para suprir estas necessidades de produção.

Matérias mal apuradas eram constantes e as lacunas encontradas eram identificadas pelos *copydesks*. O primeiro jornal a adotar a figura do *copy* foi o **Diário Carioca**, dando-lhe a responsabilidade de padronizar o texto jornalístico, o que quase sempre implicava reescrever os textos dos repórteres.

As redações foram-se tornando mais exigentes com a qualidade do material apurado e com o texto final. A figura do pauteiro surgiu para elevar o nível das reportagens e conseqüentemente do jornal.

Os pauteiros, nossos heróis do labirinto político, econômico e social da modernidade surgem na imprensa da década de 50 distribuindo com galhardia tirinhas (SILVA, 1991) de papel recortadas, arrancadas de folhas datilografadas por eles mesmos. Esta folha continha listas de assuntos selecionados em tópicos, retirados de dados previamente separados, de jornais do dia, do próprio jornal que estava sendo pautado e da rádio escuta.

Esta pauta extremamente artesanal viria a ser o primeiro arremedo de pauta domada pelo gerenciamento jornalístico, editorializada, que teve seu auge na década de 70. A pauta editorializada, que significou um progresso do ponto de vista organizacional, como defendemos ao fazer um breve levantamento, no capítulo 1, da historicidade dos primórdios da produção jornalística, já nasceu apanhando. O pauteiro enfrentava sua monumental responsabilidade em meio a uma polêmica que dividia opiniões de repórteres e jornalistas em geral. A pauta na mão de um só enriquece ou engessa a reportagem?

Durante muitos anos, os profissionais responsáveis pelas pautas que identificamos como *internas*, os primeiros pauteiros (profissionais que mais adiante passariam a responder exclusivamente pelo trabalho de recolher, nos jornais da véspera, assuntos a serem levantados naquele mesmo dia) cumpriam um ritual bastante semelhante, fosse qual fosse o jornal que chefiassem: o solitário ritual de chegar ainda de madrugada à redação vazia, ler todos os jornais que pudessem, listá-los com o auxílio da máquina de escrever e recortar cada assunto para arquivá-los numa “sanfona”<sup>8</sup> que tinha separações por dia, tema e grau de importância. Muitas vezes ao lado do texto datilografado eram feitas anotações à caneta, com informações extras – entre elas a palavra “recomendada”, o que a elevava à categoria de matéria obrigatória, já que identificava os interesses dos proprietários do jornal. Tudo isso sob a permanente expectativa da onisciência, já que se esperava do pauteiro que ele soubesse de absolutamente tudo que importava para a publicação, com criatividade...

---

<sup>8</sup> Sanfona – pasta com 31 separações, uma para cada dia do mês.

Este profissional, que carregava a imensa responsabilidade de garantir assuntos em número suficiente para que todos os repórteres tivessem trabalho a fazer e garantissem a edição do dia com reportagens adequadas ao perfil do leitor do jornal – e principalmente do dono do jornal - trabalhava sozinho. Poucos jornalistas não dependiam do seu garimpo; somente aquele que faziam sua própria pauta de assuntos, geralmente os que tinham boas fontes políticas ou policiais. A rotina era massacrante: quem acordava tão cedo tinha que dormir cedo, ficando na contramão do movimento dos outros jornalistas, que chegavam mais tarde às redações e de lá saíam muitas vezes pouco antes da hora do pauteiro chegar. As sugestões dos repórteres eram aceitas na medida em que se coadunavam com a linha editorial do jornal.

Para manter nossa análise diretamente vinculada à experiência vivencial das redações brasileiras, optamos por transcrever entrevistas exclusivas com pauteiros históricos e nomes da imprensa atual. As entrevistas foram realizadas para inserção neste trabalho. Estão intercaladas com comentários que levam à reflexão sobre diversos aspectos que poderão servir como instrumentalização para uma posterior metodologia sobre a história da imprensa brasileira, a partir da forma como as pautas foram organizadas e que da visão que os próprios profissionais que as produziam (e ainda produzem) têm das relações de poder e organização que advém delas.

### **3.1. Maurício Azedo**

Os depoimentos dos profissionais que se destacaram na profissão, hoje na faixa dos sessenta ou setenta anos de idade, falam com nostálgico romantismo do período do início da *pauta interna*. Neste depoimento de Maurício Azedo, atual Presidente da ABI, Associação Brasileira de Imprensa, fica bem claro que além das características do envolvimento político voltado para questões sociais, os valores profissionais que surgem como referência são o brio pessoal e a importância dada à confirmação de imagem de ser alguém que esteja “à altura” do cargo e da missão de que foi incumbido.

Oscar Maurício de Lima Azedo nasceu na rua das Laranjeiras no dia 27 de setembro de 1934, no Rio de Janeiro. Formou-se em Direito na Universidade do Estado da Guanabara (atual UERJ) em 1960. Seu pai era escriturário da Companhia Nacional de Navegação Costeira. Morreu aos trinta e sete anos, quando ele tinha seis anos. Sua mãe teve que sair para trabalhar fora e foi embaladeira do extinto laboratório Raul Leite, aqui no Rio de Janeiro.

Eram ao todo oito filhos. O mais velho também era jornalista, Raul Azedo Neto. Ele morreu precocemente, pouco menos de dois meses antes de completar cinquenta e um anos. Era o paradigma de Maurício, do ponto de vista profissional, intelectual e ideológico. Trabalhou em publicações alternativas de resistência ao regime militar, como a *Folha da Semana*, *Opinião e Movimento* e colaborou com a clandestina Voz Operária, órgão do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Maurício foi eleito vereador em 1982 pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT), ao qual se manteve filiado até 1995, exerceu mandato em três legislaturas consecutivas (de 1983 a 1988, de 1989 a 1992 e de 1993 a 1996). Foi Presidente da Câmara Municipal do Rio entre 1983 e 1985 - período em que assumiu interinamente a Prefeitura; Secretário Municipal de Desenvolvimento Social entre 1986 e 1987; Conselheiro do Tribunal de Contas escolhido por unanimidade pela Câmara Municipal em 1995. Aposentou-se em 2004, ao atingir 70 anos, idade limite para o exercício do cargo; e professor do Departamento de Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro entre 1979 e 1980, lecionando Técnicas de Produção em Jornalismo Impresso e Legislação dos Meios de Comunicação, entre outras matérias. Maurício Azêdo está desde 1972 na ABI, onde foi diretor da Biblioteca Bastos Tigre entre 1974 e 1976, além de um dos editores do Boletim ABI.

Do depoimento concedido dia 29 de outubro de 2004 para ser incluído neste trabalho, em que Maurício Azedo relata sua vida no jornalismo, o trecho selecionado refere-se especificamente à sua experiência enquanto pauteiro, no jornal Estado de São Paulo, de março de 1972 a 11 de agosto de 1975. Entre os acontecimentos do período que tem especial prazer de relembrar está sua responsabilidade pelo tombamento do Pão de Açúcar, graças a uma pauta que nasceu despretensiosamente e virou uma verdadeira campanha ecológica e institucional por um dos principais símbolos do Rio de Janeiro.

A cada trecho marcado em negrito, segue-se um comentário referencial, entremeando a entrevista. Desta maneira, há o registro das idéias que vão construindo a proposta teórica defendida neste trabalho – que a percepção da instância que determina a metodologia da pauta (captação, seleção e ângulos de produção dos assuntos de um periódico jornalístico) está restrita, até hoje, a um nível de reflexão insuficiente. Abre-se, a partir de um credenciamento instrumental de análise adequado, um horizonte mais amplo de compreensão do lugar do jornalismo, e no caso, do jornalismo brasileiro, na vida contemporânea.

*Maurício Azedo - Eu trabalhava na Última Hora, já na época em que o jornal estava associado ao Correio da Manhã e pertencia ao grupo do Maurício Alencar, principal figura dos irmãos Alencar. Aí eu fui*

*demitido e os companheiros por solidariedade se mobilizaram para me garantir o retorno ao mercado de trabalho e se abriu uma vaga como chefe de reportagem da sucursal do Estado de São Paulo. Mário Cunha, que era meu companheiro desde o Jornal do Comércio, naquela iniciação de 1958, sob o pálio da proteção do Paulistano, indicou o meu nome. E o Villas-Boas Correa, que era o diretor da sucursal, aprovou. Como chefe de reportagem a minha primeira tarefa era fazer a pauta do jornal.*

A modificação da estrutura de divisão de trabalho da redação acompanha as estrutura de poder – nunca a pauta pode estar fora de controle. Se já não parte mais exclusivamente dos proprietários dos jornais, agora os empresários passam a pontuar apenas no que seja significativo para seus interesses, e a pauta (não por acaso nas mãos do Chefe de Reportagem ou de um Editor Chefe) precisa ficar nas mãos de alguém de confiança. Neste caso, vale lembrar a famosa declaração de Roberto Marinho, que se celebrizou como uma pseudocontradição, de que, durante a escalada de seu império, no período da Revolução, ninguém mexeria “nos meus comunistas” – jornalistas competentes que trabalhavam com afinco na produção do Jornal O Globo. A história do Estado de São Paulo também não era exatamente a história de um jornal de esquerda, mas o rigor profissional de Maurício Azedo garantia este trânsito profissional.

*Então não havia também o lugar específico de pauteiro?*

*M - Não, não.*

*Como é que se fazia a pauta?*

*M - Não havia e creio que não haverá ainda o manual do pauteiro. O pauteiro na época era uma figura na redação que tinha que se virar. Primeiro, para assegurar a possibilidade de utilização de todos os profissionais com que o jornal contasse para a produção jornalística, principalmente para a reportagem. Isso era o primeiro desafio. (a) Você tinha que ter uma pauta suficientemente abrangente para não deixar ninguém sem atividade. E por outro lado, você tinha também, do ponto de vista profissional - pessoal - você tinha que revelar um grau de eficiência determinado para justificar a sua*

*presença na função. E por fim havia a questão do brio profissional.*

*(b) Você tinha a preocupação de cobrir assuntos com primazia sob outros veículos e naqueles em que fosse evidente que outros veículos cobririam, você devia assegurar, na definição da pauta, uma angulação que te permitisse uma cobertura melhor do que a dos concorrentes.*

(a) Considerado um lugar de extrema confiança, o cargo de pauteiro retinha a espinha dorsal do jornal: o acontecimento antes de ser a notícia. Sem os recursos tecnológicos que hoje trazem, numa digitação, o mundo para dentro da tela / máquina de escrever / Web / chapa / diagramadora, o pauteiro tinha que ter resistência emocional para enfrentar rotina e pressão, faro de cão perdigueiro, disciplina para não esquecer de nada que pudesse transformar-se em notícia, senso administrativo para distribuir matérias numa proporção que atendesse à demanda básica de produção na redação, e criatividade para diferenciar o jornal de seus concorrentes.

(b) De uma certa maneira, o que pouco antes era a moeda de troca nas redações foi absorvido e transformado na nova função – antes, no período da pauta **externa**, mesmo ganhando pouco, funcionários públicos e literatos trabalhavam nos jornais como bico e assim publicavam sua própria pauta, exercendo a atividade por vaidade, ou por interesse no poder vicário (VEBLEN,1899) do qual passavam a usufruir. Muitos cedem à promíscua relação da imprensa com o poder, ou mesmo entram na profissão com o objetivo de usufruir dela. O romance *Profanação* (FABIANO,2005), recupera alguns acontecimentos reais do convívio da imprensa com os parlamentares do Congresso Nacional que mostram claramente os riscos desta convivência quando não há suficiente rigor ético. O “brio” a que se refere Azedo, era a capacidade posta em prova para que o direito àquele posto fosse confirmado. Um lugar de poder que, com a configuração que tinha à época, verdadeiramente pouco decidia, mas tinha um profundo significado pessoal / profissional, como o próprio Azedo destaca. Marcel Mauss já falava, na década de 20, a respeito da complementaridade entre psiquismo individual e estrutura social. Lévi-Strauss, na introdução do livro sobre Mauss, diz que o problema é, em última análise, um problema de comunicação. **“O inconsciente seria o termo mediador entre o eu e o outro”**. Diz Strauss: “Como a linguagem, o social é uma linguagem autônoma; os símbolos são mais reais do que aquilo que simbolizam, o significante precede e determina o significado”. (STRAUSS,1974)

O que antigamente estava preservado nos mitos, nas religiões, na herança cultural manifesta, com infinita gama de expressões, hoje ainda se mantém em redutos, periferias em



relação ao caminho pelo qual passa a roda da civilização, ou em substitutos urbanos de atividades onde o psiquismo individual encontra espaço para insinuar-se. Aparentemente este espaço do psiquismo individual está reservado às experiências pessoais, às manifestações artísticas, ao discurso filosófico de seitas olhadas com desconfiança pelo “fora do tom” com que se inserem neste mosaico afinado de peças quebradas que insistem em fazer conjunto, apesar das arestas.

A pergunta é: pode nascer um modelo midiático que resgate uma dimensão em que a troca seja o denominador comum da atividade, em que prevaleça uma estrutura baseada em dar, receber, retribuir? Hoje a relação de pertencimento se estabelece com ações de comprar, possuir, acumular. O que se vê na produção midiática aberta é o exasperado tom de urgência de pertencimento instigado pelo grotesco dessensibilizando as questões individuais, a violência tornando comum esta dessensibilização. (SODRÉ e PAIVA, 2002)

*Antes você recebia a pauta dos outros. Se você conseguir lembrar, como é que era essa pauta que você recebia e como é que era a pauta que você preparava?*

*M – Olha, do ponto de vista de reportagem eu tive uma atuação limitada porque, salvo esse período no Jornal do Comércio em que eu estava na reportagem geral, em grande parte da minha atividade profissional eu estive na cozinha do jornal. Isto é, na produção de textos...*

*No copy? [copidesque].*

*M – É. Porque uma das características do jornalismo na época é que o repórter, quando ele se destacava por qualidades de texto, ele era logo retirado da atuação na reportagem e jogado na cozinha do jornal. Seja para produção de texto, seja para função da chefia. Afim de que essa sua qualificação proporcionasse o máximo de rendimentos em matéria de produção jornalística ao jornal. Então, eu tive um período relativamente curto na produção de reportagem e me lembro que na época que eu estava no Jornal do Comércio eu recebia uma missão, uma designação, mas era uma designação verbal, uma orientação genérica, muito genérica também verbal e você procurava se informar a respeito. E em muitos casos o chefe da reportagem não era nem o pauteiro, era o próprio chefe da reportagem, e dizia: “Olha*

*tenho uma notícia hoje no Jornal do Comércio ou no Globo em que o assunto é afluído, exposto e você se informa, vamos desenvolver isso”. Mas sem uma orientação determinada, mais detalhada. Então, o rendimento da reportagem, o rendimento do assunto, dependia menos de um roteiro de pauta fornecido pela chefia de reportagem do que pelo interesse que o assunto provocasse no repórter e do talento também do repórter e por aí. O repórter era jogado um pouco às feras porque a criação do assunto, o relevo que o assunto pudesse alcançar, o interesse que pudesse despertar no leitor dependia muito da atuação individual do repórter, mais do que de uma orientação que ele tivesse recebido pelo seu comando no jornal ou na revista. Então, eu me lembro que, posteriormente, tive depoimentos a esse respeito de profissionais mais antigos e mais experientes que eu, que contavam, inclusive, a história do Alves Pinheiro, que era secretário de redação do Globo, um grande secretário de redação e um jornalista muito talentoso e muito competente. Chegava na redação do Globo de madrugada, às cinco horas da manhã ou talvez mais cedo ou um pouco mais tarde. Já tinha lido todos os jornais, recortado as notícias que poderiam ser desenvolvidas, confirmadas ou desmentidas pelo Globo. E ele chegava na redação, chamava os repórteres e dizia: “Procura isso aqui, apura isso aqui, vê se isso é verdade, vamos desmentir isso...” Ele dizia isso para os repórteres, era uma grande quantidade de repórteres a que ele dava instrução, mas sem o detalhamento que posteriormente a pauta assumiu na imprensa diária.*

Evidencia-se neste comentário de Azedo a perspectiva heróica em que enquadra Pinheiro, valorizando aquele que é capaz de superar limitações e atender à noção de pertencimento, não só de si mesmo como de todos aqueles que comanda.. Pinheiro, antecessor dos pauteiros generalistas, era conhecido por seus hábitos metódicos e pela dedicação ao trabalho no jornal.

Alves Pinheiro, na mesa de chefia de reportagem do **Globo**, cortava e colava pedaços de jornais em longas tiras de papel. Na lauda onde colava os recortes, escrevia à mão (nunca usava máquina) nomes e endereços, fazia perguntas, cobrava respostas e explicações. E começava o seu trabalho à meia-noite, com a leitura dos matutinos. Seguindo-se a minuciosa checagem dos vespertinos, já dia claro. E acumulava nas gavetas centenas de recortes, que depois um contínuo, o Veiga,

separava e guardava. Num caderno preto, que crescia a cada semana com adendos e pedacinhos de papel sempre anotados de próprio punho, ficavam endereços e telefones de gente famosa, médicos ilustres, criminosos, policiais, simples funcionários públicos. (MORAES,1986, p. 24)

Alves Pinheiro chegou ao Globo, onde permaneceu por 30 anos, de 1934-64, depois de ter passado por algumas redações da Bahia. No Rio de Janeiro, passou pela Gazeta de Notícias, em 1929, Diário da Noite e em O Jornal, em 1930. “Alves Pinheiro tinha verdadeira devoção pelo jornal, segundo confessou em um artigo, dizendo que trabalhar em O Globo era a realização de seu maior sonho”. (TEIXEIRA,2003, p.13)

Mesmo sem consciência do processo, todo aquele que se lança a uma travessia, observando os ritos inerentes a ela, está comprometido com uma missão. Uma das mil faces do herói de James Campbell, que fala da trajetória humana marcada pela busca do pertencimento ao elo universal da vida, também é o jornalista. Especialmente o jornalista com forte referência de sentido ideológico. Esta referência dilui-se na formação dos jornalistas atuais em função de forte influência da visão empresarial que domina a imprensa atual.

A função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás. Com efeito, pode ser que a incidência tão grande de neuroses em nosso meio decorra do declínio, entre nós, desse auxílio espiritual efetivo. (CAMPBELL,1949, p.21)

E continua a entrevista:

*Então, quando chegou a ser pauteiro, você não tinha recebido ainda uma escola vivencial de uma pauta bem estruturada?*

*M – Não, não.*

*E como você desenvolveu a sua?*

*M – Bom, eu mencionei aquelas três preocupações: manter o pessoal ocupado, você ter o brio pessoal e você ter espírito do seu veículo no confronto com os concorrentes. Bom, então aí você tinha que estabelecer as tuas matrizes ou fontes de abastecimento da pauta. E quais seriam essas fontes? A primeira delas é o próprio veículo em que você trabalha. Seja para ver aqueles assuntos que no caso da sucursal tivessem sido objeto de edição no jornal, bem como ver outros assuntos que ensejassem um desenvolvimento na pauta do jornal, essa era a primeira fonte. Abrangendo tanto o noticiário local*

*e nacional como o próprio noticiário internacional, em que haveria expressões ou manifestações ou acontecimentos que ensejariam uma exploração no âmbito local. Essa era uma fonte. **A outra fonte eram os outros veículos, os outros jornais, os outros concorrentes.** Para você fazer um confronto do seu veículo com os outros veículos. Aqueles pontos em que você foi melhor ou pior e também aqueles pontos onde você comeu mosca e seu veículo nada publicou em relação ao assunto que poderia ser significativo. Então, em relação a isso você tinha uma linha de comparação e também um núcleo de notícias e reportagens que você poderia desenvolver ou não. **Outra fonte importante, e essa fundamental, era a rádio escuta.** Porque o rádio mais do que a televisão, isso estou me referindo ao período 72-75 em que o jornalismo da televisão não tinha atingido o nível de desenvolvimento de hoje. Mas o rádio hoje como naquela época tinha uma agilidade muito grande e o poder de lançar notícias que estão acabando de acontecer e que tem interesse para produção do seu noticiário, para a produção jornalística. Esse era um dado importante. **Outra fonte de abastecimento da pauta era o próprio trabalho que você estava realizando naquele dia.** Então, por exemplo, você vai fazer uma cobertura na qual o ministro, secretário tal ou artista tal, o fulano que tenha interesse jornalístico anuncia que dentro de uma semana, no dia tal, as tantas horas vai produzir, apresentar ou fazer isto ou aquilo. Então, desde logo você tendo esta notícia através do noticiário produzido pelo jornal você lançava na sua agenda para que o dia tal esse assunto estivesse incluído na pauta.*

Apesar de Azedo dizer que não há manual do pauteiro, o ritual de trabalho implica em alguns consensos. Em primeiro lugar, a preocupação com a continuidade dos temas levantados pelo jornal, que devia ser preservada. É um elemento de identidade, que garante a conexão seqüencial do acompanhamento de um assunto por parte do leitor. A outra prática obrigatória era o acompanhamento do noticiário dos outros jornais, da rádio da polícia e da defesa civil. Hoje esta ronda implica também em acompanhamento de diversos jornais online. E naturalmente, como fonte obrigatória, há o levantamento de informações de campo pelos próprios repórteres, que podem pautar o jornal a partir do que eles passam a saber no

mesmo dia. Outros métodos serão ainda abordados nas entrevistas que virão a ser comentadas na sequência. Uma das causas da sensação de solidão sentida pelos profissionais responsáveis pela pauta dizia respeito também à falta de reflexão a respeito da atividade. Como uma das características do trabalho em redação é a premência de tempo e a rotatividade da mão de obra, trata-se de uma tarefa com pouquíssimo espaço para a reflexão. Mesmo os primeiros passos da chamada *media criticism*, ou a crítica da mídia, que não é reflexão teórica, mas o início da crítica da imprensa por ela mesma, só foram dados já no meio da década de 70 por Alberto Dines, na Folha de São Paulo, na coluna *Jornal dos Jornais*.

*Você dava atenção à agenda fixa, de data marcada como Dia do professor, Dia do Rio de Janeiro, Dia do não sei o que... Você dava atenção a isso?*

*M – Dava atenção a isso e também às datas redondas que foram sofrendo uma diminuição cronológica, por exemplo, os quarenta anos agora em março do golpe militar de sessenta e quatro. Os vinte anos, ou vinte cinco anos ou dez anos de tal fato. Se você prestava atenção a isso, dependendo da linha do veículo que você trabalha, no caso do Estadão os assuntos compatíveis com a linha editorial do Estadão, você programava matérias a respeito disso. Assim como também do ponto de vista de agenda, além disso, desses fatos que eram levantados no noticiário que você estava produzindo, o noticiário mencionava eventos com data marcada que você via no noticiário de outros jornais ou na comunicação de (coisas). Por exemplo, anunciava-se que no dia 15 de novembro, dia da Proclamação da República, vai ser realizado um ato, em frente à Assembleia Legislativa, em que virão os netos mais jovens ou mais velhos do Marechal Deodoro da Fonseca. Então, você anotava isso na agenda para no dia ou na véspera você considerar a pertinência ou não de fazer aquela cobertura.*

*E ouvia-se o rádio da polícia?*

*M – Não. Não porque como eu trabalhava numa sucursal e o assunto específico da polícia tem uma conotação local muito forte, não era atraente para um jornal editado em outro Estado. Mas a rádio escuta que abrangia também noticiário policial, essa era de lei, era*

*fundamental. Se por qualquer motivo você tivesse desligado o rádio por aí, sempre tinha uma pessoa ou um próprio membro da equipe que avisava: “Olha liga na Rádio Globo que está dando a morte de fulano de tal, ou atentado tal por aí”.*

*Você mencionou agora uma coisa que ninguém fala muito quando está fazendo um depoimento, mas a troca de figurinha é uma coisa absolutamente fundamental no trabalho não é?*

*M – É. O intercambio, evidentemente, ressaltadas as peculiaridades da concorrência, os repórteres, editores de veículos diferentes, eles ligavam na sucursal do Estadão, ou do Globo para o Correio da Manhã ou Diário de Notícias: “Fulano, você tem alguma coisa aí sobre o fato X que está acontecendo?”. O outro dizia: “Não, não tenho. Está acontecendo?” O outro: “É houve isso, isso, não sei o que”. Aí dava as dicas de modo que o companheiro que a recebeu na medida que captasse outras informações também transmitia. “Olha eu apurei que isso, isso, aquilo havia acontecido”. E também acontecia na pauta, essas questões que você podia ter mais ou menos uma previsão de programação. Além disso você também tinha as questões e os temas resultantes da criatividade do pauteiro ou da criatividade da equipe do jornal. Para levantar determinado assunto, para produzir determinada matéria. **E nas redações em que há uma grande identidade da equipe os próprios repórteres se sentiam estimulados e diziam: “Olha, acho que no dia tal a gente tem que fazer uma matéria sobre o assunto, tal por aí etc. e tal”. E o pauteiro e a chefia de reportagem acolhia a sugestão para que a pauta na verdade fosse o resultado de um procedimento coletivo, que a tornasse mais rica e mais relevante do ponto de vista do interesse do leitor do veículo.***

O estímulo à participação dos repórteres e demais jornalistas da redação parece refletir diretamente na riqueza de abordagens e angulações das matérias. Muitos são, no entanto, os depoimentos a respeito de processos de produção excludentes. Em novembro de 1977, numa publicação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Porto Alegre, seis repórteres uniram-se para apurar como a categoria percebia a atuação de pauteiros em diversos jornais gaúchos.

Fica claro que a falta de consistência com que o processo sempre foi tratado manteve este centro nevrálgico de captação e seleção de acontecimentos listados na pauta como que à parte do centro nervoso das reflexões dos jornalistas. O termo acontecimento é utilizado, no caso, admitindo-se como correta a proposição de Maurice Mouillaud, que diferencia o acontecimento do fato. O acontecimento é a sombra projetada de um conceito construído pelo sistema de informação, o conceito do fato (MOUILLAUD, 2002, p. 51).

“Criação” mais ou menos recente nos jornais de Porto Alegre, o pauteiro – uma função desmembrada da chefia de reportagem – é frequentemente acusado pelos repórteres de não realizar um bom trabalho, não fazer “boas pautas”, não sair do “feijão com arroz”, não ter criatividade. O pauteiro, por sua vez, se queixa de trabalhar sozinho, de não receber sugestões, de não ter o que ler nas redações que não sejam os próprios jornais locais que, por usarem os mesmos métodos de trabalho, se tornaram muito semelhantes. A verdade é que as atribuições do pauteiro, a forma como trabalha ou é obrigado a trabalhar, e o próprio método de elaboração de pautas, estão longe de ser um consenso único entre os jornalistas de Porto Alegre. (Cadernos de Jornalismo, 1977)

Apesar das queixas semelhantes caracterizando o trabalho como solitário, exaustivo, cheio de matérias recomendadas e interferências por parte dos editores, a reportagem do “Cadernos de Jornalismo” identifica o que à época eram duas alas de opinião, basicamente: a dos que tendiam a considerar boa a centralização da produção num pauteiro generalista (alguns jornais, como o Correio do Povo, de Porto Alegre, não consideravam necessária sequer a reunião de pauta, com participação de editores e repórteres discutindo a linha das matérias para definir fechamento...) e os que defendiam a participação dos repórteres de todas as editorias. “Aqui há diálogo para discussão dos assuntos com os repórteres e os assuntos são ventilados pelas duas partes, comando e quem executa”, diz Antonio Carlos Ribeiro, secretário de redação do Diário de Notícias, também de Porto Alegre. Tanto um quanto o outro parece estar preso a um modelo autoritário de referência. A dificuldade de repensar o modelo reflete a cristalização de um paradigma funcional – o da escolha dos acontecimentos selecionados, as formas de ampla participação na decisão dos enfoques e a inclusão de informações variadas nos acontecimentos que serão transformados, através das notícias, em fatos contextualizados, que depois de publicados dimensionam-se para o público como reais.

*Como é que você definiria uma pauta? Na época que você foi pauteiro e hoje?*

*M – Eu acho que no essencial não houve mudança do conceito. A pauta do ponto de vista de sua estrutura completa e do ponto de vista das partes que a integram ela é um roteiro para produção do noticiário, dos textos jornalísticos que vão integrar determinada*

*edição, o conjunto desses textos e também os textos individuais que vão ser produzidos pelo profissional. É o roteiro em que você estabelece as linhas básicas da cobertura, do levantamento e da abrangência com que o assunto vai ser focado, sem o sacrifício da intervenção e da contribuição extremamente relevante e fundamental do profissional incumbido da execução dessa pauta.*

Esta é uma outra discussão possível, além da que coloca em debate quem decide a pauta, e como ela deve ser cumprida. A pauta pode ser o roteiro que traz propostas para a discussão a respeito da quantidade de informações que orientarão (ou engessarão) o repórter. Terá o pauteiro, por mais genial que seja, condições de, meses a fio, anos, estar sempre propondo o aspecto fundamental que ainda não foi abordado, a investigação que ninguém fez, a foto que fará toda a diferença? Mesmo que com uma quantidade enorme de informações disponibilizadas, ele seja uma fonte riquíssima de sugestões, isso determina uma (muitas) boa (s) matéria (s) ? Ou será que é preciso algo mais em termos de conexão, um “cadinho” permanente que reconfigure o trabalho de equipe numa velocidade compatível com produção e profundidade de análise, algo como um “conselho” permanente de participação coletiva? Sim, porque, como veremos adiante, a velocidade de acesso a um volume inédito de dados, como nunca antes foi possível na história da humanidade, configura hoje uma realidade plena de potencial de mudança, com uma visão estratégica mais rica do que qualquer dos grandes jornalistas da história da imprensa jamais pode imaginar.

*Você teve outra experiência como pauteiro?*

*M – Não como pauteiro em si. A partir dos anos sessenta eu assumi em diferentes veículos funções de edição, direção ou de chefia. Então, isso te dava a possibilidade de intervir na produção de material jornalístico indicando assuntos, indicando preferências e indicando também idiossincrasias daquilo que você não quer que seja objeto na cobertura, do interesse do veículo. Tendo uma visão do conjunto da publicação e não uma intervenção direta como aquela que o pauteiro produzia na época.*

*Do que você se lembra da tua intervenção na escolha dos assuntos enquanto chefia?*

*M – Na verdade, você não tem escolhas. Não tinha ou não tem escolhas pessoais quando você está produzindo uma pauta ou está*



*produzindo roteiros para publicação ou para uma obra de caráter jornalístico. Você considera sempre o interesse do veículo, então, na verdade, eu não tinha preferências pessoais por determinados assuntos. Embora, alguns assuntos para nós fossem apaixonantes e nos levassem a estar sempre concebendo formas de intervenção, de definição de pauta sobre aqueles assuntos, a produção da pauta e a execução da pauta. (a) Por exemplo, nessa época na sucursal do Estadão, nós tínhamos essa consciência, principalmente, eu e o Mário Cunha. Eu como pauteiro e ele como secretário que coordenava a redação. Nós tínhamos consciência que o jornal Estado de São Paulo, em São Paulo, tinha mais interesse na defesa da integridade da paisagem e do meio ambiente do Rio de Janeiro do que os jornais do Rio de Janeiro. Porque ele não tinha compromissos com indústria imobiliária, com nenhum interesse menor e anti-social na cidade do Rio de Janeiro. E, por outro lado também, havia a circunstância de que o diretor de redação do Estado de São Paulo, o Fernando Pedreira era baiano, mas viveu basicamente no Rio de Janeiro e São Paulo. O Fernando Pedreira tinha uma ligação, como terá ainda hoje, uma ligação afetiva muito forte com a cidade. Então, por exemplo, em relação a determinadas questões, o Mário Cunha tinha um relacionamento muito franco e fraterno com o Pedreira que tinha dirigido também a sucursal do Estadão no Rio de Janeiro, então quando havia uma cobertura dessa natureza, envolvendo a defesa da paisagem do meio ambiente do Rio de Janeiro, que pudesse ter aspectos delicados que pudessem influir negativamente em relação a publicação da matéria ou a exploração do assunto com toda a intensidade que fosse possível, o Mario ligava para o Fernando Pedreira e dizia: “Olha, Pedreira, nós estávamos com a questão assim, assado e etc. e tal e estamos pretendendo levantar sobre tal angulação, por aí etc. ” E o Pedreira dava sempre força: “Vai fundo, Mário, que essa questão realmente é uma questão relevante”. Então, nesse campo nós tivemos uma atuação muito forte, nessa época, correspondendo aí à visão pessoal minha, como profissional e cidadão do Rio de Janeiro e a visão pessoal de cidadão do Rio de*

*Janeiro do meu chefe imediato que era o Mário Cunha. Por exemplo, eu me lembro que uma das matérias que eu pautei foi sobre o Pão de Açúcar. Eu peguei o noticiário da A Notícia, que na época circulava como veículo vespertino do Estadão e vi lá uma matéria fruto de um release, possivelmente. Uma matéria em duas colunas que teria no máximo, em termos de original, vinte linhas datilografadas, por aí. Anunciando que a Companhia Caminhos Aéreos do Pão de Açúcar ia executar, tinha encomendado e ia executar, um projeto no alto do Pão de Açúcar, de urbanização da área e que esse projeto era de autoria do escritório do arquiteto (Régis J. Cully). Que era um arquiteto importante na época que tenho impressão, isso já tem trinta anos, tenho impressão até que ele já terá falecido. Então, aquilo era apresentado como algo positivo e eu como carioca achei que você botar uma “caranguejola” no alto do Pão de Açúcar é uma agressão à silhueta da montanha símbolo do Rio de Janeiro ou do Brasil. E aí fomos ouvir o Cully e a Companhia Caminhos Aéreos do Pão Açúcar sobre o que eles pretendiam. Eles pretendiam fazer uma intervenção que realmente desfigurava o Pão de Açúcar. E aí começamos uma cobertura que começou com um repórter que hoje vive em Minas o Eustáquio Augusto dos Santos. E teve prosseguimento com a Tereza Cesário Alvim. E não todo santo dia, mas na medida em que a gente levantava um aspecto passível de exploração no jornal, a gente noticiava aquilo sempre sobre a visão de defesa do Pão de Açúcar contra a intervenção que uma empresa poderia fazer desfigurando a montanha símbolo da cidade. E isso se estendeu por uns dois ou três meses e chegou a um ponto que a gente apertava o assunto e não rendia mais uma coisa. E tivemos uma idéia: eu, Mário e a Tereza Alvim. Teresa era uma jornalista e uma mulher extraordinária. Uma intelectual muito engajada. Morreu precocemente. Uma bela companheira. Então, nós nos reunimos e dissemos: “Olha, o assunto não rende mais nada, mas a gente tem que prosseguir para a defesa do Pão de Açúcar”. Aí, uma idéia que nos ocorreu foi a seguinte: de fazermos um documento ao Instituto de Patrimônio Histórico e*

*Artístico Nacional pedindo o tombamento do Pão de Açúcar que não era tombado. E aí a Tereza Cesário Alvim que era da área cultural e tinha amizade, transa com área artística etc. e tal. Ela disse o seguinte: “Vamos fazer o seguinte, a gente redige aqui na redação o pedido de tombamento que a legislação permitia e permite e eu vou pegar assinatura de algumas expressões da vida cultural do Brasil, não apenas do Rio de Janeiro, mas do Brasil, para fundamentar o pedido, para encaminhar o pedido”. E aí então a Tereza saiu em campo para pegar assinaturas. A primeira assinatura que ela pegou foi da pintora Dejanira da Mota e Silva, Vinícius de Moraes, Austregésilo de Athayde. Um grupo de oito, dez desse porte e depois veio a vala comum da redação do Estadão: eu, Mário Cunha, o Eustáquio, a própria Tereza e etc. e tal. E demos entrada no IPHAN e fazendo o lobby, porque um dos membros do conselho do IPHAN era o Dr. Prudente de Moraes Neto que depois viria a ser presidente da ABI que tinha sido diretor da sucursal do Estado. Então, o Mário ligou para ele e disse: “Dr. Prudente, nós acabamos de adotar tal iniciativa, demos entrada no pedido por aí e nós gostaríamos que o senhor acompanhasse e visse a possibilidade de efetivação de aprovação do nosso pedido”. O Prudente também era um apaixonado pelo Rio de Janeiro e aplaudiu com entusiasmo a idéia e disse para deixar com ele. E aí o processo teve tramitação. O relator foi o Gilberto Ferrez, que era um outro apaixonado pelo Rio de Janeiro, que não só deferiu o pedido de tombamento do Pão de Açúcar como no parecer ele propôs o tombamento do Pão de Açúcar e todo a vertente sul do maciço da Tijuca, os morros da zona sul, com exceção do morro de São João, que é o Morro dos Cabritos, porque esse já não tem mais salvação, já está perdido. E aí o Conselho aprovou e o Pão de Açúcar e esse maciço da Tijuca na vertente sul estão tombados pelo IPHAN. Isso como produto do desenvolvimento de uma pauta que chegou ao seu limite de esgotamento, mas que acabou tendo um desdobramento que aí nos deu mais uma informação, e o IPHAN tombou o Pão de Açúcar.”(b)*

(a) Não ter escolhas não impedia que o pauteiro tivesse uma perspectiva ampla sobre o que acontece em termos de desenho geral da linha editorial do jornal. Pelo contrário – fazia parte de sua obrigação profissional para filtrar a repetição de temas em mais de uma editoria, por exemplo. Uma instância de controle, de que natureza for, fortalece e/ou ameaça a estrutura a qual pertence, como o panóptico de Jeremy Bentham, citado por Foucault (FOUCAULT, 1979, p. 209). Este lugar de controle é intrínseco à pauta, mais e mais a partir de uma tomada de consciência da função, num sentido mais amplo do que ela possa significar.

(b) Fica clara, neste episódio relatado por Azedo, a diferença entre uma pauta que reflete uma participação mais direta e envolvida dos responsáveis pelo processo, e aquela cumprida burocraticamente, por conta da necessidade de encher espaço de papel e tempo de trabalho do corpo de repórteres do jornal. Lembra Hipólito da Costa, que lastimava o papel e a tinta desperdiçados nas edições da Gazeta do Rio de Janeiro... Traz também à tona o problema da qualidade da mão de obra disponibilizada pelas faculdades de comunicação, a evasão de profissionais incrementando a ação das assessorias de comunicação e as grandes empresas internacionais de lobby.

É muito interessante observar o tom da entrevista, saudosista, com lembranças que valorizam o desempenho de Azedo e suas conquistas, em especial o tombamento do Pão de Açúcar.

### **3.2. Bruno Thys**

Bruno Thys é carioca do Bairro Peixoto. Tem 47 anos. Começou na Tribuna de Imprensa, cobrindo política. Foi estagiário, repórter, repórter especial, chefe de reportagem, subeditor, editor da Geral (Cidade), Editor da Revista de Domingo, Editor de Política, Editor de Qualidade (um cargo que nasceu e morreu em pouco tempo) e secretário de redação em 17 anos de trabalho no Jornal do Brasil. Trabalhou na Veja e foi fundador da Veja Rio. Atualmente é Diretor de Redação do Jornal Extra, do qual também foi um dos fundadores, já como editor executivo. Esta entrevista foi realizada em julho de 2005, na redação do jornal. O Jornal Extra, fundado em 1998, já nasceu sem pauteiro na estrutura de cargos da redação.

Bruno Thys conheceu a pauta enquanto repórter, de maneira que a redação já estava profissionalmente estruturada e o processo de “internalização” da pauta estava completamente instaurado. Seu posicionamento é nitidamente de rejeição a um estado de ordenamento

estabelecido em cima das divisões de trabalho, que ele considera como referências limitantes e castradoras. A fala de Bruno contrasta com a de Maurício Azedo desde a primeira resposta:

*Como é feita a pauta no Extra?*

*Bruno Thys - No passado, havia um sujeito obrigado a pensar o jornal inteiro, o que é um absurdo, funcionava ali, mas... A gente tem um guia básico, das coisas do dia, as efemérides, dia dos pais etc. A gente acha que quem tem que fazer a pauta é o repórter, quem está na rua, quem está cobrindo o caso; na verdade é um processo coletivo que envolve o repórter, o chefe de reportagem, o sub-editor na hora em que recebe a matéria... “Quem gosta de pauta é músico” [brinca]. Além de a gente não gostar dessa pauta “antiga”, também gosta quando essa pauta é subvertida. Manda o sujeito ir ao shopping no dia dos pais e ele traz uma coisa totalmente diferente... Nós queremos ser o tempo todo surpreendido por isso. A pauta, no sentido clássico, está em desuso. O melhor pauteiro do mundo é o que está na rua... Tem milhares de maneiras de a matéria chegar ao jornal, e a pior delas é através de um sujeito sentado pensando.*

Percebe-se a contraposição, a antítese claramente expressa, num aparente pressuposto de que deste movimento dialético surgirá a síntese renovadora, para sempre jovem. Os termos utilizados se prestariam a uma rica análise do discurso. Thys afirma que a pauta é algo “antigo”, e precisa ser “subvertida”. Ele expressa o desejo de ser surpreendido, e que o clássico está em desuso. O melhor pauteiro, diz, aquele que responde por um lugar fixo com tarefa exclusiva na redação, está na rua – o que vale dizer que todos devem desempenhar este pape, de uma maneira melhor do que aquele que respondia exclusivamente por essa função. E para não deixar dúvidas, o modelo centrado em um só profissional é a última escolha que ele faria. Thys aparentemente confunde o conteúdo da pauta com a forma da pauta ser preparada. Sua avaliação não é fruto de despreparo profissional, evidentemente, como se vê por seu currículo, mas da inexistência de recursos até mesmo semânticos para discernir entre produto e processo. Se não há uma reflexão a respeito desta instância – a pauta – e o que ela representa passa a restringir-se à representação da autoridade repressora, centralizadora, perde-se o sentido maior da possibilidade de amadurecimento do processo de escolha e encaminhamento do fluxo de informações que chegam ao conhecimento dos meios de reprodução jornalística impressa. Pensa melhor quem pensa andando, sob pressão do tempo na produção externa da reportagem? Evidentemente, muitas informações são captadas pelos

repórteres em campo, no contato com os acontecimentos do dia a dia que comporão o noticiário, isto é real. Mas a contribuição de muitos necessariamente não elimina um núcleo interno de reflexão e análise.

*Você recebeu pautas clássicas. Como compara os dois métodos?*

*B - É impossível saber de tudo, ler os jornais inteiros e ter idéia sobre tudo. Houve um tempo, na idade média, em que a cultura era hegemônica. O Leonardo Da Vinci era o cientista, filósofo, esteta, artista plástico etc; depois, no Iluminismo, com o Enciclopedismo havia Diderot, D'Alambert. Você colocava a cultura num livro, em dois tomos ou três, hoje não, a cultura é fragmentada. É impossível que alguém consiga acompanhar tudo, tenha idéia sobre tudo, tenha um olhar criativo sobre isso tudo... É uma coisa (o pauteiro, a pauta rígida) que acabou por total ineficácia. Sempre me rebelei contra essa forma de pauta.*

É admissível considerar que a pauta centralizada tenha sido uma tentativa utópica de sistematizar a participação humanista profissional numa estrutura contaminada desde sua origem. Fluxos de informação sempre estiveram afeitos ao poder instituído (especialmente a partir das sociedades da informação) e ciclicamente evidenciam sua origem primordial – atualmente podemos associar esta evidência nas alterações provocadas pelos sistemas de informação digitais e pela publicização dos espaços midiáticos em geral, situação de que não escapa o jornal impresso.

*Quem define a pauta do Extra?*

*B - Nós temos uma rotina, o chefe de reportagem define alguns assuntos, e há também o imponderável. O melhor dia é quando se pode investir nas idéias que cada um vem processando. Estimulando as pessoas a pensar e criar, cada um acaba trazendo bastante informação. **Fazemos uma reunião à 1h da tarde, em que cada editoria sugere suas pautas. Essa reunião é feita com editores executivos, que são pessoas mais experientes, junto com os editores ou sub-editores. É um fluxo regular, mas não é amarrado. O caminho para fazer um jornal chato, previsível, é fazer uma pauta amarrada. O pior que pode acontecer na vida de um repórter é ficar parado esperando pauta. Tem assuntos óbvios que precisam ser tratados, mas ficar preso à pauta, não.***

Há uma clara confusão entre “pauta” enquanto lista de reportagens obrigatórias e “pauta” enquanto seleção temática e discussão do projeto editorial. Talvez o próprio Thys não se dê conta de que o mesmo processo de listagem e seleção continua sendo feito na produção do jornalismo impresso, tendo havido uma certa dispersão do lugar de poder profissional, e que a instância de decisão sobre o que será feito continua no nível decisório hierárquico superior: aquela que faz a interface da leitura executiva e política da empresa. O jornal é assumido com facilidade como empresa. A denominação “pauta amarrada” está diretamente vinculada à resistência contra a idéia da centralização da produção desta pauta, sem que tenha havido uma ponderação nos motivos pelos quais o revezamento no desempenho da função (relativo, em termos práticos) seja defendido como uma bandeira libertária...

*Há um limite para essa “liberdade”, quando há a interferência da cúpula, não?...*

***B - O nosso compromisso é com o leitor. Os jornais, as empresas modernas, descobriram que o maior ativo de um jornal é sua independência e liberdade, é aí que ela fatura. Essa é uma tendência nos jornais do mundo inteiro... Não há uma linha política no sentido normal... O balisador é o bom senso, a prioridade do dia... Editar é hierarquizar, é preciso abrir mão de uma porção de coisas num espaço limitado. O câncer do jornalismo é a pauta na acepção arcaica do termo. Isso vem do modelo industrial, do fordismo, da linha de montagem dos anos 40 e 50 (pauteiro, chefe de reportagem, repórter, copy desk...). A tendência é especializar mais ainda, dentro de cada área, havendo muitas sub-áreas. As editorias, normalmente, se pautam.***

Aqui se agudiza a percepção de que a estrutura de poder interno na redação está sendo revista, mas o discurso justificador é bastante frágil. Interessante observar que profissionalmente Thys é da geração pós ANJ (Associação Nacional de Jornais). Participou dos cursos de especialização para editores de Navarra, Miami, EUA – responsáveis, segundo Alberto Dines, pela nova angulação da produção jornalística empresarial brasileira. O jornal Extra surgiu como proposta estratégica de marketing dentro das organizações Globo, em plena pressão para conquista do público leitor na concorrência exercida pelo jornal O Dia. Muito da “liberdade” citada por Thys deve-se ao vínculo entre a estrutura do Extra e do jornal O Globo, que funciona quase como mantenedora, com toda a distinção jurídica necessária. 'Existe intensa “troca de figurinhas” na apuração, na pauta, e mesmo na produção de matérias

entre as redações do Globo e do Extra. O sistema Infoglobo, que centraliza a produção jornalística de todas as empresas jornalísticas das Organizações Globo, garante esta múltipla utilização, ou mais valia, se optarmos pela visão marxista. Ou ainda pelos sintomas da refeudalização, se recorrermos à perspectiva de Jürgen Habermas.

*As editorias se pautam?*

*B - As editorias trazem as principais matérias. O varejo eles vão fazendo. Essas pautas do dia a dia eles não precisam necessariamente apresentar... Nós estimulamos o diferencial.*

Ainda lembrando as características empresariais do Extra – o trabalho do jornal, no caso, refere-se a atender um público leitor diferenciado do Globo, valendo-se de toda uma produção editorial lastreada por uma mega estrutura – a do jornal O Globo. O Globo on line Criado em 1996 evolui de 2003 para 2004 de uma média de vinte mil para cem mil visitas diárias. Inaugurou em 1998 o maior parque gráfico da América latina, com área construída de 67 mil metros quadrados. A sede do jornal tinha, em 2003, aproximadamente dois mil funcionários, sendo 200 deles jornalistas na redação além de correspondentes internacionais em Berlim, Buenos Aires, Londres, Nova Iorque, Washington, Suíça e China. Só na Editoria Rio, dando suporte direto à área editorial do Extra, são trinta e três jornalistas.

*Até que ponto as editorias têm liberdade de proposta de pauta?*

*B - Total. Nas reuniões de 1h, todos têm liberdade para opinar sobre o trabalho do outro, é muito informal. Quando se faz muito a mesma coisa, o olhar fica muito fossilizado (“o uso do cachimbo deixa a boca torta”). Nós fazemos uma outra reunião também às segundas, pra pensar na edição de domingo... Então, a edição dominical tem que ter o “mix” – um pouco do reflexo da semana que passou, da semana que virá, e algo novo, exclusivo... **A gente trabalha muito com “time”. O conceito de editoria não é estanque, não há muro entre as editorias, faz-se um time “multi-editoria” se for preciso. Temos mais times do que editorias.***

Naturalmente, Thys não pode expor aqui o quadro de juvenilização da redação, composta fundamentalmente por jovens estagiários, recém formados, e alguns que vem desta seara, à imagem e semelhança do padrão de produção “ágil”- informal, descomprometido, criativo e leve (com o mínimo de bagagem vivencial...)

*O extra, enquanto jornal recente, já nasceu sem o pauteiro?*

*B - Sim.*



*Pensando a pauta como uma linha guia, em que momento ela deixou de ser necessária?*

*B - O atestado de óbito dela é sua total incapacidade de oferecer algo diferente, por conta da incapacidade de quem a produz – figura do pauteiro que fica na redação. As editorias, independentemente, fazem suas reuniões de pauta. [Analogia do concerto – é preciso um bom carregador de piano, um bom afinador e um bom concertista]. Essa atitude passiva diante da pauta acabou. **A visão verticalizada perdeu lugar para modelos de gestão mais horizontalizados dentro das empresas. No Extra, já não tem a figura do diagramador. Há alguns, para as páginas principais mais elaboradas. Os sub-editores, e até os repórteres, diagramam. “Nós queremos envolver o sujeito no processo todo, não queremos ninguém passivo”, acabou o processo de linha de montagem. Hoje, se buscam cada vez mais as pessoas versáteis, ágeis, criativas.***

Thys pode ter razão em relação à visão vertical na estrutura da redação, mas na fase da pauta interna não houve registros de que o jornalismo se caracterizasse por uma incapacidade de gerar uma produção de conteúdo de qualidade. A história da nossa imprensa mostra que a deterioração do pulso jornalístico se deu muito mais por excesso de ingestão de “fermento com veneno” – investimentos para acompanhar o desenvolvimento tecnológico e conseqüente endividamento, em período de oligopolização do mercado globalizado.

*Se por um lado, o jornal passa a ser pensado por várias cabeças, por outro, qual a chance de se perder o rumo?*

*B - Nós temos gente mais experiente e mais sábia e gente mais nova e entusiasmada. Não se perde o rumo por falta de pauta. **Há o risco de não acertar sempre, mas não há relação entre perda de rumo e ausência de pauta. Hoje, numa equipe multi, dificilmente se personifica o erro, todos têm participação.***

Aqui percebemos o quanto uma ampla reflexão envolvendo os jornalistas profissionais mais atuantes pode contribuir para a criação de parâmetros de produção engajados numa proposta jornalística nacional mais consciente. Thys defende a especialização, e não vê na perda de referência da *gestalt* do jornal uma fragilização de sua força editorial.

*Como ocorre a confluência dos princípios institucionais com os aspectos pessoais, a partir da liberdade de pauta?*

*B - O repórter é desafiado o tempo todo a ter idéia, pensar. Há um treinamento bastante forte, que leva o repórter a incorporar a filosofia da instituição. Não há uma coisa cartesiana, um decálogo, regrinhas. Há as regras do bom jornalismo... A gente brinca dizendo para não mexer com juiz, padre (Igreja) [brinca]. Cuidado com generalizações... Essa questão de limites dos aspectos pessoais é a que menos traz problemas. A vantagem dessa liberdade é que cada um dá o tamanho do seu jornalismo, de suas idéias.*

*A ausência da pauta deixa o jornal mais frio, ou mais técnico?*

*B - Cada editoria acaba tendo o seu “pauteiro”, que se reveza, chega mais cedo, lê os jornais... É um trabalho de pauteiro, mas não é a figura do pauteiro.*

*Há algum aspecto positivo do pauteiro?*

*B - Nunca vi uma pauta espetacular que tenha saído do pauteiro.*

Mircea Eliade jamais perdoaria Bruno Thys. Acredito que muitos nomes importantes da nossa imprensa também não. O labirinto de enfrentamento e conquista dos pauteiros brasileiros é nossa arena de análise, e a possibilidade de estabelecer diretrizes de estudo das condições de trabalho e pertencimento destes profissionais nossa proposta, sem preconceitos, mas dificilmente a vida de tantos jornalistas-pauteiros, a começar pelos citados neste trabalho, mereceriam tamanho descrédito.

*Quem fica responsável pela visão panorâmica que cabia ao pauteiro?*

*B - Isso se fragmenta, não há mais ninguém que faça isso. Mas também, não quer dizer que esse sujeito saiba menos do que o pauteiro daquela época.*

### **3.3. José Augusto Ribeiro**

José Augusto Miranda de Souza Ribeiro é jornalista profissional desde os 18 anos. Seus pais foram Mário dos Passos Souza Ribeiro e Maria de Lourdes dos Santos Ribeiro. Nasceu no Rio em março de 1938. Era novo, ainda de meses e a família se mudou para

Curitiba, no Paraná, onde viveu até 1963. Até os vinte cinco anos. Foi lá que ele estudou, se formou e começou a trabalhar em jornal.

Como não havia a exigência do diploma de jornalista, começou a trabalhar profissionalmente no mesmo ano que ele entrou na faculdade de Direito da Universidade do Paraná, em 1956. De 1956 a 1963 trabalhou no jornal "O Estado do Paraná", de Curitiba. Quando voltou para o Rio em 1963 para trabalhar no Ministério do Trabalho, no governo, do Presidente João Goulart, foi trabalhar também no Correio da Manhã, que estava sendo dirigido pelo Jânio de Freitas. Ele tinha feito uma reforma revolucionária no Jornal do Brasil e estava fazendo outra no Correio da Manhã. Não sendo possível compatibilizar os horários do Correio da Manhã com o Ministério, ele largou o jornal. Trabalhou no "Diário Carioca, na revista "O Cruzeiro", na "Folha de São Paulo", na revista "Manchete", no "Jornal do Brasil", na "Ultima Hora", na revista "Fatos e Fotos", no "Correio da Manhã", no jornal "O Globo" e na TV Bandeirantes. Em rápidos intervalos trabalhou no Governo João Goulart, no Ministério do Trabalho, na Comissão Nacional de Sindicalização Rural (1963-1964). Foi assessor de imprensa na campanha de Tancredo Neves à presidência da República, nos anos de 1984 e 1985; função que também desempenhou na campanha de Leonel Brizola à presidência, em 1994. "A Era Vargas", em três volumes, é o seu quarto livro publicado. Constitui um dos relatos mais completos da época. Os anteriores foram "De Tiradentes a Tancredo, uma história das Constituições do Brasil (1987) ; "Nossos Direitos na Nova Constituição" (1988) ; e "Curitiba, a Revolução Ecológica" (1993). Em 1979, com Neila Tavares, fez o curta metragem "Agosto 24", sobre a morte do presidente Getúlio Vargas.

Da extensa entrevista realizada no dia 14 de outubro de 2004 na casa de vila em que José Augusto Ribeiro mora, em Laranjeiras, é reproduzido aqui o trecho se que refere à temática da pauta jornalística, tendo sido mantidos no Anexo os trechos que falam da vida particular e de profissionais que marcaram a trajetória de José Augusto Ribeiro.

José Augusto vivenciou o final do período da pauta *mista* e o início da pauta *interna*, que representou a organização da estrutura profissional dos jornalistas no jornal-empresa. Sua entrevista reflete o contundente compromisso político que a maioria dos jornalistas de sua geração teve com a profissão, e que contagia aos que conviviam com este ambiente.

*Em relação à pauta propriamente dita, quais foram as suas experiências ao longo desse tempo? No início, quando você começou, na época em que você fez os editoriais lá no jornal do Paraná, não existia a pauta propriamente dita, não é?*

*José Augusto Ribeiro – Naquele jornal não, mas acredito que havia nos grandes jornais no Rio e em São Paulo. Eu comecei em 1956. O Estado de São Paulo já era um belo jornal, tinha correspondentes, vários correspondentes no estrangeiro.*

*O primeiro jornal que você trabalhou foi Estado do Paraná?*  
*J – Estado do Paraná.*

*Não havia um pauteiro?*

*J – Não, não havia. Eu entrei lá como redator, o que depois passou a ser chamado de copy desk. Os repórteres eram muito despreparados, escreviam mal, em geral.*

*E de onde vinham as idéias da pauta?*

*J – O chefe de reportagem ia lendo os jornais e mandando fazer isso, aquilo. E muita coisa, num jornal em Curitiba, o noticiário nacional e internacional, vinha pelas Agências. Era uma coisa muito precária.*

*Telex?*

*J – Não, nem telex. Não existia telex ainda, vinham por rádio telegrafia. Tinha lá numa salinha nos fundos da redação um rádio-telegrafista com fone no ouvido. Então, o noticiário nacional era feito também com base na tesoura. Cortava os jornais do Rio e São Paulo, então no dia seguinte publicava as notícias que tinham saído nos grandes jornais.*

Veremos no terceiro capítulo os impactos profundos causados pela tecnologia e a conseqüente aceleração da produção na vida prática das redações. As conseqüências desta aceleração atingem quantidade e qualidade de produção, alternado conceitos que eram até então elementos essenciais do jornalismo, referências intocáveis, como a isenção e objetividade. Com a imensa quantidade de informações disponibilizadas pelos meios eletrônicos, com e sem fio, a qualquer um que tenha condição de acessar ou adquirir a mínima aparelhagem necessária, “o novo jornalista não decide mais o que o público quer saber. Ele ajuda o público a pôr ordem às coisas” (KOVACH e ROSENSTIEL, 2003).

*E chegavam a escrever os comentários assim no lado do papel?*

*Não, nesse noticiário não. Aí eu fui ser redator, fui reescrever coisas que eram escritas pelos repórteres, às vezes, eram passadas verbalmente até. Mas logo em seguida eu fui designado para ser o editorialista, ler os editoriais do jornal e também fazer a coluna política. Então, eu não tive muito contato com a reportagem.*

*Você ficava mais com a produção da notícia?*

*J – Com a produção da notícia. De vez em quando o chefe de reportagem me convidava para fazer uma reportagem que não era da área política, então, muitas vezes, eu viajei com o chefe de reportagem e com o fotógrafo, em geral o chefe da fotografia, para fazer um certo tipo de reportagem. Quando eu vim para o Rio, eu comecei a trabalhar no Correio da Manhã também como redator. Não tinha contato com reportagem, no noticiário da CPI do IBAD. O IBAD era uma organização que arrecadava dinheiro de empresários nacionais e estrangeiros para financiar a conspiração contra o governo Goulart. (...)Então, toda noite vinham muitas notícias sobre o IBAD e eu era o redator encarregado de colocar ordem naquilo.*

*Arredondar?*

*J - Arredondar. Aí fiquei no governo até o golpe de 1964 e fui então trabalhar de novo como redator no Diário Carioca. Aí eu fui ser Editor Internacional e depois fui ser editorialista também.*

José Augusto Ribeiro ainda vinha da linha humanista, com a formação de bacharel, que entrou para a imprensa por ter cultura e bom texto. Este perfil é um perfil típico da fase da pauta *interna*, que buscou organizar a produção das notícias em uma redação, instituir ordem na forma dispersa de edição diária dos jornais, que lembrava uma orquestra sem maestro, figura não por acaso freqüentemente associada ao pauteiro e aos editores no cumprimento de suas funções. São circunstâncias que caracterizam as necessidades específicas de uma fase, mas que guardam em si referências explícitas do que é importante observar e valorizar sem sucumbir ao corre diário da produção jornalística.

*E lá no Diário Carioca como era?*

*J – Eu não me lembro bem como é que funcionava a reportagem. Eram poucos repórteres e havia uma coisa, vamos dizer, que supria a*

*falta da pauta, que era o repórter de setor. Por exemplo, o grande repórter de polícia que conhecia todo mundo, conhecia o delegado. E quando havia alguma ele era avisado e avisava o jornal. Era, vamos dizer, um embrião de pauta. Foi chefe nesta época Ana Arruda. Foi a primeira vez que uma jornalista mulher ocupou uma chefia de reportagem na imprensa brasileira. E eu acho que ela teve alguma dificuldade, porque alguns machões lá não queriam receber ordens de uma mulher.*

Ana Arruda Callado, em depoimento à série Memória dos Cadernos de Comunicação da Prefeitura, em 2003, diz desconfiar que o convite de Zuenir Ventura para o cargo tenha tido uma boa dose de *marketing*... A primeira mulher a ocupar a chefia de reportagem de um jornal diário importante. Mas Ana já tinha uma carreira premiada. Ficou no *Jornal do Brasil* de 1958 a 1962. Deste período vieram alguns prêmios. Passou pela *Tribuna da Imprensa* e pelo *Correio da Manhã*.

*Jovem ainda?*

*J – Garota, garota. Eu tomei contato mesmo com a pauta foi numa primeira passagem pelo Jornal do Brasil, foi em 1969. O pauteiro do Jornal do Brasil era o Fernando Gabeira, que saiu para entrar na coisa da luta armada. Eu antes era redator, chefe de redação da Fatos e Fotos. E houve uma briga, uma confusão e era inevitável. E o Alberto Dines, que dirigia o Jornal do Brasil, que também tinha ligações lá com a Fatos e Fotos, me convidou para ser editor de pautas do Jornal do Brasil. Então, foi uma novidade para mim, uma experiência nova. Eu estreei no dia exato que seqüestraram o embaixador americano. Então, como eu estava no lugar do Gabeira, eu sei que tinha um camarada lá, que era o agente do FBI no jornal, que veio, assim, como uma conversa, assim, meio complicada pro meu lado. Talvez achando que eu tinha sido posto lá pelo Gabeira a quem eu não conhecia pessoalmente. Eu conheci o Gabeira dez anos depois quando com a anistia ele voltou para o Brasil. Eu já, neste primeiro dia, eu percebi o seguinte: a pauta é um elenco de tarefas previsíveis. Que tarefas são essas? Você sabe você lê no jornal que, por exemplo, o Supremo Tribunal vai julgar uma ação importante. Então, você põe lá na pauta para alguém ir ao Supremo tribunal acompanhar esse*

*juízo. Então eu descobri que a pauta era o elenco dos fatos previsíveis. Mais que o jornal, a pauta do pauteiro tinha que estar aberto para o imprevisível. No momento que chegou a notícia, eu trabalhava fazendo a pauta ouvindo a rádio Jornal do Brasil que tinha um belo serviço jornalístico na época e que depois foi liquidado. Então no momento que vem a coisa do seqüestro do embaixador americano, eu mudei. Na mesma hora eu comecei a sugerir reportagens, entrevistas sobre essa coisa toda. Embora sabendo que a censura a noite ia proibir uma porção de coisa. Mas a regra que prevaleceu, eu não sei se já estava estabelecida no tempo do Gabeira ou se foi estabelecida ali no momento que eu comecei, era o seguinte: a pauta tinha que indicar tudo que devia ser apurado independente ou não de censura. Então nós tínhamos, à noite, um volume muito grande de notícias proibidas pela censura, mas nós estávamos sabendo o que tinha acontecido. Quem foi o preso que apareceu morto, essa coisa toda. Era preciso ter isso até para lutar contra a censura. Então, fiquei uns dois anos, mais ou menos, fazendo a pauta do Jornal do Brasil. Quais eram os instrumentos? Agenda. A medida que eu ia lendo os jornais eu anotava na agenda tudo que era previsto para os próximos dias e até para os próximos meses. (...) Tinha que fazer o jornal com material previsível.*

*Sempre opções?*

*J – Sempre opções. Era assim que funcionava, então se você fosse ler hoje a pauta daquele tempo é uma coisa assim de quinze, vinte laudas. Em aparente desordem, porque de repente interrompe: seqüestro do embaixador, aí vem outras coisas da rotina e volta ao seqüestro. Por que? Porque saiu uma notícia no rádio que acharam um manifesto seqüestrador. Então, entre seis e meia da manhã e meio – dia e meia é que eu fazia a pauta, aí eu ia almoçar, no próprio jornal e depois as duas e meia tinha a primeira reunião de editores, em que os fatos do dia já eram analisados e avalizados do ponto de vista editorial. Nessa reunião eu podia acrescentar coisas novas à pauta. Então, como é*

*que eu vou dizer, ela era um roteiro seguro para evitar que o jornal deixasse de ter alguma notícia importante.*

*Então vamos retomar porque este ponto para mim é muito importante. A sua estrutura de percepção sistemática, que era organizada pela agenda, o próprio jornal.*

*J – Os jornais, eu lia todos os jornais.*

*Sim. Todos os jornais, além do próprio jornal que você lia obrigatoriamente, claro, para dar uma linha de continuidade, os jornais todos. A rádio JB.*

*E o que mais?*

*J – Basicamente era isso, mas eu também incluía muito na pauta o produto da minha observação pessoal.*

*Isso que eu queria que você dissesse, mas eu não queria dizer (risos).*

*J – Eu me lembro que eu via. Eu morava em Santa Tereza e eu descia naquele bondinho que parava ali perto do Largo da Carioca. Um dia, não sei se foi de manhã cedo, de manhã cedo não, porque não tinha movimento nenhum. Eu descia no bondinho, comprava o jornal no Largo da Carioca e nesse momento estava abrindo uma daquelas leiterias que tinha ali e eu tomava o café da manhã na leiteria já lendo o Jornal do Brasil. Eu estava dando a volta ali para estação do bondinho para pegar o bonde para voltar para casa e tinha ali um ponto do jogo do bicho. O ponto do jogo do bicho é indiscutível, os papeizinhos, aquela coisa toda. E eu vi uns PMs ali confraternizando com os bicheiros. Aí eu pus na pauta, parece que tem uma confraternização. Então, eu pus um dia na pauta e acho que foram lá fotografaram e acabou que deu uma (repercussão). Então, eu aprendi como essa observação pessoal é importante. Tempos depois quando eu fui representar o Jornal do Brasil num seminário internacional de editores de jornal da Universidade de Columbia, em Nova York. Columbia tem o melhor curso de jornalismo do mundo. É um curso de pós – graduação que não precisa ser bacharel de comunicação para*



*entrar, sendo jornalista com ou sem diploma fazendo lá uma prova de qualificação já é suficiente. É uma escola maravilhosa. Jornalismo mesmo. O convidado principal do seminário daquele ano era um jornalista famoso. Era o jornal desse jornalista que os analistas achavam que era o mais bem feito. Melhor que o New York Times, essa coisa toda. E esse editor do jornal, uma das coisas que ele disse, ele fez um bate-papo conosco muito informal, ele contou como era a rotina dele no jornal e tal e deu sugestões. Uma das sugestões que ele disse que ele aplicava era o seguinte: uma vez por semana não punha os pés no jornal. Ele ia ver a vida da cidade. Então ele sentava na praça, lia o jornal na praça, via as crianças brincarem, as pessoas, coisa e tal. As vezes passava na prefeitura e ia encher o saco do prefeito: “como é que é aquele buraco lá no sei onde que não resolve... falta d’água em tal lugar..”. Ele não ia para o jornal. Mas no outro dia quando chegava no jornal.*

Neste aspecto, uma visão comum aos grandes pauteiros cariocas: a necessidade da observação direta, absorvendo as impressões e os comentários das pessoas comuns, cruzando estas informações com as grandes diretrizes políticas, econômicas e sociais do momento.

#### *Uma riqueza*

*J – Uma riqueza. Ele dizia assim: “Procure viver da mesma forma que seu público leitor”. Então, já era uma época que a profissão do jornalismo começou a ser bem paga, todo mundo estava comprando carro, mas eu fazia questão de usar o transporte coletivo que é onde se vê muita coisa. Eu me lembro que anos depois eu já estava na televisão, eu estava no metrô e tinha um camarada, estava na época da eleição de oitenta e nove, a primeira eleição direta. E eu vi que um camarada do metrô olhava para mim o tempo inteiro. Aí foi parando numa certa estação ele se levantou para sair, ele desviou passou por mim e disse assim: “aquela astróloga do Afif é fajuta né? Ela é assessora do Afif”. E era. Então essa observação pessoal era muito importante. Que não era só minha. Quer dizer, muita gente do jornal, vinha dar essas informações. Houve até um episódio no Jornal do Brasil que eu não testemunhei, mas no qual soube no dia seguinte. O Aluísio Flores era um dos principais redatores do jornal e morava em*

*Copacabana, naquele começo. Uma noite ele voltando do jornal ele desceu do ônibus ou do táxi e viu uma coisa qualquer, uma briga no bar, uma coisa assim. Telefonou para o jornal e o pessoal que estava lá, os últimos redatores, então começaram a debochar: “Ah, aí o Florita virou repórter!”. Eles não levaram a coisa a sério e não deram a notícia. Só que o Globo deu a notícia e o Jornal do Brasil ficou mal por não ter dado a notícia, porque foi um troço que depois engrossou. Então, a orientação que eu recebi, que ao mesmo tempo em que era recebida era espontânea, era nunca desprezar a observação pessoal de quem quer que fosse. Então, por exemplo, os contínuos no jornal, davam informações ótimas porque moravam no subúrbio, eles iam de trem. Coisas que poucos repórteres faziam. Um contínuo que me avisou: “estão construindo um muro lá perto da estação”. Não sei de onde, Quintino, Deodoro, Marechal Hermes. Muita gente todo dia atravessava a linha do trem e era atropelado pelo trem. Aí a Central do Brasil resolveu construir um muro de um lado e de outro da linha para impedir, ou pelo menos, dificultar. E essa coisa virou notícia. O muro da Central foi acompanhado com a mesma constância que um muro de Berlim na época da Guerra Fria. E os contínuos se sentiam muito estimulados, muito orgulhosos porque uma informação deles foi levada a sério. E eu levei isso depois para o Globo, aí no Globo eu já era editor chefe do jornal. Eu levei isso para o Globo: não façam pouco das informações que vem espontaneamente pro jornal. Então, a pauta era uma espinha dorsal de eventos jornalísticos previsíveis. Claro, que se o seqüestro do embaixador americano, ao invés de ser às dez horas da manhã fosse às cinco horas da tarde, já não tinha mais pauta. A pauta fica pronta ao meio dia. Mas a partir daí tinha, às vezes, uma pauta permanente que eu conheci melhor no Globo porque muita coisa fui eu que introduzi. Então, por exemplo, no Globo eu descobri como o Dr. Roberto Marinho era um grande jornalista. Posso ter discordâncias em relação ao Roberto Marinho empresário, Roberto Marinho político, agora, como profissional do jornalismo não faz por menos. Um grande jornalista. Então, duas coisas para ele eram sagradas: O*

*Globo não podia deixar de publicar nenhuma notícia que estivesse no Jornal do Brasil que era o grande competidor da época. Então de madrugada, nós contratamos um sub-editor para ficar de madrugada de plantão, no caso de surgir alguma notícia que justificasse aquela coisa cinematográfica: “Parem as máquinas!”. E introduzia uma nova notícia no jornal, até uma nova manchete no jornal. Então, esse sub-editor recebia um, não sei se era, um motociclista ou um motorista do jornal que ficava na sede do Jornal do Brasil e quando o Jornal do Brasil começava a sair, ele comprava, levava para redação do Globo e este sub-editor, que era o (Deodato Maia), tudo que estava no Jornal do Brasil e que não estava no Globo ele recortava, colava em folhas de papel. Isso ia para o Evandro Carlos de Andrade, diretor de redação e às vezes ia para o Dr. Roberto que ficava furioso quando o Globo não tinha dado alguma notícia. O meu único revide possível era poder responder a ele assim: Dr. Roberto essa notícia não está no Globo de hoje já estava no Globo de ontem. Do qual foi copiado. Mas ele não se dava por vencido: “Vocês deveriam ter feito uma (suíte) da notícia. Se o fato é importante ele não morre no dia que é noticiado. Então, eu mudo o conteúdo da reclamação, minha reclamação está de pé!”. Então, isto era sagrado para ele e era levado muito a sério. Como ele próprio reconhecia, o Globo tinha ficado muito anêmico financiando a montagem da TV Globo. A ida do Evandro para lá foi uma retomada. O Dr. Roberto resolveu investir de novo no Globo. Praticamente o Globo não tinha sucursais. Aí eu propus, isso é uma coisa que pode parecer humilhante, mas eu prefiro esta humilhação. Nós contratamos os serviços da Agência Estado. Ele concordou e saía lá: Brasília Agência Estado, que era uma coisa humilhante para um jornal. Enquanto isso nós fomos montando uma rede de sucursais, de correspondentes. Foi Henrique Cabã que montou tudo isso. Mas onde tivesse informação a gente estava atrás o dia inteiro. Então, por exemplo, tinha uma pessoa que ficava lá ouvindo rádio o dia inteiro. Tinha até uma equipe para trabalhar vinte e quatro horas seguidas. Então havia, sei lá, entre seis horas da manhã e meia noite sempre alguém ouvindo os noticiários de rádio,*

*para qualquer coisa que houvesse acionar a reportagem, as sucursais, ou os correspondentes. Havia também o dia inteiro uma equipe que ficava telefonando para todas as delegacias de polícia para saber o que estava acontecendo.*

*A ronda.*

*J – A ronda. Só que nós fizemos o seguinte. Em vez de ir só para o chefe de reportagem, por exemplo, a rádio escuta era datilografada, reproduzida em mimeografo, não tinha xerox na época e era encaminhada a todos os editores. Era uma tentativa de ação transdisciplinar. Porque podia haver alguma notícia local que fosse de interesse da editoria de economia. Alguma coisa que pegasse no rádio que fosse de interesse da editoria internacional. E na ronda da polícia, só excepcionalmente que se passava para outra editoria.*

*O que era passado para todos? Para essa visão multidisciplinar?*

*J – O que pudesse interessar.*

*Quem fazia essa determinação? Essa escolha?*

*J – Eu*

*Editor chefe.*

*J – Editor chefe. Uma coisa que eu sugeri ao Evandro e ele concordou que isso acabasse, era a reunião diária dos editores. Porque nessa reunião era feita uma avaliação do jornal daquele dia. E não sei se foi nesse seminário em Nova York, em algum lugar, eu ouvi uma coisa que me impressionou muito que foi eu acho que funciona muito bem. Não só no jornal como em empresa, serviço público, a crítica deve ser sem testemunhas. Então, nessa reunião que se fazia à crítica do jornal, às vezes, acontecia de uma enxurrada de dias a mesma editoria ficava com alguma deficiência, alguma crise. Aquele editor era o Judas do sábado de aleluia. Ele apanhava todo dia. Ele já entrava humilhado. Aí eu (pensava) como é que o sujeito vai produzir na sua melhor capacidade se ele já vai para reunião*

*humilhado? Então acabamos com a tal da reunião e eu despachava em separado cada um dos editores, aí eu passava para eles as reclamações do Evandro e do Dr. Roberto sem testemunhas. E eu percebi como isso funcionava.*

*Implicou no crescimento. Substituiu a reunião de pauta?*

*J – Substituiu. Ao mesmo tempo o editor me dizia o que é que tinha na área dele. E dependendo do que fosse ou eu mesmo avisava ou pedia que fosse avisado o outro editor. Então, por exemplo, uma boa parte do noticiário internacional que vinha pelo teletipo das Agências era de interesse da economia. Eu aprendi no Le Monde, eu nunca fui no Le Monde em Paris, mas eu conhecia o correspondente do Le Monde aqui no Rio. Aqui nos nossos jornais a função de separador de telegramas é uma função quase subalterna. Se facilitasse deixava para o contínuo fazer. No Le Monde, a editoria internacional tem um chefe, um editor e quem faz a separação dos telegramas é o subeditor. Porque quando ele está fazendo aquilo, ele não está simplesmente organizando aquilo, ele está tomando decisões de conteúdo editorial. Então, no Globo essa coisa passou a ser feita por um dos subeditores internacionais. Um jornalista assim de alto gabarito. Então o que era já para economia ele passava, o que era, vamos dizer, que fosse, naquela época tinha muito, noticiário sobre esses grandes exilados brasileiros: Brizola isso, Jango aquilo. Aí passava para editoria nacional e conforme a importância passava para mim. A regra era a seguinte. Também tinha o problema da censura e da orientação do jornal. Os editores tinham liberdade absoluta de me interromper em qualquer momento para me passar alguma informação. Se eu tivesse conhecimento da informação, qualquer consequência daquilo, a culpa era minha. Agora, se eu não tivesse sido informado, a responsabilidade era deles. Então, o meu princípio valia na minha convivência com o Evandro. Então, tudo que eu comunicava a ele passava a ser de responsabilidade dele. E, as vezes, até ao Dr. Roberto pessoalmente: “Faça tal coisa!”. Ok, a responsabilidade era do Dr. Roberto. Então, isso é um sistema de pauta permanente. A*

*mentalidade, isso não era uma coisa inconsciente, a mentalidade era essa, a pauta é permanente como Trotsky queria que a revolução fosse permanente. Você está o tempo inteiro pautando o jornal.*

*Essa é a segunda coisa que você falou que aprendeu com o Dr. Roberto?*

*J – Uma obrigação que eu tinha era assistir o Jornal Nacional. Durante o Jornal Nacional eu não podia nem atender ao telefone, nem sair da minha mesa, nem sequer ir ao banheiro. E um dia eu não atendi ao telefone. Aí vem a telefonista: “Dr. Roberto está no telefone para falar com o senhor”. Então eu pensei que era uma coisa urgente e fui atender. Ele disse assim: “porque que tu atendeste?”. Eu disse que a telefonista chegou aqui. Ele respondeu: “Isso foi um teste que eu fiz! É para não atender”. Ele dizia que não podia o Jornal Nacional ir para um lado e o jornal ir para o outro. A não ser que aquele fato que era destaque no Jornal Nacional fosse superado, uma coisa assim. Mas eu tinha que acompanhar do começo ao fim. Então, você vê, nós o tempo inteiro estávamos repautando o Globo.*

*Agora, explica um pouco melhor esse não poder ir para um lado a tv e o jornal ir para o outro? Como é que é isso?*

*J – Alguma coisa que a tv atribuiu muita importância.*

*O jornal colocava na segunda parte, lá no fundo.*

*J – É estava lá no fundo. Então, aí você, se foi um erro de avaliação deles, você no texto dá um jeito de compensar e tal. Mas o que saiu no Jornal Nacional tem que está em destaque no Globo.*

*Isso é uma coisa interessante porque do ponto de vista da história do processo, elevado a enésima potência, você tem aí a questão do comprometimento das empresas com várias frentes de informação. Então, quando não existe um jornalista, à frente, com uma idoneidade, vamos dizer de escolha, todos os veículos ficam comprometidos com aquela mesma leitura.*

*J – Uma coisa que eu vejo com uma certa freqüência nos jornais é a mesma foto aparecer em páginas diferentes. Quando é um acontecimento muito importante isso não acontece. Mas, às vezes, tem aquela foto que é só interessante.*

*Curiosa.*

*J – Eu já vi, aparece assim numa foto de noticiário e não (acumula). Ou seja, eu não acho que seja mais democrático fazer menos controle do produto editorial dos jornais. Não acho. Por exemplo, certos colunistas fazem até fazem a diagramação da coluna deles e essa coluna não é lida por ninguém. Os artigos dos colaboradores habituais não são submetidos a nenhuma forma de censura, mas eu não acho que isso seja mais democrático. Eu acho que alguém no jornal tem que saber tudo o que está sendo publicado. Até na imprensa americana há uma figura, que varia de título, que em geral é um advogado que vai lendo tudo, a Veja tem isso, figurado como diretor responsável, não sei se figura. Esse advogado lê tudo, do ponto de vista que nos Estados Unidos chamam de (Labol law), as leis dos crimes contra a honra. Então, às vezes, uma coisa escapa e é ofensiva de alguém, você tem que saber se vai dar ou não. Então, essa coisa também da leitura do que vai sair no jornal, de repente num artigo de um colaborador tem uma informação que deve ser apurada. Eu canso de ver, hoje no Globo, o Anselmo, a coluna dele dá uma notícia, no outro dia o jornal dá o desenvolvimento dessa mesma notícia. Dependendo do que seja, não estou dizendo que vai subtrair do Anselmo, do trabalho dele, aquela informação que é exclusiva, mas você tem que colocar (aquela que) está no jornal. Acontece, às vezes. Eu acho que no caso da coluna do Anselmo, há uma boa interface, de modo que se tenha alguma coisa lá que merece notícia da primeira página, em geral está na primeira página. Um negócio que rendeu um mocado foi aquela modelo Luma em não desfilar no carnaval e aí veio a informação de que ela estava grávida, depois não é que estava grávida, mas estava separando, briga com marido. Rendeu bastante. É uma coisa menor e eu não tenho muita simpatia*

*por esse jornalismo de celebridade, porque a celebridade é fabricada, é uma coisa artificial. Mas enfim, no momento em que foi publicada essa notícia isso despertou interesses. O que eu quero dizer é que nesta suposta democratização de não censurar nada, escapa muita coisa.*

*Você citou a questão da coluna e a questão coluna, hoje, se afigura de uma maneira muito peculiar. Primeiro porque como não existe a figura do pauteiro, quase que os colunistas ficam no lugar de uma espécie de pauteiro (feique). Porque são em primeira mão e pautam o jornal. Sempre foi assim? O espaço das colunas que existe hoje nos jornal, especialmente das colunas sociais, era assim?*

*J – Olha, quando eu fazia a pauta do Jornal do Brasil, eu lia todos os jornais e olha o monte de jornal que tinha naquela época. E eu lia, inclusive, as colunas sociais. Havia muita informação política interessante, até minha obrigação era ler tudo. Mesmo os jornais menos importantes, eu lia todos.*

*Como pauteiro?*

*J – Como pauteiro. Depois não. Já como editor chefe. Quer dizer, como editor chefe eu não deixei de ser pauteiro. Eu, por exemplo, chegava no jornal à tarde e saía de lá tarde, meia noite, uma hora da manhã. Mas eu ia lendo os jornais de manhã e telefonava para redação: olha essa coisa está na pauta? Ou seja, eu estava interferindo na pauta, eu estava colaborando com a pauta. A pauta era a espinha dorsal, a gente sentia muita segurança. E eu não sei como é, não se hoje se faz nos jornais, o que a gente chamava de botejo. Aquela coisa que um editor fazia de madrugada vendo o que tinha saído no Globo, o que tinha saído no Jornal do Brasil para cobrar as notícias que saíram no Jornal do Brasil e não saíram no Globo.*

*A maioria dos jornais hoje faz uma reunião de pauta em que ele coloca todas as primeiras páginas e vê o que saiu em um e o que saiu*



*em outro, o que saiu bem e o que saiu mal no próprio jornal e põe um sinalzinho de mais e de menos publicamente. Mas eu não percebo, pelas entrevistas que eu fiz e nas reuniões de pauta que eu assisti, esse contexto de manutenção da ligação do editor-chefe com o que está acontecendo.*

*J – Quer dizer o jornal hoje em dia surpreende o editor chefe?*

*De alguma maneira ele tem o controle porque ele está em contato permanente com os editores, mas ele não é o gerador das coisas. Por exemplo, na reunião de pauta, que eu assisti no Jornal do Brasil, foi exatamente no momento em que eles não estavam há muito tempo no prédio aqui da Primeiro de março. Era a Sonia Araripe a editora chefe. E a reunião aconteceu numa mesa no saguão de entrada com abre e fecha de elevadores e um movimento de entrada e saído. Quer dizer eu fiquei muito impressionada com isso. Em frente ao elevador do saguão, você fazer a reunião de pauta. No elevador de um edifício público.*

*J – Se o jornal tem um furo o ascensorista vai lá em baixo telefona para Globo.*

*Mas não tem mais essa gana.*

*J – Não, eu sei. Eu sei que não tem.*

*Então é isso, essa coisa é mais fluida. Não tem essa coisa, assim, esse controle, esse domínio de cena do editor-chefe. O principal controle, aparentemente, é muito mais comercial.*

*J – Aconteceu outro dia, o Supremo Tribunal deu início ao julgamento de uma ação. A sessão foi transmitida, aqui em casa eu assisti ao julgamento. E no outro dia os jornais não deram nada. Agora, porque aí há uma predisposição que é esta coisa privatista que nos invadiu. Quando a Petrobrás, a Agência Nacional de Petróleo faz uma licitação de área de petróleo sai coisas imensas, páginas inteiras nos jornais. Quando o Supremo julga uma ação que contesta a legalidade dessa licitação não sai nada. Agora, o papel do jornal é informar.*

*Pode até publicar um editorial dizendo assim: “O Supremo Tribunal não tem nada que dar palpite nisso, é bobagem” Agora a notícia tem que ser dada. E eu noto muito este descompasso. Já me aconteceu de ler na Tribuna da Imprensa que é tão pequena, uma notícia sobre o Berluscone, primeiro ministro da Itália, elogiando Mussoline e os grandes jornais não deram, só deram no dia seguinte. Quer dizer, não é que não tivessem a informação, se a Tribuna recebeu por uma Agência de Notícia, como é que os grandes jornais não receberam? Aí também é uma questão de pauta. O editor decidiu que aquilo não tinha importância e suprimiu. Um dos escândalos financeiros dos anos recentes, não lembro se era daquele (Catiola) ou era um outro, a Tribuna da Imprensa deu a notícia e os outros jornais não deram. Eu perguntei ao Hélio como é que a Tribuna tão pequena conseguiu a informação e os outros? Ele disse que não havia sido só a Tribuna que tinha conseguido a informação. Os outros tinham, mas resolveram não publicar porque acharam que não tinha importância. Mas era, tanto que, nos dias seguintes, virou um caso, o cara foi preso e depois foi para exterior. Por exemplo, se na minha época, lá no Globo, houvesse uma coisa dessas o Dr. Roberto ia ficar furioso.*

*Eu estou propondo na minha tese uma classificação histórica para a existencncia da pauta sobre a qual eu gostaria de saber sua opinião. Uma classificação dentro do parco período que a pauta existiu com identidade própria, tendo uma identidade própria, um lugar, um cargo. O primeiro profissional de imprensa que teve cargo no Ministério do Trabalho de pauteiro foi Luciano de Moraes.*

*J – Ele foi pauteiro na minha época de editor do Globo*

*Ele foi o primeiro no JB.*

*J – Ah é, na nomenclatura legal, cargo de carteira.*

*É, em carteira.*

*J – Ah sim, no Jornal do Brasil, por exemplo, eu era editor. (...)*

*Já com o Dines?*

*J – Já com o Dines. Na verdade, nem era editor, era chefe de departamento. Era, assim, uma organização muito racional. A editora edita, eu não, eu não editava. Eu estava na retaguarda. Então, por exemplo, pesquisa não era editoria, era departamento. A pauta não era editoria, era departamento. Então, editoria editava. Era, sei lá, nacional, internacional, cidades, esporte, economia.*

*Então a pauta era parte do departamento de criação e controle?*

*J - O meu cargo era chefe departamento de criação e controle. Só que era um departamento do eu sozinho.(...)*

*Como você vê as mudanças que virão pela frente?*

*J – Eu acho que a mudança vem no seguinte. Quando se passou para esse jornalismo conformista dos nossos dias. Não há nem competição que havia pelo leitor. Ao mesmo tempo que o jornal se torna conformista, esses cuidados todos são relaxados. Antigamente a linha reacionária dos jornais era imposta de cima para baixo. De vez em quando, alguns analistas eram demitidos porque fez alguma coisa que não deveria ter feito. Hoje, duas profissões foram cooptadas pelo ideário do neoliberalismo, a economia e o jornalismo. Então não há mais necessidade deste controle de cima para baixo, há um relaxamento que também reduz a qualidade dos jornais. E esses jornais, pela informação que eu tenho, as tiragens médias estão em queda. Em queda, radical. Tem a competição da tv. Muita gente já não compra jornal, vê a tv. Uma coisa que eu percebo, cada vez mais, são pessoas de classe média que antigamente liam O Globo, Jornal do Brasil e passaram a ler O Dia e O Extra.*

*Por quê?*

*J – Porque são mais baratos. Você lê mais rápido.*

### 3.4. Alberto Dines

Alberto Dines é um dos nomes mais importantes da imprensa brasileira. Nasceu no Rio de Janeiro, dia 19 de fevereiro de 1932, na Beneficência Portuguesa. Seus pais moravam no Catete em uma pensão, o que naquela época era muito comum.

O depoimento de Dines é um registro de grande importância, porque contribui de forma significativa para a avaliação de um processo em que o próprio Dines atuou como agente, de forma direta. À sua capacidade crítica, junte-se a prática desenvolvida durante cinquenta anos de atuação profissional e o comando do Observatório de Imprensa, projeto *online* de avaliação constante da mídia pela própria mídia, gestado em Campinas, no Laboratório de Jornalismo da Unicamp, também dirigido pelo jornalista.

*Alberto Dines - Cheguei no JB seis anos depois da reforma do Odylo. Seis anos são uma eternidade. Respeitei a reforma, aos pouquinhos fomos evoluindo na reforma... Mas quando eu cheguei, já tinha um pauteiro. Era o Armando Nogueira, e ele continuou fazendo a pauta durante algum tempo. E, à medida que o jornal foi crescendo, a pauta foi crescendo também. O jornal abrindo o seu noticiário, evidentemente, o pauteiro segue isso e vai abrindo mais.*

Esta abordagem revela a perspectiva analítica que caracterizou a linha editorial do Jornal do Brasil em um de seus períodos mais criativos. Esse período foi especialmente renovador. O JB chegou a ter um Departamento de Criação e Controle, conforme citado por José Augusto Ribeiro.

*D - Depois do Armando, não tenho a parte cronológica, mas acho que o seguinte foi o Gabeira. Muito criativo... deu uma contribuição muito grande à pauta. E finalmente, à medida em que as editorias cresciam – e nós já tínhamos até uma editoria de notícias, que era uma grande chefia de reportagem geral – começamos a ver que a pauta precisava ser repensada. Percebemos que as pautas tinham que ser descentralizadas, porque senão seria uma pauta grande demais. O JB foi o introdutor das editorias e elas foram crescendo, ganhando vida própria. Economia, que antigamente era só a página de cotações, de repente começou a ter matéria, ter repórter, e aí precisava de uma pauta.*

Aqui evidencia-se a organicidade da dinâmica do Jornal do Brasil à época. O movimento de produção gerava a necessidade de reordenamento, quase uma exceção na grande imprensa, em geral presa aos modelos administrativos já implantados, às pressões econômicas circunstanciais (quando não crônicas), ou às injunções políticas determinantes do próprio fluxo de capital disponibilizado pelo mercado financeiro ao veículo. Estes os grandes engessamentos das empresas jornalísticas brasileiras.

*D - Além disso, havia um problema “mecânico”. A pauta atrasava o jornal. O pauteiro tinha ainda que ler todos os jornais... isso atrasaria tudo. Nós, então, começamos a discutir o assunto. O JB era um jornal que discutia muito a parte técnica. Nós tínhamos duas reuniões por dia para discutir o jornal do dia seguinte, mas também para fazer uma reflexão*

Esta observação de Dines leva por si a uma reflexão: por que, nas escolas de comunicação, não há disciplinas voltadas para a administração jornalística? Não há registro na Uff, na Facha, na Universidade Veiga de Almeida, ou na PUC, de disciplinas que favoreçam uma visão administrativa e gerencial voltada para a redação ou mesmo para a parte empresarial do jornal, propriamente dita. Esta omissão favorece a falta de engajamento do estudante numa realidade que hoje em dia leva fundamentalmente em questão a perspectiva do jornal como negócio, fazendo as balizas de formatação das redações se referenciarem aos métodos mais modernos de organização empresarial. Não se deve com isso entender que há aqui a valorização de determinados aspectos constitutivos da estrutura gerencial de empresas de comunicação profissional em detrimento de outros, mais próximos da perspectiva jornalística crítica, romântica ou combativa. O que há, de fato, é a necessidade de um preparo mais consistente dos quadros profissionais do jornalismo brasileiro, carentes de uma estrutura técnica e intelectual mais sólida.

*D - Então, o Armando achou que as pautas podiam ser descentralizadas. Realmente, a pauta é uma invenção brasileira, mas não quer dizer que seja uma boa invenção brasileira. Serviu num determinado momento, porque os jornais eram todos desorganizados. O modelo do chefe de reportagem era a figura do Alves Pinheiro, do Globo, uma figura mitológica, e a pauta era o que ele achava que tinha que ser coberto. A pauta representou, digamos, uma coordenação. Naquela época havia repórteres de setor, que cobriam sempre a mesma área, aquele repórter que ia cobrir os hospitais, o*

*que ia pro cais do porto etc, então, precisava organizar isso tudo. A pauta, de certa forma, organizou a bagunça. Só que, como sempre acontece, e esse é um processo dialético, essa organização “engessou”. Ela veio resolver um problema e acabou virando outro problema. A solução virou um problema. Isso é dialético. Na época, estávamos percebendo que ela ficou gigantesca, era um cata-tau, fisicamente, para fazer cópia etc não era prático, era uma operação muito grande. Nós, então, achamos que tínhamos que simplificar o jornal.*

Aqui, a confirmação da surpreendente informação de que a pauta, enquanto instância específica no processo de produção da notícia, é uma criação brasileira. Uma criação extraordinária, por que reflete a inventividade de uma cultura aberta a adaptações funcionais. Não se pretende aqui idolatrar modelos cristalizados.

*D - Na mesma época, havia também um outro gargalo que também foi inventado para resolver um problema e passou a ser um problema em si, que era o copy desk. O jornal era escrito duas vezes. Eu acho que a pauta é uma invenção brasileira, porque, em 64, eu fiz uma corrida por jornais americanos e eles não tinham isso. Tinha o que eles chamam de assignment (as tarefas), mas de cada setor. Não chegava a ser pauta, porque era muito setorizado, descentralizado, e ao mesmo tempo, o repórter americano é o pauteiro dele mesmo, porque ele está por dentro do que está acontecendo naquela sua área especializada. Foi um pouco isso que a Gazeta Mercantil fez desde saída. A reforma que o Roberto Muller fez (anos 60 ou 70) era assim: o repórter fazia a sua matéria, deixava uma sugestão para o dia seguinte, e no dia seguinte, tinha um secretário, um editor ou chefe de reportagem que pegava as sugestões e sabia o que estava sendo feito, o que era uma coisa muito mais dinâmica; quem está na rua (o repórter) está sabendo o que está acontecendo... sempre há um grupo, em geral mais velho, que dá as grandes dicas. Tínhamos também um grande reforço no JB, que era o dep. de pesquisa, que não era apenas um biblioteca ou arquivo, e sim, também um produtor de informações, e ele também enriquecia a pauta de assuntos históricos. Esse departamento acabava sendo um pouco de pauta também; não é à toa*

*que o Gabeira era pauteiro e foi editor da Pesquisa. Em suma, o que aconteceu no JB é que ele criou uma solução, mas essa solução, com o passar do tempo, virou um problema.*

*Um problema só pela questão do tempo?*

*D - Do tempo e do engessamento, que tirava a criatividade do repórter. Isso acontece em qualquer operação, processo. Na medida em que existe um mecanismo muito forte, ele suplanta a atividade criadora individual, isso é normal, e nós detectamos isso. Começamos a tentar tornar a pauta uma coisa não tão grande, nem tão engessada, e mais participativa.*

*Se por um lado a pauta “engessa”, a ausência dela não pode nos conduzir novamente para aquele estágio anterior da desorganização?*

*D - Não, mas aí, você tem um grupo de jornalistas no comando, que dá as direções. O pauteiro não tinha tempo de determinar as investigações. Tinha tempo de bolar suítes. Hoje, o jornalismo investigativo teria de ser um jornalismo de faro de repórter, que está na rua observando. Em resumo, a pauta foi uma solução centralizadora numa época em que o jornal era feito aleatoriamente – o repórter, o chefe de reportagem que anotava num papelzinho etc – foi uma evolução, centralizou, coordenou. Mas ela fez isso de tal forma, e com tal perfeição, que passou a ser um problema. Quanto à última pergunta, a Globo começou em 65. Eu fiz um memorando de umas 10 ou 12 laudas interno para as editorias, falando sobre o competidor que o jornalismo impresso passaria a ter que era a tv, com uma empresa forte, apoiada pelo grupo Time Life, e então, nós tínhamos que repensar o jornalismo impresso diário. Essa era uma discussão que já vinha nos EUA desde meados dos anos 50. Então, eu fiz uma série de sugestões sobre o que deveria ser o jornalismo impresso. Então, nós fizemos modificações importantes no JB. A editoria de pesquisa passou a produzir matéria (até então, só assessorava o repórter).*

*Com quem fica o papel da visão panorâmica?*

*D - Com a cúpula, os editores ou diretores, depende da estrutura do jornal. Eu acho que os jornais brasileiros ainda não encontraram a solução contemporânea, que nós naquela época, para aquela época, encontramos. Não se tem uma solução operacional, logística contemporânea, porque ninguém para pra pensar. O JB tinha essa vantagem, nós parávamos para discutir, consertávamos o avião em pleno voo. Cada jornal tem que encontrar a sua solução. Foi esse o caso do JB, nós não estávamos procurando uma solução para a mídia brasileira, e sim, para o próprio JB.*

### **3.5. Luciano de Moraes e José Gonçalves Fontes**

A força do depoimento vivo, desordenado e intuitivo, mantida na reprodução de trechos das principais entrevistas com jornalistas pauteiros (quase um pleonismo...) para o corpo da tese, o que não é usual, contrasta com o registro biográfico e a trajetória de dois homens que já fizeram a passagem para o lugar de onde vem o Mito. Este contraste da expressão da história oral com o ordenamento estrutural do registro histórico-biográfico faz paralelo com outro processo dicotômico: o contraste do dia a dia urgente e pragmático do jornalismo diário com a proposta de sistematização da pauta jornalística, como referência instrumental para a ponderação necessária ao cumprimento ético e técnico adequado ao exercício consciente da profissão.

É mais fácil falar dos mortos. E ao mesmo tempo, que dificuldade. A fala muitas vezes é confusa, irregular, atropela conceitos e acontecimentos interpretados sem rigor. O escrito é incompleto, não traz em sua estrutura formal a riqueza da manifestação humana em todos os seus tons e sub tons.

O registro de uma atividade como o jornalismo, no entanto, resume tudo isso – até o sentimento de busca permanente da vitória, a perseverança em recomeçar a cada dia um trabalho sem fim. E longe de querer modificar esta sina intrínseca à profissão, o jornalista gosta dela, vive nela e por ela. Nesta sina caminha pelo labirinto de sua existência, com ou sem o Fio de Ariadne. Registro acadêmico de um trajeto existencial, este capítulo inclui os nomes de Luciano de Moraes e José Gonçalves Fontes também como uma homenagem



aqueles que entraram fundo no labirinto, mas só eles sabem se conseguiram matar o monstro e voltar com o fio.

José Amaral Argolo, repórter de intensa experiência no jornalismo investigativo, identificava-se com o envolvimento pessoal destes homens na atividade profissional que desenvolviam. Aquelas pautas fantásticas apuradas com a força de quem desbravar a verdade, porque nisto viam sentido – a justificativa podia ser a ocupação de um vão de ponte por mendigos ou a venda superfaturada de comida para Escolas públicas. Luciano de Moraes, 47 anos dedicados ao jornalismo, era um destes. A descrição detalhada sobre a rotina do pauteiro releva como Argolo admirava a maneira metódica, sistemática, paciente, despojada e articulada de Luciano de Moraes trabalhar:

O homem que, com criatividade, sensibilidade e talento elaborava a pauta da Editoria Grande Rio do Globo chamava-se Luciano de Moraes. Era de baixa estatura, gordo para além do desejável segundo recomendam os cardiologistas, usava barba e vestia quase sempre calça de brim e camisa folgada de mangas curtas. Luciano, para aqueles que o conheceram circunstancialmente ou com ele trabalharam em outros diários e/ou emissoras de televisão, foi um dos mais respeitados e completos jornalistas do seu tempo e, penso eu – “seu aluno constante e dedicado” durante quase dois anos em que atuei no plantão da madrugada no *Globo* – o melhor pauteiro deste país. (...) Conheci Luciano de Moraes na segunda metade dos anos setenta, quando era jovem repórter e ainda com alguns vícios de redação próprios de quem cursara a antiga e conceituada Faculdade de Direito da Universidade do Estado da Guanabara (atual UERJ) (...) Luciano chegava por volta das três da madrugada e o fazia consciente de já estar bem informado. Ouvia rádio, muito rádio. Sentava-se próximo à entrada do pequeno jirau que servia como base para a *Repol/Repress* (Sistema de correspondentes do *Globo* no interior do estado) e começava a trabalhar de maneira metódica. A primeira coisa que fazia era abrir uma pasta larga, contendo exatas trinta divisões (uma para cada dia, ficando a última para os meses com trinta e um dias). Dali retirava recortes de jornais e revistas que ele próprio selecionava, cópias das notícias não publicadas naquela edição, laudas contendo relatórios elaborados pelos repórteres com informações adicionais aos fatos, lembretes redigidos pelo editor ou chefe da reportagem, etc. Em seguida, lia o conteúdo daquilo tudo e passava à, digamos, fase dois do processo: lia os jornais recém adquiridos pelos contínuos na banca de jornais da Central do Brasil e / ou da Rodoviária (eventualmente esses matutinos [*O Dia*, sempre em primeiro lugar, porque rodava mais cedo; *Jornal do Brasil*, *Ultima Hora*, *Tribuna da Imprensa*] eram permutados por outros exemplares do *Globo*) da seguinte maneira: dava uma vista d’olhos nas primeiras páginas e recomeçava a leitura a partir da última página de cada caderno. Inclusive os classificados. É que ali (sempre, grifo nosso) estão parcialmente escondidos alguns segredos, tais como editais de licitação, anúncios estranhos, convites para festas, convocações para reuniões de condomínio em edifícios do *society*, etc. E ia lendo, e cortando, aquilo que o interessava. Tudo isso sem perder o foco do noticiário e jamais deixando de lado o acompanhamento dos fatos que ocorriam durante a madrugada, as inserções nos segundo e terceiro clichês. (Argolo, 2003)<sup>9</sup>

Aos 18 anos, Luciano entrou para o jornalismo e trabalhou em diversos jornais. *Globo*, *Dia*, *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Brasil*, *Estado de São Paulo*. Tinha um

---

<sup>9</sup> Artigo inédito do Prof Dr. José Amaral Argolo, jornalista, advogado, escritor, professor adjunto e Diretor da Escola de Comunicação da UFRJ. Maio de 2003.

estilo inconfundível – sempre despojado, gostava de falar do que conhecia. Ia pessoalmente checar e apurar muitas de suas pautas. Naquele tempo, dava. O ritmo de produção não era *all news*. Eram tempos de consolidação da organização da redação, tempos de construção de referência profissional. O lugar conquistado precisava ser cuidado, sedimentado, ampliado. A pauta, o filtro, a grande porta por onde entrava tudo que resplandeceria no dia seguinte em cada uma das páginas do jornal, era ao mesmo tempo desafio técnico e humano. Superar a si mesmo, limitações, falta de ânimo, de informação, de idéias, para poder aproveitar aquela rara, gigantesca oportunidade – selecionar os verbetes de uma pequena enciclopédia por dia. Superar o outro, com as dificuldades intrínsecas ao convívio humano. Superar, com auxílio da estrutura técnica e mecânica, as pressões políticas e econômicas visceralmente ligadas ao exercício desta profissão.

De sua trajetória de 47 anos dedicada ao jornalismo, 15 anos foram exercidos só como pauteiro. É uma trajetória histórica – Luciano de Moraes foi o primeiro jornalista brasileiro a ter registro profissional como pauteiro na carteira de trabalho assinada pelo Jornal do Brasil. O primeiro da profissão que só existe no Brasil, em mais nenhum lugar do mundo. Este cargo, como confirma Alberto Dines, é produto nacional fruto de uma idéia brasileira. Mas nem os primeiros a terem a idéia nem seu primeiro executor oficialmente registrado pensavam na pauta como solução hermética, como um elemento enrijecedor da produção jornalística.

Em princípio, a pauta deve conter um ligeiro resumo do que constitui o objeto da matéria, um roteiro das perguntas ou questões básicas da reportagem que se pretende elaborar, o enfoque pretendido e, quando é o caso, dicas ou aspectos interessantes ou desconhecidos do tema em causa. Mas nunca se deve permitir ou pretender que a pauta limite ou iniba a criatividade do repórter, que deve servir-se dela, sem se limitar ao que se sugere. Ou seja: a pauta é o começo, o ponto de partida, não o produto final. (MORAES, 1987, p.24)

Tão bem apurados eram os “pontos de partida” de Luciano que alguns levaram-no a uma contradição dialética: de bússola de orientação para o início de reportagem, as pautas viravam um levantamento (quase) completo. Pelo menos uma delas chegou a virar matéria final publicada – por engano! Passando pelo Aterro, ele viu que pessoas em estado de mendicância estavam vivendo por ali, pedindo esmola durante o dia e a noite dormindo embaixo das passarelas. Luciano olhou, anotou, observou detalhes, descreveu com tanto cuidado todas as situações, inclusive diálogos, que o chefe de reportagem, quando pegou o texto entre os papéis de sua mesa, pensou que fosse uma reportagem pronta e mandou a pauta para a oficina de composição. No dia seguinte, saiu publicada no jornal *O Globo*. A única estranheza era o convite ao final da matéria: *Vamos ouvir o prefeito e o pessoal do desenvolvimento social...* (TEIXEIRA, 2003, p 47).

Luciano dizia que para ser pauteiro era preciso estar na rua ou então o profissional perdia as condições de estar suficientemente informado para auxiliar a reportagem e saber quando uma pauta se tornava impossível de ser cumprida.

E o repórter pode e deve usar da liberdade e do direito de seguir seu próprio caminho, sempre que necessário, o que, é claro, não o exime do cumprimento da pauta quando o enfoque e as questões básicas apresentadas constituem o rumo certo. (MORAES, 1987)

A maneira com que ele conduzia seu trabalho, de forma sistêmica, interagindo com a chefia de reportagem e com os repórteres, apurando informações junto aos envolvidos, tudo isso levava Luciano a extrapolar a percepção que os profissionais de seu tempo tinham da função. Sua formação não era político partidária, nem primou pelo engajamento ideológico – seu posicionamento era o de um humanista, que aprendia com as trocas estabelecidas no exercício da profissão. O depoimento de Maurício Azedo ilustra estas características:

Na época em que trabalhamos juntos eu era pauteiro e chefe de reportagem e o Luciano, repórter. Antes ele tinha ficado mais de 10 anos no Globo. Ele era muito disposto, de relacionamento fácil, agradável, ligado fraternalmente aos colegas de redação. Quando chegou na sucursal Rio do Estadão, ele levou um choque por causa da diferença entre o jornalismo a que estava acostumado porque vinha alinhado com o poder, como era o jornalismo da Globo (salvo a época atual em que a competição obriga o abandono deste estilo). Já o Estadão exercia um jornalismo questionador, como deve ser. Mas foi um choque para ele muito agradável. Posteriormente, quando retornou para o Jornal do Brasil, ele já tinha adquirido uma concepção renovada do jornalismo, um jornalismo militante, preocupado com o bem coletivo. Ele sofreu uma transformação pessoal e profissional muito grande. (TEIXEIRA, 2003, P.44)

Luciano, por sua vez, faz referências à Maurício no artigo que escreveu para a Revista de Comunicação da ABI, reconhecendo com a humildade do eterno aprendiz a riqueza do processo de aprendizagem que aceitava, com prazer:

Se foi Alves Pinheiro quem explicitou a pauta, foi Maurício Azedo, nos tempos do Estadão, quem inseriu nela a importância do questionamento dos acontecimentos que se constituem no objeto da reportagem. (MORAES, 1987, p.25).

A experiência de Luciano incluiu trabalhos em televisão. Ele sofisticou a pauta televisiva, com produções especiais. Houve aí mais um crescimento – a perspectiva de utilização de recursos visuais ampliava o leque de abordagens sugeridas pelo pauteiro de impresso. Mas ele não gostava muito da produção para TV, achava que o nível de cobrança também se ampliava exponencialmente. O repórter tinha menos recursos para atuar como tal e a pauta entrava neste vazio deixado pela diferença de modos de atuação das duas mídias. Ele tinha horror aos riscos de burocratização da função. Neste relato sobre uma reportagem

publicada no Jornal do Brasil ele mostra como não aceitava os limites e restrições da atuação do pauteiro como um “agendador” puro e simples, um “chefe de gabinete” da pauta:

“Fiz uma pauta enorme sobre o Cocea, que era um órgão que vendia alimentos para as escolas. Era a maior roubalheira do mundo! Eu era pauteiro, mas resolvi ir a uma escola para perguntar qual era o roubo, porque ninguém falava sobre isso. A diretora me mostrou uma nota fiscal da merenda escolar. Peguei a nota e fui pesquisar os preços num açougue, numa peixaria e em dois supermercados. Acabei descobrindo que os preços nesses lugares eram de 50% a 60% mais baratos. Ele ainda estavam comprando por atacado, ou seja, devia ser mais barato ainda! Coloquei tudo isso na pauta e o repórter foi fazer a matéria no dia seguinte. Quando ele foi falar com o Governador Leonel Brizola, ele se defendeu dizendo que todo mundo falava de roubo, mas ninguém provava nada. O repórter provou mostrando os preços e o Brizola pegou a pauta. Foi uma coisa séria. Ele acabou brigando com o diretor do JB, Nascimento Brito, e queria de qualquer jeito a minha cabeça e a do repórter! Esse episódio foi muito sério e a Cocea foi fechada em função dessa matéria.”<sup>10</sup>

Este episódio mostra que há uma dicotomia crônica no conjunto de ações envolvidas no exercício jornalístico. Os interesses empresariais preponderam de forma tão evidente na estrutura organizacional das empresas jornalísticas que por vezes uma análise fria da situação sugere que apenas as teorias psiquiátricas teriam instrumentos suficientes para explicar o discurso de muitos (bons) jornalistas mantêm, como se houvesse independência para a livre discussão de idéias, numa estrutura bem semelhante ao discurso político articulado mas distante da realidade vivencial própria e da maioria. Esta leitura sequer é nova, mas a resistência à assunção deste diagnóstico (BOURDIEU, 1997; KUCINSKI, 1998; CHOMSKY, 2003; HALIMI, 1998; RAMONET, 1999) agrava-se como uma neurose por falta de tratamento. O trabalho do repórter, no caso Cocea citado por Moares, foi tão frágil que o Brizola pode arrancar a pauta de suas mãos (Porque o repórter teria a pauta em mãos numa situação destas? Só se justifica pela desinformação, pela dissociação de compromisso entre o repórter e o que ele cobrava, apurado pelo pauteiro – material que, no caso, era muito bom.) Para provar a corrupção da Cocea bastava mostrar uma cópia das notas, não a pauta... De uma certa maneira, nosso herói também sucumbia a tentação de viver pelo outro, fazendo-se presente através do direcionamento e da elaboração das diretrizes das abordagens, de forma inconsciente. Mas este caminho é para ser trilhado mais adiante, depois da consolidação de nossa hipótese teórica inicial. Primeiro, é preciso trazer a pauta para o centro da sala de exame.

A idéia é lembrar quem são nossos jornalistas, o que eles vivenciam, como são as condições de produção e o que estas condições refletem na nossa comunicação de massas, de mossas e de misses. Como Teseu, nosso herói Luciano venceu muitos obstáculos pelo

---

<sup>10</sup> Depoimento de Luciano de Moraes em artigo publicado na Revista Lições de Jornalismo 1, Faculdade da Cidade, p. 19-20.

caminho. Sobreviveu, sofreu, errou, acertou e morreu de câncer em 31 de dezembro de 1997, aos 67 anos de idade, sem o reconhecimento devido. Um reconhecimento que, assim como aconteceu em Atenas, virá com o tempo.

Soube de sua morte pelas páginas dos jornais. E, com tristeza, li no Globo as cinco linhas que lhe foram dedicadas no bloco de obituário. Muito pouco para quem ofereceu tamanho talento e criatividade à imprensa carioca. (ARGOLO, 2003)

Outro pauteiro considerado grande seus pares foi José Gonçalves Fontes. Sua trajetória é marcada por características semelhantes a de Luciano – era um repórter desconfiado trabalhando para abastecer os demais de informações e principalmente, de dúvidas.

Eu trabalhava na chefia de reportagem as sete da manhã. José Gonçalves Fontes, que é um jornalista premiado, trabalhava até as seis da manhã e eu era o primeiro a ver o eu ele havia feito durante a madrugada, sugerindo reportagem. E eu vi que estava havendo um gap muito grande e ele ainda escrevendo pauta como se o JB tivesse vinte cinco carros, oito repórteres as nove da manhã, quando o primeiro repórter chegava as sete e o segundo chegava as nove, entendeu? Não tinha repórter até as onze da manhã e era um caos. E eu vendo aquilo tudo. A Bela Stal que também foi chefe de reportagem dessa época falou uma frase brincalhona, que eu acho que nem coloquei no livro: “O JB é cobrança de Washington Post, condições de trabalho Gazeta de Arapiraca!”. Foi começando a ver essa coisa da decadência do jornal, começou a atrasar salário. Mas isso não dependeu da questão de escrever o livro. Eu via aqueles textos do Fontes e comecei a imprimir. Ele imprimia para a primeira reunião matinal e a maioria era jogado fora e eu comecei a guardar algumas pautas dele. Eu comecei a achar aquelas coisas engraçadas e comecei a guardar pautas. (HERKENHOFF, 2004, Anexo)<sup>11</sup>

Algumas pautas de fontes contrastam com a suscintas pautas que hoje só pontuam onde o repórter deve ir, e a causa da indicação para que vá lá, como se pode observar no Anexo 1, onde estão alguns exemplares mais recentes de pautas de jornais cariocas, e no Anexo 2 estão algumas pautas de José Gonçalves Fontes..

José Gonçalves Fontes, morreu de câncer dia 31 de julho de 2000. Foi recordista de prêmios Esso para o JB e recebeu em memória a homenagem de ter um prêmio especial com seu nome: Prêmio José Gonçalves Fontes.

Auto intitulava-se “advogado do diabo”, pela maneira que considerava ideal conduzir o trabalho – sempre desconfiando. Detalhava as pautas, apontando aspectos que garantiriam uma boa cobertura investigativa. Alfredo Herkenhoff, que guarda a maior parte do material apurado neste trabalho sobre José Gonçalves Fontes vê na pauta um elemento chave do jornalismo impresso:

“A produção de pauta, um item dos mais sofisticados da produção coletiva de notícia, tornou-se dispendiosa para os jornais que, mesmo sem esvaziar a sua importância, dispersaram a função de elaborar as sugestões de reportagem através de vários profissionais. Mesmo em tempos recentes, nomes jovens e promissores têm

<sup>11</sup> Depoimento inédito de Alfredo Herkenhoff em 2004, autor de Pautas e Fontes, no prelo, cedido pelo autor.

passado pela função específica de elaboração de pauta, um trunfo para a consolidação do bom jornalismo. Um exemplo da importância da elaboração de pauta foi a passagem de Armando Nogueira pela função. Chegava cedo ao jornal e, quando a maioria dos repórteres estava se apresentando ao trabalho, ele já estava de saída para o almoço, para a praia e outras atividades condizentes com o seu prestígio intelectual. À boca miúda se dizia que Armando, já então bem remunerado, era um privilegiado, ao que ele respondia de forma definitiva e bem-humorada: "Não vive na flauta quem vive de fazer a pauta. (HERKENHOFF, 2004, Anexo)

Fontes amava seu trabalho, e gostava de falar sobre sua profissão, mas não idolatrava as vitórias do passado. Minimizava a importância dos prêmios. Costumava dizer que *Jornalista não tem de se orgulhar de nada. Jornalista não tem passado. Jornalista não tem futuro. Vive do presente, e o presente pode ser o olho da rua.*

**Missa para o pauteiro Luciano**

De: Marceu Vieira

Para: Redação

Assunto: Luciano Moraes

Data: Quinta-feira, Janeiro 01, 1998 4:29pm

Os colegas que quiserem participar do rateio para o anúncio da missa de sétimo dia do nosso saudoso Luciano devem entrar em contato com o Maurício Menezes a partir de segunda de manhã. Os telefones dele são 285 0988 e 285 7075. Para quem não lembra ou não teve a chance de conhecer o Luciano, ele foi o maior pauteiro de Cidade de seu tempo. Pegava um carro do jornal, rodava pra cima e pra baixo e voltava abastecido de boas histórias e pautas. Todos que tivemos a chance de trabalhar na Cidade pautada pelo Luciano sabemos a falta que gente como ele faz à imprensa. Coração generoso, caráter inabalável, era uma espécie de jornalista em extinção. Ultimamente, estava desempregado.

Luciano de Moraes e José Gonçalves Fontes, grande profissionais do período da *pauta interna*, não fizeram cursos nos Estados Unidos. Mas também eles viveram, como Dines e José Augusto Ribeiro - que e ainda estão presentes para contar suas histórias - guiados pela intuição que caracteriza os grandes jornalistas. Uma intuição voltada para a observação amorosa do ser humano, capaz de superar barreiras, ampliar leituras, ter coragem e resistência para enfrentar obstáculos bem maiores do que a estrutura pessoal de cada um poderia sugerir. Eles não sucumbiram à rotina e à solidão que caracteriza, não só a atividade que escolheram na profissão, mas também a saga dos humanistas, gente que está ligada a dimensões atemporais de valores mais altos. Gente que vive o mito. Heróis.

#### 4. O FIO DE ARIADNE

“Pode parecer que lhes apresento um quadro desesperado, que introduzo a dúvida generalizada que, destruindo a rocha sólida das convicções, deve provocar pessimismo desmoralizador e devastador. Mas isso seria esquecer que é necessário desintegrar as falsas certezas e as pseudo-respostas quando se quer encontrar as respostas adequadas. Seria esquecer que a descoberta de um limite ou de uma carência em nossa consciência já constitui progresso fundamental e necessário para essa consciência.”

Edgar Morin

Porque temos a impressão de, mesmo tendo maior acesso à informação, sabermos cada vez menos? Disponibilidade não quer dizer necessariamente qualidade. A visão romântica do jornalismo, chamuscada pelo padrão industrial, cercada pelas redes, ainda busca heróis. Da comunicação impressa, audiovisual, digital, *wireless*, brota em ritmo fractal, a entropia. Discute-se a perda (ou troca) de paradigmas na volatilização, quando não no enrijecimento de referências políticas, culturais e na violência contida no imanente direcionamento da informação.

A natureza empresarial da produção jornalística evidencia o comprometimento da mídia com o discurso político hegemônico, a prevalência do referencial econômico e a dependência explícita do capital em mãos de corporações cada vez maiores (SODRÉ, 1999, p. XI).

No micro universo das angústias jornalísticas, o jornalismo impresso, tradicionalmente referência, ainda fonte do cruzamento de pautas jornalísticas de qualquer mídia, começa a mostrar-se pré agônico frente a som e imagem interativos. Em rede, a internet absorve e reproduz velhos padrões e também gesta novos modelos de / para a comunicação. Alguns de nós, dinossauros (ou dragões que se pretendem alados, e ainda cospem algum foguinho pela ventas...) mutantes de um tempo em que um ideário compromissava miticamente a profissão de jornalista, ainda acreditamos na transmutação, no fio de Ariadne. Mas será a perspectiva que se delineia nos juramentos obrigatórios dos cursos de graduação de jornalismo (que já tiveram cassada sua obrigatoriedade, e bamboeiam entre liminares) real e possível? Em que

bases? Como estabelecer mecanismos que avaliem os processos de captação, seleção e tratamento das informações sem levar em consideração essencialmente o que temos de mais humano, e não o que temos de mais lucrativo? O que a aceleração do tempo e a capacidade de resolubilidade tecnológica trazem para nossa felicidade? Por que as relações humanas precisam estar contaminadas por processos que, se são funcionais para aprimorar equipamentos e tecnologias auxiliares, nosso uso podem não ser ideais para nosso desenvolvimento pessoal, emocional, espiritual?

#### 4.1. O estilhaçamento da informação

Do mecanicismo cartesiano ao quanta holístico, o que se pretende formalmente como conhecimento humano evolui a partir de paradigmas fundamentais. Paradigmas, por definição (do grego *parádeigma*, modelo, padrão) excludentes, já que representam recortes de compreensão determinados, em relação ao que é observado<sup>12</sup>. Jornalisticamente falando, de pauta em pauta, de lide em lide, resumos sintéticos, impessoais e excludentes registram a percepção da história.

Consequência ou espelho da estrutura da organização do conhecimento ocidental, os conteúdos veiculados por meios de comunicação de massa vem sofrendo um processo de fragmentação, fruto, entre outras coisas, da cada vez maior especialização tecnológica. Esta mesma tecnologia epigéia que, sem o aprofundamento de raízes culturais reproduz, distribui, expande sob comandos que se aglutinam, concentrando poder de referência. Um processo de muitas conquistas – e de alguns aspectos que exigem reflexão.

A imprensa escrita ganha velocidade e reproductibilidade com equipamentos gráficos (será este ainda um termo adequado?) cada vez mais sofisticados, a voz pluripresente do rádio ainda se multiplicando em instalações médias, curtas e moduladas.

---

<sup>12</sup> Se a segmentação do conhecimento vem, muitas vezes, proporcionando clareza à alguns campos do saber, outras vezes, cria também equívocos, alguns propositais, outros não, que vão longe. Ironicamente, a terminologia utilizada pela própria teoria da informação é um exemplo: desenvolvida por Norbert Wiener e Claude Shannon no final da década de 40, nasceu nos Bell Telephone Laboratories para definir e medir quantidades de informação transmitidas pelas linhas de telefone e telégrafo, e gerou uma certa imprecisão conceitual. “O termo “informação” é utilizado na teoria da informação num sentido altamente técnico, muito diferente do nosso uso cotidiano da palavra, e nada tem a ver com “significado”. Isto resultou numa confusão interminável. De acordo com Heins von Foester, um participante regular das Conferências Macy e editor das atas escritas, todo o problema tem por base um erro lingüístico muito infeliz – a confusão entre “informação” e “sinal”, que levou os ciberneticistas a chamarem sua teoria de teoria da informação e não de teoria dos sinais.” CAPRA, Fritjof. A teia da vida. Pg. 65. Ed. Cultrix/Amara Key. SP. 1996



A telefonia celular invade a malha magnética do planeta e exige uma nova forma de expressão, *wireless*<sup>13</sup>. A Internet navega em rede por entre fractais, arrombando tempo e espaço, gulosamente consumindo e redistribuindo nacos de texto, imagem e som. (O que acontece depois com tamanho bolo alimentar? Quem digere tudo isso?) O controle da informação não precisa mais ser rudimentarmente exercido através do empastelamento de redações ou da censura de Conselhos Superiores, como no século passado.

A pauta, depois de externa, mista e interna, entra para a era quântica. Quem detém a responsabilidade editorial das informações que chegam? Texto, imagem e som a serviço de estruturas de pensamento circulam em alta velocidade e são captados, identificados e catalogados por satélite e sistemas tipo *Echelon*<sup>14</sup>. Na internet, decrata-se a morte da pauta. Não há tempo para ela. Primeiro as agências *online* divulgam as notícias, para depois, em caso de necessidade, corrigi-las. Ou então, esperar placidamente para ver se alguém reclama, como aconteceu durante a campanha presidencial de 2002, em que Lula e Serra disputavam os pré votos: espaço na mídia. A Agência Estado soltou matéria às 13:07 dizendo que Serra reunira 20 mil pessoas para um comício depois de carreata em Palmas, capital do Estado de Tocantins. As 17:40 outra notícia na mesma Agência Estado online: Serra havia cancelado o voo a Tocantins. Nem carreata nem comício, muito menos a concentração de 20 mil pessoas havia existido.

<http://www.estadao.com.br/eleicoes/noticias/2002/set/20/208.htm>,

a AE informava que Serra cancelara a viagem a Tocantins. As explicações vieram somente às 21h09, quando, em nova nota

<http://www.estadao.com.br/eleicoes/noticias/2002/set/20/311.htm>,

intitulada "Correção", a AE pediu desculpas aos leitores, inocentemente alegando o seguinte: "Por erro técnico, a Agência Estado veiculou hoje, às 13h07, em seu site na internet, texto relatando uma suposta visita do candidato à Presidência da República José Serra à cidade de Palmas, capital do Estado do Tocantins. A visita, que constava da agenda do candidato, não existiu: foi cancelada à última hora. A repórter enviada ao Tocantins redigira um texto preliminar, com embargo interno, com o propósito de deixar arquivadas no sistema as informações que já colhera no local, enquanto aguardava a chegada do candidato. Após a visita do candidato, que acabou não acontecendo, as imperfeições do texto seriam corrigidas e dariam lugar ao relato fiel dos fatos em versão definitiva."

A tecnologia e o conhecimento estão numa corrida em que parece ter-se perdido, além do objetivo, a direção da fita de chegada, e nem o tempo – presente, inexorável - lembra a possibilidade do revezamento, ou do questionamento: afinal, porque corremos?

Além da rapidez exigida pela Internet, a proliferação de colunas jornalísticas, que exigem diariamente material exclusivo para publicação, cria um verdadeiro reduto de escape

---

<sup>13</sup> Equipamentos sem fio.

<sup>14</sup> Satélite que capta mensagens eletromagneticamente enviadas de todo o planeta.

para a farta produção de notas de interesse de clientes das Assessorias de Imprensa – material que está bem longe de atender às necessidade do público que espera ter garantia de que dados oferecidos por jornalistas famosos tenham importância para suas vidas.

Algumas posições inverteram-se. A informação não busca os meios para difundir-se, na medida da necessidade de sua difusão. Estruturas e equipamentos, subvertendo a ordem, é que nos exigem, ferozmente, alimentação. Estão instalados, cada vez mais sofisticados, precisam ser nutridos. Empresas on line tem “diretores de conteúdo” (!), profissionais reconhecidamente competentes, aliciados do jornalismo. É preciso produzir rápido, para se ter o que apresentar, oferecer, vender, repetir.

A tecnologia colocou o mundo na mão de quem pode recorrer a ele, mas não modificou questões que estão além da primazia técnica e científica. Questões que determinam, não são determinadas. Questões de fundo, que estabelecem os parâmetros entre “a eclosão de potencialidades e competências ilimitadas” da maioria e a “inibição da riqueza do original sem chegar a alcançar o universal”:

Portanto, há de se pensar as relações de poder e de dominação em novos termos e numa nova perspectiva. Categorias analíticas antigas como mídia-esfera-pública ou mídia-aparelho-ideológico parecem hoje ultrapassadas. Talvez o caminho esteja do lado de uma análise atenta às instâncias de produção de sentido numa perspectiva discursiva geral: domina quem produz não o discurso mas as próprias categorias de análise. (ElHajji, 2001)

Um detalhe nem sempre lembrado (mas sabido há tempos pela física) é que o observador altera o campo e é alterado por ele: o corpo humano, nosso mais antigo instrumento, também vem sofrendo modificações. Entre algumas outras, nos transformamos numa salada química. O corpo humano carrega hoje em torno de 500 compostos sintéticos que não existiam antes de 1920. Metade da população mundial se alimenta mal, pobres carecem de vitaminas, minerais e calorias, nações ricas tem até 55% de pessoas acima do peso. A percepção generalizante de progresso pode ser enganosa. Apenas 23 países, com cerca de 15% da população mundial, concentram 62% de todas as linhas telefônicas do planeta.<sup>15</sup> Cerca de 20 milhões de brasileiros vivem hoje, fevereiro de 2003, sem energia elétrica.<sup>16</sup> Mas o pensamento teórico parece contaminado com a visão fractária, e insiste em balizar-se pela minoria, em direção ao futuro.

“O paradigma da interatividade tanto vem recolocar o conceito de *público* como agente quanto vem redimensionar a *comunicação de massa* que, sem deixar de se

<sup>15</sup> [http:// www.worldwatchbrasil](http://www.worldwatchbrasil)

<sup>16</sup> Jornal do Brasil, pg. A8, 2 de fevereiro de 2003

dirigir a grandes audiências, passa a ser, de fato, *comunicação social*, dada à condição participativa dos cidadãos interativos.”<sup>17</sup>

A tecnologia e o conhecimento estão numa corrida em que parece ter-se perdido, além do objetivo, a direção da fita de chegada, e nem o tempo – presente, inexorável - lembra a possibilidade do revezamento, ou do questionamento: afinal, porque corremos? Algumas posições inverteram-se. A informação não busca os meios para difundir-se, na medida da necessidade de sua difusão. Estruturas e equipamentos, subvertendo a ordem, é que nos exigem, ferozmente, alimentação. Estão instalados, cada vez mais sofisticados, precisam ser nutridos. Empresas on line tem “diretores de conteúdo” (!), profissionais reconhecidamente competentes, aliciados do jornalismo. É preciso produzir rápido, para se ter o que apresentar, oferecer, vender, repetir. O meio é mais do que a mensagem – a subordina, trincando até mesmo algumas fortes engrenagens de produção industrial. Um exemplo claro é o caso do atropelamento do mercado fonográfico, que ainda resiste a preparar seu epitáfio, frente à Internet:

“A indústria do disco como a conhecemos começou a morrer quando seus executivos, em vez de aproveitarem o extraordinário potencial da internet como rede de distribuição de músicas, preferiram combater a tecnologia, com a mesma falta de visão com que Jack Valenti, eterno presidente da MPAA ( associação de produtores de cinema), pedia, há vinte anos, a proibição da fabricação de videocassetes, alegando que isso acabaria com o cinema. Para sua sorte, perdeu o processo. Sem o mercado doméstico, Hollywood estaria hoje em maus lençóis. Já a RIAA, a associação das gravadoras americanas, deu azar. Ganhou o processo contra o Napster, com isso, perdeu a mais poderosa ferramenta de marketing e distribuição de música que já existiu.”<sup>18</sup>

A enorme boca *techno* que se abre ao que virá a ser digerido e redistribuído por toda uma teia mediática – e que, por ser rizomática, tira dos emissores a responsabilidade de saber dirigir conteúdo específico para receptor específico - tem seus próprios mecanismos de recorte, trituração, mistura e leitura sensorial. É importante porta de entrada e saída de informação no processo interativo social, guardando semelhanças com nosso funcionamento biológico: gosto e olfato são sensibilidades químicas, sendo que os sistemas que *mediam* estas sensações (o olfatório e o gustatório) estão entre os sistemas filogenéticos mais antigos do encéfalo. Trabalham juntos, nas cavidades orais e nasais. O sistema gustatório é responsável pelas quatro sensações primárias de gosto – doce, ácido, salgado e amargo. A percepção de sabores mais complexos e mais finos dependem da leitura olfativa. Qualquer dano no olfato,

<sup>17</sup> MARTINS DA SILVA, Luís. Imprensa, discurso e interatividade in DAYRELL, Sérgio e MOUILLAUD, Maurice - O Jornal, da forma ao sentido. Ed. UNB, DF, 2002.

<sup>18</sup> RÔNAI, Cora. As gravadoras perderam o bonde da história – ir contra a rede não foi uma boa idéia. O Globo, Segundo Caderno, 2 de fevereiro de 2003.

mesmo um simples resfriado, pode impedir a condução de moléculas pelo ar para as cavidades nasais, e atenuar a percepção de sabor / saber:

“ Quando comemos, percebemos as mensagens sensitivas que os sistemas gustatório e olfatório recebem. Porém, quando a comida e os líquidos são engolidos a partir da boca para o esôfago e daí para o estômago, a maioria das percepções químicas é perdida. De fato, não temos consciência da maioria dos estímulos que estão presentes dentro do nosso organismo, a despeito do fato de nossos órgãos internos serem ricamente inervados por neurônios sensitivos primários. (...) Ficamos conscientes de alguns destes eventos somente em circunstâncias especiais, como quando ficamos nauseados após comermos certa comida ou quando nos sentimos “cheios” após ingerirmos grande quantidade. Alguns estímulos internos, porém, nunca são percebidos. Uma mudança na pressão intra-arterial, mesmo em um episódio hipertenso, pode ocorrer sem ser notada. A maioria das informações sensitivas das vísceras não alcança a consciência.”<sup>19</sup>

A sofisticação do “paladar” da *massa*, ou *multidão*, corresponde, grosso modo, às suas dramáticas condições sócio econômicas. O bunker que separa base e topo de pirâmide social determina limites do direito e da condição de fruição de cada um. A maioria não está familiarizada com a estrutura de uso minimamente complexa dos computadores, que dirá dos nichos especializados de conhecimento. Governos esforçam-se – pelo menos as campanhas publicitárias nos garantem – para ampliar programas de inclusão digital. Mas o público para o qual estas campanhas são dirigidas sofrem com a exclusão mais cruel : a dos modelos de percepção, das estruturas paradigmáticas de pensamento que possam decodificar o poder vigente, refletido nas novas formas de ordenamento político social. E, como acontece nas nossas vísceras, a sensibilidade da maioria só chega a manifestar reação quando há uma *overdose* de envenenamento - repórteres morrendo, queimados vivos em julgamentos sumários realizados por *soldados* do narcotráfico, programas de TV escatológicos, alimentando o império do grotesco, *aprofundando um histérico pacto simbólico com a Besta televisiva* <sup>20</sup>. Como Maria Antonieta sofreu as conseqüências de não haver brioches suficientes para todos que reclamavam não ter pão, Jean-François Lyotard vê na perda de radicalidade advinda da atenuação de luta de classes, o fim das grandes narrativas.<sup>21</sup> Da micro e da macro estrutura social, surgem modelos e padrões cada vez mais fluidos - a “modernidade líquida”, conceitua Zygmunt Bauman.

“Hoje, padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “auto-evidentes”; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. E eles mudaram de natureza e foram reclassificados de acordo: como itens no inventário de acordo, como itens no inventário das tarefas individuais. Em vez de proceder a política -

<sup>19</sup> MARTIN, John H. Neuroanatomia: texto e atlas. Porto Alegre, RGS. Ed. Artes Médicas.1998.

<sup>20</sup> SODRÉ, Muniz e PAIVA, Raquel. O Império do Grotesco, Rio de Janeiro, Ed. Mauad, 2002.

<sup>21</sup> MATTELART, Armand e Michelle. História das Teorias de Comunicação. Ed. Loyola, SP, 1999.

vida e emoldurar seu curso futuro, eles devem segui-la (derivar dela), para serem formados e reformados por suas flexões e torções. Os poderes que liquêfazem passaram do “sistema” para a “sociedade”, da “política” para as “políticas da vida” – ou desceram do nível “macro” para o nível “micro” do convívio social.” (BAUMAN, 2001)

A entropia, saturação de dados nos sistemas de informação, é tema recorrente entre filósofos, lingüistas, e teóricos de comunicação.

“A cultura da informação, tornada um valor em si mesmo através da exacerbação do mundo midiático, produz uma linguagem inflacionada que termina por embotar o sentido, pois falar demais é tão sintomático da falta de comunicação quanto falar de menos. Um bom exemplo deste tipo de fenômeno pode ser encontrado nos filmes de Quentin Tarantino, ao mesmo tempo exacerbação e crítica da sociedade do meio. A novidade estética de Tarantino não vem da violência, mas da verborragia. Falar muito, falar demais, falar sem parar. No entanto, importa quase nada o que está sendo dito. Eis o fenômeno midiático por excelência, caracterizado não pelo conteúdo mas pela forma excessiva. O que importa não é tanto o que está sendo dito, mas quem diz, quer tem a arma na mão. Quem diz mesmo é a própria arma, o meio, o poder. Que ética é possível em tal tipo de sociedade? Que lugar ainda pode haver aqui para a lentidão e a demora filosófica e para a tarefa pedagógica do esclarecimento?” (ACSELRAD, 2002)

O resultado é que a interferência da mídia na percepção do grande público não tem compromisso com a tarefa pedagógica do conhecimento, refletindo interpretações dos fatos através de um espelho quebrado, oferecendo, aos pedaços, uma pseudo imagem do todo em que faltam algumas (muitas) lascas. Nestes tempos de globalização, é mercadologicamente útil buscar uma harmoniosa padronização de compreensões, a ausência do compromisso com um ordenamento conceitual preponderante facilita a inserção de mensagens utilitárias. Os círculos viciosos se renovam, sem rompimento dos antigos, fortalecendo a espiral do silêncio detectada por Noelle-Newmann<sup>22</sup> como o movimento centrípeto que anula tudo que não for foco de interesse de uma seleção estabelecida por estruturas pré determinadas de percepção. Assiste-se a um espetáculo de desinformação provocado por uma abordagem que muitas vezes beira a ironia. Deliberadamente falha e comprometida, a mídia jornalística (rádio, jornal e TV) em vez de ser o espaço oxigenado de troca de informações, forma um *sub-bunker* de isolamento frente à irrupção de modelos sociais, religiosos e culturais diferenciados. A estrutura consolidada da comunicação massiva testa-se como instrumento disciplinador à potência máxima absorvível pela prática midiática. Foucault teria farto material para produção.

As informações adequam-se a diferentes níveis de leitura. Tornam-se cada vez mais qualificadas para aqueles que mantêm o uso de sua percepção sensorial fina, e graduam-se os

---

<sup>22</sup> Noelle Newmann, Elizabeth. The Spiral of Silence.

ajustes necessários ao olfato e paladar daqueles que compõem a maior parte da sociedade contemporânea, salvaguardados aí pesos e medidas da participação decisória, econômica e política. O texto abaixo não foi escrito depois das denúncias de Roberto Jefferson sobre o mensalão, mas em 1997, parecendo confirmar as tendências “sensitivas” de Baudrillard:

“Vivemos numa realidade política perfeitamente dissociada. De um lado, a classe política, microssociedade paralela, secretamente em desemprego técnico, evoluindo impunemente e fadada ao que parece à tarefa exclusiva de reproduzir-se, numa confusão endógama de todas as tendências – essa aliança incestuosa da direita e da esquerda não deixando de provocar patologia e degenerescência características da consangüinidade. Do outro lado, a sociedade “real” cada vez mais desconectada da esfera política. Ambas afastando-se uma da outra à velocidade V maiúsculo, parecem mais ou menos destinadas a perecer ou a desagregar-se cada uma em seu canto – sob perfusão graças ao cordão umbilical da mídia e das sondagens.” (BAUDRILLARD, 1997, p.53)

Teorias que tentam explicar ou direcionar a prática jornalística parecem não ter sido suficientemente eficazes para evitar a complexidade das interfaces que contaminam a ética da informação midiaticizada. A simplificação paradigmática da informação que se pulveriza em adequações, de acordo com as características dos veículos que a reproduzem criou um imenso dilema.

Edgar Morin, buscando uma saída humanista que incorpore o pensamento científico moderno, em *Introdução ao pensamento complexo*, 1990, considera que os paradigmas são princípios “supralógicos” de organização do pensamento, princípios ocultos que governam nossa visão de mundo, que controlam a lógica de nossos discursos, que comandam nossa seleção de dados significativos e nossa recusa dos não-significativos, sem que tenhamos consciência disso. Ele enfatiza também que a mudança de paradigma é difícil e lenta, pois a mudança de premissas implica no colapso de toda uma estrutura de idéias.

Tomemos como ponto de referência reflexiva, para enfrentar estes desafios da complexidade um capítulo da jornada temática “A religação dos Saberes”, organizada por Edgar Morin para o novo projeto dos educadores franceses em direção à uma regeneração humanista, regida pela idéia da transdisciplinaridade. (MORIN, 2001)

O espírito científico busca estabelecer verdades simples em contrapartida ao conceito de complexidade (compreendida como o que não é simples) a partir de quatro princípios:

1. Ordem – A natureza regida por um determinismo regular, constante, cíclico, sem a percepção de que a “imagem perfeita da ordem” empobrecia a medida em que não via a criação, o novo.
2. Separação – Descartes separa matérias, estabelece a especialização, a diferenciação científica dos lugares de sujeito e objeto.

3. Redução – princípio através do qual as unidades elementares foram um todo.
4. A Lógica clássica – através de uma causalidade linear, atribuíam-se o valor de verdade absoluta à dedução proveniente de uma indução. Uma hipótese que abrigasse uma contradição era imediatamente abandonada: a contradição significava erro.

A estrutura do pensamento contemporâneo ainda não se restabeleceu do forte abalo provocado nesta estrutura referencial por novas descobertas científicas – a física quântica, por exemplo, não obedece aos princípios de identidade e contradição.

Morin propõe a **dialógica** para compreendermos o jogo entre a **ordem**, na visão esquemática da realidade, a **desordem** identificada como início dos mundos ( a deflagração original do princípio de tudo, e a **organização**, identificada pela física quântica nos núcleos que formam átomos, que formam galáxias. Dialógica porque estas noções, que se repelem, são mesmo antagônicas também são complementares para a compreensão do universo. (explosão de estrelas, colisão de galáxias, formação de buracos negros).

A imprevisibilidade de certos movimentos moleculares desviou o caminho da inexorabilidade conceitual da ordem.

O princípio da separação sofreu, no decorrer do Sec. XX o golpe de misericórdia com a percepção muitas vezes manifesta, através de diversas concepções de que o todo é mais do que a soma das partes.

A redução foi assassinada pela impossibilidade de se conhecer o todo através dos elementos de base. A lógica dedutiva identitária deixou de ser absoluta, e é fundamental transgredi-la no continuum da busca do conhecimento. O registro emblemático da transgressão é a constatação de que a partícula pode apresentar-se como corpo isolável, e em outros momentos de forma contínua, como onda. Uma contradição que abriu caminho para a percepção fundamental do princípio da complementaridade. Morin faz uma analogia então entre a concepção do ser vivo e a concepção da partícula: “*quando olhamos os indivíduos, a espécie desaparece, é uma abstração, mas, quando olhamos no tempo, os indivíduos desaparecem, (...) é a espécie que permanece*”. Ele propõe então a idéia dialógica, “*que aceita que duas instâncias não redutíveis uma à outra e contraditórias entre elas estejam ligadas intimamente*”. Afinal, como disse Morin em sua visita mais recente ao Brasil (agosto 2003) – *o homem não é uma salsicha para ser fatiado*.

## 4.2. Descomplicando, apesar da complexidade

Algumas das idéias de Morin que podemos utilizar numa proposta teórica da busca de um modelo comunicacional não excludente :

1. A lógica deve estar a serviço do pensamento, e não o pensamento a serviço da lógica (ou de uma lógica).
2. A especialização não pode cultivar idiotia cultural. (Morin se diz impressionado com a idéia imposta pelo mundo hiper especializado de que deve-se evitar ter “idéias gerais, porque elas são ocas”, ao mesmo tempo alimentando-se de idéias gerais ocas sobre o mundo, a vida, a humanidade, a sociedade. Sobretudo alimentando a idéia mais oca de todas: que não se deve ter idéias gerais...

A era da chamada sociedade da informação é também a da produção de estados mentais. É preciso pensar de maneira diferente, portanto, a questão da liberdade e da democracia. A liberdade política não pode se resumir no direito de exercer a própria vontade. Ela reside igualmente no direito de dominar o processo de formação dessa vontade.(MATTELART, 1999, p187).

Se a interdisciplinaridade determinou, mesmo durante o auge da vigência do pensamento positivista, as descobertas que tráfegaram na fronteira dos diversos campos do conhecimento, esta mesma interdisciplinaridade, cada vez mais, permitirá novas perspectivas de compreensão. O que se busca é um novo conceito de comunicação, menos excludente, mais conectante e unificador, na direção evolutiva da humanização em seu sentido mais pleno. Talvez, a saída do labirinto.

## 4.3. Compilação de Colunas

O fenômeno da expansão das assessorias de imprensa, num primeiro momento absorveram grande quantidade de profissionais mais experientes das redações, assim como aconteceu na explosão dos sites de informação. Componente do monstro devorador de pautas a influência da produção industrial da informação pode ser reconhecida através de um exame do crescimento da quantidade de matérias reproduzidas à exaustão pelas agências de notícias e pelo aumento de colunas e dos respectivos espaços nos noticiários diários. Particularmente nas colunas, onde as informações publicadas precisam ser inéditas e exclusivas, o resultado da queda vertiginosa de qualidade na estrutura organizacional da produção jornalística é notório. Faltam instâncias de reflexão envolvidas com o processo de produção da notícia, sobra mídia dirigida.



Como uma forma de comprovar esta realidade, foi feita uma pesquisa durante todo mês de maio de 2004: um levantamento em colunas de alguns jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo com objetivo de identificar as fontes de informação das notícias veiculadas. As notícias oriundas das assessorias são identificadas de maneira informal. A identificação seguiu a lógica técnica do noticioso: a quem interessa a informação, quando, onde como e por que. A seleção considerou como notas de assessoria as que notadamente não tem o objetivo de beneficiar o público leitor, mas “vender”, ou divulgar interesses focais de empresas ou das pessoas que promoveram a divulgação da nota. Em algumas oportunidades as notícias divulgadas, embora tenham como fonte as assessorias, sabem “temperar” as coisas, e confundem os interesses do leitor. Há ainda uma outra modalidade de interferência, como a assessoria de imprensa prestada por agências de fotografia ou mesmo fotógrafos free-lancers e paparazzi, que oferecem seus serviços para colunas e cobram de pessoas físicas e jurídicas uma quantia extra no caso das fotos serem publicadas.

A compilação faz essas distinções. E os números que serão apresentados, revelam apenas o percentual das notícias que maneira quase inquestionável por seu teor e abordagem, serem oriundas de assessorias, com interesses explícitos de empresas ou pessoas físicas. Foram escolhidas para a compilação colunas com teor editorial de economia e política social, notícias gerais de economia e política dos seguintes jornais:

Jornal do Brasil, O Globo, Jornal do Comércio, O Dia, Gazeta Mercantil e Folha de São Paulo.

COLUNA BOECHAT - JORNAL DO BRASIL		
Dia 1 –38,09 %	Dia 12- 47,61 %	Dia 23- 47,82%
Dia 2 -52,38%	Dia 13-45%	Dia 24- 40,90%
Dia 3- 50 %	Dia 14- 54,54%	Dia 25- 40,90%
Dia 4 – 15 %	Dia 15- 55%	Dia 26- 64,70%
Dia 5 – 69,56 %	Dia 16- 65 %	Dia 27- 59,09%
Dia 6 – 63,63%	Dia 17- 56,52%	Dia 28- 40 %
Dia 7 – 61,90%	Dia 18- 50 %	Dia 29 – 59,09%
Dia 8 – 57,14%	Dia 19 – 50 %	Dia 30 – 45%
Dia 9 – 54,16%	Dia 20 – 55%	Dia 31 – 40 %
Dia 10- 45,45%	Dia 21- 31,81%	
Dia 11- 50%	Dia 22- 40,90%	

Como exemplo de uma informação claramente plantada por assessoria de imprensa, podemos ver a seguinte nota, publicada no dia 20 de maio de 2004:

**Boa Iniciativa**

O banco BNP- Paribas adotou a capela do Padre Faria, em Ouro Preto. O anúncio será feito sábado, em Minas Gerais. Construída no início do século 18, ela é uma das jóias do barroco brasileiro. Seu sino foi o único a dobrar o toque quando Tiradentes morreu. O banco investirá 250 milhões de reais.

Uma informação que evidencia o interesse do banco em divulgar suas iniciativas sociais, mesclada com tema aparentemente popular, usando Tiradentes como argumento central. Note-se que é um jornal do Rio de Janeiro, prestando uma informação que beneficia fundamentalmente o município de Ouro Preto, Minas Gerais.

Outro exemplo, também evidentemente plantado por assessoria, mas que já revela o interesse público. Também publicada no dia 20 de maio:

**No ar**

Emissoras de TV começam a exibir neste fim de semana anúncios da ANS estimulando clientes de planos de saúde antigos a aderirem a contratos baseados na nova lei do setor: O público-alvo da propaganda são 22 milhões de pessoas. O médico Drauzio Varella será o astro da campanha.

Um exemplo de notícia de interesse jornalístico. Uma observação da cidade, do cotidiano, que pode ter sido apurado pelo próprio jornalista:

**|Que Porre**

A Comissão de Fiscalização e Controle e Câmara decidiu azucrinar. Seus deputados enviaram requerimento ao governo, anteontem, pedindo informações sobre a quantidade de bebidas alcoólicas compradas pelo Planalto entre janeiro de 2003 e abril deste ano. A resposta deve discriminar quantidades, marcas e preço da adega, bem como quem consumiu.

COLUNA MÁRCIA PELTIER - JORNAL DO BRASIL
--

Dia 1- 65,21 %	Dia 11- 33,33 %	Dia 21- 62,50%
Dia 2- 25,3 %	Dia 12- 50 %	Dia 22- 60,71%
Dia 3 – 82,75 %	Dia 13- 48,38 %	Dia 23- 70 %
Dia 4- 48 %	Dia 14- 46,15 %	Dia 24 – 67,85
Dia 5- 67,85 %	Dia 15- 56,25 %	Dia 25- 46,66%
Dia 6- 62,06 %	Dia 16- 71,42 %	Dia 26- 68,75%
Dia 7- 50 %	Dia 17- 48,27 %	Dia 27- 66,66%
Dia 8- 53,33 %	Dia 18- 67,85 %	Dia 28- 67,74 %
Dia 9 – 61,29 %	Dia 19- 73,07%	Dia 29- 53,84%
Dia 10 - 55,17 %	Dia 20- 60,71%	Dia 30 – 46,42 %

Dia 31- 69,23 %

A jornalista Márcia Peltier mantém uma diversidade editorial em sua coluna. A base, no entanto, é o noticiário sobre a sociedade carioca. Mesmo assim, o percentual de notícias provenientes de assessorias de imprensa é alto. Esta nota, por exemplo, foi publicada no dia 14 de maio:

#### Borrachudos

O número de cheques sem fundos das empresas tem sido superior ao das pessoas físicas. Em março, por exemplo, foram devolvidos 39% dos emitidos por consumidores. Os índices são da Serasa.

Abaixo, o caso de uma notícia de interesse do leitor, proveniente de assessoria, veiculada pela coluna no dia 24 de maio:

#### Ponto de Vista

Descaso. Assim o Advogado Antônio Couto Filho, ao analisar os gastos comparativos entre a iniciativa privada e o governo, define a saúde pública no Brasil. Baseado em seus estudos e levantamentos, Couto revela que todas as operadoras de plano de saúde, juntas, gastam anualmente cerca de 32 bilhões de reais para cobrir uma rede aproximada de 32 milhões de segurados. Enquanto isso, o governo gasta a mesma cifra para oferecer garantia constitucional da saúde pública, via SUS, para 143 milhões de brasileiros. Diante desta realidade, Couto vai reunir as principais autoridades no assunto durante o I Congresso Médico-Jurídico Brasileiro, entre eles o Superintendente regional da Funasa / RJ, Dr. Marcos Esner Musafir, para discutir o assunto. O evento será nos dias 16 e 17 de junho, no Rio.

Agora, vamos ver uma notícia de observação da própria coluna, publicada também no dia 24 de maio de 2004:

#### Frisson

Juliana Paes, a gostosona da vez, foi visitar a dermatologista, causando um verdadeiro frisson na Galeria Palácio Astória, em Ipanema. De um lado, a mulheres queriam saber exatamente o que ela tinha ido fazer exatamente, para fazer igual. De outro, o público masculino torcia - tal qual o bombeiro Vladimir, na ficção – para ela não pensar em retocar coisa alguma.

### COLUNA CÉSAR FACCIOLI - JORNAL DO BRASIL

Dia 1- 33,33%

Dia 2- 0%

Dia 3 – 11,11%

Dia 4- 44,4%

Dia 5- 44,4%

Dia 6- 12,5%

Dia 7- 12,5%

Dia 8- 12,5%

Dia 9 – 25%

Dia 10 - 11,11%

Dia 11- 11,11%

Dia 12- 66,66 %

Dia 13- 11,11 %

Dia 14- 0%

Dia 15- 12,5%

Dia 16- 25%

Dia 17- 44,44%

Dia 18- 22,22%

Dia 19 - 0%

Dia 20- 0%

Dia 21- 0%

Dia 22- 0%	Dia 26- 12,5%	Dia 30 – 33,33%
Dia 23- 12,5%	Dia 27- 11,11%	Dia 31- 22,22%
Dia 24 –11,11%	Dia 28- 0%	
Dia 25- 11,11%	Dia 29- 22,22%	

A Coluna do jornalista César Faccioli, o informe Econômico, sempre teve a preocupação de objetivar a notícia. Era uma marca trazida por Faccioli desde do Jornal do Comércio, onde também assinava uma coluna. O percentual de participação das assessorias, aparentemente, era muito pequeno. Tivemos, inclusive, alguma dificuldade em identificar as procedências das informações. Mesmo assim, algumas observações podem ser feitas:

Uma nota, com interesses de terceiros, por influência de assessorias: dia 23 de maio de 2004:

Comércio exterior em pauta

Centenas de empresários brasileiros irão se encontrar entre os próximos dias 7 e 9, na Rio Trade Week, para debater temas ligados ao comércio internacional e ao desenvolvimento. Promovido pela Camex, o evento antecede a 11ª Reunião Quadrianual da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento, que ocorre na semana seguinte, em São Paulo.

Agora, uma nota de interesse público, apurado por vias normais de editoria, publicada no dia 17 de maio:

Vingança é prato frio

Na costura feita pela Petrobrás para viabilizar 50 navios da Transpetro, não teve lugar para a Marítima. Reflexo dos conflitos jurídicos entre as duas, envolvendo as plataformas de exploração marítima.

Uma outra nota no dia 13 de maio, mostra a força de um banco, que pode servir de parâmetro para o leitor. Ela diz respeito a uma época conturbada e de desconfiança em relação às instituições financeiras. Seguramente partiu de uma assessoria, mas a sua informação pode servir de interesse público:

Número Um

O Banco do Brasil passou o Bradesco e retomou a liderança em número de correntistas. Mas só vai comemorar quando chegar a 20 milhões de contas. Falta pouco.

No dia 11 de maio, o colunista dá uma nota beneficiando uma determinada empresa. No caso, a Caixa Econômica Federal:

Moradia nos Trilhos

A Caixa Econômica Federal assina hoje acordo com a Rede Ferroviária Federal e com os Ministérios das Cidades e dos Transportes. O objetivo é destinar quase 300 mil imóveis da rede para a população de baixa renda.

COLUNA PAINEL S/A – GUILHERME BARROS – FOLHA DE SÃO PAULO
---

Dia 1- 63,63%	Dia 11- 100%	Dia 21- 100%
Dia 2- 90%	Dia 12- 100%	Dia 22- 100%
Dia 3 – 100%	Dia 13- 93,20%	Dia 23- 100%
Dia 4- 100%	Dia 14- 100%	Dia 24 –77,77%
Dia 5- 81,81%	Dia 15- 72,72%	Dia 25- 100%
Dia 6- 72,72%	Dia 16- 100%	Dia 26- 81,81%
Dia 7- 90%	Dia 17- 90%	Dia 27- 100%
Dia 8- 70%	Dia 18- 90,90	Dia 28- 100%
Dia 9 – 57,14%	Dia 19- 80,90%%	Dia 29- 100%
Dia 10 - 100%	Dia 20- 100%	Dia 30 – 100%
Dia 31-100%		

A Imagem da Folha de São Paulo conflita com a apuração dos informes de sua principal coluna econômica, Painel SA, assinada em maio de 2004, pelo jornalista Guilherme Barros. Guilherme já teve a experiência de assinar várias editoriais nos principais jornais e revistas do Brasil. Mas o resultado da apuração de sua coluna revela uma forte influência das assessorias de imprensa. Em 31 dias do mês de maio, período em que a coluna foi analisada, pelo menos 16 vezes a coluna Painel SA teve evidentes 100 % de influência de assessorias. Alguns exemplos:

Dia 2 de Maio:

Primeira Franquia

A rede Panashop inaugurou a primeira franquia de eletroeletrônico do país. A rede quer abrir 200 lojas em três anos. O investimento é de R\$ 500 mil.

Dia 8 de Maio:

Concorrência

A Embratel e os Correios lançam o primeiro cartão telefônico para ligações locais e de longa distância nacionais e internacionais. O cartão pode ser usado nos orelhões, celulares e telefones fixos. Antes, as três teles fixas atuavam sozinhas no mercado de cartões para chamadas locais em telefones públicos.

Dia 27 de maio:

Seguros

O Grupo Itaú arrecadou R\$ 1,4 bilhão com as vendas de apólices de seguros (excluindo saúde) no primeiro quadrimestre de 2004. A evolução foi de 47,5% em relação a igual período do ano passado, diz a Susep.

<b>COLUNA ANCELMO GOIS – O GLOBO</b>
--------------------------------------

Dia 1- 43,47%	Dia 12- 48%	Dia 23- 32%
Dia 2- 35%	Dia 13- 40%	Dia 24 –50%
Dia 3 – 66,6%	Dia 14- 61,53%	Dia 25-40,74%
Dia 4- 42%	Dia 15- 41,66%	Dia 26- 56,52%
Dia 5- 43%	Dia 16- 43,47%	Dia 27- 32%
Dia 6- 52%	Dia 17- 48%	Dia 28- 29,62%
Dia 7- 40%	Dia 18- 37,5%	Dia 29- 44,44%
Dia 8- 56%	Dia 19- 50%	Dia 30 – 45,83%
Dia 9 – 52,17%	Dia 20-54,16%	Dia 31- 62,96%
Dia 10 - 37,03%	Dia 21- 37,5%	
Dia 11- 42,30%	Dia 22- 50%	

A Coluna do jornalista Ancelmo Góis substituiu a Colouna do Swan, durante muitos anos assinada pelo jornalista Ricardo Boechat. Hoje, talvez, seja a coluna mais importante e mais influente na cidade do Rio de Janeiro. Mesmo assim, há notícias originárias de assessorias de imprensa.

No dia 22 de maio:

Pela Paz

Indicado para o Nobel da Paz., o líder espiritual Shrin Ravi Shankar se encontra segunda-feira no Rio com líderes da Rocinha, do Vidigal e de Santa Tereza. Quer falar sobre a cultura da paz. O encontro foi promovido pelo deputado Julio Lopes

No dia 19 de maio:

Zona Franca

O Paraíso do Tuiuti lança hoje o seu enredo pra 2005 em homenagem a Ricardo Cravo Albim.

No dia 3 de Maio:

SePETIBA Cresce

Com o Brasil exportando sem parar, sem parar, sem parar, o Porto de Sepetiba é um sucesso. A Vale do Rio Doce que investir na sua ampliação. Aliás, a Bunge Comunicou ao Secretário Humberto Mota, do Rio, que vai usar o Porto de Sepetiba. Só ano que vem, deve escoar 2 milhões de toneladas de grãos.

<b>COLUNA INFORME O DIA – ARNALDO CÉSAR</b>		
Dia 1- 23,80%	Dia 12- 30%	Dia 23- 9,52%
Dia 2- 21,05%	Dia 13- 30%	Dia 24 –20%
Dia 3 – 14%	Dia 14- 30%	Dia 25-10%
Dia 4- 19%	Dia 15- 20%	Dia 26- 20%
Dia 5- 20%	Dia 16- 55%	Dia 27- 10%
Dia 6- 35%	Dia 17- 15%	Dia 28- 21,05%
Dia 7- 10%	Dia 18- 19,04%	Dia 29- 10,52%
Dia 8- 15%	Dia 19- 25%	Dia 30 – 15%
Dia 9 – 15,78%	Dia 20- 28,57%	Dia 31- 21,05%
Dia 10 - 14,28%	Dia 21- 10%	
Dia 11- 30%	Dia 22- 28,57%	

A Coluna Informe do Dia, em 2004, era de responsabilidade de dois importantes jornalistas: Arnaldo César, com experiência em vários importantes veículos de comunicação do Brasil, e de Mônica Ramos, que o substituiu em algumas ocasiões, e acabou assumindo a coluna depois da saída de Arnaldo César do jornal O Dia.

A Coluna tem bastante credibilidade, respeito e influência. Mas ainda assim, sofre influências de assessorias. Vamos ver alguns exemplos: dia 22 de maio:

#### Direitos

Os funcionários da Sendas estão rindo à toa este mês. É que apareceu no contracheque deles, pela primeira vez, o pagamento de horas extras. O Grupo Pão de Açúcar, novo dono, gastou R\$ 390 mil nisso.

#### Dia 11 de maio:

##### Boom

A Organização Nacional das Indústrias de Petróleo (Onip) prevê um boom para o setor de logística dedicado à exploração de petróleo em quatro anos. A Bacia de Campos deve aumentar 50% sua produção, sem contar as novas descobertas. O setor cresceu tanto que ganhou um evento específico: o 1º Logística Offshore, de 12 a 14 de junho, em Macaé.

#### Dia 26 de maio:

##### Picadinho

De hoje a sábado acontece no Garden Hall, Barra da Tijuca, o 1º Festival Aroma do Campo de Música Brasileira. Quem canta na abertura é Ed Motta.

### A GAZETA MERCANTIL

A coluna Nomes& Nota da Gazeta Mercantil é publicada na página 2 do jornal. Trazia como sub-retranca o termo OPINIÃO. Mas na verdade, refletia apenas notícias, basicamente, de interesse de empresas, enviadas através de suas assessorias. Ainda assim, há distinção na natureza das notas.

No dia 4 de maio, por exemplo, há uma notícia de interesse do país, do ponto e vista das relações internacionais. Trata-se da nota a seguir:

Está virando moda

O Presidente colombiano, Álvaro Uribe, disse que precisa de mais tempo para concluir seu plano de desativação da guerrilha e extermínio do narcotráfico que fizeram, de seu país um dos mais violentos do mundo. Depois de um crescimento de mais de 4% no primeiro trimestre, Uribe, um advogado de 51 anos, está se esforçando para conseguir uma emenda constitucional que torne possível concorrer a um segundo mandato ao terminar o atual período presidencial, em 2006.

No dia 10 de maio, a coluna noticiou uma informação em que podemos ver claramente o dedo de uma assessoria de imprensa:

Primeiro dia

O primeiro dia da Drupa, a maior feira da indústria gráfica do mundo, superou as expectativas da Cia. Suzano e da Bahia Sul. A fabricante de papel e celulose, a única brasileira no setor com estande no evento, foi contactada por mais 30 de empresas de todo mundo na última quinta-feira. Entre os interessados, empresários da Turquia e do Oriente Médio. Durante a Drupa, a Suzano e a Bahia Sul lançaram uma marca mundial de papel não-revestido, o Parperfect, antes offset Bahia Sul. Produto líder brasileiro das exportações de não-revestidos, com 34 % dos embarques e chega a mais de 35 países.

COLUNA NOMES E NOTAS		
----------------------	--	--

Dia 1- 80%	Dia 12- 88,88%	Dia 23- NC / D
Dia 2- NC / D	Dia 13- 77,77%	Dia 24 - 90%
Dia 3 – 80%	Dia 14- 88,88%	Dia 25-90
Dia 4- 60%	Dia 15- NC /S	Dia 26- 55,55%
Dia 5- 77,27%	Dia 16- NC / D	Dia 27- 62,50%
Dia 6- 100%	Dia 17- 77,77%	Dia 28- 66,66%
Dia 7- 80%	Dia 18- 55,55%	Dia 29- NC /S
Dia 8 - NC /S	Dia 19- 60%	Dia 30 – NC / D
Dia 9 – NC / D	Dia 20- 70%	Dia 31- 62,5%
Dia 10 - 55,55%	Dia 21- 55,55%	
Dia 11- 80%	Dia 22- NC /S	



NC /S - Não circulou sábado

NC / D – Não circulou domingo

Na seqüência, uma notícia que pode ter sido apuração da própria coluna. O exemplo vem do dia 13 de maio, na nota seguinte:

**Injúria e Calúnia**

O ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, disse ontem que concorda com a medida do presidente Luiz Inácio Lula da Silva de expulsar o correspondente do jornal americano The New York Times, Larry Rother. O ministro foi enfático ao dizer que as alusões à liberdade de imprensa “ não tem nada a ver com isso “. Para ele, há no país total liberdade de criticar- o governo nunca atacou quem criticou as política interna ou externa - “Outra coisa é você ofender a honra nacional na pessoa do chefe de Estado numa matéria totalmente inventada e caluniosa”, afirmou. “ A calúnia e a injúria não tem nada a ver com a liberdade de imprensa”, concluiu Amorim.

COLUNA AZIZ AHMED – JORNAL DO COMMÉRCIO
---

Dia 1- 10 %	Dia 12- 0%	Dia 23- 23,07 %
Dia 2- 20%	Dia 13 -0%	Dia 24-NP /D
Dia 3 – NP /D	Dia 14- 0%	Dia 25- 0%
Dia 4- 23%	Dia 15- 0%	Dia 26- 40 %
Dia 5-16,6%	Dia 16- 25%	Dia 27- 0%
Dia 6 – 33,33%	Dia 17- NP /D	Dia 28- 0%
Dia 7- 8,33%	Dia 18- 0%	Dia 29- 0%
Dia 8- 35,7%	Dia 19- 0%	Dia 30- 6,66 %
Dia 9- 18,18%	Dia 20- 0%	Dia 31-0%
Dia 10- NP /D	Dia 21- 0%	
Dia 11- 0%	Dia 22- 0%	

NP/ D – Não publicada / Domingo

Aziz Ahmed é um jornalista no Rio de Janeiro, tendo ocupado funções de grande importância junto aos principais órgãos de comunicação da cidade. Hoje, sua coluna no Jornal do Comércio obedece, essencialmente, a critérios jornalísticos, mas não escapa de influências de assessorias de imprensa. Vamos ver dois exemplos:

Dia 3 de Maio:

Inconfidências

Com início da operação do Boeing 777, a Varig volta a oferecer, a partir deste mês, assentos na primeira classe nos vôos para Lisboa. ”

No Dia 8 de Maio:

Festa 777

A Varig comemorou ontem, dia 7,77 anos de atividades e estreou na rota Rio-Nova York, o Boeing 777, considerado o mais moderno avião da atualidade. A data marcou também o lançamento do novo serviço de bordo na primeira classe e da classe executiva nas rotas internacionais e a adoção de novos uniformes dos funcionários da empresa.

No mês de julho de 2005, alguns colunistas do jornal O Globo, hoje o principal jornal do Rio de Janeiro e um dos mais influentes jornais brasileiros, organizou um debate sobre a influência do jornalismo na cidade. A influência que as colunas assinadas tinham sobre o noticiário. Durante algumas horas, quatro dos principais colunistas do jornal debateram este tema: Joaquim Ferreira dos Santos, Ancelmo Góis, Cora Rónai e Arthur Dapiéve. O debate teve a mediação do jornalista Arthur Xexéo, que também é o editor do Segundo Caderno de O Globo. Em dado momento, um participante fez a seguinte pergunta para o jornalista Ancelmo Góis: “Como é feita a escolha das notas que chegam diariamente ?”

Em sua resposta, o colunista lembrou as mudanças ocorridas no espaço com a publicação diária de fotos feitas por leitores (como forma de aproximar o leitor) e também homenagear a cidade: *A coluna ganhou um perfil mais carioca com a publicação das fotos. Ficamos mais bairristas. Tenho orgulho disso. Em relação às notas, procuro sempre focar o Rio e também assuntos mais tratados pelo jornal daquele dia. Mas sempre é uma escolha difícil*, disse Ancelmo Gois. Em nenhum momento do longo debate, qualquer um dos debatedores falou sobre o poder da influência das assessorias de imprensa. No entanto o mediador, Arthur Xexéo, não no debate, mas na sua própria coluna, fez referências à esta influência. E de forma bastante irônica.

No dia 5 de maio de 2004, na coluna **TODOS OS PASSOS DA VIDA DE UMA CELEBRIDADE**, Xexéo fala sobre a assessoria de imprensa da Feiticeira. :

A mensagem chegou no meu computador sem pedir licença: Agora ficou mais fácil acompanhar de perto todos os passos da vida e das atividades da modelo Joana Prado.

Era tudo o que eu queria – comenta Xexéo. Ele diz que foi conhecer o site e que lá tem informes absolutamente desnecessários, como dicas de beleza e festas que ela irá para condessadamente “marcar presença”. A informações, obviamente, foram distribuídas pela assessoria de imprensa da modelo, que não teve o menor critério para divulgá-las. Um típico

exemplo de trabalho que compromete o assessorado. O assessor tenta usar o veículo, que, através de seu editor e um dos colunistas, acaba ridicularizando a pessoa que deveria ser divulgada.

No dia 23 de maio de 2004; Arthur Xexéo não é tão destrutivo, mas ridiculariza divulgadores e assessorias:

“Não sei o que aconteceu mas na última semana praticamente e-mails com notícias sobre celebridades (depois das críticas do dia 5 de maio, nenhum assessor de bom senso teve coragem de enviar notas de seus assessorados). Divulgadores e assessores de imprensa, aparentemente, abandonaram-me. Mas Nelson Rubens não me deixou na mão. O apresentador do TV Fama está dando uma festa para comemorar sua contratação por uma emissora de rádio “Venha, você será visto”, diz o convite. Vem cá,, é festa para ser visto ? E eu lá quero ser visto em companhia de convidados do Nelson Rubens que aceitam convite ? Vou declinar.”

Finalmente, um exemplo publicado no dia 13 de junho pelo mesmo Arthur Xexéo, que causa o inverso do que seria produtivo como resultado para uma assessoria.. Mostra os danos que podem causar uma assessoria de imprensa sem cuidado. Sem adequação.

“ Quase todos os colunistas da imprensa carioca receberam esta semana um e-mail de Ana Paula Barbosa com o seguinte texto: Após o desfile de segunda-feira da Loja de Inverno, Ana Paula Barbosa, neta do Chacrinha e filha de Maninha e Leleco Barbosa, e José Albucays, “Bombeiro”, depois de trocarem olhares *Calhentes* e desfilarem juntos no desfile, foram os últimos a saírem do camarim e ainda ficaram lá fora um tempo separados. Mas as más-línguas dizem que foram embora no carro dele que estava parado em frente ao shopping.

O e-mail é longo, revela Xexéo, mas diz que tem mais um trecho que merece destaque: “Menina de família boa, tem tudo para dar certo e acalmar Albucays”

Diz Xexéo:

“Deu para entender? A própria Ana Paula divulgou, com um texto em que se refere a ela mesma na terceira pessoa, a insinuação de que está namorando o bombeiro. Houve quem achasse que isso era realmente notícia.... e publicou”.

## 5. CONCLUSÃO

Há diferentes tipos de pauta e não-pauta, mas ela é atividade intrínseca ao funcionamento da imprensa. A identificação da origem da notícia, os métodos de captação e as influências que sofre neste processo não podem ser ignoradas.

O Labirinto representado pela evolução do processo histórico da imprensa brasileira, notadamente da imprensa carioca, considerando-se a influência de elementos históricos, econômicos e sociais, apresentou alguns aspectos importantes: a pauta é um fluxo único de idéia/processo de produção, intrinsecamente vinculado à organização das relações de trabalho na primeira fase dos impressos brasileiros.

É o período em que o eixo justificador da existência da imprensa está em ideais, filosofias, interesses externos ao processo de produção jornalístico propriamente dito, e o espaço físico do jornal abriga apenas o processo artesanal que está a serviço da reprodução de idéias. Nesta fase, propusemos já utilizar usar o conceito de *pauta externa* como referência objetiva na identificação desta técnica de produção jornalística.

A organização das principais redações dos jornais brasileiros, especialmente da década de 50, quando surge a pauta como claro elemento de referência para organização da produção “industrial” da notícia não foi inteiramente importada de modelos norte americanos de produção, apesar da forte influência técnica, política e institucional que passou a existir junto aos impressos jornalísticos. Esta perspectiva abre novas abordagens e possibilidades de pesquisa. Muito ainda pode ser trazido à tona para uma história da imprensa brasileira contemporânea a partir do reconhecimento da pauta e da assunção de que sua formatação e seu posicionamento hierárquico é estruturante na informação veiculada no dia a dia jornalístico.

A proposta de dar destaque ao pensamento e aos métodos pessoais de trabalho dos pauteiros, espelhos que refletem as transformações políticas e sociais de seu tempo, reforça a necessidade de vincular à leitura tecnológica uma alteração mais efetiva da leitura

sociológica, cujos parâmetros já foram levantados por alguns estudiosos, como Bourdieu (1997).

Apesar das determinantes exógenas de pressão, a decodificação do processo de produção da notícia não fica completo sem seus elementos endógenos – o jornalista e suas emoções. O labirinto que envolve o monstro que devora o vigor e a pureza da atividade jornalística não é linear. No subtexto das declarações dadas pelos jornalistas evidencia-se que à medida em que a pauta é assimilada e cresce como estrutura operacional, como instrumento que reforça a qualidade do trabalho dos profissionais na redação, a pauta é aceita e os pauteiros, seus elaboradores, são admirados.

Mas do momento em que a influência da tecnologia digital acelera a produção, as redações passam a ser formadas por estudantes e recém formados, tecnologicamente habilitados, mas com pouco lastro vivencial e os profissionais da “velha-guarda” são empurrados para assessorias de comunicação ou chefias que gerenciam os quadros “multifunção”. A pauta se fragmenta nas editorias, e qualquer centralização ou valorização do processo decisório de seleção para a formação da pauta é mal vista pelos novos jornalistas, que desconfiam deste instrumento que passa a ser identificada como instrumento de poder.

Há uma declarada dificuldade em reconhecer que a perda de visão do todo no processo editorial enfraquece o poder de intervenção do jornalista no resultado do seu trabalho, que passa a ser apropriado pela empresa. Bruno Thys declara claramente que ninguém tem esta perspectiva, do ponto de vista do quadro de jornalistas, o que é referendado por Dines.

Nada evidencia mais as transformações narrativas e os enquadramentos da informação midiaticizada do que a extinção da pauta e a forma como a agenda se constrói a partir de estruturas organizacionais *tecnoeconomicomidiáticas*. Não se trata de mergulhar em aspirações nostálgicas, que identificando descaminhos do jornalismo contemporâneo, vem propor uma restauração dos ideais da livre informação. É útil, no processo de construir uma referência instrumental para análise de um processo mais abrangente, resgatar todo o conhecimento disponível relativo ao objeto em questão.

No jornalismo convencional, uma notícia antes de ser veiculada tinha que entrar na pauta para ser avaliada, pesquisada e editada. Hoje, num webjornal como o Último Segundo, 70 % do material noticioso vão direto para a Internet e só depois é que os editores se preocupam com as rotinas jornalísticas tradicionais. E a maior parte das consultas feitas na redação pelos jornalistas para confirmação de dados é via web.

Uma diferença flagrante pode ser percebida ao primeiro relance nas pautas atuais.

Mesmo sendo mais um roteiro com o balanço das informações que já circulam por *sites* de notícias, rádio e tv, a contextualização é mínima. Os textos, repassados *online*, remetem a agendas sucintas, em contraste com as informações escritas à máquina pelos pauteiros considerados verdadeiras referências na atividade. Algumas das pautas de José Gonçalves Fontes, Luciano de Moraes, José Augusto Ribeiro e outros, poderiam ser confundidas com reportagens já apuradas, como citado no contexto da tese.

As pautas atuais, na verdade pautas / roteiros, são organizadas em sua origem por editorias, como podemos constatar no material do Jornal O Dia (ver Anexo 7.6) A pauta da Editoria Internacional lista verdadeiros resumos enviados por agências de notícias. Nas matérias locais, a tendência para um maior número de informações recai sobre as policiais.

Exclusão e pertencimento. O que entra, o que sai da pauta. O pertencimento pode nortear a percepção frente às injunções políticas, econômicas e tecnológicas que interferem no momento em que se define a produção noticiosa, a partir da pauta. O *pertencimento* da notícia em função do tipo de fonte, o *pertencimento* do jornalista ao seu meio, o *pertencimento* do espaço dado à notícia: a que estrutura *pertence* verdadeiramente o poder decisório do que é veiculado pela imprensa? O que significaria a extinção da pauta? Estas perguntas surgem para a continuidade da pesquisa sobre o assunto, a partir da comprovação da importância da pauta enquanto centro nevrálgico da estratégia de controle da informação jornalística.

Outra evidência da manipulação do controle é o reflexo do uso da estrutura das assessorias de imprensa. Ao mesmo tempo em que os textos que partem delas direcionam o enfoque dos acontecimentos para conquistar o objetivo de passar à condição de notícia, também procuram fornecer os dados mais adequados para que publicar seja a opção mais cômoda: não pode faltar quem, quando, como, onde e porque e um título diferente, original e apropriado ao jornal. Bons assessores costumam acertar na formatação – quanto mais empatia editorial temática e de estilo, mas fácil é “ganhar” espaço e conseguir publicar a matéria desejada.

Muitas das informações, portanto, colocadas pelas chefias e pelos editores, são trazidas por competentes assessores ou proprietários de empresas de assessorias que, egressos das redações, sabem exatamente como facilitar a vida dos estagiários, repórteres recém formados e repórteres em geral. Isto está expresso na pesquisa feita com as colunas que evidenciam estar absorvendo muito material “plantado por assessorias profissionais.

Na berlinda, a velocidade do envelhecimento das notícias, a falta de experiência vivencial por parte dos jovens jornalistas e a necessidade de ter por onde escoar a imensa

quantidade de dados produzida e armazenada *online*. Como aprofundar, se a quantidade de informações construídas tira a pauta outra vez das redações, reinstituindo o período em que o elemento gerador da produção estava fora, era externo? O detalhe é que antigamente a pauta externa era do próprio proprietário do jornal, porque não havia uma redação (e um corpo de jornalistas). Hoje, ela pertence aos clientes das Assessorias. Além de outra vez externa, terceirizada.

Consideramos a possibilidade de que zelar por um compromisso de independência ou pela manipulação se cristaliza na composição da pauta, é na pauta que se documenta a seleção e o recorte, a reprodutibilidade sem crítica, a ideologia, o repasse de uma visão de mundo.

Através desta perspectiva é proposta uma visão mais abrangente, com a percepção do fazer jornalístico como um todo. Evitar que a pauta seja vista como um elemento autofágico, quando ela pode ser um instrumento de transformação a partir da consciência de todos os envolvidos no processo de produção da notícia, no processo de produção do veículo jornal.

A proposta é desconstruir a percepção de que a pauta é cerceadora e revelar a sua contundente importância para então construir, crescendo. E não permitir que a percepção da desconstrução destrua o que já foi construído. É preciso manter o fio de Ariadne.

## **6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

### **6.1. Livros**

ABRAMO, Cláudio. A regra do Jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ABREU, Alzira Alves de. A modernização da imprensa (1970-2000). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

\_\_\_\_\_; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora.(org.). Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 2003. 400p.

ACCARDO, Alain. A estranha ética dos jornalistas. Le Monde Diplomatique. Edição brasileira. Ano 1, nº4.

ARBEX JR., José. Showrnalismo: a notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001. 290p.

\_\_\_\_\_. O jornalismo canalha: a promíscua relação entre a mídia e o poder. São Paulo: Casa Amarela, 2003. 195p.

ARGOLO, José Amaral; RIBEIRO, Kátia; FORTUNATO, Luiz Alberto. A direita explosiva no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 1996. 332p.

BAHIA, Juarez. Jornal, História e Técnica. As técnicas do jornalismo. 4.ed. (revista e atualizada). São Paulo: Ed. Ática, 1990. 2 v. 445p.



BAUDRILLARD, Jean. Tela Total: mito – ironias da era do virtual e da imagem. Porto Alegre: Sulina, 1997. 192p.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: Consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. 145p.

\_\_\_\_\_. Em busca da política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. 213p.

\_\_\_\_\_. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. 258p.

BERLIN, Isaiah. Limites da utopia: Capítulos da história das idéias. Copyright da seleção Editorial de 1990 por Henry Hardy. Pg 14. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 1997. 143p.

\_\_\_\_\_. O poder simbólico. 3.ed. Rio de Janeiro: Betrand Russel, 2000. 322 p.

BRANCO, Carlos Castelo. Retratos e fatos da história recente: perfis. Rio de Janeiro: Revan, 1996. 208p.

BRETON, Philippe; PROULX, Serge. Sociologia da comunicação. São Paulo, Loyola, 2002. 287p.

BUCCI, Eugênio. Sobre Ética e Imprensa. São Paulo: Cia das Letras, 2000. 245p.

CALDAS, Álvaro (org.). Deu no Jornal: O jornalismo impresso na era da Internet. São Paulo: Loyola, 2002. 208p.

CAMPBELL, Joseph. O herói de mil faces. 8.ed. São Paulo: Cultrix, 2003. 414p.

CASTRO, Alexandre. Na solidão do jornal: o repetitivo e monótono trabalho do pauteiro. Cadernos de Jornalismo, Porto Alegre: Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre, 1977. p. 23-27, nov. 1977.

CHAMPAGNE, Patrick. A visão mediana. In. BOURDIEU, Pierre et alli: A miséria do mundo. 4.ed. Petrópolis, Vozes, 1997. 747p.

CHOMSKY, Noam. A nova guerra contra o terror. In PALESTRA REALIZADA NO MASSACHUSSETS INSTITUTE OF TECHNOLOGY (MIT), em 18 de outubro de 2001, Massachusetts, 2001.

\_\_\_\_\_. Mídia e poder. Entrevista com Noam Chomsky por Regina Zappa, 2003.

\_\_\_\_\_. Uma nova geração define o limite. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174p.

DARTON, Robert. O beijo de Lamourette. São Paulo: Cia das Letras, 1990. 330p.

DINES, Alberto. O papel do jornal: uma releitura. 7.ed (ampliada e atualizada). São Paulo: Summus, 1986. 159p.

\_\_\_\_\_; VOGT, Carlos; MELO José Marques (Orgs.) A imprensa em questão. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. 181p.

DREIFUSS, René Armand. 1964: a conquista do Estado – ação política, poder e golpe de classe. 3.ed. Petrópolis, Vozes, 1981. 814p.

EMERY, Edwin. História da Imprensa nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Livradora, 1965

ERBOLATO, Mário. Técnicas de Codificação em Jornalismo: Redação, Capacitação e edição no jornal diário. São Paulo: Editora Ática, 2001. 256p.

FABIANO, Ruy. Profanação. São Paulo, A Girafa, 2005. 256p.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. 17.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979. 295p.

\_\_\_\_\_. Vigiar e Punir. 6a ed. Petrópolis: Vozes. 1988 [1975]

FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a liberdade e outros escritos. 9.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. 176p.

GUÉNON, René. Os símbolos da ciência sagrada: a importância dos símbolos na transmissão dos ensinamentos doutrinários de ordem tradicional. São Paulo: Pensamento, 1962. 407p.

GITLIN, Todd. Mídias sem limites. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 349p.

HABERMAS, Jürgen. Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. 398p.

\_\_\_\_\_. O discurso filosófico da modernidade: doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 540p. (Coleção Tópicos).

HALIMI, Serge. Os novos cães de guarda. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. 150p.

HENN, Ronaldo. Pauta e Notícia: uma abordagem semiótica. Canoas: Ed. Ulbra, 1996.

HERKENHOFF, Alfredo. Pautas e Fontes. Rio de Janeiro: 1998. Inédito.

KARAM, Francisco José. Jornalismo, Ética e Liberdade: Debates sobre a liberdade de imprensa e comunicação. São Paulo: Summus, 1997. 147p. 54 v. (Coleção Novas Buscas em comunicação)

KOTSCHO, Ricardo. A prática da reportagem. São Paulo: Ática, 2000. 80p. (Série Fundamentos)

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração Editorial, 2003. 302p.

KUNCZIK, Bernardo. A síndrome da antena parabólica. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

\_\_\_\_\_. Conceitos de Jornalismo: Norte e Sul: manual de comunicação. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2002. 415p.

LACAN, Jean-François; PALMER, Michael; RUELLAN, Denis. Les Journalistes: stars, scribes, scribouillards. Paris: Syros, 1994.

LAGE, Nilson. A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. 189p.

LEVY, Tatiana Salem. A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. 132p. (Conexões;19)

LIMA, André Motta (coord.). Datas e Fatos: 365 dias de histórias para a alegria dos pauteiros. 2.ed. Rio de Janeiro: Casa do Vídeo, 2001. 212p.

LIPPMANN, Walter. Public Opinion. Nova York: The Free Press, 1965.

LUSTOSA, Isabel. O nascimento da imprensa brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 71p. (Coleção Descobrindo o Brasil)

MARCONDES Filho, Ciro. A saga dos cães perdidos. 2.ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002. 176p.

MARX, Karl. Liberdade de Imprensa. Porto Alegre: L&PM, 2001. 226p. (Coleção L&PM Pocket)

MATTUS, Carlos. Governo e Sociedade. Brasília: Ed IPEA, 1984.

MELO, José Marques de. Jornalismo Brasileiro. Porto Alegre: Sulina, 2003. 239P.

MORAES, Dênis de. (Org) Globalização, mídia e cultura contemporânea. Campo Grande: Letra Livre, 1997. 264P.

MORAES, Fernando. Cem quilos de ouro: e outras histórias de um repórter. São Paulo: Companhia Das Letras, 2003. 327P.

MORAES, Luciano de. No começo de tudo está a pauta. Revista de Comunicação da ABI. Rio de Janeiro: ABI, Ano 2, n. 5, p.24-25, 1986/87.

MORETZON, Sylvia. Jornalismo em Tempo Real: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002. 192p.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). O Jornal: da forma ao sentido. 2.ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2002. 588p. (Coleção Comunicação, 2)

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. The Spiral of Silence: Public Opinion – our social skin. 2.ed. Chicago: The University of Chicago Press, 1993. 269p.

NOBLAT, Ricardo. A arte de fazer um jornal diário. São Paulo: Contexto, 2002. 174p.

PAIVA, Raquel (org.). Ética, Cidadania e Imprensa. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. 199p.

PENA, Felipe. Teoria do jornalismo. São Paulo: Contexto, 2005. 235p.

RABAÇA, Carlos; BARBOSA, Gustavo. Dicionário de Comunicação. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

RAMONET, Ignacio. A Tirania da Comunicação. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 141p.

SARLO, Beatriz. Cenas da vida pós moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina. 2.ed. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 2000. 196p.

SERVA, Leão. Jornalismo e desinformação. São Paulo: Campus, 2002.

STAUBER, John; RAMPTON, Sheldon. Toxic Sludge is good for you: Lies, Damn Lies and the Public Relations Industry. Madison, EUA: Center for Media and Democracy, Common Courage Press, 1995. 236p.

STEPHANIDES, Menelaos. Teseu, Perseu e outros mitos. 2.ed. São Paulo: Odysseus, 2000. 168p.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. O Império do Grotesco. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. 160p.

\_\_\_\_\_. Reinventando a Cultura: a comunicação e seus produtos. Petrópolis: Vozes, 1996. 180p.

\_\_\_\_\_. Sociedade, mídia e violência. Porto Alegre: Sulina, Edipucrs, 2002. 112p. (Coleção Comunicação, 22)

SODRÉ, Néelson Werneck. A História da Imprensa no Brasil. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. 501p.

STRAUSS, Lévy. Introdução de sociologia e antropologia. São Paulo: Edusp, 1974.

TABAK, Israel. O repórter em ação. In: CALDAS, Álvaro (org.). Deu no jornal. São Paulo: Loyola, 2002. 208p.

TALESE, Gay. Fama e anonimato. 2.ed (revista e ampliada). São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 535p.

TARDE, Gabriel. A opinião e as massas. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 209p. (Coleção Tópicos)

ULIBARRI, Eduardo. Idea y vida del reportage. Cidade do México: Editorial Trillas, 1994.

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência. Campinas: Papirus, 2002. 268p.

VIRILIO, Paul. A bomba informática. Trad. Luciano Vieira Machado. São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 1999. 142p.

WEBER, Max. Sociologia da Imprensa: um programa de pesquisa. Publicado originalmente como Alocução no Primeiro Congresso da Associação Alemã de Sociologia de Frankfurt,

1910 (p.434-441), em Max Weber, *Gesammelte Aufsätze zur Soziologie und Socialpolitik*, Tübingen, J.C.B. Mohr. [Paul Siebeck], 1924. Utilizada a publicação na Revista Española de Investigaciones Sociales – Reis, nº 57/1992, pp251-259. Tradução de Encarnacion Moya.

WOLF, Mauro. *Teoria das Comunicações de Massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 295p. (Coleção Leitura Crítica).

## **6.2. Artigos de Revistas**

DIÁRIO CARIOCA: O máximo de jornal no mínimo de espaço. *Cadernos de Comunicação*. Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio, Secretaria Especial da Comunicação Social, v.9, 2003. 116p. Série Memória.

LUZ, Cristina Rego Monteiro da. Em busca da memória na TV. *Comum*. Rio de Janeiro: Publicação das Faculdades Integradas Hélio Alonso, v. 19, 2002.

LUZ, Cristina Rego Monteiro da. A fênix em chamas: o ocaso do mito épico do jornalismo. *Comum*. Rio de Janeiro: Publicação das Faculdades Integradas Hélio Alonso, v.21, 2003

LUGAR COMUM: estudos de mídia, cultura e democracia. Rio de Janeiro: UFRJ. ECO, Núcleo de Estudos e Pesquisa em Comunicação, v. 15-16, Setembro 2001- abril 2002.

NOGUEIRA, Sílvia Garcia. O meio jornalístico e a reunião de pauta: quando a parte expressa o todo. *Revista Alceu*. Rio de Janeiro: Departamento de comunicação social, Puc- rio, v.3, jul / dez 2002, pág. 62 a 73.

PORTELA, Juvenal. Pauta em jornal: um mal necessário? *Cadernos de Jornalismo e Comunicação*. Rio de Janeiro: Ed. Jornal do Brasil, 1972

### 6.3. Artigos de Jornais

BRITO, Carlos. Secretaria afasta médico: Comissão vai investigar ato de profissional que receitou colírio a criança. Menino morreu de meningite um dia após ser atendido. O Dia, 27 abr. 2004. Nosso Rio, p.4.

GABARITOS. O Dia, 27 abr. 2004. Concursos & Empregos, p.18.

DAHER, Daniella. O mapa do hipotireoidismo: primeiro levantamento nacional sobre a incidência da doença está sendo feito no Rio de Janeiro. O Dia, 27 abr. 2004. Saúde e Bem Estar, p.2.

AGENTE DA PF TROCA TIROS COM ASSALTANTES. O Dia, 27 abr. 2004. Dia a Dia, p.13.

UM RIO DE OLHOS VERMELHOS: Secretaria de saúde confirma surto de conjuntivite na cidade. Doentes lotam hospitais e postos atrás de atendimento médico. O Dia, 27 abr. 2004. Nosso Rio, p.3

LIMA, Leila Souza. Sem razão para festejar: em seu dia comemorativo, domésticas batem à porta de ministro para pedir direitos trabalhistas. O Dia, 27 abr. 2004. O Dia de olho para você, p.21.

MACARRÃO VAI SUBIR ATÉ 8%, DIZ ABIMA. O Dia, 27 abr. 2004. Dia a Dia, p.21.

O DIA E A BAND SE UNEM: acordo oficializa parceria e veículos vão cobrir as eleições juntos, com debates e pesquisas. O Dia, 27 abr. 2004. O Dia de olho para você, p.18.

SANTOS, Lúcio. Lula promete amansar o Leão: Presidente anuncia mudanças na tabela do IR, que podem vigorar a partir do mês que vem – mordida neste governo já é de 11,32%. O Dia, 27 abr. 2004. De olho para você, p.17.

IDOSO: prioridade só pela Internet. O Dia, 27 abr. 2004. De olho para você, p.17.



## 6.4. Sites na Internet

A agonia da pauta <[http://www.ultimosegundo.com.br/jornais\\_morte.htm](http://www.ultimosegundo.com.br/jornais_morte.htm)> Acesso em 21/1/2002.

Blue Bus todo mundo lê. Disponível em: <<http://www.bluebus.com.br>>. Acesso em: 10/9/2004

International Newspaper Marketing Association. Disponível em: <<http://www.inma.org>>. Acesso em: 13/01/2004

DINES, Alberto (editor responsável). Observatório da Imprensa: você nunca mais vai ler jornal do mesmo jeito. É uma iniciativa do Projor, Instituto para o desenvolvimento o jornalismo. Disponível em: <<http://www.observatoriodeimprensa.com>>. Acesso em 14/02/2005

SABOYA, Jackson. A face terrorista da informação. Artigo notícia conteúdo da televisão. Disponível em: <[www.videotexto.tv/page56.html](http://www.videotexto.tv/page56.html)>. Acesso em: 09/10/2002.

## 6.5. Teses, dissertações e TCC

ABREU JÚNIOR, João Batista. As manobras da informação: análise da cobertura jornalística da luta armada no Brasil. Niterói, 1998. Dissertação (Mestrado em comunicação) - Universidade Federal Fluminense, IACS, Niterói .

ACSELRAD, Márcio. Os sentidos da verdade: multiplicidade, paradoxo e linguagem. Rio de Janeiro, 1996. Tese (Doutorado em Comunicação) - ECO, UFRJ, Rio de Janeiro, 1996.

BISPO, Itacy Ribeiro. Uma abordagem da pós-modernidade na mídia impresso: o paradigma do JB. Rio de Janeiro, 1997. Tese (Doutorado em Educação) - ECO, UFRJ, Rio de Janeiro, 1997.

CÂMARA, Marcelo Barbosa. O jornalismo independente de Caros Amigos. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - PUC/USP, São Paulo, março de 2002. Disponível em: < <http://www.observatoriodeimprensa> >. Acesso em: 10/01/2004.

SALES, Fernanda dos Santos Vivas. A urgência sem ponteiros: uma experiência no jornalismo all news. Niterói, 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) – Curso de Comunicação, Universidade Federal Fluminense, 2004

TAVARES, Luís Guilherme Pontes. Rascunho da História da pauta jornalística no Brasil. Trabalho apresentado em 1989 à disciplina “Editando: da pauta ao layout” do curso de pós – graduação da Escola de Comunicação e Artes da USP.

TEIXEIRA, Milena Soares. Pauteiros: os anônimos garimpeiros da notícia – Não leva a vida na flauta quem vive de fazer pauta. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação) – Curso de Comunicação, Universidade Federal Fluminense, 2003, 69 p.

## 7. ANEXOS

### 7.1. Texto de José A. Argolo sobre Luciano de Moraes

Luciano de Moraes, o maior pauteiro deste País  
apenas cinco linhas de referência no obituário do Globo

∴ José A. Argolo ©abril-maio de 2003

Morreu o Prudentinho!!

Exatamente assim, com essas palavras, começava a primeira lauda da pauta histórica da *Editoria Grande Rio* do *Globo*, naquela madrugada triste dos anos setenta, horas antes de o corpo de Prudente de Mores, neto: jornalista, escritor, ex-presidente da Associação Brasileira de Imprensa e um dos baluartes na luta contra os governos militares instalados no País após o golpe militar de 1964, descer à sepultura .

O homem que, com criatividade, sensibilidade e talento elaborava a pauta da *Editoria Grande Rio* chamava-se Luciano de Moraes. Era de baixa estatura, gordo para além do desejável segundo recomendam os cardiologistas, usava barba e vestia quase sempre calça de brim e camisa folgada de mangas curtas.

Luciano, para aqueles que o conheceram circunstancialmente ou com ele trabalharam em outros diários e/ou emissoras de televisão, foi um dos mais carismáticos, respeitados e completos jornalistas do seu tempo e, penso eu – “seu aluno constante e dedicado” durante quase dois anos em que atuei no plantão da madrugada no *Globo* – o melhor pauteiro deste País.

É com prazer que escrevo estas linhas de modo a colaborar- por intermédio dessas modestas lembranças de trato pessoal- para a tese de doutoramento da Professora e Jornalista Cristina Rego Monteiro, a quem, por uma feliz coincidência, tenho o privilégio de ser o orientador no Programa de Pós-Graduação (Doutorado) em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ.

Conheci Luciano de Moraes na segunda metade dos anos setenta, quando, jovem repórter e ainda com alguns vícios de redação próprios de quem cursara a antiga e conceituada Faculdade de Direito da Universidade do Estado da Guanabara (atual UERJ) - e em que pese o fato de concomitantemente, estar concluindo o curso de graduação em Jornalismo- prestava serviços ao *Globo* inicialmente como *trainee* e, poucos meses depois, contratado da empresa.

Tão-somente como registro, o meu aprendizado jornalístico teve início em 1972, quando eu editava um *jornaleco* chamado *Periculum*, em formato tablóide (padrão ideal devido ao baixo custo de impressão), nas oficinas *para lá de antigas* da *Gazeta de Notícias*, no Centro da Cidade, na exatamente atrás do Colégio Pedro II.

No Globo, porém, eu comecei a tomar pé do que realmente era um grande jornal, com recursos financeiros aparentemente inesgotáveis, alguns carros de reportagem, sistemas de transmissão/recepção via rádio e horário de fechamento ainda com ainda algumas possibilidades de dilatação.

Luciano de Moraes chegava á Redação por volta das três da madrugada. Quando o autor destas linhas, em meados de 1978, tinha sido remanejado pela Chefia de Reportagem para cobrir o plantão da madrugada em substituição ao companheiro Antonio Pires Júnior, o *Gaúcho*, bom repórter e ótimo colega, que estava se transferindo de mala e cuia para Santos (SP), onde assumiria a função de editor do jornal *Tribuna de Santos*.

O outro plantonista, Estanislau de Oliveira, experimentado militante do Partido Comunista Brasileiro, também estava de partida. Fora contratado pelo *Jornal do Brasil*. Enfim, uma perda que precisava ser compensada. Ficamos, pois, eu, Orlando Silva e Paulo César Fonseca tentando reportar o que acontecia das 23 horas às seis, sete da manhã seguinte nesta metrópole cheia de problemas e perigos em cada esquina chamada Rio de Janeiro.

Tempos difíceis, aqueles. Em plena fase final do governo do general-presidente Ernesto Geisel, as preocupações eram muitas, principalmente devido às ações cada vez mais ousadas dos grupos de extermínio que atuavam não mais e tão-somente na Baixada Fluminense; dos atentados e incêndios a bancas de jornais etc.

Luciano, como assinalado, chegava por volta das três horas e o fazia consciente de já estar bem informado. Ouvia rádio, muito rádio. Sentava-se próximo à estrada do pequeno jirau que servia como base para a Repol/Repress (sistema de correspondentes do *Globo* no interior do estado) e começava a trabalhar de maneira metódica.

A primeira coisa que fazia era abrir uma pasta larga, contendo exatas trinta divisões (uma para cada dia, ficando a última para os meses com 31 dias). Dali retirava recortes de jornais e revistas que ele próprio selecionava, cópias das notícias não publicadas naquela edição, laudos contendo relatórios elaborados pelos repórteres com informações adicionais aos fatos, lembretes redigidos pelo editor ou chefe de reportagem etc.

Em seguida, lia o conteúdo daquilo tudo e passava à, digamos, Fase 2 do processo: lia os jornais recém-adquiridos pelos contínuos na banca de jornais da Central do Brasil e/ou Rodoviária (eventualmente esses matutinos [*O Dia* , sempre em primeiro lugar, porque rodava mais cedo; *Jornal do Brasil*, *Última Hora* , *Tribuna de Imprensa*] eram permutados por outros exemplares do *Globo*) da seguinte maneira: dava uma vista d'olhos nas primeiras páginas e recomeçava a literatura a partir da última página de cada caderno. Inclusive os classificados. É que ali (sempre, grifo nosso) estão *parcialmente escondidos alguns segredos*, tais como editais de licitação, anúncios estranhos, convites para festas, convocações para reuniões de condomínio em edifícios do *society* etc.

E ia lendo e cortando com uma tesoura aquilo que o interessava, tudo isso sem perder o foco do noticiário e jamais deixando de lado o acompanhamento dos fatos que ocorriam durante a madrugada, as inscrições nos segundo e terceiro clichês.

Ficava, assim, montinho de papéis que ele depois ordenava seguindo parâmetros bastante definidos: 1. horário (do que aconteceria mais cedo para o que vinha depois. Afinal, de nada vale registrar uma pauta à página 9 do conjunto de itens, se o Chefe de Reportagem terá sempre – e preferencialmente – sua atenção voltada para os primeiros); 2. Local (do mais distante e que, exatamente por isso, demandaria tempo adicional para a chegada da equipe, para o mais próximo).

Todo esse trabalho era elaborado sem desprivilegiar o interesse provocado pelo noticiário da véspera (um crime de ampla reverberação, um fato no âmbito da política estadual ou municipal, algo relacionado às obras de infraestrutura da cidade). A bem da verdade, *O Globo* dispunha de uma reduzida, porem eficiente, equipe de *suiteros* – prática esta que me parece algo esquecida nas redações dos principais jornais do País. Talvez pelo imediatismo com que se pretenda vender as notícias, talvez pela compressão no horário do fechamento das páginas, talvez pelo fato de que estejamos vivendo um momento insólito (e possivelmente insípido!!!) na mecânica do fazer jornais. É algo a pensar. Que sabe?

De cada item da pauta Luciano construía um castelo à parte. Dou exemplo, seguindo o seu próprio modelo de elaboração, que ainda hoje copio e – sinceramente – não conheço outro melhor:

SÃO JOÃO: Hoje é dia dele. Além de uma visita à Igreja consagrada ao Santo para registrar a presença dos fiéis, vamos oferecer aos leitores deste Domingo uma oportunidade de curtir o festejo Como ele é, descrevendo as brincadeiras, os Doces e as comidas típicas, as canções que Ajudam a animar as tardes- noites mornas de Junho. Como esta que eu guardo comigo desde a infância: *Com a filha de João / Antonio ia se casar / Mas Pedro fugiu com a noiva / Na hora de ir pro altar*. Ah! E temos que pensar na quadrilha. Dançar quase todo mundo dança, mas o que significa o bailado? Quem faz o quê? E as palavras de ordem? *Meia volta? Anarriê?* Há uma grande festa programada para hoje à tarde no Engenho de Dentro, Rua \*\*\*. Vamos lá conferir. Com fotos.

Embora não fosse esta a prática no *Globo*, algumas vezes ele, Luciano, sugeria no *miolo* da pauta o nome de um/uma repórter que, na sua opinião e especificamente em relação àquele fato, poderia produzir uma boa reportagem. Mas a palavra final ficava com o Chefe de Reportagem.

Deixei de privar do cotidiano de lutas jornalísticas com Luciano de Moraes quando fui demitido do *Globo* na grande *degola* promovida pela empresa em 1981 e acabei imediatamente contratado pela TV *Globo*. Um período turbulento na minha trajetória como repórter. Fomos perdendo contato e nos víamos tão-somente de quando em quando, por ocasião das reuniões e debates realizados na Associação Brasileira de Imprensa.

Soube da sua morte pelas páginas dos jornais, E, com tristeza, li no *Globo* as cinco linhas que lhe foram dedicadas no bloco de obituário. Muito pouco para quem ofereceu tamanho talento e criatividade à imprensa carioca.

---

∴ José A Argolo é jornalista, advogado, escritor e Professor Adjunto do quadro permanente da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde leciona tanto na graduação ( habilitação: Jornalismo) como no *Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura* ( mestrado e doutorado). Pós-graduação em jornalismo e em Ciência Política, é Mestre em Filosofia e Doutor em comunicação e Cultura. Entre outros trabalhos de sua lavra, destacam-se: *A Direita Explosiva no Brasil* (1996). *Para uma pedagogia dos Correspondentes de Guerra* ( 1994), *Dos Quartéis A Espionagem – Caminhos e Desvios do Poder Militar* (2003); *Cadernos de Jornalismo Investigativo* (2003).

## 7.2. Pautas de José Gonçalves Fontes

### Pauta sobre o Dia Estadual da Mulata de Show

Uma matéria que tem o seu lado sério, ridículo, divertido e social: o governador Marcello Alencar concretizou medida administrativa de maior relevância: homologou, sem vetos, o projeto que cria o Dia Estadual da Mulata de Show. A nota irônica em O Globo, coluna do Swann, dá um sambão com direito a todos os requebrados imagináveis, incluindo os fantasiosos. Para começar é uma lei - vejam só, uma lei racista. Será que fora o Dia Estadual da Mulata de Show todos os outros dias do ano serão de brancos? É discriminatória: o Dia Estadual da Mulata de Show não abarca o resto das mulatas, que não são de show, mas dão um show de beleza, sensualidade e talento em todos os setores da vida.

Se o produtor Oswaldo Sargentelli fosse deputado diríamos que o projeto transformado em lei pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj) e sancionado pelo Marcello Alencar seria de sua lavra e larva. A notinha de Ricardo Boechat não diz quem foi o autor da lei. Interessante é descobrir as motivações - já que não parece haver razões - que levaram o autor a apresentar esse importante projeto. E, também, quais foram os fundamentos?

Quanto tempo esse projeto levou para ser aprovado? Por quantos deputados foi aprovada a lei? Quem aprovou e quem votou contra? Vamos discriminar os nomes. Quanto custou ao erário essa peça legislativa digna de quem não tem nada mais importante para fazer e que só deve ter bumbum na cabeça? Temos de saber qual o dia e o mês, por que a data escolhida e por que tal dia. Ainda no campo da autoria, perguntar ao Marcello Alencar por que sancionou essa lei da maior relevância?

Quem são as mulatas de show? Perfil e entrevistas com algumas delas sobre a profissão e sobre a efeméride que legislaram sobre elas. Existe um monte de mulatas que estão fora da lei. Temos as famosas como aquela que foi musa de um dos verões da Revista Domingo, a Camila Pitanguinha, modelo e atriz, a Globeleza Valéria Valenssa, da vinheta viva dos carnavais da Globo. Existem outras como aquelas das novelas e que, por não serem de show, devem se sentir do mesmo modo barradas. O elenco das barradas pode ser ampliado. Como? Ouvindo e fotografando mulatas que trabalham como jornalistas, magistradas, professoras, médicas e por aí fora. Também pode ficar legal incluirmos as belas, as feias, as sensuais e os bagulhos.

#### Assalto no Metrô

Aconteceu num vagão desse meio de transporte que já foi comparado a uma Bélgica nessa Índia que é o Brasil. Nossa tarefa é voltar às estações e refazer a história, ouvindo os passageiros e o Metrô. Vamos verificar também se a segurança foi reforçada e que providências a delegacia da área teria tomado para investigar o assalto. Poderíamos ouvir também o único assaltante preso.

Durante muito tempo perambulou por aqui, sem prosperar, uma sugestão de matéria sobre a escalada de assaltos nas estações, em particular da Tijuca. Dizia-se que na estação de São Francisco Xavier só numa tarde ocorreram três assaltos com intervalos de minutos. Lembrava-se que as estações de metrô eram inexpugnáveis a roubos. Assalto a composições, nem pensar. O serviço de segurança, presente e atuante, vem sendo, por economia, desmantelado aos poucos com a redução do quadro de funcionários pela administração Álvaro Santos. Pedia-se um levantamento dos assaltos, estação por estação, apesar de muitas vítimas não comparecerem às delegacias porque não adianta nada mesmo



Agora é pegar o fato específico recente para fazer finalmente prosperar a pauta. Ouvir todas as ratazanas mais gordas desse Estado sobre a degradação do Metrô cuja operação será privatizada ainda este ano. Temos de ouvir também as lideranças sindicais e do corpo de seguranças do Metrô. O repórter pode fazer uma viagem da Praça Saens Peña a Botafogo para sentir o problema da falta de segurança no interior dos carros. Com um pouco de sorte, poderá flagrar alguma cena de decadência do serviço.

#### O peso das mochilas

Os estudantes de primeiro grau do Estado não podem carregar em suas mochilas o equivalente, em material escolar, a 10% de seu próprio peso. A Assembléia Legislativa derrubou ontem o veto do governador àquela lei, de autoria do deputado Carlos Minc. É provável que o projeto do Minc, o primeiro pelego ecológico do mundo e um dos mais talentosos cafetões da mídia (definição carinhosa de Fontes), tenha fundamento de ordem ortopédica ou coisa que o valha, mas é inexecutável na prática. Vejamos os termos da lei e as sanções que ela estabelece. Se não explica sanções, não pode ser cumprida. Será que os colégios vão ter de possuir uma balança para pesar os seus alunos e calcular os 10% do peso passível de ser carregado por cada um? Qual o órgão que vai garantir a precisão da pesagem? O Inmetro (Instituto Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial) é acionado pela lei Minc? Em havendo sanções, quem será punido: o aluno, o pai, a mãe ou o colégio? Qual o órgão fiscalizador e coator da lei? Fora essas indagações, percorrer os colégios e verificar as mochilas dos alunos, saber o que estes acham da lei. Ouvir também pais, professores e diretores: saber as razões do veto do governador. Por último, ouvir ortopedistas que nos dirão que o laborioso Minc tem razão, que vale a pena advertir os pais contra o excesso de peso carregado por seus filhos.

#### Demolição ou Tombamento de casa projetada por Niemeyer

Se ficar mesmo embargada a demolição da casa de Botafogo projetada pelo arquiteto Oscar Niemeyer, quem vai assumir o prejuízo? Se ela for tombada, terá que ser reconstruída. E quem terá que bancar a reconstrução? E como fica a construtora que comprou a casa? Afinal, ela comprou porque a prefeitura deve ter informado que não havia

nenhum embargo ou projeto de tombamento. Ouçamos a comunidade, a construtora, artistas etc.

A volúpia de tombamentos partida quase sempre de lideranças da comunidade - que muitas vezes o que querem mesmo é aparecer na mídia, ou muitas vezes inocentemente manipuladas por interesses comerciais conflitantes do mercado imobiliário - está se transformando numa paranóia. Uma obra moderna, dos anos 60, com o autor ainda vivo - mesmo que seja ele um gênio, não pode ser causa para ferir direitos alheios. Até porque os conceitos apelados para o tombamento no caso específico podem, daqui a alguns anos, ser contestados artisticamente e até condenados.

O tombamento da casa projetada por Niemeyer não poderá estar impedindo a consumação de uma outra obra da arquitetura e engenharia artisticamente mais arrojada a ser apreciada pelas futuras gerações? É um precedente. Já pensou sair pela cidade tombando toda obra contemporânea de arquiteto famoso? Por que não tombamos também obras do Lúcio Costa e do próprio Conde? O Conde tem realmente projetos artísticos, para não falar do Lúcio Costa. Esta observação é necessária para que ponha em debate os critérios de tombamento, ouvindo pessoas, técnicos, artistas, juristas, legisladores que possam estar envolvidos no processo de tombamento e suas conseqüências. É hora de um palanque, mas de ordem técnica e não emocional.

A construtora Agenco vai entrar na Justiça com um pedido de cassação da liminar. Acompanhar. Podemos ter aí o início de uma nova chicana judiciária. Uma situação grotesca: a casa do Niemeyer já está parcialmente demolida. A demolição, até a entrega da liminar, era perfeitamente legal. Isso quer dizer: mesmo tombado, ninguém poderá obrigar a Agenco a reconstruir o prédio. E teremos no caso o tombamento das ruínas do Niemeyer.

A promotora Patrícia Silveira da Rosa afirmou que a ação cautelar foi sustentada com base na reportagem publicada na edição de ontem, um relatório de Oscar Niemeyer sobre a importância arquitetônica da obra e um parecer do diretor do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Sabino Barroso. Temos de conseguir, para ilustração do leitor, o texto do relatório de Niemeyer e do parecer do Sabino Barroso. O projeto foi um presente de Niemeyer a um amigo, o advogado Frederico Gomes.

Frederico ainda é vivo? Por que venderam a casa? Por quanto? Se estiver vivo, será que o advogado acha que o embargo da demolição e o tombamento têm amparo legal?

#### Cidade dos Meninos

Pauta de Fontes, que sempre insistiu no resgate do seguinte assunto:

A doação, ao Estado, do terreno da antiga Cidade dos Meninos - área de 2 mil hectares (já nos foi pedido que evitemos essa medida: 2 mil hectares ou uma Ilha do Governador ou ainda 2 mil campos de futebol) -, a 12 km do centro de Duque de Caxias, na Baixada Fluminense, foi acertada ontem entre o ministro da Previdência Social, o secretário estadual de Habitação, Aírton Xerez e o governador. O poder público acredita que no local, dentro de um ano, possa viver uma comunidade de 60 mil pessoas. Vira e mexe o Xerez faz marketing com a doação da Cidade dos Meninos, igual às sucessivas despedidas do cantor Sílvia Caldas.

Desde os tempos de Leonel Brizola que essa área vem sendo doada. O governo federal parece doido para se livrar dela, e o Estado nunca assume nada. O problema é simples: a área está infectada de pó de broca e, por isso, condenada para moradia. Posseiros eventuais já se deram mal. É invalidez permanente ou morte certa. A Petrobras, que tem tecnologia sobre o assunto, prometeu despoluir o terreno, mas vamos apurar porque esta também parece promessa antiga.

Em outras palavras, custa tempo e dinheiro. Nem neste e talvez nem no próximo governo a área estará recuperada para moradia. Esta é a matéria que podemos fazer para desmistificar o projeto. A reportagem se justifica até porque, num açodamento, a área pode virar uma tragédia do futuro. Nossa tarefa, portanto, é ouvir todas as partes, incluindo organizações ambientalistas, e buscar, na pesquisa do jornal, as dezenas de matérias já publicadas sobre a Cidade dos Meninos, a Cidade da Morte.

#### Assassinato de bicheiro

Este caso do assassinato do bicheiro Márcio Molinaro virou uma babel de versões. Os três maiores jornais do Rio estão sendo enrolados. Não há provas sobre nada do que segue:

1. Nós aqui dissemos que um dossiê da P-2 do 5º BPM complica a situação de Kátia Suely Corrêa de Melo - a filha de Raul Capitão - e do ex-braço-direito do bicheiro, Juarez Jacinto Serpes.

2. O jornal concorrente - citando a P-2, ligada ao Ministério Público - revela que um tal de Wanderley, chefe de segurança de pontos de jogo-de-bicho em Feira de Santana, na Bahia, que trabalharia para Paulo Andrade - filho de Castor -, é suspeito de ter planejado e comandado a operação de assassinato do Molinaro. Wanderley teria chegado ao Rio na quinta-feira com mais quatro seguranças e seus carros teriam ficado guardados numa casa em Sulacap, perto do local onde foi roubado o Kadet usado no atentado contra o bicheiro na Gávea. E, coincidentemente, também na quinta-feira, véspera do assassinato de Molinaro, teria havido uma reunião de cúpula do bicho num escritório do Centro.

3. E no outro jornal, a versão mais sensacional: o delegado Paulo Maiato, subchefe da Polícia, pede demissão, abrindo uma crise na polícia. Certo de que os bicheiros estão resolvendo suas desavenças a bala, ele teria designado um delegado especial, José Serra, para investigar a morte do banqueiro, com o que não teria concordado Hélio Luz, interessado em que a 14ª DP, no Leblon, apure o caso. E devido à crise, a Polícia Civil não se mexeu ontem na apuração do caso. Como se vê, está tudo correndo como mandantes e executores do assassinato querem: a polícia desnordeada, perdida, por conveniência ou não, e os jornais sendo despistados com a plantação de versões de todo tipo.

Podemos mostrar hoje a incompetência da polícia? Por exemplo: o crime ocorreu num início da tarde, mas o alarme demorou a soar. E olhem que foram oito tiros em plena Gávea. Não parece omissão? Vamos compilar resumidamente as versões publicadas nos vários jornais. O que existe de concreto até agora desde a morte de um dos mais importantes bicheiros da cidade? Perguntar ao governador sobre o trabalho da polícia no caso. A propósito, qual a situação do indulto do FH aos bicheiros condenados pela juíza Denise Frossard? É uma anistia ou uma espécie de livramento condicional? Quem pode nos explicar, à luz da suposta guerra entre bicheiros, como fica o caso, prestes a ser julgado, envolvendo bicheiros, policiais e autoridades naquela nova lista de propinas?

Dica do Fontes: Deu no Boechat (antes de ele perder O Globo e entrar no JB): graças a um convênio com o governo do Estado, a Light terá, a partir de hoje, um bem escasso a muitos contribuintes cariocas: proteção policial. PMs passarão a acompanhar

equipes da ex-estatal em incursões para reprimir a prática de instalações clandestinas na rede elétrica. Os gatos diminuem em 10% a arrecadação do ICMS. Não deixa de ser um privilégio, apesar do inteligente pretexto da arrecadação de imposto. Pode a PM, sob o ponto de vista legal, ser usada como caçadora de gatos de uma empresa privada? Seja como for, vamos acompanhar os cães farejadores da Secretaria de Segurança no seu ganha-gato diário.

O advogado de diabo dando uma de constitucionalista na pauta:

A partir da semana que vem os cariocas não terão mais de pagar para estacionar nos shoppings. A Câmara de Vereadores derrubou, em segunda e última votação, o veto do prefeito ao projeto de lei do vereador Ruy César que impede a cobrança de estacionamento em shoppings, casas de saúde, bancos etc. Será que essa lei promulgada pela Câmara terá eficácia? Não seria ela também inconstitucional, como decidiu o Supremo ao derrubar lei idêntica da Assembléia Legislativa? Será que tem vereador apenas querendo aparecer na mídia? Precisamos ter o texto da decisão do Supremo e verificar a fundamentação. Se o critério foi o de a lei ferir o direito de propriedade, a lei do Ruy César vai para o lixo. Caso a lei tenha validade, só nos resta fazer de novo aqueles flagrantes de motoristas nos guichês e ouvir concessionários dos estacionamentos e a administração dos shoppings, casas de saúde, supermercados e bancos atingidos.

Fontes escrevendo pauta sobre um crime recém-cometido e recém-publicado:

É minha gente, a Linha Vermelha está fazendo jus à metáfora. Só dá sangue. Para começo de conversa, logo cedo a sugestão para acionar a Sucursal de São Paulo para localizar e entrevistar a até agora única testemunha ocular do assassinato do gerente de distribuição da cadeia Ponto Frio, Henrique Reis Filho.

Para este advogado do diabo, o colega de trabalho é não apenas testemunha ocular, mas até prova em contrário, um dos suspeitos de envolvimento no crime. Pode ser que este causídico dos infernos esteja exagerando, mas é difícil acreditar que um matador que se dispõe a dar 11 tiros - o jornal concorrente (O Globo) disse que foram 13 - na sua vítima vá deixar escapar com vida a única pessoa que o viu cometer o crime. E esse negócio de o colega de trabalho de Henrique sair correndo para São Paulo também não dá para engolir.

À prova dos autos, porque como diz o velho brocado: o que não está nos autos não está no mundo do direito. Esta talvez seja mais uma chance para o chefe de polícia demonstrar a sua incompetência... E mais, Dr. Hélio Luz: tem cheiro de polícia nesse crime...

Perícia no local? Será que foi feita no Fiat Pálio cinza? laudo da necropsia, descrição da performance da arma do crime, uma pistola calibre 380. Não descuidar também da apuração da investigação na 59. DP. À célebre pergunta: com quais hipóteses, causas e suspeitos trabalha a polícia?

Um jornal concorrente diz que a DP investiga empresas de transporte de cargas e a máfia existente no setor. Tanto a diretora da Metropol 11, Evanora Gomes de Moraes, como seu adjunto, na 59. DP, Joel Carneiro, estão convencidos de que o crime está diretamente ligado aos chamados tombos de mercadoria, isto é, desvios de cargas feitos por funcionários de transportadoras e que depois são registrados como roubo.

O delegado vai à casa de Henrique, em Ipanema, para verificar seus arquivos de computador. Ele soube que todas as mudanças implantadas no depósito do Ponto Frio estariam guardadas na memória do computador pessoal da vítima.

A notícia da execução na via expressa chegou às redações muito além do tempo habitual. E por que a rapidez na liberação do corpo, em se tratando de crime misterioso de grande repercussão?

Temos de ter um quem é quem da vítima e do colega de trabalho que escapou do assalto. Pedir ajuda à sucursal em São Paulo. Aqui no Rio, no Hotel Rio Palace onde o colega se hospedava, precisamos saber dos seus hábitos e costumes, com quem se comunicava, se recebia visitas e de quem.

Artur Santos, vice-presidente da seguradora Pamcary, a líder do mercado de seguro de cargas, e a direção do Sindicato de Empresas Transportadoras de Carga denunciam a inoperância da polícia fluminense na repressão ao roubo de cargas. O trabalho de repressão ficou mais difícil depois do fim da antiga Divisão de Roubos e Furtos de Cargas, que até janeiro concentrava os casos dessa área. Segundo Alcides Iantorno, delegado-titular da Roubos e Furtos - atualmente responsável por casos de roubos de cargas, bancos e automóveis, a polícia depende hoje até dos números do sindicato de empresas de transporte, já que nem todos os roubos passam das delegacias distritais para a DRF. Parece uma

desculpa de Iantorno até porque vez por outra paira a suspeita de envolvimento da polícia com quadrilhas especializadas em roubo de cargas nas estradas.

Vamos ouvir o que chefe de polícia diz sobre o fim da Divisão Especializada, apontado pelo Iantorno como uma das causas do aumento da incidência dos roubos.

Atividade criminosa das mais rentáveis, o roubo de carga se vale de uma receptação misteriosa. As cargas nem sempre são encontradas com os camelôs. Caminhões frigoríficos inteiros de carne já foram roubados. E para onde foi essa carne? Não foi para açougues e supermercados? O que a polícia tem rastreado sobre quadrilhas organizadas? Quem foi preso até hoje?

Vamos preparar uma lista dos casos mais importantes e uma estatística sobre roubos de cargas em território fluminense.

#### Polícia versus salário

Sugestão de Fontes para repercutir a manchete sobre o plano de afastamento de policiais civis:

Temos de ouvir o chefe Hélio Luz, que deve estar sendo pressionado pela categoria, já que foi o autor da sugestão de cortar 2.500 policiais civis, segundo disse ontem o governador Marcello Alencar. Qual será o destino de quem for afastado? Temos de saber como está o Plano de Cargos e Salários dos policiais, que ainda não foi sequer mandado para a Assembléia Legislativa. Vamos explicar o que propõe o plano e o que muda na vida dos policiais. A primeira coisa a fazer é uma ronda com todos aqueles líderes da polícia. O que eles acham deste plano? Será que pretendem fazer novas manifestações?

Às 9h, na Avenida Marechal Fontenele, em Sulacap, o secretário de Segurança Pública, Nilton Cerqueira, preside mais uma cerimônia de premiação faroeste, premiação de policiais militares. Só vale mesmo para a gente ouvir o general Cerqueira sobre os temas da pauta, como o aumento da PM e dos bombeiros e do Plano de Cargos e Salários da Polícia Civil.

#### Reforma na polícia

Adendos do advogado do diabo sobre uma edição do JB:

Acho que exageramos na manchete de hoje. Ela não chega a ser novidade. Há pouco tempo publicamos o que saiu hoje sobre o emagrecimento dos quadros da Polícia Civil, com a transferência daqueles servidores que, para o Hélio Luz, são "estranhos à profissão de policiais", como os motoristas, peritos e médicos-legistas. Estes últimos iriam para o quadro da secretaria de Ciência e Tecnologia. Todas essas modificações e outras também importantes estão inseridas no Plano de Cargos e Salários que, atenção, pode seguir hoje para a Alerj. O importante para o nosso trabalho é que - mesmo na hipótese de que o governador não o envie hoje aos deputados - consigamos uma cópia do documento. O Hélio Luz tem, pois foi ele que fez; o secretário de Administração, Augusto Werneck, tem; a liderança do governo na Alerj tem e gente do Gabinete Civil do Palácio Guanabara também tem.

Plano de cargos e salários

Insiste o advogado do diabo na pauta:

Vamos ver como está hoje o encaminhamento do Plano de Cargos e Salários da Polícia Civil à Assembléia Legislativa, segundo promessa feita no sábado, pelo secretário de Administração, Augusto Werneck, ao secretário de Segurança, Nilton Cerqueira, e ao então chefe de polícia Hélio Luz. Temos de conseguir uma cópia, verificar os enxertos e cortes de última hora e submeter o projeto à apreciação de várias categorias da polícia. Temos de ter também matéria sobre o ritual de tramitação do projeto pelas comissões e sessões da Alerj, estimando o prazo para definição. Também hoje pode se encaminhado projeto para PMs e bombeiros, com possíveis correções de desníveis salariais nos quadros de carreira, em especial entre tenentes e capitães.

### **7.3. Entrevista de Wilson Figueiredo**

Entrevistadora – Cristina Rego Monteiro da Luz

Jornal do Brasil, Av Rio Branco 110, 18º andar

16 de março de 2004



W – A pauta é uma instituição recente. Ela cresceu, se desenvolveu, criou uma doutrina operacional que é neutra, a doutrina dela é neutra, mas depois que os jornais se profissionalizaram. Como os jornais não eram profissionais, não pagavam os jornalistas para que eles vivessem como jornalistas, o jornal era um receptor de notícias, de interesses que confluíam para o jornal com absoluta liberdade, sem nenhuma suspeita, tudo era normal. Eu me lembro que no O Globo, no tempo do Pinheiro, quando eu vim para o Rio de Janeiro, há quarenta e tantos anos, diziam que o Pinheiro chamava você para trabalhar no Globo e pagava mal, mas você poderia levar matérias de seu interesse para serem publicadas. A pauta era fora. Depois, o que se fez foi trazer este centro de gravidade de fora para dentro do jornal. A pauta passou a ser de responsabilidade da empresa. Portanto, só uma pessoa que tivesse a confiança da empresa é que poderia ser o pauteiro.

Quando eu falo em profissionalização da imprensa, estou me referindo exatamente à segunda metade do século passado. Com o aparecimento da Última Hora, 1952, criou-se um novo padrão de salário – pagava-se uma exorbitância em relação aos outros veículos. Antigamente, você vinha para um jornal, eu me lembro, o Murilo Marroquino, Doutel de Andrade, eram todos advogados do Banco do Brasil. Eles eram oposição ao governo, eles faziam o jogo da classe dominante, o jogo político dominante. Eram pagos lá fora e iam trabalhar no jornal quase de graça pela vaidade, pelo aparecimento do nome. Ora, quando Samuel Wainer quebrou isso, foram todos em cima da Última Hora. Todos os jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro foram em cima para destruir a Última Hora, e conseguiram. Mas ficou o exemplo de que pagando melhores salários você tem melhores pessoas trabalhando na redação, e houve o crescimento da profissionalização da imprensa. A tal ponto que o teve um tempo em que o Jornal do Brasil não aceitava que, num nível salarial mais alto, você trabalhasse aqui e em outro lugar. Fazia questão de pagar pela exclusividade. Eu caí nessa...Caí (risos) porque, quando o jornal faliu eu fiquei no prejuízo...O prejuízo do jornal foi compartilhado com todos que eram antigos aqui. Voltando então à pauta, ela então refletiu exatamente esta mudança do centro de gravidade.

C. Quem conduziu esta mudança aqui no JB?

W. Alberto Dines. Dines era um craque. Ela sabia fazer as coisas de uma maneira tal que Eu sempre disse isso para o Dines. Ele era capaz de representar os interesses da

redação, esses interesses de classe, mesmo, de salário, horário de trabalho, essas chatices todas. Levava isso para discutir com a empresa, e brigava. Em compensação, ele defendia as questões da empresa com unhas e dentes junto à redação. Como dizia o Dr. Brito, se você quer ter um jornal, compre um jornal, se você não está satisfeito com o jornal que você faz aqui, faça um jornal diferente, faça o seu jornal. Quer dizer, era uma caricatura, um modo de dizer.

W. Não havia pauta como idéia. Era um mecanismo de controle de todo mundo que trabalhava no jornal. Você disciplinou a entrada de matérias, ficou tudo mais transparente. Eu me lembro que tinha um sujeito que trazia do Ministério da Aviação umas notas em folha de papel jornal, um negócio inacreditável! Ele nem escrevia! Pegava, trazia, entregava e ia embora. O salário dele era lá, aqui ele fazia um bico, um pró-labore. Uns trabalhavam na prefeitura, traziam notícias de lá. Outros trabalhavam na Câmara dos Deputados, traziam notícias da Câmara. Ainda bem que trabalhavam na Câmara e traziam notícias de lá, hoje nem notícias da Câmara tem mais...

C. Quando não era o contrário, não é, e o próprio jornal arranjava para seu funcionário um emprego público, garantindo dessa maneira uma compensação para o jornalista.

W.- É, quer dizer, havia uma convivência neste assunto. Isso era ruim, você repara que os jornais antigos não eram sensacionais. Quando eles faziam campanha, não era uma campanha gerada na redação. Era gerada na direção, ou fora da direção. Até hoje você tem, se pegar o livro de Lima Barreto, Recordações do Escrivão Isaías Caminha, você vai ver o que eram os jornais. Aquele livro é do começo do Sec. XX. Você vai encontrar todos os hábitos, inclusive a amante do dono do jornal, este tipo de coisa havia demais. Hoje isto acabou. Acabou não, reduziu muito. Ainda tem...Aquela história que foi falada, não sei o que, da Odete Lara, que foi capa da Manchete, tinha que dormir com Justino Martins... Meu Deus, hoje em dia ninguém precisa dormir com ninguém, não é verdade?..

C – Em 1999, ainda vi um Jornal do rio pedir credenciais para a cobertura do Desfile das Escolas de Samba e incluir na lista os nomes de familiares da direção, namoradas e amantes...

W.- Você vê o seguinte – mesmo aqui no Jornal do Brasil, primeiro é que isto não é só uma questão de interesse, qualquer um pode pagar, ou muita gente podia pagar. Não é o valor. É o prestígio. (Veblen). É igualzinho a política, na política é a mesma coisa. Político não está lá para roubar, não. Está para usufruir como mordomia.

C- Voltando à pauta, eu achei muito interessante esta abordagem de que ela, vindo assim, preto no branco, criava uma certa transparência. Quanto tempo isso durou, até que agências e assessorias desfizessem a estrutura montada dentro da redação?

W- Com o tempo, há uma certa tirania da pauta. Há uma política que se constitui como uma oligarquia. A pauta também é instrumento de demissão e admissão.

C- Como assim, demissão e admissão?

W – Você não gosta da pessoa, dá a ele um tipo de serviço que ele não vai dar conta, vai proteger alguém, entende? Quer dizer, aquilo se tornou instrumento de poder, do ponto de vista profissional nas relações de trabalho. Eu acho que os jornais são muito burocratizados pela pauta. Hoje mais do que nunca. Você veja: eu recebi uma informação do Prefeito de Petrópolis, e eu pedi para publicar um artigo dele a respeito da Feira do Livro. Petrópolis está ali. Anteontem eu pedi. Quando foi ontem eu consegui falar com o dono do jornal.

Ele mandou fazer, hoje saiu o artigo, até com erro. Do dia 12 ao dia 20 Petrópolis está sediando a Feira do Livro, mas que acontece todo ano, é um negócio fantástico. O que aconteceu? No tempo antigo, no tempo do Samuel, e de outros, o que acontecia quando você tinha isso? A gente mandava para lá na hora, o jornalismo tinha um sentido do imediato. Te garanto que amanhã não vai sair nada, vai sair no fim da semana uma matéria.

C- Mas eu não posso dizer que isto está acontecendo justamente em função da morte da pauta, que esta terceirização excessiva pulverizou a participação do repórter?

W- É claro que é, por isso é que estou dizendo – a pauta é instrumento de poder. Burocratizou-se. Ela não tem pressa. Segundo: o elemento feminino é predominante no jornal. As mulheres não tem o mesmo espírito aventureiro dos homens. Raramente a gente pega uma repórter que é daquelas descabeladas, que entram dizendo desaforo. Raramente isso acontece. A maioria é bem comportada, chega agindo civilizadamente, pede informação, pede entrevista, vai fazer a entrevista, tal. Eu nunca vi uma mulher entrar na Redação gritando: “ Pera! Suspende a edição, vamos fazer isso assim assim”. Não, não há hipótese. Todas aguardam para o fim de semana, para quando for possível publicar. É como se estivessem fazendo um bordado...O Jornal do Brasil quase só tem mulher na Redação. É infernal!

C- Fritz Utzeri tem um artigo que fala deste seu lado mordaz e irônico, e estou vendo que ele é real por este comentário do bordado ... Até que ponto isso verdadeiramente pode definir a situação do processo atual da produção da notícia?

W – É, na verdade, claro que isso é uma brincadeira, mas se você pensar bem,

A mulher não é como o homem. O homem é nervoso neste sentido de dar escândalo, a mulher não. Tanto que as mulheres tomaram os lugares por competência. Trabalham de forma melhor, mais correta. Hoje em dia os homens que estão no jornal escrevem bem, mas antigamente não.

C – Eu estive em reunião de pauta aqui do jornal, e eram todas mulheres presentes. Só havia um homem entrando na reunião pela LP (*telefone em linha direta*), de Brasília, mas a postura era inversa. Elas estavam cobrando uma ação mais efetiva dele...

W- Tá certo. Pois é, mas normalmente... Com o tempo elas vão...É possível que tenha sido uma fase. Mas para se dirigir um jornal, é preciso dirigir tudo, saber tudo, eu

acho muito diferente da psicologia masculina, que é mais violenta. As mulheres não são violentas.

C- Então a sua opinião é a de que as mulheres foram absorvidas por competência, ou o perfil delas se enquadra no momento atual em que a produção do jornal também está submetida a novos padrões?

W- Elas entraram com a componente de qualidade. Qualidade profissional. Segundo, também são menos turbulentas. Mulher quando faz greve, é uma greve só, não é um piquenique. Mulher não faz greve como o homem faz. Eu acho tão diferente... O predomínio das mulheres é consequência do fato delas serem mais estudiosas, mais dedicadas.

C- Isto não está sendo útil num momento em que o jornal está submetido a interesses que não permitem que ele seja tão “de ponta”?

W – Ah, é claro. Quer ver como a coisa é curiosa? Você não tem mais jornal com uma posição política definida. Todos procuram não ter. Você repara que ninguém mais apóia ninguém. Todos fazem editorial no dia da eleição dizendo que todos os candidatos são bons. Todo mundo quer ser neutro. A natureza facciosa acabou. Todo mundo quer ser neutro. É doutrina, no Brasil. Todo mundo quer que seja assim por lei! Se não for, entra o tribunal superior eleitoral e... Onde é que está a liberdade? Não há um jornal que seja a favor do PST, do PSDB, e acabou. Porque não? Porque pode me impedir de ter um jornal do PMDB?

C – Dá impressão que o jornalismo acabou enquanto atividade...

W – ...geradora...

C- ...de discussão na esfera pública...

W – ...geradora de polêmica.

C- Acabou?

W – Acabou. Tanto que se refugiou em CPIs. Você repara que o grande sócio do jornalismo hoje é a CPI. Sem CPI o jornal não sobrevive. Quer dizer, não há concorrência. A adrenalina do jornalismo hoje é a CPI. Então é política e crime. O que seria dos jornais do Rio hoje senão fosse o crime organizado? O tráfico de droga? É um negócio seríssimo.

C- Eu estava conversando com a Sonia (*Araripe*) sobre a Redação. Como subsiste o jornalismo com o perfil atual dos recém formados e mais a situação do jornal, empresa em meio a tantas empresas engolidas por conglomerados cada vez maiores, de interesses mais abrangentes?

W - Eu vou com outra observação: a imprensa brasileira se modernizou na segunda metade do século. Foi quando Juscelino chegou transmitindo a todo mundo a idéia de construção, a vivemos a grande ilusão de que o Brasil estava se tornando uma grande nação, podia ser uma grande nação, seque ia ser uma grande nação. O brasileiro não abriu disso até hoje, assumiu isso muito bem. Isso aí que criou, você pega uma revista, uma no começo do governo Juscelino e outra dos anos sessenta que você vai ver a diferença o que se anunciava eram produtos que não passavam de sabonetes, perfume não tinha coisa... não tinha automóvel...o país cresceu, a imprensa o jornal de (94)

C- E por que isso ficou sufocado?

W – Não, eu digo que simplificou porque houve numa seleção natural. Quando o Correio da Manhã faliu não foi só por causa da política não. Foi porque ele não tinha administração, econômica. Claro que a política levou aquilo, o Jornal do Brasil também sofreu. O Estado de São Paulo sofreu mais que todo mundo e está aí. Este jornal aqui (apontando para a Folha de São Paulo) que era um jornal sem opinião, hoje, a meu ver, é o jornal que mais entende dos problemas brasileiros, é a Folha de São Paulo. Tendo apoiado

o Lula e o PT a vida inteira, é o jornal que publica mais coisas (ininteligível) A meu ver é o desenvolvimento da imprensa. A imprensa melhorou, por este lado. Virou empresa. Como virou empresa ganhou um tipo de responsabilidade: ela é sócia do regime. É a burguesia como padrão de vida, é a industrialização. Os interesses e sofrimentos, porque o país tem enormes interesses no presidente. Então este peso é o que sustenta no jornal e na revista.

C- É a imprensa elogiando a corda de seu próprio enforcador?

W – É claro, é claro, mas isso é universal. Na verdade, pensando bem, isto é que foi o que fez a profissionalização da imprensa. E foi um processo lento. Ninguém pense que foi assim, vem vamos fazer a limpeza, a profissionalização da casa e rrrruuupt.....Coisa nenhuma. Põe vinte anos aí. Foi o que nos vacinou também. Hoje você não vê ninguém brincando com isso. Mas ainda tem. Você nota preconceitos enraizados. A questão racial brasileira. Nunca se debate a fundo a questão das cotas, por exemplo. Você vê, não tem pauta, não tem nada. É omissa. E o que aconteceu? Você vê que não foi discutido. O sujeito diz: “Ah não concordo!” Todo mundo tirou o corpo fora. Você pensando bem, você não vai resolver problemas de relações sociais entre negros e brancos abrindo vagas para (negros), eles não chegam lá. Não chegam, porque não começa aqui. Uma coisa que eu digo é que o Brasil é uma farsa em matéria de educação. Nem no governo Brizola. Transformaram, um grande número de CIEPS, em estrebaria para outras coisas. Pelo amor de Deus. Você vê que a educação é apenas um tema de debates. Esse tipo de coisa me irrita. Esse Brasil eterno, Brasil injusto. No dia que o salário mínimo for mesmo para valer, eu não vou poder ter empregada doméstica em casa. Ou por outra, vai ter que aparecer empresa que forneça comida pronta. Em suma, o que acontece em qualquer lugar do mundo. Quer pagar paga, quem não pode não paga. A imprensa saiu daquele amadorismo do bico. Veio para o ciclo industrial se tornou uma peça fundamental do capitalismo. Empresas como o Correio da Manhã, como A Notícia não conseguiram sobreviver. Elas não tinham estrutura. O salário era dezoito mil réis. E o jornal vendia. Havia condições especiais para compra de papel. O papel não era produzido aqui, vinha todo lá de fora, era importado.

C – Eu não estou entendendo porque que eu valorizei tanto essa questão da visão do jornalismo se perder em meio aos compromissos de subsistência empresarial e publicitária e ...

W – A modernização...

C – E a sua conversa não vem para essa direção, por quê?

W –. Pois bem. O que houve com o jornalismo? Eu sou do tempo que o jornalismo tinha redação, um ou dois sujeitos da administração para pagar salário, fazer cálculos. E tinha a distribuição dos jornais.

C – E a redação também era pequena, né?

W –A redação era mínima também. Era tudo bico. Aquilo que eu falei. Não era profissional. Em compensação o custo da máquina era barato. Quando ele encareceu, ele tinha que ter um mercado. Um mercado tinha, mas eles não sabiam ir ao mercado. Quando foi criado A Notícia não foi o velho Orlando Dantas que perdeu o Diário não. Foi o filho dele João Dantas que era político, saiu com Jânio. Viajava com Jânio e largava o jornal aqui. Pelo amor de Deus.

C – Não tem condição.

W – Isso não é empresário. Os Mesquitas, você tem gerações de Mesquitas e vai todo mundo trabalhar lá. Eles mantêm um jornal que é o melhor jornal brasileiro como técnica de fazer jornal.

Se você pega essa modernização. Quando chegou a ditadura, a ditadura chegou rápido. Logo depois de Juscelino ela veio. E ela começou a manipular isso. Fazia como ninguém. O governo era o dono. A ditadura acabou com a importação do papel.

C – O Jânio Quadros?



W – O Jânio Quadros. O Jânio que acabou com esse negócio. Se você me permite vou te contar uma anedota. É uma anedota que aconteceu comigo. Eu fui trabalhar com os associados e um dia Calmon fez uma referência ao Gaudiano. Sanches Gaudiano. Antonio Sanches Gaudiano. “ Não sei como é o dr. Assis. Ainda mais que o homem explora o dr. Assis. Dr. Assis da páginas e páginas para ele todo dia. E ele vende Uísque a meio dólar e ele disse: é. Eu disse é. Realmente um absurdo aquela história de Uísque a meio dólar é, você comprar uma garrafa, quer dizer, obter, importar uma garrafa de Uísque a meio dólar para poder vender a vinte e trinta dólares. Garrafa não caixa, caixa. Uma caixa a meio dólar. Realmente é um roubo. O país pagava isso para o sujeito. Isso era aquele Brasil, isso é um absurdo.

Quer dizer, este tipo de coisa, a meu ver, confundiu um pouco os valores. Ajudou a complicar toda a situação. E o que aconteceu, hoje a imprensa está reduzida. Não tem em Minas, Pernambuco, não tem na Bahia. Eram jornais de influência local. Nem isso tem mais. E o que acabou com isso? Não foram só os jornais não, a televisão criou um círculo. A televisão é boa com novela. E com toda a razão. Quem não tem outra coisa para fazer, não há nada melhor do que a vê a novela. Você está em casa depois do jantar e tem uma novela a cores. Um aparelho de televisão custa cada vez, muito barato. E ela custa barato não é devido ao custo dela, está na existência.

C – Existência dela.

W- Todo mundo tem. Qualquer favelado tem.

C - Quarenta milhões de televisores.

W – Pois é. É um negócio fantástico. Então isso é por causa da injustiça no Brasil e nesse meio a imprensa faz parte deste ponto. Era o contrário.

C – Era o inverso. Eu vivi o inverso.

W - Elas se pautavam pelos jornais. Tiravam uma...

C – Era Gilete Press

W - E ainda fazem um pouco isso com a maior cara de pau.

C – Fazem.

W – Mas eles podem fazer. Por que eles têm quem? Tem um fato. É aquilo que eu te falei. Tem um fato. Agora a televisão manda um tele-helicóptero e vai. Antigamente quem mandava helicóptero era o jornal do Brasil. Porque o Jornal do Brasil tinha um que ficava na rua, aliás, ainda tem. Esse tipo de coisa os jornais perderam. Não se interessam.

C – E essa estrutura então de ter havido este enxugamento. Da gráfica, depois oficina ter virado na verdade agora uma fábrica. Com engenheiros caríssimos.

W – Vou te dar outra melhor. O Jornal do Brasil resolveu comprar aqui no 110. Fez uma operação. Acumulou um tanto e resolver fazer o prédio. Comprou o terreno. Três anos antes de fazer o prédio. Depois foi fazer o prédio. Na hora de fazer, fez o maior prédio de jornal do mundo. Nenhum jornal tem aquele prédio. Dez andares.

C – Maior que o New York Times?

W – Maior que todos do mundo. Maior que aqueles jornais italianos.

C – Maior que o Xigum. É maior que o japonês não?

W – É. Sede de redação é. Tinha tudo lá. Era fantástico. Tudo isso somado, o Jornal do Brasil. O prédio foi premiado como arquitetura. O Brasil é um país que empresário não empresa coisa nenhuma. Quando aquele prédio lá foi inaugurado, um jornalista italiano

entrou para falar com ele, um gazaneu que era meio italiano. Você conhece gazaneu? Subiu, desceu, almoçou foi na rádio. Quando ele estava saindo ele perguntou pro Gazaneu como arranjava um táxi para ir embora. Não aqui tem, aqui passa. Entrou no táxi e disse: espera aí, quantos jornais são impressos aqui? Só um. Vai falir. O custo daquilo, daquele prédio, para um jornal. Segundo: a máquina do Jornal do Brasil. O próprio comandante da marinha veio para cá, fez economia. Estudou o sistema de máquinas. Disse que tem dois sistemas: um a frio e o outro é a quente e tal “ppooppaa ppooopaaa”. *“Acho melhor branco, esse negócio de jornal colorido não vai pegar!”*. Pegou. *“Vamos ficar com o preto e branco? Vamos”*. *A melhor rotativa é a (roll)*.

C – Mas uma decisão desse porte é feita com a consulta a um único especialista?

W – Claro, aí todo mundo deu palpite. Todo mundo deu uma coisa subjetiva, uma opinião própria. Discutiu-se e então chegou - se a conclusão que aquela era melhor. Agora como é que entra na cabeça. Para você decidir isso, para dar palpite tinha que estudar, tinha que ler. E ali não sabia de nada. Empresa brasileira é assim. Coisa que deve ter acontecido também na política.

C – Não precisa ir longe.

W – Não precisa da idéia que o turismo pula daqui para Niterói e acabou. Claro que mudar daqui para Niterói é ótimo. Agora é melhor quantos virão de lá para cá quantos virão daqui para lá. Porque tem que avaliar tudo, tem que avaliar.

C – Eu participei do primeiro levantamento do governo, eu não conseguia acreditar, do primeiro levantamento de todos os pontos turísticos do Rio de Janeiro. Foi agora no governo Conde.

W – Foi?

C – O primeiro levantamento de todos os aspectos, pontos que já existem, pontos potenciais. Foi o primeiro. O tal do Plano Maravilha. O primeiro. Eu não conseguia acreditar numa coisa dessa. Eu pensava: “deve ter um engano!”

W – Aqui no Rio de Janeiro você fala: igrejas das Bahia... Mas aqui no Rio de Janeiro tem uma coleção de igrejas fantásticas.

C – Inacreditáveis. Listadas agora. Mas depois desse processo. Quando eu li que tinha duzentos e setenta museus nessa cidade, eu quase cai sentada.

W – Agora duzentos e setenta museus foram criados para dar emprego. Foram criados para dar emprego. Mas não deixam de ter uma utilidade de poder operar. O Estado do Rio tem autores como Machado de Assis, Euclides da Cunha. Ninguém sabe que o Euclides da Cunha está enterrado em São Paulo. Foi enterrado aqui não, o cadáver está em São Paulo.

C – Por que?

W – *Porque ele foi para Estado de São Paulo e morou alguns anos lá.*

C – Então qual é o cruzamento de cobra d’água com jacaré que fez com que a nossa situação chegasse a onde está? Porque, se não se sabe nada, se as coisas são feitas meio na trambolhada, meio nas coxas, qual o cruzamento que se estabeleceu aí com esse processo econômico que achata de cima para baixo? E equaliza a ação das grandes corporações no mundo inteiro? Que bicho que deu aqui?

W – Por aqui deu o seguinte. Os jornais se parecem. Os jornais são todos iguais. Caiu nisso. Isto é a medida da criatividade. Anulou. Você não tem ninguém que queira romper isso. As pessoas acham que se não for assim, ninguém vai comprar.

C – E por que não rompe?

W – Porque, veja bem. Quem comprou isso tudo foi Samuel Wainer. Quando ele fez a (legislação) da época que era também boba, antiquada. Misturava tudo. Tudo desconectado. Samuel veio, argentino do parpanhole.

C – Sonia disse assim: mais duas gerações para frente e o modelo de produção de informação vai ter que ser repensado.

W – *Mas vai. Por causa disso aqui (aponta para o computador) computador. Porque tudo que ele sabe cabe em duas linhas. A informação dele são duas linhas.*

C – Porque justamente. Eu faço uma postura dessa questão da Internet na tese em função dela ter acabado de assassinar a pauta de vez. De vez.

W – Claro. Com todo acordo..

C – De vez.

W - Não há mais previsão de nada.

C - Nem previsão, nem confirmação.

W – Você vive de susto e de boato.

C – A confirmação vem depois.

W – Você vive de susto e de boato. O boato ganhou uma vitalidade que não tinha. Porque quando tinha verpertino e matutino. O matutino saía às seis horas da manhã. Ao meio dia no máximo, entre dez, onze e meio dia saía O Globo e o Última Hora. Eram os

jornais que circulavam nessa hora. Já tinham dado um suíte (nisso) aqui. Dinamiza o jornalismo. E de noite você ia pegar o problema no jornal para o dia seguinte. Quer dizer, isso era o jornalismo ele corria atrás da notícia toda. Isso acabou. Por que acabou o vespertino? Por causa da televisão. Ao meio dia entra com o jornal que dá tudo que tem ali. Você vendo não precisa ler.

C – A obrigatoriedade do tempo entre um matutino e um vespertino e a espera do dia seguinte também obrigava uma reflexão, um aprofundamento da checagem da informação.

W – Claro. Você era obrigado a avaliar duas coisas. A ordem que você tinha dado antes. A premissa era sua, o outro tinha alterado a premissa, né isso? Aí você ia para o terceiro. Quer dizer isso criava uma dialética. O negócio se desenvolvia.

C – Agora o tal fetiche da velocidade da informação.

W – Agora, a informação só não é irresponsável porque, hoje em dia, quase tudo é oficial. Deixou de ser importante chegar primeiro. Todos dão, todo mundo começa a correr atrás de todo mundo. Uma espécie de baile de carnaval no municipal.

C – É o que o Bourdie chama de circulação circular da informação.

W – É um pouco isso. Você corre o tempo todo atrás da mesma notícia. Esse caso da Espanha foi típico. Todo mundo que raciocina podia ver que aquilo não podia ser o ETA. Pela lógica. Porque que o ETA ia se meter naquilo.

C – Provocar uma antipatia generalizada no próprio país.

W – O governo que não estava interessado caiu. Tanto que os espanhóis votaram contra o governo por isso. O governo foi derrotado por ele mesmo. Então tecnologicamente os jornais não encontraram o seu (eixo). O jornal não vai competir nunca com a

informação. A dimensão do jornal é a reflexão. Então a matéria é assinada por gente de categoria, gente bem paga. *Aqui o que é que pensa a empresa, pensa com o bolso. Se for escrever ele não vai cobrar. O que tem é que ele não é jornalista, ele vai fazer uma coisa que você vai ter que publicar. Segundo, ele não tem a ética jornalística que é a ética da empresa. A sua ética é a ética da empresa. A empresa quer que eu faça uma entrevista com fulano, eu faço. Quem está dizendo é o fulano, não sou eu, não tem problema nenhum.*

C – Eu quero um pouco mais o pólo de investigação e pesquisa. Ele só tem como sobreviver assim.

W –Primeiro. Vou te dar uma chave de galão agora. A televisão não pode fazer matéria extensa e aprofundar nada porque o leitor não aguenta. Primeiro que ouvir cansa. Ler não. Ouvir cansa e dá sono. Se você houve uma conferencia de duas horas você dorme. Então a coisa vai ficar para o jornal isso. O jornal não pode fazer isso com qualquer um. Tem que ter técnica, habilidade, critério. Algumas qualidades têm que ser definidas, que ainda não são definidas, para que você possa fazer comentários que interessem a um (público). O jornal americano tem para os americanos. Nada mais chato para cabeça brasileira do que um comentário americano. Eu acho. As vezes chegam mais perto de nós os espanhóis, mas o americano não.

C – Parece que essa tendência, eu pensei nisso e fiquei muito feliz de ouvir isso agora, ela é ainda insuspeitada do ponto de vista dos proprietários dos jornais. Porque os arquivos estão relegados a décima quinta...

W – O jornal do Brasil queimou. Teve um sujeito aqui, que chegou aqui e resolveu queimar tudo que era recorte de jornal dizendo que quem quisesse pegasse na televisão. Era pesquisa do Jornal do Brasil que inventou a pesquisa. Foi o jornal que inventou a pesquisa. Criou um departamento de pesquisa.

C – Porque o espaço é curto. O Mário Garcia, aquele especialista. Naquele congresso que teve em 2000, dos editores de jornais, no Intercontinental, ele apresentou um

estudo que foi feito com a Pointer, que é um instituto que ele trabalha com Stanford. E eles trabalharam com (óculos) especiais com sensores para analisar. Ficava gravado o tempo que o olhar se detinha a determinados pontos da Internet e qual era o movimento desse olhar. Então todo estudo foi feito para que se tivesse um aproveitamento máximo do site de informação da Internet. E o que o olhar suporta, em termos de paralisação num determinado ponto, são segundos. Então não adianta. O texto tem que ser curto.

W – A televisão tem que ser curta, aqui tem que ser longo, mas tem que ser legível, agradável. Tem que ter resoluções gráficas para você ler com agrado. Tipos maiores. Fica para o jornal encontrar a técnica que não foi definida. Porque a técnica da notícia foi definida pelos americanos (no final do século). E ela é universal.

C – Ela se perpetuou.

W – E se você pensar bem, ela é a forma mais sintética de você dizer qualquer coisa. Ela corta a matéria pelo pé. Quer dizer, o mais importante está no começo. O fim é complemento, vai tirando. *Isso foi o que salvou a imprensa. Que fez a imprensa moderna.*

#### **7.4. Entrevista com Alfredo Herkenhoff**

C - Em que ano você já teve sua primeira experiência em assessoria que já era uma coisa que funcionava para valer?

A – Eu saí da PUC. Antes de me formar na Puc eu e a Rose Esquenazi fizemos uma coisa criativa. Eu entrevistando a Rose formanda, e ela me entrevistando. Fizemos um ping e pong. Deu uma página inteira como exemplo de como duas pessoas saindo da universidade estavam indo para o mercado de trabalho com seus desejos, pretensões, seus delírios, suas fantasias. Isso deu uma página inteira. Cada um com suas veleidades. Trabalhei na Última Hora, Segundo Caderno. Ali já tive contato com assessoria porque já tinha o divulgador do teatro dentro da pauta dele. Aí o editor: Alfredo vai lá e entrevista. Cai de pára-quedas. Entrei na última hora e meia hora depois eu estava no Teatro



Copacabana, no Copacabana Palace entrevistado Tereza Rachel, Paulo Gracindo Pai, Antonio Fagundes de cabelo pretinho. Era aquela peça Gata em teto de zinco tente ou o Bonde chamado Desejo, nem me lembro. E aí eu vi entrevistando que o que você não sabe você pergunta. Então tive este contato. Eu observei que, geralmente, ator sempre é simpático quando dá entrevista para repórter, se repórter é novo e o ator ele sabe que ele precisa de espaço, ele, geralmente, sabe interpretar a própria simpatia no ato da entrevista. Eu observei isso. Observei, por exemplo, também que você vem com aquela coisa de PUC (semiologia), teoria, sociologia, marxismo. Era ditadura na época. Observei também que o jornal tinha, na prática que eu observei, era capaz de produzir tragédia pelo que noticiava. Não pela tragédia que dizia está noticiando. Uma coisa muito terrível que aconteceu na Última Hora, com (Maurício da Nóbrega), houve uma morte em Copacabana, uma menina que apareceu nua numa banheira. Os vizinhos chegaram viram a casa aberta, viram aquela menina nua no banheiro e era quase um (kitinet). Cheio de pôsteres de mulheres nuas. Era um solteirão que morava ali e esquentaram a notícia: Colegial nua em casa de tarado. Era um engenheiro que não era nada daquilo. Eu comentei na hora com os colegas assim, porque não era minha área, minha área era revista, cultura. Se este troço estiver errado este cara está morto. Engenheiro tarado. Não deu outra. Quatro ou cinco dias depois o cara se matou e não era nada daquilo. A história era basicamente seguinte: ele tinha uma empregada, era um solteirão. Um senhor já e num fim de semana, num sábado, ele cedia apartamento para a empregada de longa data, de confiança dele para ter a casa em Copacabana. Ela levou a filha para tomar banho de mar. Quando voltou a filha foi tomar banho de chuveiro enquanto ela foi comprar pão. O piloto estava apagado e menina ligou o gás. Ela morreu com gás. A mãe voltou encontrou a filha morta. Desligou a água e foi buscar socorro. Neste meio tempo dez, quinze minutos depois chegou uma pessoa, chega outra, aquele tumulto todo, ninguém sabe onde está a mãe ou quem é a mãe. O cara tinha viajado. Em Copacabana ninguém conhece ninguém, no mesmo prédio. Sábado você tem uma equipe pequena, no jornal sábado à tarde o jornal é meia (bomba), enfim todo armado para haver um erro grave e houve um erro grave. E não houve consequência nenhuma. O engenheiro foi depor, foi suspeito, mas ele não teve paciência para mostrar que a imprensa tinha errado e se matou. Então a gente tem muita responsabilidade pelo que publica. E basicamente o que tem que fazer é checar fonte. Se alguém disser uma coisa e aquilo

prejudicar alguém, você tem que ir naquela outra pessoa e ouvir também. Isso é o ideal, mas no cotidiano não é o que acontece. Muitas vezes basta que você tenha uma fonte.

C – Antes de você pular direto para este assunto, qual foi o ano que você trabalhou em assessoria? Pelo que você disse foi uma das primeiras experiências profissionais suas.

A – A primeira foi em jornal 1976 e 1977. Assessoria 1978 e 1979.

C – De disco da Polygram?

A – Talvez começo de oitenta.

C – E na redação qual era o percentual de matérias que vinham de assessoria naquela época?

A – Eu não tenho elementos para te dizer?

C – Você se lembra? Tem algum registro?

A – Não. Aí eu posso falar do Jornal do Brasil que foi o que eu trabalhei mais. Entrei no JB em 1981, eu fui para internacional do plantão. Eu trabalhei muito na cozinha do jornal. Então eu me especializei muito em cozinha de jornal, a coisa de redação até a alta madrugada, até acabar a rodada. Eu comecei na redação do JB como plantonista. A gente chamava de plantão internacional. Era época de Guerra Fria.

C – Fundamentalmente agência.

A – Fundamentalmente agência. O JB era um jornal rico e tinha naquela época doze correspondentes, chegou a ter quatorze. Doze em média, doze correspondentes. O jornal tinha em média, mais ou menos, três páginas limpas de noticiário, às vezes, quatro. Hoje

tem muito menos. Não se tem mais quatro. O clima internacional era mais tenso que hoje por causa da Guerra Fria.

C – Você lembra quantos carros de reportagem o jornal tinha?

A – Esses números eu tenho muito na “sintologia”. O internacional, por exemplo, você não precisava nunca ter carro. Há pouco tempo o jornal tinha vinte e cinco carros para reportagem.

C – Hoje são cinco.

A – Cinco? Não sei, talvez. Hoje eles alugam táxis, é tudo terceirizado.

C – Os cinco são terceirizados.

A - É, houve uma redução drástica, o jornal tinha vinte e quatro horas. Internacional, por exemplo, não tem mais plantão. Eu trocava todo dia, duas ou três páginas das quatro. Atualizando o noticiário internacional. Porque tinha essa coisa de ficção muito maior. Hoje em dia o noticiário internacional é muito frio. Hoje em dia, você tem a notícia em tempo real, quase igual ao relógio. Todo lugar tem notícia, no rádio, na televisão, na Internet.

C – Você chegou a trabalhar na Geral Cidade?

A – Cidade. Trabalhei na cidade, um pouco mais recentemente. Mas eu saí da internacional e fui para secretaria gráfica do jornal, ou secretaria noturna, que é um cargo complicado porque você tem direito a tudo e a nada. Você está ali, você para a máquina, mas na verdade dependendo do editor, você para parar a máquina tem que pedir autorização para ele. Mas tem momentos que você para. Só com seu bom-senso, você tem que ter um certo bom-senso e uma certa rapidez de que vale a pena parar ou que não vale, ou se você tem dúvida, você liga para o seu chefe, onde ele estiver, num hotel, restaurante, no exterior. Mas na internacional, em termos de volume de notícia, como o jornal tinha doze

correspondentes, ele ainda comprava, eventualmente, notícias de algumas grandes revistas. Ele tinha, pelo menos, metade ou um terço diariamente era dos correspondentes. Então era um material altamente diferenciado, produção própria do jornal. Depois foi caindo, caindo, por questões de grana e o jornal ficou cada vez mais ligado às agências de notícias. Também trabalhei muito tempo nas Agências de notícias.

C – Qual?

A – Principalmente a UPI. O que via é que o material do correspondente é sempre muito mais rico, mas o correspondente é uma coisa muito cara. Quando o jornal mandou todo mundo embora ele ficou com um monte de Agências e depois foi reduzindo. Hoje o jornal trabalha com duas Agências e já está resolvido. Hoje ele tem Internet, qualquer dúvida ele vai na Internet, tira uma dúvida, copia um pouquinho.

C – É um meio fundamental.

A – É uma concorrência predatória. As Agências de notícias hoje estão vivendo uma dificuldade muito grande por causa da Internet.

C – Quando você trabalhou na Agência como é que era o sistema de produção de informação para a Agência? Eram profissionais que trabalhavam como funcionários da Agência ou havia também toda uma recepção de assessorias?

A – Não. A Agência de notícias UPI ela funcionava uma parte, numa época, primeiro dentro do jornal, depois ela veio trabalhar, funcionar aqui na Uruguaiana, esquina do Ouvidor. A Agência, basicamente, a história dela era que antigamente era caro viajar, caro transmitir. Então, tinha uma guerra ia um correspondente que mandava...

C – Vendia para todo mundo...

A – Era basicamente isso. Eu trabalhei até 1991 em Agência de 1986 a 1991. Cinco ou seis anos. Era basicamente o seguinte, eram onze ou doze redatores, um editor, um subeditor, dois editores. Isso era a mesa brasileira. E recebia o noticiário inglês e fazia a versão. Fazia uma escolha e a gente produzia. Nós tínhamos, mais ou menos, cento e trinta clientes e o preço que se cobrava era um pouco diferenciado. O jornal grande a assinatura mensal era maior. O jornal pequeno era maior. Uma rádio interior de São Paulo era um custo menor, mesmo que ela recebesse tudo. Eram redatores que todos tinham que verter do inglês para o português e aí escolhia. E, às vezes, você lia os jornais e sabia o que era melhor aproveitado. O jornal grande raramente aproveitava na integra. E mesmo a notícia ele comparava com de outras Agências e fazia uma redação própria. Os jornais menores já tendiam a copiar pura e simplesmente, mexendo em quase nada. Era comum, a gente via vários jornais com o mesmo texto, uns citavam a Agência, outros não. E a gente fazia matérias especiais e assinadas e era uma vitória, para mesa brasileira, quando via as matérias dos repórteres especiais da UDI sendo publicadas, nos grandes jornais, na integra. New York Times, Washington Post. Nos grandes jornais. A UPI estava num processo de decadência um pouco semelhante a situação do JB. Por questão de dívida e concorrência cada vez maior, facilidade de comunicação. Enfim, regime de colaborador, o correspondente que vai com a família e fica lá. Então, o jornal às vezes tem um colaborador em Paris e o cara está lá fazendo outras coisas, ele manda uma ou duas matérias por mês. Não ganha três mil dólares. Ganha duzentos dólares uma matéria, então parece que o jornal tem lá uma pessoa que está vinte quatro horas atendida, mas na verdade era só um colaborador. Então, as Agências foram enfrentado dificuldades, dificuldades a Internet foi o fim de vez da UPI que já vinha rateando. A UPI quando vai rateando e vai tendo problema e não vai consertando os problemas vão se agravando. No jornalismo, se você vai mal e não conserta, o mal vai crescendo e vai ficando mais grave.

C- Estabelecendo raízes.

A – Vai perdendo qualidade e se perde qualidade com uma velocidade maior do que você recupera. Recuperar qualidade é mais devagar.

C – Eu não tinha parado para refletir que as Agências também enfrentaram. Elas não são os vilões da história. Elas também enfrentaram a concorrência e também passam por uma situação difícil.

A – Só o jornal grande que tem Agência. Você pega uma Agência do Estado de São Paulo, o pacote te dava direito a um serviço internacional grátis. Porque ela faz um acordo com a outra Agência. Porque um jornal em Londrina ou Juiz de Fora ele não tem que pagar dois, três mil reais para uma Agência. Ele com dois mil reais ele tem uma Agência que tem serviço noticioso em português e tem serviço também em inglês básico. E o resto ele goteja na Internet. Noticiário no Congresso imite noticiário. Governo Federal a Radiobrás. Você tem muitas fontes de notícia. Se tiver um bom redator, um repórter. Gente antenada, ela pega a informação básica, as aspas e compara. As aspas que eu digo são as declarações. Então, você pode produzir hoje, com muita dinâmica, um jornal gastando muito pouco e funcionando longe também dos grandes centros onde tudo é mais caro. O JB hoje funciona na Rio Branco, mas está na contra-mão da história porque não é uma empresa que tem que está num lugar que paga IPTU alto. Podia está no subúrbio. Tem grandes jornais que estão em áreas nobres da cidade por questões históricas. De origem de si próprio. Não é uma necessidade de hoje. O JB, hoje, é o principal jornal em Brasília. Ele consegue ainda ter esta importância, o jornal que tem maior penetração na cúpula dos três poderes na capital. Apesar da decadência editorial dele. Mas, ele não leva o jornal como faz a Folha, O Globo e O Estadão que pega o avião a uma da manhã bota os pacotes e leva. O JB manda um arquivo PDF e imprime lá na rotativa no Correio Brasiliense. Então ele imprime a última edição, o resultado do jogo de futebol que acabou as onze e meia da noite e roda lá. Têm umas páginas que são produzidas numa pequena redação lá. É uma idéia bem sucedida. É uma realidade, é uma tendência. Você em vez de transportar exemplares do Nordeste e tal, você imprime lá. A possibilidade de imprimir algum anuncio localmente, uma página local, um colunista local. Essa é uma tendência. O US Today fez muito nos Estados Unidos, aqui no Brasil já a alguns anos vem fazendo a Gazeta Mercantil. A Gazeta Mercantil já há uns quinze anos que roda no Rio, roda em Belo Horizonte, no Nordeste. Tem uns cinco lugares que ela impressa.

C – Por que você se interessou em escrever esse seu livro que continua inédito?

A – Olha escrever eu sempre gostei. Na verdade vai para o jornal todo tipo de gente, que gosta de escrever e que não gosta. Gente que precisa de emprego e gente que quer escrever, mas, enquanto não consegue, dá vazão a veleidade de escrever literatura. O jornalista vai ali escrevendo aquela coisa do cotidiano que é excitante e tal. Então, tem o aspecto todo da pretensão dos escritores. Desde daquele que só quer rodar a notícia da porradaria que houve na delegacia, a saída do jogo de futebol até os grandes escritores brasileiros passaram no jornal. Machado de Assis foi cronista, Olavo Bilac foi colunista.

C – Euclides da Cunha.

A – Enfim...

C – Vários.

A – Uma coisa muito comum os escritores vão levando a vida dentro dos jornais.

C – A Cristine Costa que é editora do Idéias, hoje, no JB, ela está fazendo a tese de doutorado dela, ela é minha colega de doutorado, a tese de doutorado dela é sobre jornalistas escritores.

A – E o marido dela que é o Paulo Roberto Pires foi redator na UPI, eu fui chefe dele na UPI, depois ele ciscou por aí. Agora ele foi para a editora Planeta, agora ele saiu da Planeta e foi para Ediouro. Está atualizada nisso. Ele escreve muito bem. É um caso disso. Tenho certeza que tem a Cristiane por trás de todo aquele reboiço. No fundo ela quer ver o livro bonito que ela quer fazer. E ela não me falou ainda se é sociologia da literatura, se é essa tese que ela vai fazer ....

C -a já escreveu um você sabia? As coisas que ela queria dizer para filha dela que ela foi escrevendo, escrevendo e acabou publicando. Então me conta: seu livro saiu como? E por que?

A– Eu sempre tive a veleidade de escrever. Eu tenho várias coisas inéditas. Mas eu tenho uma autocrítica um pouco acirrada, não tive coragem de lançar o livro. Eu vi que o livro era muito desorganizado. Eu trabalhava na chefia de reportagem as sete da manhã. José Gonçalves Fontes, que é um jornalista premiado, trabalhava até as seis da manhã e eu era o primeiro a ver o eu ele havia feito durante a madrugada, sugerindo reportagem. E eu vi que estava havendo um gap muito grande e ele ainda escrevendo pauta como se o JB tivesse vinte cinco carros, oito repórteres as nove da manhã, quando o primeiro repórter chegava as sete e o segundo chegava as nove, entendeu? Não tinha repórter até as onze da manhã e era um caos. E eu vendo aquilo tudo. A Bela Stal que também foi chefe de reportagem dessa época falou uma frase brincalhona, que eu acho que nem coloquei no livro: “O JB é cobrança de Washington Post, condições de trabalho Gazeta de Arapiraca!”. Foi começando a ver essa coisa da decadência do jornal, começou a atrasar salário. Mas isso não dependeu da questão de escrever o livro. Eu via aqueles textos do Fontes e comecei a imprimir. Ele imprimia para a primeira reunião matinal e a maioria era jogado fora e eu comecei a guardar algumas pautas dele. Eu comecei a achar aquelas coisas engraçadas e comecei a guardar pautas. Pautas que eu ajudava a fazer que eu acrescentava alguma coisa a pauta dele. Algumas histórias que ele me contava. História que o Oldemário Toguinhó, outro jornalista premiado da noite, contava. Pensei assim: Pautas e Fontes - Histórias de jornalistas. Pensei em não usar nome de jornal, ficar uma coisa assim muito meio ....

C - Solta.

A – Solta. Não ter uma leitura linear de começo, meio e fim. Poder ler blocos, ler trechos, ler outros, como um almanaque. Em vez de ser um curso no sentido livresco, seria um pouco um anticurso. Tentei também fazer um glossário. Juntei uns duzentos termos. Mas fui parando, por uma série de situações, sai da chefia de reportagem. Fui parando e



deixei aquilo parado. É isso. Uns cinco anos depois, olhando aquilo, vejo que alguma coisa já perdeu a atualidade. Eu guardei as pautas.

C – Fontes morreu então, pelos seus cálculos, no último dia de julho. Foi enterrado dia primeiro de agosto e ele chegou a ver o livro.

A – Chegou a ver o livro. Mas ele já estava bastante adoentado, com câncer. Quando ele morreu, eu tenho (segundo clichê) a morte dele. Eu soube da notícia por volta da meia – noite, já tinha rodado a primeira edição.

C – Você fez obituário?

A – Fiz um obituáriozinho, (segundo clichê). Como eu tinha o material eu dei algumas pérolas que estavam no livro que só eu sabia disso, porque ele me franqueou...

C – Cópia das pautas...

A – Não, porque ele não tinha muita intimidade com computador não. Mas eu tenho algumas frases ao léu. Eu coloquei então umas quatro ou cinco frases dele. Depois botei um cartaz na redação toda com as frases todas dele. Frases assim curiosas sobre jornalismo.

C – Você lembra delas?

A – “Notícia não foi feita para guardar”, “Notícia não feita para gaveta”, “Gaveta é para defunto”. Uma coisas assim, um pouco chulas algumas. E o sindicato dos jornalistas me procurou e me pediu se eu tinha mais e eu dei todas as frases e eles publicaram num site, ou num caderno qualquer, numa revista. São mais ou menos umas vinte frases, vinte e cinco frases assim aforismos... “Jornalista que não cria não se cria” “Repórter que não cria, não se cria” “Anote tudo, não confie na sua memória”

C – E você escreveu e colou nas paredes da redação?

A – Não. Eu coleí num cartaz bonito do Fontes, com umas frases dele. Uma homenagem a ele na redação e ficou colado lá vários meses na redação pendurado.

C – Foi uma sorte melhor do que a do Luciano que teve cinco linhas no Globo no obituário.

A – E no dia seguinte o Borges Neto que é do tempo dele fez um obituário de mais de meia página. Eu também tenho aí.

C – Sobre o Fontes?

A – Sobre o Fontes. Se publicasse o livro eu também gostaria de publicar esse obituário de meia página do Manuel Borges.

C - Eu conheço o Manuel Borges.

A – Em março de 98 eu comecei a reuni-lo, se atualizar aí perde a graça. Esse livro eu terminei em 98. Escrevi em três meses, mais ou menos, no verão. Tem coisas que eu poderia cortar, mas não queria acrescentar nada, talvez esse obituário.

C – Alfredo, qual é a sua opinião a respeito da importância da pauta no jornal?

A – Eu acho que mandei para ela o verbete maior do glossário, tem umas três páginas, sobre o que é a pauta. A pauta é o primeiro estímulo para uma notícia. Ela pode ser feita por um pauteiro, uma pessoa específica. Mas todo mundo é pauteiro. O leitor é um pauteiro e o repórter é um pauteiro. A pauta seria um palpite de notícia. Agora, até ela chegar a ser notícia é também uma coisa um pouco subjetiva, não é uma coisa séria, não é uma reflexão aberta. Até ela chegar a ser notícia, até ela chegar a ser publicada. Se você faz uma matéria, mas o diretor diz : “Não quero que publique isso”. Aquilo não é notícia a medida que deixou de ser publicada ficou ali um dia ou uma semana, virou lixo, virou

passado. Virou esquecimento ela não é notícia. Agora, ela foi desenvolvida enquanto notícia. A boa pauta é aquela que está mexendo num assunto que interessa muita gente, desperta emoção ou interesse racional de muita gente. Desperta paixão, caso de crise conjugal, ciúme, tragédia, morte. Enfim. Ou mudança na história, qualquer coisa, reviravolta na política desperta. E a boa pauta do ponto de vista pragmático é a que diz vamos escrever sobre isso, vamos atacar todos os ângulos possíveis.

C – E dá os ângulos.

A – Dá os ângulos. Na medida que os ângulos são desenvolvidos o repórter vai descobrindo outros ângulos, o editor, o colega dali vai descobrindo outras coisas. Ela vai sendo enriquecida coletivamente. A gente diz brincando que um assassinado se é uma pessoa sem importância o jornal nem dá ou dá cinco linhas, a gente chama de colunão. (Apelido) de pequena nota é colunão. Que as notas vêm todas empilhadas no espaço da página e tem apelido de colunão. Mas qualquer crime que a gente dá no colunão, a gente pode dar na página inteira porque uma grande tragédia humana. (Como dizem) tem seiscentas tragédias por dia na cidade, se você retém uma, uma página inteira de uma grande, você tem uma edição salva. A questão de ângulo, cada fato permite vários ângulos. Depende aí da estrutura do jornal, da vocação do jornal, da política do jornal do querer desenvolver vários ângulos para aquele tipo de notícia. Se ele quiser ele consegue. Teve um tempo que os jornais vendiam muito sangue, sangue, sangue. Hoje isso está diminuindo, os grandes jornais, os jornais mais vendidos aqui é o Extra, o Globo e o Dia não estão muito sanguinolentos. Acho que o cotidiano de violência embrutece a gente, amotina, nos torna um pouco indiferentes porque se for na rua vizinha já não nos incomoda tanto. A maior editoria hoje, dos jornais mais populares, por incrível que pareça não é a realidade e a ficção, é televisão. Hoje o Extra investe mais, muito mais recursos humanos, reportagens, tinta, papel, carro, fotógrafo, revisor no que acontece no Projac, no que acontece no Banco Central, no que acontece na fila de banco, nos cartórios onde os títulos são protestados. A emoção hoje na comunicação da sociedade de massa está muito dominada pelo mundo do Show Business. Os jornais que não tratam muito disso são os jornais que vivem menos: Valor, Gazeta Mercantil e Jornal do Comércio. Jornais que tratam menos dessa ficção ou

que faz uma mistura. O Globo vem todo sério, sério e de repente ele coloca na primeira página: Darlene não sei o que lá e coloca : “Débora Seco o personagem Darlene na novela X”. Ele já bota no título o personagem. Então vai misturando um pouco ficção com realidade. As pessoas estão muito envolvidas nessa emoção que a televisão põe dentro de casa com alguma segurança. A pessoa aprende no cotidiano, por exemplo, que um crime envolvendo uma pessoa que está nesse mundo, por exemplo, quando mataram a filha daquela escritora de novela, da Perez.

C – Glória Perez.

A – Glória Perez. O repórter que estava lá de noite, ele veio falar comigo, eu estava no plantão, eu e o Roberto Pimentel: “olha mataram uma menina da novela da Globo, aquela fulana, se lembra dela? Sabe quem é?” Eu disse, olha não sei direito quem é não, mas essa notícia é a mais importante do dia, você corre para lá. Entramos no arquivo, conseguimos bota a foto, conseguimos colocar coisa de novela. Conseguimos montar quase uma meia página, coisa que soubemos meia –noite e quinze, por aí. Ruim para começar uma notícia, o jornal já estava rodando. Eu fiz um estardalhaço já porque, toda vez que qualquer coisa, quando mata alguém da novela das oito é como se matasse alguém que morasse nesse prédio, nesse andar. O interesse é imediato. A mediação hoje está se fazendo não é pela escola, não é pela igreja, não pela política, é pela televisão. Ela está ditando tudo, desde do comportamento.

C – Inclusive a pauta?

A – Tem jornais que já tem editoria de televisão. Tipo esse nome, chamam de cultura, mas o que domina, o que predomina.

C – Você fez uma observação que eu achei muito interessante. Quando Fontes ainda fazia a pauta que foi o derradeiro período Profissional dele mesmo e você percebeu que estava numa defasagem estúpida entre realidade prática e mentalidade com que o Fontes

escrevia o texto, a abordagem dele. O que você observou disso aí? Qual era na realidade a mentalidade que já estava vigindo?

A – A falta de recurso, a globalização exigindo concorrência com custos descrentes. Então você não pode se dar ao luxo de ter, como a (Cidade) já teve, setenta repórteres, oitenta repórteres. Nessa fase que eu estava lá e Fontes estava lá da derradeira atividade, o JB tinha vinte e cinco repórteres em atividade, trinta repórteres. Se você considerar que tem doze meses por ano, em tese, todo mês tem dois repórteres e meio em férias. Considerando que o jornal trabalha vinte e quatro horas por dia. São dois turnos. Então, na verdade, o jornal tem sempre, cinco, seis repórter. Em determinado momento eu tenho dez, doze ali. Mas nunca teria aquela quantidade toda. O jornal já teve setenta e tantos revisores no auge. Naquela época não tinha computador e computador hoje tem corretor. Os repórteres hoje vêm de faculdade e tem uma formação um pouco melhor. Então, hoje só tem revisor nas colunas mais importantes, primeira página. Só nos setores mais luxuosos da edição, geralmente a primeira página, os principais colunistas, o editorial, os artigos dos principais colaboradores. Enfim, há uma tendência muito grande de cortar custos e essa coisa vem culminar com uma coisa mais grave ainda, do período do Plano Real com Fernando Henrique, que o Rio tem dez ou doze jornais diários e havia dificuldades, mas não havia atraso de pagamentos. Aí começou uma decadência, mais ou menos, simultânea a da Manchete, Jornal do Brasil e Jornal dos Esportes. E eles foram descobrindo que não pagar não acontece nada e na última hora fechou e não pagou a ninguém. A massa falida não gerou recursos para pagar indenização dos jornalistas. O repórter está trabalhando hoje na Globo e em outros lugares e o que ele recebeu de indenização não dava para comprar um caderno e um lápis, cinco reais, três reais. Duas passagens de ônibus. Então o que está havendo é isso, um dono de jornal está vendo no outro que não está dando problema. A questão da justiça trabalhista no Brasil está numa decadência muito grande, não há praticamente ônus do jornal se ele sair do regime de CLT. Há uma tendência muito grande, começou na Globo, na verdade, de fazer o tal de grupos de terceirizados. Então, você cria uma empresa que presta serviço para Globo. Daniel Filho criou uma empresa de artistas que faz ali durante um ano e depois ele vai embora. Isso agora em tudo. Jornal nenhum tem mais o gari. O gari é a empresa que varre durante três, quatro meses ali, vinte pessoas.

Homens e mulheres. Dali a quatro meses o jornal briga co aquela empresa e vêm outros. Brigar é quase sempre não pagar. Está uma situação muito complicada porque não se tem a quem reclamar.

C – Do ponto de vista de futuro, você já parou para pensar alguma vez qual é a alternativa que o jornal pode vir a ter com a presença tão intensa da Internet? A Internet oferece uma contextualização e pesquisa que resolve o problema que foi gerado pela falta de pessoal e que faz com que os repórteres não tirem o traseiro da redação, façam o jornal quase inteiro sentados. Diminuiu o número de carros e aumentou o número de telefones.

A – Não é nem telefone mais, agora é e-mail mesmo. Porque você não perde nem tempo. O telefone tem uma ligação oral que faz você perder tempo.

C – É e direto na Internet.

A – Um exemplo, passei quatro notas para colunistas do Globo e JB de ontem para hoje e não falei no telefone com eles, nenhum. Só passei por e-mail. Não perdi tempo e nem roubei tempo deles.

C - Você passou nota por que você está trabalhando como assessor?

A – Eu estou trabalhando com assessoria de teatro e aí eu, uma coisa muito prática, que eu conheço dos dois lados, para eu conseguir uma nota boa de teatro, se o Chico Buarque não, todo mundo corre atrás. Mas se é um artista de terceira linha, de quarta linha que é bom, mas não tem nome, não tem chance, como é que vou conseguir uma notinha na coluna? “Estréia amanhã fulano de tal que leva fulano de tal para trabalhar com ele”. Ninguém vai dar. Aí bom, eu fiz uma nota boa ontem, Chico Buarque e tal. Agora eu faço contra peso. Isso é uma maneira minha de trabalhar dentro de casa, notícias do cotidiano. Se você me dá uma notícia boa da sua universidade eu passo pro Anselmo, pro Boechat, para Heloísa e digo que amanhã vai estreiar um fulano aí que veio da Paraíba que toca uma viola de pau. E bota porque ele pediu e coloca nota boa também.

C - Eu conheço bem esse processo. Lá em casa funciona assim também. Mas junta-se essa situação da Internet, da falta de pesquisa in loco, uma terceirização braba, muita assessoria, muita agência e uma geração de jornalistas que vê o trabalho na redação como funcionalismo público. Com horário, não tem aquele nível de envolvimento que antigamente tinha.

A – Olha envolvimento ainda tem muito. Não pode comparar com o funcionalismo público. Jornalista só tem hora para chegar, nunca para sair. Apesar disso tudo, eles têm horário para entrar, mas nunca para sair. O cara entra as duas e pensa que vai sair as nove e acaba saindo a meia noite.

C - Mas ele não sai porque o processo não permite.

A – E se ele sair, ele não volta no dia seguinte, ele está na rua.

C – É, mas não pela mentalidade e envolvimento. É diferente. Então, a Sonia Araripe, por exemplo, acha que mais duas gerações e o modelo vai ter que ser repensado. Porque você não tem nem carga vivencial para suprir esses mesmos (tons).

A – O JB, eu lamento muito, que essa coisa de desperdiçar a história do próprio jornal. Um jornal que sempre foi muito carioca, já teve vários donos. Já foi de um maranhense, já foi de um baiano, já foi do (Vitor) Barbosa, já foi do Cândido Mendes, já foi de um conde da Paraíba. Foi inaugurado por um anarquista. O jornal destruiu essa sua memória. Os nomes que têm mais memória no jornal foram desvalorizados pela própria redação, pela própria concepção de gerenciamento. Foi o primeiro na Internet. Foi o primeiro a degradar as condições de trabalho. Eu estou trabalhando para o jornal agora, mas não na redação. Estou fazendo trabalhos de redação terceirizados para o comercial, de marketing. Mas essa tendência em relação a Internet. A pergunta é muito complicada. Com relação leitura do jornal, dos novos concorrentes, a Internet é um veículo novo. Como o rádio foi um veículo concorrente, televisão foi um veículo concorrente do rádio. Cinema foi

concorrente do teatro. Acho que o jornal está tranquilo, sem nenhuma ameaça. O jornal não sofre nenhuma ameaça enquanto (informativo).

C – Mas ele tem tido perda publicitária.

A – Tem tido perda publicitária. É uma coisa cíclica. Tem veículos que perdem. Por exemplo, o telex acabou. O telex era máquina de escrever com telégrafo. Então o e-mail acabou com isso tudo. O rádio, a televisão não destruiu o rádio. Embora a televisão tem o rádio, o áudio, ela não destruiu o rádio. Porque o rádio tem uma portabilidade. Você pode dirigir ouvindo um rádio, você não pode dirigir ouvindo televisão.

C – Mas esse é que é o ponto. Há uma realocação. O lugar do veículo se especializa numa área em que ele não tem uma concorrência tão grande em relação aos outros. Mas ele não desaparece, a não ser nos casos como telex que você mencionou. Então qual é o lugar do jornal?

A – O lugar do jornal é um espaço virtual, que é milenar, que é a leitura nas próprias mãos. Porque você pode está na sala, você pode está no banheiro, você pode está na praia, você pode está no trabalho. Você pode ver televisão no trabalho, mas a televisão vai atrapalhar o seu colega. Você pode levar uma televisãozinha pequena na praia, mas o reflexo é ruim, cai areia. O jornal, além dele ter essa coisa muito forte, que é a leitura, do ponto de vista fisiológico o ato de ler, é a certeza que você tem que pessoas do seu grupo estão fazendo a mesma coisas. Se eu escrever um belo artigo e colocar no (blog) aqui, dez pessoas vão ler e são pessoas díspares, perdidas no tempo e no espaço. Se eu escrevo no Globo todas as pessoas que me interessam vão ler, no JB todas pessoas que me interessam vão ler. Então é um ritual muito forte. E esse fenômeno divulgou uma coisa que aconteceu na Internet. Houve uma febre de empresas, achando que a Internet era o jornal de graça. Era um tal de em 98 e 99 chamar gente dos grandes jornais para fazer grandes sites noticiosos e acabaram todos e não conseguiram nada. Por que? Quando eu abro a Internet aqui, a primeira coisa que eu quero ver é JB, Globo, Google e o meu texto. Google para pesquisar, JB e Globo se eu tiver com pressa eu já vou: primeira página na coluna e “pá”, vejo o que



me interessa e pronto. Mesmo assim ainda prefiro assinar o jornal e ler. O Globo já vi a primeira página, o JB, ali. Se comprar então já sei o que é, rapidinho. Se eu tiver numa festa, se eu tiver no trabalho, o cara chegar e dizer: “Viu no Globo?” Vi. Isso aí, eu vejo um futuro radioso no jornal. Até porque a Internet você não tem problema de espaço, você pode escrever qualquer coisa. Como o jornal tem problema de espaço, por incrível que pareça, o problema de espaço obriga você a escrever melhor.

C – É seletivo.

A – Você tem que ser mais seletivo. Nós estamos vivendo um período um pouco complicado, conturbado disso. Mas a tendência é ter que escrever pouco e melhor no jornal. O jornal antigamente pagava para todo mundo escrever. Hoje em dia o (JB) escreve de graça. Os colaboradores do jornal é o senador, é o prefeito. Eventualmente o presidente da República. Fernando Henrique escreve para o Globo. Pelé escreve e tal. Então querem as celebridades escrevendo para o jornal. Tem o professor universitário quer escrever. Antigamente ele escrevia e ganhava quatrocentos reais. Você faz a resenha de um livro para o Estadão e ele te dá quatrocentos reais. Você faz uma resenha para o JB, do Idéia e ele não vai te dar mais nada. A não ser por ventura, a Cristiane dizer: “vou pagar para esse aí excepcionalmente, esse precisa receber, porque esse professor está muito necessitado por isso e etc. ”. Mas já não se paga mais. E eu com muito escárnio, com muito deboche falei com o editor do jornal: “Estou antevendo que em breve o JB pode ser o pioneiro em mais uma situação, passar a cobrar para a pessoa escrever”. Página onze chamada (open ed), open ed era opinião de oposição contrapondo a página dez que era o editorial, a página onze era a página liberal tinha todo um seguimento ideológico, todo um espectro ideológico. Se o jornal dissesse: “Olha, escreva um artigo aqui e ajude o JB”. Um monte de gente que vai querer escrever porque a vaidade do cara não tem tamanho, ele jamais escreveria ali para receber, de graça o jornal jamais aceitaria.

C – Eu se fosse você não repetia muito essa piadinha não.

A – Não. Se o jornal cobrar e eu, se eu tiver um texto bom, eu vou dizer o seguinte: “Olha, eu pago, eu pago para escrever”. Tem uma piada boa do Savino ele contou isso uma vez numa palestra em São Paulo. Um colunista do Globo estava reclamando ao Dr. Roberto Marinho porque estava ganhando muito pouco, o redator chefe Roberto Marinho. O colunista dizia que só ganhava cinco mil para escrever quatro crônicas por mês e ele dizia que era um absurdo que ele não podia viver assim. O Dr. falou, “Veja, que eu te pago bem. Eu já fiz uma consulta pro departamento comercial e nesse espaço que você escreve, essa resenha aí, você ganha cinco mil, um anuncio ali eu ganharia vinte mil”. Então o colunista disse: “Senhor Roberto vamos fazer um acordo, eu paro de escrever, o senhor fica com dez e me dá dez.”

C- Isso existiu?

A – Isso é uma brincadeira que ele contou uma vez numa palestra.

## **7.5. Entrevista com Maurício Azedo**

29 de outubro de 2004

Local: Gabinete do Maurício na presidência da ABI

M – A pauta do Estadão pegava toda a cobertura que o jornal ia fazer, a sucursal ia fazer, incluindo, esportes e economia, mas esportes e economia eles pautavam no âmbito destas editorias e encaminhavam a secretaria da sucursal para incorporação a pauta geral, mas eram pautas especializadas de esportes e de economia. E a nossa pauta pegava em política que era uma área muito infecunda na época, porque esta época é 1972-1975 em plena vigência da censura. Era política nacional, noticiário geral de interesse nacional, cultura, arte, espetáculos, educação, meio-ambiente e áreas afins.

C – Vamos começar mais formalmente, que eu acho importante, porque depois é mais fácil para recuperar os dados. Teu nome completo, onde você nasceu, seus pais.

M – Tudo bem. Meu nome profissional é Maurício Azedo, o nome completo é Oscar Maurício de Lima Azedo. Eu nasci no Rio de Janeiro, na rua das Laranjeiras em 27 de setembro de 1934. Acabei de completar setenta anos e fui expelido compulsoriamente do serviço público e meus pais eram pernambucanos. Meu pai era escriturário da Companhia Nacional de Navegação Costeira. Morreu aos trinta e sete anos quando eu tinha seis anos. E minha mãe que casou com ele aos quatorze anos teve o primeiro filho aos quinze. Era chamada, enquanto ele era vivo, de doméstica, do lar. Aí depois que ele morreu ela teve que sair para trabalhar fora e foi, inclusive, embaladeira do extinto laboratório Raul Leite, aqui no Rio de Janeiro. Em essência, do ponto de vista familiar e cronológico....

C – Você tem irmãos?

M – Eu tive sete irmãos. Inclusive, um irmão jornalista. O irmão mais velho Raul Azedo Neto, que morreu precocemente, pouco menos de dois meses antes de completar cinquenta e um anos. Era jornalista também e era o meu paradigma do ponto de vista profissional, intelectual, ideológico. E além do irmão, seis irmãs das quais apenas duas estão vivas. Meu irmão também faleceu como eu já disse.

C - Sim. Então, na sequência, desde pequeno trabalhou? Teve como estudar? Como é que foi?

M – Eu comecei a trabalhar com treze anos, faltando três meses para completar quatorze anos numa firma tradicional do ramo de peças de automóveis, a Luporine Comércio e Indústria S.A.. E fui registrado a partir do dia primeiro de outubro de 1948, quando fui tirar a carteira de menor por aí. E eu tinha estudado em escola pública, na Escola Três Três, Deodoro, ali na rua da Glória. Fiz exame para o Pedro II na época sem fazer curso de admissão e sem fazer cursinho. Fui aprovado, mas não obtive classificação porque o mínimo da classificação era 6,8 e eu tirei 5,6. Fiquei um ano sem estudar e no ano seguinte tentei novamente e aí nem passar passei, porque peguei pela frente o professor José (Uíbe Seca) como um dos interrogadores na prova oral e ele me perguntou a função sintática do que, que até hoje assusta os meus sonhos. E aí eu tive que começar a trabalhar,

não só para ajudar a família, mas como para pagar os meus estudos numa escola particular. Eu comecei estudando na Mabi onde estudei dois anos, ao fim dos quais, minha mãe recebeu uma comunicação da direção do colégio convidando a não renovar a matrícula porque o aluno, Oscar Maurício de Lima Azedo, tinha um comportamento incompatível com os regimentos disciplinares deste educandário. Bom e aí estudei dois anos no colégio da Associação Cristã de Moços, que na época era aqui no final da rua Araújo Porto Alegre e que curiosamente tinha um bom curso ginasial, com alguns professores de extrema competência, como o professor de português Serafim Porto. E concluído o ginásio fiz o curso colegial no colégio Frederico Ribeiro que já desapareceu. Era ali no final da rua do Ouvidor. E concluído o curso fiz o vestibular para faculdade de direito do Catete e passei. Eu me diplomei em 1960 na turma Roberto Lira de 1960. Lira era um professor muito querido que de patrono de turmas foi uma grandeza. E aí, já na altura do terceiro ano de faculdade, recém casado, eu me iniciei no jornalismo. E me profissionalizei no Jornal do Comércio sob a proteção, a batuta, inspiração, orientação do Luis Paulistano. E quando me formei, dois anos depois, eu tinha que fazer a opção entre o jornalismo, onde eu já tinha me iniciado e já tinha um enraizamento profissional, e, inclusive, uma remuneração relativamente boa. Porque na época você trabalhava em dois, três, quatro lugares, conciliava isso, então, embora ganhando pouco, medianamente em cada emprego você somava e dava um bom salário. E aí, para seguir na profissão de direito eu teria que começar do zero e aí já não dava mais porque eu tinha família para sustentar. E aí começamos....

C – Como é que foi essa chegada no jornalismo? Por quê?

M – Porque o meu irmão era jornalista.

C – E ele arrumou para você um estágio?

M – Não, não. O meu irmão era jornalista e eu trabalhei sete anos na Luporine Comércio e Indústria e no final de 1955 eu fui demitido por motivo ideológico. Um diretor da empresa, o Antonio Altomari, um italiano e achava que eu tinha idéias esdrúxulas,

exóticas e etc. e tal. Embora eu fosse protegido e muito querido por outro diretor o Seu Arnaldo Tomazine que tinha sido trotskista na juventude etc. e tal e era anti – stalinista, anticomunista, por aí. Mas preservava ainda aquele encantamento pelo trotskismo e no fundo ele me via como um jovem. Eu tinha na época dezoito anos, comecei lá com quatorze anos. E ele no fundo me via como uma projeção do jovem que ele tinha sido, então ele me tratava com muito carinho. E, inclusive, eu me lembro que ele tinha uma campainha na cabeceira da sala. Ele apertava a campainha para chamar os contínuos, ou então para chamar um contínuo para chamar um funcionário. E de vez em quando, seja no tempo que eu era contínuo, seja depois como auxiliar de escritório, ou de contabilidade, às vezes ele me chamava, só para fazer uma preleção de caráter político. Foi, inclusive, através dele, isso aí entre 1952 e 1954, que eu tive conhecimento do George Orwell, com 1984. “Você precisa ler 1984 para ver o que é o stalinismo, o que é a União Soviética!” Não sei o que, etc. e tal. Mas e aí eu fui demitido da Luporine e tinha militância política como membro da União da Juventude Comunista. E aí resolvi me profissionalizar na militância política e como tinha ligações políticas, decorrentes da militância partidária e eu fui ser tradutor de espanhol do jornal do partidão chamado Democracia Popular. E permaneci lá um período. E depois como missão da União da Juventude Comunista fui fazer uma coluna de noticiário estudantil no diário que o partidão mantinha na época, A Imprensa Popular. E da elaboração dessa sessão passei para geral da Imprensa Popular, tendo como mestre, não sei se você conheceu, um jornalista extraordinário chamado Nelson Lontra Costa. Ele acompanhava a reforma editorial e gráfica do Diário Carioca com a introdução do lide e etc. e tal e promovia a implantação dessa técnica no jornal do partido na sessão geral da Imprensa Popular, do Diário Imprensa Popular. Aí eu fiz minha entronização no meio profissional. Houve uma crise no partido em 1956 em razão da denúncia do chamado culto a personalidade, houve uma desagregação da redação da Imprensa Popular. Nós fomos expulsos da redação da Imprensa Popular que estava dividida entre os fechadistas que não queriam que nada mudasse nas relações e no comportamento do partido e os abridistas, aos quais eu me vinculava. Éramos maioria, mas os fechadistas eram bafechados pela direção do partido. E um dia que nós chegamos para trabalhar no jornal, era no vigésimo primeiro andar do edifício ali na rua Álvaro Alvim, tinha uns trabalhadores do Porto convocados pela direção partidária para impedir que esses inimigos da classe operária tomassem de

assalto o jornal do partido. E aí houve esse conflito. Os expelidos do jornal foram tratar da vida e eu fui trabalhar na Companhia Internacional de Seguros na sessão (de vida em grupo) como um funcionário burocrata e fiquei lá até o fim de 1957. Fui nomeado escriturário datilógrafo interino do antigo IAPI, Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários, por pedido feito por um tio meu o professor Joaquim Pimenta ou então o ministro do trabalho que era o (Parsifal) Barroso, senador (Parsifal) Barroso. E no fim desse ano casei e em 1958 eu tive que partir para complementar o salário do serviço público com outra atividade e aí me profissionalizei como noticiarista do Jornal do Comércio.

C – A sua história é uma história que ela tem muita coisa em comum com muitas outras histórias dos jornalistas dessa época. E eu percebo que existe uma influência muito grande no fato dessa formação política extremamente participativa com a imagem do jornalista brasileiro montou. A presença da formação em direito, é outra coisa muito forte na presença do jornalismo dessa época. E a outra coisa é o tráfico, o trânsito de complementação de salário das pessoas que tinham vínculo com o serviço público e também trabalhavam no jornalismo. Isso configurou um estilo de produção de jornalismo na época e depois quando entra a faculdade e a produção de técnicos de comunicação em massa, eu acho que é muito mais técnico do que jornalista, quebra esse padrão. Só para chamar a atenção na linha que eu estou...

M – Mas deixa eu te dar um dado aí que é interessante e que corrobora, ratifica esta observação que você faz. Em 1974, 1975, por aí, nos fizemos aqui na ABI, na época da gestão do Dr. Prudente de Moraes, eu era integrante da diretoria como diretor da biblioteca. Um seminário de técnica de jornalismo para qual convidamos como expositores uma série de jornalistas que tinham uma contribuição significativa a oferecer aos inscritos no curso que eram, principalmente, estudantes de comunicação. Entre os que vieram fazer exposições, palestras e conferências, aqui, estavam o Armando Nogueira, (Zorzio) Barroso do Amaral, o Evandro Carlos de Andrade, por aí etc. e tal. E o Evandro, na exposição que ele fez, ele chamou a atenção para um detalhe. O Evandro ele tinha vindo à iniciação profissional dele foi no Diário Carioca onde ele tinha sido companheiro do José Ramos Tiorol que era formado em direito. Ele próprio era formado em direito e eu por acaso, ele

não considerava isso, mas eu também era formado em direito. E ele fez uma observação, que a mim como formado em direito e jornalista foi muito marcante, porque ele dizia, disse na época: que na geração dele não havia a formação de nível universitário generalizada para comunicação social ou jornalismo, embora existisse já o curso de jornalismo na Faculdade Nacional de Filosofia. O que atraía profissionais, o que atraía formados em direito para o jornalismo era a sede a justiça de que esses profissionais estavam imbuídos. A expressão textual dele: a sede de justiça. E eu acho que esse foi, realmente, um dado importante para essa geração de jornalistas, porque o jornalismo oferecia a possibilidade de uma intervenção social e uma intervenção mesmo em casos individuais que correspondiam....

C – Então correspondia a esse desejo dos jovens de estarem participando dessa intervenção?

M – Desses jovens de encontrar formas de promover a realização do ideal de justiça.

C – Essas palestras foram gravadas? Foram compiladas?

M - Não me lembro qual foi a forma que nos fizemos se nós retiramos da fita integralmente, mas o fato é o seguinte. Em cerca de um ano, um ano e pouco depois, nós editamos um volume do qual temos um exemplar aqui na biblioteca Bastos Tigre e sob o título: Primeiro Seminário de Técnica de Jornalismo, no qual figura praticamente todos os trabalhos entre os quais esse do Evandro.....

C – Você lembra a data?

M – Ah, nos anos setenta. Deve ser setenta e seis, setenta e sete, por aí.

C – Ok, eu vou lá. Então como é que você chegou no primeiro trabalho prático em jornal?

M – Primeiro trabalho prático como assim?

C – Dentro da redação produzindo, escrevendo....Como foi seu primeiro emprego dentro do jornalismo?

M – Não, o primeiro emprego foi como tradutor de espanhol do jornal Democracia Popular.

C – Depois que você saiu, que houve o bafafá da divisão interna?

M – Ah sim. Aí eu comecei no Jornal do Comércio como noticiarista da sessão internacional. Naquela época não estava ainda generalizado o uso de telex, não é nem de meios eletrônicos, o uso de telex. E nós no Jornal do Comércio recebíamos o noticiário das Agências AP United Press e France Press e colávamos aqueles telegramas. Recortávamos os telegramas que vinham em seqüência, uma notícia em seqüência a outra, mas pegando assuntos diferentes. A gente cortava segundo a natureza do noticiário. Colava numa lauda de jornal, que não era a lauda diagramada e sim lauda do recorte das sobras da bobina de papel utilizado pelo jornal, então colávamos aquilo. Fazíamos o (cope) porque grande parte vinha sem acento, sem til. O telex vindo da sede de distribuição do noticiário internacional, por exemplo a United Press, o noticiário batia todo em Nova York e de Nova York era redistribuído pelo mundo pelos aparelhos de telex de produção norte – americana que não tinha til, cedilha, por aí. Então aí nós fazíamos essa adaptação e eventualmente um cope ou outro e fazia um título para inserção no jornal. Eu tinha como editor internacional e meu chefe era ele e eu, um jornalista chamado Eric Sakis, que era austríaco, um alemão que tinha migrado muito jovem para o Brasil. E esse noticiário internacional era publicado na primeira página do Jornal do Comércio. E geralmente os títulos eram de matérias em duas colunas. E em duas colunas eram duas linhas de dezenove batidas, em relação as quais a gente suava. E fiquei nessa função por cerca de quatro, cinco meses por aí. Porque foi a vaga que se abriu no jornal e que o Paulistano queria me dar o emprego e a vaga disponível era aquela porque ele pretendia atender a um pedido que este mesmo tio meu, professor Joaquim Pimenta, que tinha sido professor dele na faculdade de direito, tinha pedido a ele para arranjar um emprego para o sobrinho. Então, o Paulistano que era uma figura



extraordinária, uma figura humana sem igual, ele como não pode me empregar inicialmente no Jornal do Comércio, que não havia vaga, ele arranhou com (Mauritório Liumeira) para eu trabalhar na rádio Jornal do Brasil. Lá eu fiquei vinte e três dias porque no final dos dias ele ligou para mim e disse: “Maurício vem correndo porque eu tenho uma vaga aqui e deixa aí o nosso Mauritório (Liumeira)”. Então eu fiquei uns quatro ou cinco meses na editoria internacional como noticiarista e assim que abriu vaga na reportagem eu passei a repórter de geral do Jornal do Comércio, onde fiquei cerca de um ano, por aí. Porque nesse período o jornal era do Santiago Dantas que o vendeu ao Assis Chateaubriand. Chateaubriand tinha a psicose de querer a propriedade dos jornais mais antigos e tradicionais do Brasil: o Diário de Pernambuco, o Correio Brasiliense que era só o título antigo em Brasília e o jornal do Comércio do Rio de Janeiro que era o segundo em antiguidade. O primeiro era e é o Diário de Pernambuco, mas o Jornal do Comércio é o primeiro em antiguidade do ponto de vista de circulação contínua. O Diário de Pernambuco teve intervalos na circulação, em razão de crises políticas e adversidades que o jornal enfrentou. Mas o mais regular saindo continuamente em atividade é o Jornal do Comércio do Rio de Janeiro. Na geral do Jornal do Comércio eu fiquei enquanto o Paulistano teve no jornal porque assim que o Santiago Dantas passou o jornal para o Assis Chateaubriand o Luis Paulistano tinha como máxima o seguinte: Eu não trabalho para Assis Chateaubriand. Porque ele já tinha trabalhado em jornal do Assis Chateaubriand, O Jornal, que era chamado o órgão líder da cadeia dos associados e não tinha uma avaliação positiva do Assis Chateaubriand. Nem como patrão, nem como jornalista. Então, antes mesmo do Chateaubriand designar ou demitir gente no jornal, o Paulistano na véspera ele botou o paletó e nunca mais apareceu no jornal. E duvido até, não tenho certeza, se ele voltou se quer para receber as contas dele, porque a rejeição dele em relação ao Assis Chateaubriand era muito forte. E como eu falei do Paulistano, o Paulistano morreu aos quarenta e sete anos, precocemente, porque no final de 1960 ele foi convidado e aceitou ser o assessor de imprensa do Roberto Silveira. E em fevereiro de 1961 houve umas enchentes dramáticas no norte do estado, principalmente, em Campos. O Roberto Silveira, que era um governador muito atuante, muito competente, com uma ligação muito forte com o povo e marcou de fazer uma visita a Campos para fazer uma avaliação da situação da coisa. Ele foi de helicóptero com o Paulistano, como assessor de imprensa e um fotógrafo, cujo nome não recordo. O helicóptero caiu. O Paulistano teve

morte instantânea no dia 21 de fevereiro de 1961. O Roberto Silveira sobreviveu ainda uma semana. Morreu em 28 de fevereiro de 1961 e o fotógrafo milagrosamente se salvou, ainda que com seqüelas graves do acidente.

C – Que memória fantástica você tem Maurício!

M – Não, não é memória fantástica. É a marca que o acontecimento deixou. Porque esse negócio do Paulistano eu me lembro. Porque o Paulistano ele tinha uma relação, ele não era muito mais velho que os jornalistas que ele encaminhava e tratava os jornalistas não como filhos, mas como companheiros mais jovens por aí. Então, eu tinha uma relação afetiva muito forte com ele assim como o Mário Cunha e os profissionais de um modo geral que trabalharam com ele. E eu me lembro que no dia 21 de fevereiro de 1961 por volta de oito, oito e meia da manhã, minha, então, mulher me acordou chamando pelo nome carinhoso de família: “Cacá, Paulistano morreu”. Ela chocada, ela deve ter ouvido pelo rádio e veio correndo me falar e isso foi muito marcante. Então, não é privilégio da memória, privilégio do sentimento. E aí também o negócio do Roberto Silveira, o 28 de fevereiro, é porque ele morreu uma semana depois e também porque, eu nessa época, eu trabalhava na sucursal do Diário Carioca em Niterói e fiz a cobertura do enterro do Roberto Silveira junto com o repórter da redação central do Rio, o jornalista Gilson Campos. E o enterro do Roberto Silveira foi a manifestação de devoção popular mais pungente que eu assisti em minha vida. Houve manifestações em sepultamentos como o do Getúlio, agora recentemente a morte do Brizola, mas esse pesar foi marcado, de Getúlio e do Brizola, o próprio sepultamento do Prestes, por um conteúdo político muito forte dada a liderança desses líderes. E o enterro do Roberto Silveira o que ganhou uma conotação especial foi o sentimento de amor do povo fluminense pelo Roberto Silveira. Eu me lembro que foi ele internado, saiu de Campos e foi para uma Casa de Saúde, um hospital em Petrópolis que era Casa de Saúde, eu acho, Saiarpe, uma coisa assim, onde se travou uma batalha desesperada para sobrevivência dele. Mas ele tinha oitenta por cento do corpo queimado e deu-se o epílogo, o desenlaço. E o corpo dele saiu de Petrópolis para Niterói onde seria o velório. Essa travessia de Petrópolis a Niterói demorou algumas horas porque o cortejo fúnebre tinha que andar em marcha lenta porque ao longo do trajeto entre Petrópolis e Niterói as

multidões a beira da estrada se postavam para prestar as homenagens ao Roberto Silveira. Então, isso, associado ao desenlace do Paulistano, me marcou profundamente. Não pelo exercício da memória, mas pela afetividade e pelo trauma que isso representou para a gente na época e que o tempo me (tigou), mas a gente evoca ainda com muita emoção.

C – Eu me lembro que a imagem que você sempre me passou, profissionalmente, foi uma imagem de um repórter muito participante, muito combativo. Com uma leitura política muito nítida, muito clara e muito evidente. Como é que você foi parar em pauta?

M – Bom, na verdade o seguinte. A partir dessa atuação no Jornal do Comércio, na iniciação profissional no Jornal do Comércio, que foi aí que eu tive carteira assinada. Porque na Imprensa Popular eu era um militante político nós não tínhamos carteira assinada nem jamais cogitávamos reivindicar um negócio dessa natureza. Aí eu tive uma profissionalização através do próprio Paulistano. Eu fui trabalhar no Diário Carioca. Um dia o Zélio Valverde e o filho dele, um colunista social, editavam um suplemento dominical no Diário Carioca chamado Revista da Sociedade. O chefe de redação inicialmente, à noite, era o Evandro Carlos de Andrade. E um dia eles precisaram de um redator e perguntaram ao Paulistano no Jornal do Comércio: “Paulistano, você não tem aí um jornalista que faça aqui um free lance nas quartas, quintas e sextas-feiras no cope de fechamento da Revista da Sociedade?” E o Paulistano me indicou e eu fui para o Diário Carioca e acabei me vinculando ao Diário Carioca e depois ao Jornal do Brasil, ao Jornal dos Esportes, a Revista Realidade, a Revista Placar. Mas o fato é que em 1972 eu trabalhava na Bloch e na Última Hora e fui preso no princípio de fevereiro e mais ou menos por volta do dia 21 de fevereiro eu fui demitido dos dois empregos, naturalmente por ou medo dos empresários ou por exigências sigilosas dos órgãos de repressão.

C – Os dois eram: o da Bloch....

M – Bloch. Eu era o diretor de redação da revista Fatos e Fotos.

C – Quando você conheceu o Dines?

M – Não. Eu conheci o Dines no Jornal do Brasil em 1961.

C – Foi antes.

M – É.

C - E qual foi o outro emprego que você falou?

M – A Última Hora já na época em que o jornal estava associado ao Correio da Manhã e pertencia ao grupo do Maurício Alencar, principal figura dos irmãos Alencar. Aí eu fui demitido e os companheiros por solidariedade se mobilizaram para me garantir o retorno ao mercado de trabalho e se abriu uma vaga como chefe de reportagem da sucursal do Estado de São Paulo. E o Mário Cunha, que era meu companheiro desde o Jornal do Comércio, naquela iniciação de 1958, sob o pálio da proteção do Paulistano, o Mário Cunha indicou o meu nome. E o Villas-Boas Correia que era o diretor da sucursal aprovou e eu como chefe de reportagem a minha primeira tarefa era fazer a pauta do jornal.

C – Então não havia também o lugar de pauteiro independente?

M – Não, não.

C – Como é que era que se fazia a pauta?

M – A pauta na época não havia e creio que não haverá ainda o manual do pauteiro. O pauteiro na época ele era uma figura na redação que tinha que se virar. Primeiro, para assegurar a possibilidade de utilização de todos os profissionais com que o jornal contasse para produção jornalística, principalmente, para reportagem. Isso era o primeiro desafio. Você tinha que ter uma pauta suficientemente abrangente para não deixar ninguém sem atividade. E por outro lado, você tinha também, do ponto de vista profissional –pessoal, você tinha que revelar um grau de eficiência determinado para justificar a sua presença na

função. E por fim aí a questão do brio profissional. Você tinha a preocupação de cobrir assuntos com primazia sob outros veículos e naqueles em que fosse evidente que outros veículos cobrissem, você assegurar, na definição da pauta, uma angulação que te permitisse uma cobertura melhor do que a dos concorrentes.

C – Antes você recebia a pauta dos outros e é bom, se você conseguir lembrar, como é que era essa pauta que você recebia e como é que era a pauta que você preparava?

M – Olha do ponto de vista de reportagem eu tive uma atuação limitada porque, salvo esse período no Jornal do Comércio em que eu estava na reportagem geral, em grande parte da minha atividade profissional eu tive na cozinha do jornal. Isto é, na produção de textos...

C – No copy.

M – É. Porque uma das características do jornalismo na época é que o repórter quando ele se destacava por qualidades de texto, ele era logo retirado da atuação na reportagem e jogado na cozinha do jornal. Seja para produção de texto, seja para função da chefia. Afim de que essa sua qualificação proporcionasse o máximo de rendimentos em matéria de produção jornalística ao jornal. Então, eu tive um período relativamente curto na produção de reportagem e me lembro que na época que eu estava no Jornal do Comércio eu recebia uma missão, uma designação, mas era uma designação verbal, uma orientação genérica, muito genérica também verbal e você procurava se informar a respeito. E em muitos casos o chefe da reportagem não era nem o pauteiro era o próprio chefe da reportagem, dizia: “Olha tenho uma notícia hoje no Jornal do Comércio ou no Globo em que o assunto é afluído, exposto e você se informa, vamos desenvolver isso”. Mas sem uma orientação determinada, mais detalhada. Então, o rendimento da reportagem, o rendimento do assunto, dependia menos de um roteiro de pauta fornecido pela chefia de reportagem do que pelo interesse que o assunto provocasse no repórter e do talento também do repórter e por aí. O repórter era jogado um pouco às feras porque a criação do assunto, o relevo que o assunto pudesse alcançar, o interesse que pudesse despertar no leitor dependia muito da atuação individual do repórter mais do que de uma orientação que ele tivesse

recebido pelo seu comando no jornal ou na revista. Então, me lembro que, posteriormente, eu tive depoimentos a esse respeito de profissionais mais antigos e mais experientes que eu, que contavam, inclusive, a história do Alves Pinheiro que era secretário de redação do Globo, um grande secretário de redação e um jornalista muito talentoso e muito competente. Chegava na redação do Globo de madrugada, às cinco horas da manhã ou talvez mais cedo ou um pouco mais tarde. Já tinha lido todos os jornais, recortado as notícias que poderiam ser desenvolvidas, confirmadas ou desmentidas pelo Globo. E ele chegava na redação, chamava os repórteres e dizia: “Procura isso aqui, apura isso aqui, vê se isso é verdade, vamos desmentir isso....” .Ele dizia isso para os repórteres, uma grande quantidade de repórteres desse tipo em que ele dava instrução, mas sem o detalhamento que posteriormente a pauta assumiu na imprensa diária.

C – Então quando você chegou a ser pauteiro você não tinha recebido ainda uma escola vivencial de uma pauta bem estruturada?

M – Não, não.

C – Então como você desenvolveu a sua?

M – Bom, eu mencionei aquelas três preocupações: manter o pessoal ocupado, você ter o brio pessoal e você ter espírito do seu veículo no confronto com os concorrentes. Bom, então aí você tinha que estabelecer as tuas matrizes ou fontes de abastecimento da pauta. E quais seriam essas fontes? A primeira delas é o próprio veículo em que você trabalhava. Seja para ver aqueles assuntos que no caso da sucursal tivessem sido objetos de edição no jornal, bem como ver outros assuntos que ensejassem um desenvolvimento na pauta do jornal, essa era a primeira fonte. Abrangendo tanto o noticiário local e nacional como o próprio noticiário internacional em que haveria expressões ou manifestações ou acontecimentos que ensejariam uma exploração no âmbito local. Essa era uma fonte. A outra fonte os outros veículos, os outros jornais, os outros concorrentes. Para você fazer um confronto do seu veículo com os outros veículos. Aqueles pontos em que você foi melhor ou pior e também aqueles pontos onde você comeu mosca e seu veículo nada publicou em

relação ao assunto que poderia ser significativo. Então, em relação a isso você tinha uma linha de comparação e também um núcleo de notícias e reportagens que você poderia desenvolver ou não. Outra fonte importante e essa fundamental era a rádio escuta. Porque o rádio mais do que a televisão, isso estou me referindo ao período 72-75 em que o jornalismo da televisão não tinha atingido o nível de desenvolvimento de hoje. Mas o rádio hoje como naquela época tinha uma agilidade muito grande e o poder de lançar notícias que estão acabando de acontecer e que tem interesse para produção do seu noticiário, para a produção jornalística. Esse era um dado importante. Outra fonte de abastecimento da pauta era o próprio trabalho que você estava realizando naquele dia. Então, por exemplo, você vai fazer uma cobertura na qual o ministro, secretário tal ou artista tal, o fulano que tenha interesse jornalístico anuncia que dentro de uma semana, no dia tal, as tantas horas vai produzir, apresentar ou fazer isto ou aquilo. Então, desde logo você tendo esta notícia através do noticiário produzido pelo jornal você lançava na sua agenda para que o dia tal esse assunto seja incluído na tua pauta.

C – Você dava atenção a agenda fixa, essa agenda que a gente tem: dia do professor, dia do Rio de Janeiro, dia do não sei o que....Você dava atenção a isso?

M – Dava atenção a isso e também as datas redondas que foram sofrendo uma diminuição cronológica, por exemplo, os quarenta anos agora em março do golpe militar de sessenta e quatro. Os vinte anos, ou vinte cinco anos ou dez anos de tal fato. Se você prestava atenção a isso, dependendo da linha do veículo que você trabalha, no caso do Estadão os assuntos compatíveis com a linha editorial do Estadão, você programava matérias a respeito disso. Assim como também do ponto de vista de agenda, além disso, desses fatos que eram levantados no noticiário que você estava produzindo, o noticiário noticiava eventos com data marcada que você via no noticiário de outros jornais ou na comunicação das coisas. Por exemplo, anuncia-se que no dia 15 de novembro, dia da Proclamação da República, vai ser realizado um ato, em frente a Assembléia Legislativa, em que virão os netos mais jovens ou mais velhos do Marechal Deodoro da Fonseca. Então, você anotava isso na agenda para no dia ou na véspera você considerar a pertinência ou não de fazer aquela cobertura.

C – Quando você trabalhou no Estadão, o Estadão já dava notícias nacionais na primeira página?

M – Dava, dava.

C – E ouvia-se o rádio da polícia?

M – Não. Não porque como eu trabalhava numa sucursal e o assunto específico da polícia tem uma conotação local muito forte que não era atraente para um jornal editado em outro Estado. Mas a rádio escuta que abrangia também noticiário policial, essa era...

C – De lei.

M – Era de lei, era fundamental. Se por qualquer motivo você tivesse desligado o rádio por aí, sempre tinha uma pessoa ou um próprio mesmo da equipe que : “Olha liga na rádio globo que está dando a morte de fulano de tal, ou atentado tal por aí”.

C – Você mencionou agora uma coisa que ninguém fala muito quando está fazendo um depoimento uma coisa assim, mas a troca de figurinha é uma coisa absolutamente fundamental no trabalho né?!

M – É, é.

C – Fundamental. Todo mundo trocava figurinha, até onde minha memória chega na minha experiência.

M – É. O intercambio, evidentemente, ressalvadas as peculiaridades da concorrência, os repórteres, editores de veículos diferentes eles ligavam na sucursal do Estadão, ou do Globo para o Correio da Manhã ou Diário de Notícias: “Fulano, você tem



alguma coisa aí sobre o fato X que está acontecendo?”. O outro dizia: Não, não tenho. Está acontecendo?” O outro: É houve isso, isso, não sei o que”. Aí dava as dicas de modo que o companheiro que a recebeu na medida que captasse outras informações também transmitia. “Olha eu apurei que isso, isso, aquilo havia acontecido”. E também na pauta essas questões que você podia ter mais ou menos uma previsão de programação, além disso você também tinha as questões e os temas resultantes da criatividade do pauteiro ou da criatividade da equipe do jornal. Para levantar determinado assunto, para produzir determinada matéria. E nas redações em que há uma grande identidade da equipe os próprios repórteres se sentiam estimulados e diziam: “Olha, acho que no dia tal a gente tem que fazer uma matéria sobre o assunto, tal por aí etc. e tal”. E o pauteiro e a chefia de reportagem acolhia a sugestão para que a pauta na verdade ela fosse o resultado de um procedimento coletivo que a tornasse mais rica e mais relevante do ponto de vista do interesse do leitor do veículo.

C – Como é que você definiria uma pauta? Na época que você foi pauteiro e hoje?

M – Eu acho que no essencial não houve mudança do conceito. A pauta do ponto de vista de sua estrutura completa e do ponto de vista das partes que a integram ela é um roteiro para produção do noticiário, dos textos jornalísticos que vão integrar determinada edição, o conjunto desses textos e também os textos individuais que vão ser produzidos por cada profissional. Então, com essa característica. É o roteiro em que você estabelece as linhas básicas da cobertura, do levantamento e da abrangência com que o assunto vai ser focado, sem o sacrifício da intervenção e da contribuição extremamente relevante e fundamental do profissional incumbido da execução dessa pauta.

C – Você foi pauteiro do Estadão e mais em algum lugar? E no Estadão de quando há quando?

M – Eu fui pauteiro no Estadão de março de 1972 a 11 de agosto de 1975.

C – A sua memória, você pode falar o que quiser, mas é fantástica!

M – Não.

C – É! É!

M – Você casou quantas vezes? Uma vez, duas vezes?

C – Três vezes.

M – Você sabe de cabeça todas as datas do seu casamento. Não?

C – Não. (risos)

M – Você tem filhos?

C – Tenho. O nascimento dos três eu tenho.

M – O nascimento, o dia e em alguns casos a hora. Porque é um negócio que é marcante do ponto de vista afetivo e do ponto de vista da sua existência.

C – Seja por sua riqueza afetiva e emocional, seja pela sua capacidade de registro químico, você tem uma boa memória. Agora, você teve outra experiência como pauteiro?

M – Não como pauteiro em si. A partir dos anos sessenta eu assumi em diferentes veículos funções de edição, direção ou de chefia. Então, isso te dava a possibilidade de intervir na produção de material jornalístico indicando assuntos, indicando preferências e indicando também idiossincrasias daquilo que você não quer que seja objeto na cobertura, do interesse do veículo. Tendo uma visão do conjunto da publicação e não uma intervenção direta como aquela que o pauteiro produzia na época.

C – Uma das dificuldades que eu tenho de ter informação focal, pontual é exatamente essa. A gente tem uma percepção quase *gestáltica* da coisa e fica muito difícil a

gente pinçar o processo de definição do que vai entrar, do que vai ser notícia. O que você se lembre, se que é possível você discernir no meio desse contexto todo, da tua intervenção na escolha dos assuntos enquanto chefia?

M – Na verdade, você não tem escolhas. Não tinha ou não tem escolhas pessoais quando você está produzindo uma pauta ou está produzindo roteiros para publicação ou para uma obra de caráter jornalístico. Você considera sempre o interesse do veículo, então, na verdade, eu não tinha preferências pessoais por determinados assuntos. Embora, alguns assuntos para nós fossem apaixonantes e nos levassem a está sempre concebendo formas de intervenção, de definição de pauta sobre aqueles assuntos e a produção da pauta e a execução da pauta. Por exemplo, nessa época na sucursal do Estadão, nós tínhamos consciência, principalmente, eu e o Mário Cunha. Eu como pauteiro e ele como secretário que coordenava a redação. Nós tínhamos consciência que o estado de São Paulo, o jornal Estado de São Paulo, em São Paulo, ele tinha mais interesse na defesa da integridade da paisagem e do meio ambiente do Rio de Janeiro do que os jornais do Rio de Janeiro. Porque ele não tinha compromissos com indústria imobiliária, com nenhum interesse menor e anti-social na cidade do Rio de Janeiro. E, por outro lado também, havia circunstância que o diretor de redação do Estado de São Paulo, o Fernando Pedreira, o Fernando Pedreira era baiano, mas viveu basicamente no Rio de Janeiro e São Paulo. O Fernando Pedreira ele tinha uma ligação, como terá ainda hoje, uma ligação afetiva muito forte com a cidade. Então, por exemplo, em relação a determinadas questões, o Mário Cunha tinha um relacionamento muito franco e fraterno com o Pedreira que tinha dirigido também a sucursal do Estadão no Rio de Janeiro, então quando uma cobertura dessa natureza, envolvendo a defesa da paisagem do meio ambiente do Rio de Janeiro, pudesse ter aspectos delicados que pudessem influir negativamente em relação a publicação da matéria ou a exploração do assunto com toda a intensidade que fosse possível, o Mario ligava para o Fernando Pedreira e dizia: “Olha Pereira nós estávamos com a questão assim, assado e etc. e tal e estamos pretendendo levantar sobre tal angulação, por aí etc.” E o Pedreira dava sempre força: “Vai fundo Mário que essa questão realmente é uma questão relevante”. Então, nesse campo nós tivemos uma atuação muito forte, nessa época, correspondendo aí a visão pessoal minha, como profissional e cidadão do Rio de Janeiro e a

visão pessoal de cidadão do Rio de Janeiro do meu chefe imediato que era o Mário Cunha. Por exemplo, eu me lembro que uma das matérias que eu pautei foi sobre o Pão de Açúcar. Eu peguei o noticiário da A Notícia que na época circulava como veículo vespertino do Estadão e via lá uma matéria fruto de um release, possivelmente. Uma matéria em duas colunas que teria no máximo, em termos de original, vinte linhas datilografadas, por aí. Anunciando que a Companhia Caminhos Aéreos do Pão de Açúcar ia executar, tinha encomendado e ia executar, um projeto no alto do Pão de Açúcar, de urbanização da área e que esse projeto era de autoria do escritório do arquiteto Régis J. Cully. Que era um arquiteto importante na época que tenho impressão, isso já tem trinta anos, tenho impressão até que ele já terá falecido. Então, aquilo era apresentado como algo positivo e eu como carioca achei que você botar uma “caranguejola” no alto do Pão de Açúcar é uma agressão a silhueta a montanha símbolo do Rio de Janeiro ou do Brasil. E aí fomos ouvir o Cully ou Colly e a Companhia Caminhos Aéreos do Pão Açúcar sobre o que eles pretendiam. Eles pretendiam fazer uma intervenção que realmente desfigurava o Pão de Açúcar. E aí começamos uma cobertura que começou com um repórter que hoje vive em Minas o Eustáquio Augusto dos Santos. E teve prosseguimento com a Tereza Cesário Alvim. E não todo santo dia, mas na medida em que a gente levantava um aspecto passível de exploração no jornal, a gente noticiava aquilo sempre sobre a visão de defesa do Pão de Açúcar contra a intervenção que uma empresa poderia fazer desfigurando a montanha símbolo da cidade. E isso se estendeu por uns dois ou três meses e chegou a um ponto que a gente apertava o assunto e não rendia mais uma coisa. E tivemos uma idéia: eu, Mário e a Tereza Alvim. Não sei se você conheceu a Tereza Cesário Alvim?

C – Não. Pessoalmente não.

M – Era uma jornalista e uma mulher extraordinária. Uma intelectual muito engajada. Morreu precocemente. Uma bela companheira. Então, nós nos reunimos e dissemos: “Olha, o assunto não rende mais nada, mas a gente tem que prosseguir para a defesa do Pão de Açúcar”. Aí, uma idéia que nos ocorreu foi a seguinte: de fazermos um documento ao Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional pedindo o tombamento do Pão de Açúcar que não era tombado. E aí a Tereza Cesário Alvim que era

da área cultural e tinha amizade, transa com área artística etc. e tal. Ela disse o seguinte: “Vamos fazer o seguinte, a gente redige aqui na redação o pedido de tombamento que a legislação permitia e permite e eu vou pegar assinatura de algumas expressões da vida cultural do Brasil, não apenas do Rio de Janeiro, mas do Brasil, para fundamentar o pedido, para encaminhar o pedido”. E aí então a Tereza saiu em campo para pegar assinaturas. A primeira assinatura que ela pegou foi da pintora Djanira da Mota e Silva, Vinícius de Moraes, Austregésilo de Ataíde. Um grupo de oito, dez desse porte e depois veio a vala comum da redação do Estadão: eu, Mário Cunha, o Eustáquio, a própria Tereza e etc. e tal. E demos entrada no IPHAN e fazendo o lobby, porque um dos membros do conselho do IPHAN era o Dr. Prudente de Moraes Neto que depois viria ser presidente da ABI que tinha sido diretor da sucursal do Estado. Então, o Mário ligou para ele e disse: “Dr. Prudente, nós acabamos de adotar tal iniciativa, demos entrada no pedido por aí e nós gostaríamos que o senhor acompanhasse e visse a possibilidade de efetivação de aprovação do nosso pedido”. O Prudente também era um apaixonado pelo Rio de Janeiro e aplaudiu com entusiasmo a idéia e disse para deixar com ele. E aí o processo teve tramitação. O relator foi o Gilberto Ferrez, que era um outro apaixonado pelo Rio de Janeiro, que não só deferiu o pedido de tombamento do Pão de Açúcar como no parecer ele propôs o tombamento do Pão de Açúcar e todo a vertente sul do maciço da Tijuca, os morros da zona sul, com exceção do morro de São João que é o morro dos cabritos porque esse já não tem mais salvação, já está perdido. E aí o conselho aprovou e o Pão de Açúcar e esse maciço da Tijuca na vertente sul estão tombados pelo IPHAN. Isso como produto do desenvolvimento de uma pauta que chegou ao seu limite de esgotamento, mas que acabou tendo um desdobramento que aí nos deu mais uma informação e o IPHAN tomba o Pão de Açúcar.

## **7.6. Entrevista com José Augusto Ribeiro**

Dia 14 de outubro de 2004

Na casa dele em Laranjeiras

C – Vou começar com as perguntas tradicionais: seu nome, nome dos seus pais. Onde você nasceu? Por que a sua história pregressa influencia diretamente no tipo de caminhada que a gente tem.

J – O meu nome completo não é só José Augusto Ribeiro, é José Augusto Miranda de Souza Ribeiro. Porque eu sempre achei meio pernóstico até que isso me salvou de prisão no Doi Codi. Porque eu fui confundido com um outro José Augusto Ribeiro que tinha sido diplomata e foi demitido do Itamaraty, talvez cassado. Eu não me lembro se a acusação era, eu por ser jornalista estava sob suspeita de subversão, aí vinham mais duas acusações possíveis: corrupção e homossexualismo. Aí eu mostrei minha carteira de identidade para o sujeito que estava me interrogando. Abriu um armário e tinha lá, eu suponho que sejam as fichas do SNI, porque ele teve uma explosão: “a incompetência desses merdas do SNI, não sabem que são duas pessoas diferentes!”. Aí me liberou.

Meu pai se chamava Mário dos Passos Souza Ribeiro e minha mãe Maria de Lurdes dos Santos Ribeiro. Nasci no Rio em março de 1938, há sessenta e seis anos, quase sessenta e sete. Eu era novo ainda de meses e minha família se mudou para Curitiba no Paraná onde eu vivi até 1963. Até os vinte cinco anos. Foi lá que eu estudei, me formei e comecei a trabalhar em jornal.

Como não havia essa exigência elitista do diploma de jornalista, eu comecei a trabalhar profissionalmente no mesmo ano que eu entrei na faculdade de direito da Universidade do Paraná, em 1956. Quando eu voltei para o Rio em 1963 para trabalhar no Ministério do Trabalho, no governo, do Presidente João Goulart, eu fui trabalhar também no Correio da Manhã. Que estava sendo dirigido pelo Jânio de Freitas que fez, que já tinha feito uma reforma revolucionária no Jornal do Brasil, e estava fazendo outra no Correio da Manhã. Não foi possível compatibilizar os horários do Correio da Manhã com o Ministério, então eu larguei o jornal. Mas quando eu fui comunicar isso ao Jânio ele estava saindo porque tinha morrido em Paris o dono do Correio da Manhã, Dr. Paulo Bittencourt. Por quem ele tinha sido contratado. Com a morte dele o Jânio achava que não podia impor a própria presença a viúva, a D. Guiomar. Ele saiu de modo que se, eu ainda não tivesse saído por causa dos meus encargos no Ministério do Trabalho, eu sairia junto com ele.

Naquela época a estabilidade do jornalista não era no emprego era na profissão porque o Brasil, apesar da crise da conspiração para derrubar João Goulart, o Brasil ainda tinha um crescimento econômico expressivo. Não era essa penúria de hoje que as pessoas se agarram de qualquer maneira. Então, é uma profissão que exige uma certa escolha porque é uma profissão política. Porque existe uma liberdade de imprensa, existe toda uma legislação que protege os direitos do jornalista. Isso porque ele presta um serviço público. Hoje não é mais visto assim, mas eu continuo a achar que o jornalismo é uma profissão política. Na minha época a gente se tornava jornalista porque tinha o desejo de mudar o mundo. Nem todos eram de esquerda, havia a mudança do mundo na visão da esquerda. Mas havia também a mudança do mundo na visão do centro, todas as formas que a visão política pode assumir. Então, vamos dizer, pessoas como eu queriam mudanças políticas, mudanças econômicas e mudanças sociais. Em nome da justiça social. Mas acho que era igualmente legítimo o jornalista de centro, ou conservador, ou de direita que achava que a mudança necessária era os costumes políticos, o que era preciso era combater a corrupção. Mas enfim nas profissões liberais, em geral, havia isso, na medicina, no direito. Esse arrastão liberal das últimas décadas é que substituiu esse conjunto de valores por outros valores que são anti-valores.

C – Mas na profissão jornalística você percebe que havia uma maior presença neste sentido de interferência na realidade, a possibilidade da interferência real, a participação real do que nas outras profissões até?

J – Não sei se mais que nas outras profissões. Mas eu me formei em Direito e logo que me formei advoguei duas ou três causas só. Mas eu trazia da faculdade, do que nos ouvíamos dos professores e do que nos próprios alunos dizíamos, sobretudo naquelas festas de formatura, todas solenes, traje a rigor, a gente ia de beca. Havia um sentido de missão. Então era muito mal visto, por exemplo, o advogado que só pensava em ganhar dinheiro. Até, por exemplo, no caso do médico, quase todos os médicos de sucesso, clinicavam gratuitamente para quem não podia pagar. Advogados também. Isso nós tivemos muito no pós – 64, aqui no Brasil, quando os advogados mais famosos defenderam de graça perseguidos políticos.

C – Modesto da Silveira.

J - Evandro Lins, Sobral Pinto, Nilo Batista. No jornalismo havia muito isso, quer dizer, a gente, às vezes, saía de um jornal porque se recusava a escrever coisas com as quais não concordava. O Neiva Moreira, o maior jornalista brasileiro do século XX. Trabalhava no O Cruzeiro que era o equivalente da tv Globo, a tv Globo de hoje, ele era um repórter famoso.

C – Depois ele fundou os Cadernos do Terceiro Mundo...

J – Depois, fundou. Assis Chateaubriand, que era dono do Cruzeiro, pediu que ele fosse a Venezuela fazer uma série de reportagens favoráveis as Multinacionais do petróleo que operam na Venezuela. O Neiva era um nacionalista, é um nacionalista, um homem de esquerda. Então, ele disse: “Bom, dr Assis, eu entendo essa necessidade, eu vou lá e faço. Só não assino”. Ele chegou a fazer essa concessão que o Chateaubriand não aceitou não, o que me interessa é sua assinatura. Era uma operação combinada de chantagem e suborno. Se o Neiva aceitasse assinar teria, inclusive, um prêmio em dinheiro de valor considerável. Ele se recusou e foi demitido. Então havia este sentido político e este sentido de missão.

C – O nome dele seria uma chancela também?

J – O Neiva Moreira um homem de esquerda. Eu não sei se já era deputado ou não, se não era estava na bica de ser. Se um homem como ele vai à Venezuela e volta e escreve uma série de reportagens assinadas defendendo as multinacionais do petróleo, isso tem uma conversão. É um ex-esquerdista que se converte à causa da livre iniciativa. Esta mistificação, essa impostura que ganhou corpo com o neoliberalismo, hoje é um pensamento único. Então, eu estou fora de redação de jornal e tv, então não sei como é que as coisas acontecem dentro das redações. Mas de ler os jornais e ver os noticiários da televisão eu deduzo o quanto as coisas mudaram.



Quando eu comecei, a muitos anos atrás, havia uma geração no qual eu destaco o Cláudio Abramo. Ele era o secretário de redação, um homem de esquerda, trostkista, mas era o secretário de redação do Estado de São Paulo, jornal extremamente conservador. Então, Cláudio convenceu os Mesquitas, sobretudo o dr. Júlio, que o Estadão cresceria, ganharia credibilidade se separasse informação de opinião. Então, o senhor deixa a gente dar as notícias todas e aquilo que o contrariar o senhor ataca nos editoriais. Então o Estadão tinha uma página inteira de editoriais. E o dr. Júlio Mesquita aceitou. Então era comum, eu cheguei a estagiar com o Cláudio lá em 1961, fazia um editorial importante no jornal do partido comunista que era os Novos Rumos, o Cláudio transcrevia na parte de noticiário: “o Jornal Novos Rumos ligado ao movimento comunista publicou o seguinte editorial - pa pa pa...” . Tinha lá na íntegra. E na página de editorial saía um artigo. Eu me lembro, um colega meu de estágio, nós acabamos não sendo efetivados, porque havia lá dentro um movimento anti-comunista muito autêntico que nos vetou. Eu não era, nunca fui do partido comunista. Agora, pegam uma pessoa com idéias de esquerda. Esse meu colega, que era da juventude comunista, dizia que considerava um dever partidário ler todo dia o Estado de São Paulo. E o jornal cresceu, graças ao Cláudio Abramo, por causa disso, porque publicava todas as notícias. Depois essa onda inquisitorial e obscurantista afetou na demissão do Cláudio. No que saiu o Cláudio mudou a orientação. O noticiário passou a ser orientado em função de uma visão ideológica reacionária.

Aí o Cláudio foi para Folha de São Paulo, que era um jornal inexpressivo e transformou a Folha de São Paulo naquilo que é hoje e continua sendo, muitos anos depois da morte dele. Um dos mais importantes jornais brasileiros. Essa coisa mudou muito. O próprio Globo onde eu trabalhei no período da ditadura funcionava sob orientação do doutor Roberto Marinho com ordens expressas dele de procurar publicar todas as notícias, claro que ele tinha que ser consultado sobre as notícias que eram proibidas pela censura e mais de uma vez ele me deu ordens para desobedecer à censura. Então, eu não vejo nos jornais de hoje essa grandeza que havia, certos assuntos terem desaparecido das pautas dos jornais.

C – Em relação à pauta propriamente dita, quais foram as suas experiências ao longo desse tempo? No início quando você começou, na época em que você fez os editoriais, lá no jornal do Paraná, não existia a pauta né?

J – Naquele jornal não, mas acredito que nos grandes jornais no Rio e em São Paulo. Eu comecei em 1956. O Estado de São Paulo já era um belo jornal, tinha correspondentes, vários correspondentes no estrangeiro.

C – O primeiro jornal que você trabalhou foi Estado do Paraná?

J – Estado do Paraná.

C – Não havia um pauteiro?

J – Não, não havia. Eu entrei lá como redator, o que depois passou a ser chamado de *copy desk*. Os repórteres era muito despreparados, escreviam mal, em geral.

C- E de onde vinham as idéias da pauta?

J – O chefe de reportagem ia lendo os jornais e mandando fazer isso, aquilo. E muita coisa, num jornal em Curitiba o noticiário nacional e internacional vinham pelas Agências. Era uma coisa muito precária.

C – Telex?

J – Não, nem telex. Não existia telex ainda, vinham por rádio telegrafia. Tinha lá numa salinha nos fundos da redação um rádio-telegrafista com fone no ouvido. Então, o noticiário nacional era feito também com base na tesoura. Cortava os jornais do Rio e São Paulo, então no dia seguinte publicava as notícias que tinham saído nos grandes jornais.

C – E chegavam a escrever os comentários assim no lado do papel?

J – Não, nesse noticiário não. Aí eu fui ser redator, fui reescrever coisas que eram escritas pelos repórteres, as vezes, eram passadas verbalmente até. Mas logo em seguida, eu fui designado para ser o editorialista, ler os editoriais do jornal e também fazer a coluna política. Então, eu não tive muito contato com a reportagem.

C – Com a produção da notícia.

J – Com a produção da notícia. De vez em quando, o chefe de reportagem me convidava para fazer uma reportagem que não era da área política então, muitas vezes, eu viajei com o chefe de reportagem e com fotografo, em geral o chefe da fotografia, para fazer um certo tipo de reportagem. Quando eu vim para o Rio, eu comecei a trabalhar no Correio da Manhã também como redator. Não tinha contato com reportagem. No noticiário da CPI do IBAD. O IBAD era uma organização que arrecadava dinheiro de empresários nacionais e estrangeiros para financiar a conspiração contra o governo Goulart. E tinha posto fábulas de dinheiro, inclusive dinheiro canalizado pela embaixada americana, como o embaixador reconheceu publicamente, o IBAD colocou fábulas de dinheiro para eleição para o Congresso em 1962, financiando candidatos que estavam comprometidos com esse esquema. E aí houve um grupo de deputados nacionalistas e de esquerda que conseguiu instalar uma CPI, na Câmara dos deputados, que ouviu depoimentos, pegando documentos. A mesma coisa que houve recente como aquela que resultou no *impeachment* do Collor. Então, toda noite vinham muitas notícias sobre o IBAD e eu era o redator encarregado de colocar ordem naquilo.

C – Arredondar.

J – Arredondar. Aí fiquei no governo até o golpe de 1964 e fui então trabalhar de novo como redator no Diário Carioca. Aí eu fui ser editor Internacional e depois fui ser editorialista também.

C – E lá no Diário Carioca como era?

J – Eu não me lembro bem como é que funcionava a reportagem. Eram poucos repórteres e havia uma coisa, vamos dizer, que supria a falta da pauta, que era o repórter de setor. Por exemplo, o grande repórter de polícia que conhecia todo mundo, conhecia o delegado. E quando havia alguma ele era avisado e avisava o jornal. Era, vamos dizer, um embrião de pauta. Foi chefe nesta época Ana Arruda. Foi a primeira vez que uma jornalista mulher ocupou uma chefia de reportagem na imprensa brasileira. E eu acho que ela teve alguma dificuldade, porque alguns machões lá não queriam receber ordens de uma....

C – Jovem ainda

J – Garota. Garota. Eu tomei contato mesmo com a pauta foi numa primeira passagem pelo Jornal do Brasil, foi em 1969. O pauteiro do Jornal do Brasil era o Fernando Gabeira que saiu para entrar na coisa da luta armada. Eu antes era redator, chefe de redação da Fatos e Fotos. E houve uma briga, uma confusão e era inevitável. E o Alberto Dines, que dirigia o Jornal do Brasil, que também tinha ligações lá com a Fatos e Fotos, me convidou para ser editor de pautas do Jornal do Brasil. Então, foi uma novidade para mim, uma experiência nova. Eu estreei no dia exato que seqüestraram o embaixador americano. Então, como eu estava no lugar do Gabeira, eu sei que tinha um camarada lá, que era o agente do FBI no jornal, que veio, assim, como uma conversa, assim, meio complicada pro meu lado. Talvez achando que eu tinha sido posto lá pelo Gabeira a quem eu não conhecia pessoalmente. Eu conheci o Gabeira dez anos depois quando com a anistia ele voltou para o Brasil. Eu já, neste primeiro dia, eu percebi o seguinte: a pauta é um elenco de tarefas previsíveis. Que tarefas são essas? Você sabe você lê no jornal que, por exemplo, o Supremo Tribunal vai julgar uma ação importante. Então, você põe lá na pauta para alguém ir no Supremo tribunal acompanhar esse julgamento. Então eu descobri que a pauta era o elenco dos fatos previsíveis. Mas que o jornal, a pauta do pauteiro tinham que está aberto para o imprevisível. No momento que chegou a notícia, eu trabalhava fazia a pauta ouvindo a rádio Jornal do Brasil que tinha um belo serviço jornalístico na época e que depois foi liquidado. Então no momento que vem a coisa do seqüestro do embaixador americano, eu mudei. Na mesma hora eu comecei a sugerir reportagens, entrevistas sobre essa coisa toda.

Embora sabendo que a censura a noite ia proibir uma porção de coisa. Mas a regra que prevaleceu, eu não se já estava estabelecida no tempo do Gabeira ou se foi estabelecida ali no momento que eu comecei, era o seguinte: a pauta tinha que indicar tudo que devia ser apurado independente ou não de censura. Então nós tínhamos a noite um volume muito grande de notícias proibidas pela censura, mas nós estávamos sabendo o que tinha acontecido. Quem foi o preso que apareceu morto, essa coisa toda. Era preciso ter isso até para lutar contra a censura. Então, fiquei uns dois anos, mais ou menos, fazendo a pauta do Jornal do Brasil. Quais eram os instrumentos? Agenda. A medida que eu ia lendo os jornais eu anotava na agenda tudo que era previsto para os próximos dias e até para os próximos meses. Por exemplo, hoje não tem. Outro dia foi as duas grandes festas do calendário religioso judaico. O Rosh Hashanah que é o ano novo e o Yom Kippur que uns chamam o dia do perdão, mas acho que é muito mais o dia da reflexão. Antigamente, sempre que havia essas festas religiosas, não eram só judaicas, mas de outras comunidades religiosas com presença no Rio de Janeiro, o jornal fazia alguma reportagem. Hoje nem registra que foi o Yom Kippur. O que eu acho de uma insensibilidade pavorosa porque o jornal é um instrumento que orienta o cotidiano das pessoas. O Dr. Roberto Marinho dizia: não fiquem assim com essa ilusão arrogante de que todos os leitores comprem o jornal para ver o editorial do Globo, tem o sujeito que compra para ver que filme está passando, tem o que compra para saber onde é que tem feira livre . Antigamente tinha o calendário.

C – Alias era importantíssimo.

J – Claro. Já me aconteceu um dia ter havido uma greve do metro e eu fui fazer uma entrevista na Comlurb, na Tijuca, perto da praça Saens Peña. O jornal naquele dia não tinha feito uma referência de uma greve no metro, que tinha começado dias antes. Quando eu saio da Comlurb e vou andando até a Praça Saens Peña para pegar um táxi eu ouvi num daqueles respiradores do metro o barulho de um trem. Aí fui para estação do metro da praça Saens Peña, a greve tinha terminado e estava funcionando e o jornal, pelo qual eu paguei, eu comprei na banca, o jornal não fez a gentileza de me informar disso. Então, a pauta a primeira coisa da pauta era a agenda. Saber quando é que é o Rosh Hashanah, saber quando

é o Yom Kippur, saber quando é o dia de São Jorge. Acho que não havia, muita presença, na época de uma comunidade islâmica no Rio.

C – Essa agenda existia ou era um referencial pessoal?

J – Eu fazia. Eu comprei uma dessas agendas, a maior que tinha na papelaria. E a medida que eu ia lendo. Como é que começava meu dia de trabalho? Eu chegava lá as seis horas, seis e meia da manhã e começava a ler o próprio Jornal do Brasil. Então, digamos assim, hoje é o Yom Kippur, eu já via na pauta: vamos lá na sinagoga visitar o rabino. Hoje é sexta – feira santa vamos entrevistar o cardeal. Essa coisa quase ritualística. Era uma satisfação que se dava aos sentimentos religiosos das pessoas e que hoje não se dá mais.

C – Depois dessa suitagem obrigatória....

J – Pois é. Então eu sabia, se hoje é o ano novo judaico, daqui a, sei lá, uma semana, dez dias é o Yom Kippur. Eu já anotava: verificar quando é o Yom Kippur. Então, quando eu começa a trabalhar, eu tinha uma porção de coisa na agenda, fatos previstos para acontecerem naquele dia. Quando surgia um imprevisto, como esse do seqüestro do embaixador americano, aí tinha que reorientar, tinha que dá mais urgência para esses fatos imprevistos, mas depois voltar a rotina, porque podia ser tudo aquilo ser proibido pela censura. Tinha que fazer o jornal com material previsível.

C – Sempre opções?

J – Sempre opções. Era assim que funcionava, então se você fosse ler hoje a pauta daquele tempo é uma coisa assim de quinze, vinte laudas. Em aparente desordem, porque de repente interrompe: seqüestro do embaixador, aí vem outras coisas da rotina e volta ao seqüestro. Por que? Porque saiu uma notícia no rádio: acharam um manifesto de seqüestradores.... Então, entre seis e meia da manhã e meio – dia e meia é que eu fazia a pauta, aí eu ia almoçar, no próprio jornal e depois as duas e meia tinha a primeira reunião de editores, em que os fatos do dia já eram analisados e avalizados do ponto de vista

editorial. Nessa reunião eu podia acrescentar coisas novas a pauta. Então, como é que eu vou dizer, ela era um roteiro seguro para evitar que o jornal deixasse de ter alguma notícia importante.

C – Então vamos retomar porque este ponto para mim é muito importante. A sua estrutura de percepção sistemática, que era organizada pela agenda, o próprio jornal....

J – Os jornais, eu lia todos os jornais.

C – Sim. Todos os jornais, além do próprio jornal que você lia obrigatoriamente, claro, para dar uma linha de continuidade, os jornais todos. A rádio JB. E o que mais?

J – Basicamente era isso, mas eu também incluía muito na pauta o produto da minha observação pessoal.

C – Isso que eu queria que você dissesse, mas eu não queria dizer (risos)

J – Eu me lembro que eu via. Eu morava em Santa Tereza e eu descia naquele bondinho que parava ali perto do Largo da Carioca. Um dia, não sei se foi de manhã cedo, de manhã cedo não, porque não tinha movimento nenhum. Eu descia no bondinho, comprava o jornal no Largo da Carioca e nesse momento estava abrindo uma daquelas leiterias que tinha ali e eu tomava o café da manhã na leiteria já lendo o Jornal do Brasil. Eu estava dando a volta ali para estação do bondinho para pegar o bonde para voltar para casa e tinha ali um ponto do jogo do bicho. O ponto do jogo do bicho é indiscutível, os papeizinhos, aquela coisa toda. E eu vi uns PMs ali confraternizando com os bicheiros. Aí eu pus na pauta, parece que tem uma confraternização. Então, eu pus um dia na pauta e acho que foram lá fotografaram e acabou que deu uma (repercussão). Então, eu aprendi como essa observação pessoal é importante. Tempos depois quando eu fui representar o Jornal do Brasil num seminário internacional de editores de jornal da Universidade de Columbia em Nova York, Columbia tem o melhor curso de jornalismo do mundo é um curso de pós – graduação que não precisa ser bacharel de comunicação para entrar, sendo

jornalista com ou sem diploma fazendo lá uma prova de qualificação já é suficiente. É uma escola maravilhosa. Jornalismo mesmo. O convidado principal do seminário daquele ano era um jornalista famoso. O jornal desse jornalista que os analistas achavam que eram o jornal mais bem feito. Melhor que o New York Times, essa coisa toda. E esse editor do jornal, uma das coisas que ele disse, ele fez um bate-papo conosco muito informal, ele contou como era a rotina dele no jornal e tal e deu sugestões. Uma das sugestões que ele disse que ele aplicava era o seguinte. Ele fez uma vez por semana não punha os pés no jornal. Ele ia ver a vida da cidade. Então ele sentava na praça, lia o jornal na praça, via as crianças brincarem, as pessoas, coisa e tal. As vezes passava na prefeitura e ia encher o saco do prefeito: “como é que é aquele buraco lá no sei onde que não resolve...falta d’água em tal lugar..”. Ele não ia para o jornal. Mas no outro dia quando chegava no jornal.

#### C – Uma riqueza

J – Uma riqueza. Ele dizia assim: “Procure viver da mesma forma que seu público leitor.” Então, já era uma época que a profissão do jornalismo começou a ser bem paga, todo mundo estava comprando carro, mas eu fazia questão de usar o transporte coletivo que é onde se vê muita coisa. Eu me lembro que anos depois eu já estava na televisão, eu estava no metro e tinha um camarada, estava na época da eleição de oitenta e nove, a primeira eleição direta. E eu vi que um camarada do metro olhava para mim o tempo inteiro. Aí foi parando numa certa estação ele se levantou para sair, ele desviou passou por mim e disse assim: “aquela astróloga do Afif é fajuta né? Ela é assessora do Afif”. E era. Então essa observação pessoal era muito importante. Que não era só minha. Quer dizer, muita gente do jornal, vinha dar essas informações. Houve até um episódio no Jornal do Brasil que eu não testemunhei, mas no qual soube no dia seguinte. O Aluísio Flores era um dos principais redatores do jornal e morava em Copacabana, naquele começo. Uma noite ele voltando do jornal ele desceu do ônibus ou do táxi e viu uma coisa qualquer, uma briga no bar, uma coisa assim. Telefonou para o jornal e o pessoal que estava lá, os últimos redatores, então começaram a debochar: “Ah, aí o Florita virou repórter!”. Eles não levaram a coisa a sério e não deram a notícia. Só que o Globo deu a notícia e o Jornal do Brasil ficou mal por não ter dado a notícia, porque foi um troço que depois engrossou. Então, a orientação que eu



recebi, que ao mesmo tempo que era recebida era espontânea, era nunca desprezar a observação pessoal de quem quer que fosse. Então, por exemplo, os contínuos no jornal, davam informações ótimas porque moravam no subúrbio, eles iam de trem. Coisas que poucos repórteres faziam. Um contínuo que me avisou: “estão construindo um muro lá perto da estação”. Não sei de onde, Quintino, Deodoro, Marechal Hermes. Muita gente todo dia atravessava a linha do trem e era atropelado pelo trem. Aí a Central do Brasil resolveu construir um muro de um lado e de outro da linha para impedir, ou pelo menos, dificultar. E essa coisa virou notícia. O muro da Central foi acompanhado com a mesma constância que um muro de Berlim na época da Guerra Fria. E os contínuos se sentiam muito estimulados, muito orgulhosos porque uma informação deles foi levada a sério. E eu levei isso depois para o Globo, aí no Globo eu já era editor chefe do jornal. Eu levei isso para o Globo: não façam pouco das informações que vem espontaneamente pro jornal. Então, a pauta era uma espinha dorsal de eventos jornalísticos previsíveis. Claro, que se o seqüestro do embaixador americano, ao invés de ser as dez horas da manhã fosse as cinco horas da tarde, já não tinha mais pauta. A pauta fica pronta ao meio dia. Mas a partir daí tinha, as vezes, uma pauta permanente que eu conheci melhor no Globo porque muita coisa foi eu que introduzi. Então, por exemplo, no Globo eu descobri como o Dr. Roberto Marinho era um grande jornalista. Posso ter discordâncias em relação ao Roberto Marinho empresário, Roberto Marinho político, agora, como profissional do jornalismo não faz por menos. Um grande jornalista. Então, duas coisas para ele eram sagradas: O Globo não podia deixar de publicar nenhuma notícia que estivesse no Jornal do Brasil que era o grande competidor da época. Então de madrugada, nós contratamos um sub-editor para ficar de madrugada de plantão, no caso de surgir alguma notícia que justificasse aquela coisa cinematográfica: “Parem as máquinas!”. E introduzia uma nova notícia no jornal, até uma nova manchete no jornal. Então, esse sub-editor recebia um, não sei se era, um motociclista ou um motorista do jornal que ficava na sede do Jornal do Brasil e quando o Jornal do Brasil começava a sair, ele comprava, levava para redação do Globo e este sub-editor, que era o Deodato Maia, tudo que estava no Jornal do Brasil e que não estava no Globo ele recortava, colava em folhas de papel. Isso ia para o Evandro Carlos de Andrade, diretor de redação e as vezes ia para o dr. Roberto que ficava furioso quando o Globo não tinha dado alguma notícia. O meu único revide possível era poder responder a ele assim: dr. Roberto essa notícia não está

no Globo de hoje já estava no Globo de ontem. Do qual foi copiado. Mas ele não se dava por vencido: “Vocês deveriam ter feito uma (suíte) da notícia. Se o fato é importante ele não morre no dia que é noticiado. Então, eu mudo o conteúdo da reclamação, minha reclamação está de pé!”. Então, isto era sagrado para ele e era levado muito a sério. Como ele próprio reconhecia, o Globo tinha ficado muito anêmico financiando a montagem da TV Globo. A ida do Evandro para lá foi uma retomada. O dr. Roberto resolveu investir de novo no Globo. Praticamente o Globo não tinha sucursais. Aí eu propus, isso é uma coisa que pode parecer humilhante, mas eu prefiro esta humilhação. Nós contratarmos os serviços da Agência Estado. Ele concordou e saía lá: Brasília Agência Estado, que era uma coisa humilhante para um jornal. Enquanto isso nós fomos montando uma rede de sucursais, de correspondentes. Foi Henrique Caban que montou tudo isso. Mas onde tivesse informação a gente estava atrás o dia inteiro. Então, por exemplo, tinha uma pessoa que ficava lá ouvindo rádio o dia inteiro. Tinha até uma equipe para trabalhar vinte e quatro horas seguidas. Então havia, sei lá, entre seis horas da manhã e meia noite sempre alguém ouvindo os noticiários de rádio, para qualquer coisa que houvesse acionar a reportagem, as sucursais, ou os correspondentes. Havia também o dia inteiro uma equipe que ficava telefonando para todas as delegacias de polícia para saber o que estava acontecendo.

C – A ronda.

J – A ronda. Só que nós fizemos o seguinte. Em vez de ir só para o chefe de reportagem, por exemplo, a rádio escuta era datilografada, reproduzida em mimeografo, não tinha xerox na época e era encaminhada a todos os editores. Era uma tentativa de ação transdisciplinar. Porque podia haver alguma notícia local que fosse de interesse da editoria de economia. Alguma coisa que pegasse no rádio que fosse de interesse da editoria internacional. E na ronda da polícia, só excepcionalmente que se passava para outra editoria.

C – O que era passado para todos? Para essa visão multidisciplinar?

J – O que pudesse interessar.

C – Quem fazia essa determinação? Essa escolha?

J – Eu

C – Editor chefe.

J – Editor chefe. Uma coisa que eu sugeri ao Evandro e ele concordou que isso acabasse era a reunião diária dos editores. Porque nessa reunião era feita uma avaliação do jornal daquele dia. E não sei se foi nesse seminário em Nova York, em algum lugar, eu ouvi uma coisa que me impressionou muito que foi eu acho que funciona muito bem. Não só no jornal como em empresa, serviço público, a crítica deve ser sem testemunhas. Então, nessa reunião que se fazia a crítica do jornal, às vezes, acontecia de uma enxurrada de dias a mesma editoria ficava com alguma deficiência, alguma crise. Aquele editor era o Judas do sábado de aleluia. Ele apanhava todo dia. Ele já entrava humilhado. Aí eu (pensava) como é que o sujeito vai produzir na sua melhor capacidade se ele já vai para reunião humilhado? Então acabamos com a tal da reunião e eu despachava em separado cada um dos editores, aí eu passava para eles as reclamações do Evandro e do dr. Roberto sem testemunhas. E eu percebi como isso funcionava.

C – Implicou no crescimento. Substituiu a reunião de pauta?

J – Substituiu. Ao mesmo tempo o editor me dizia o que é que tinha na área dele. E dependendo do que fosse ou eu mesmo avisava ou pedia que fosse avisado o outro editor. Então, por exemplo, uma boa parte do noticiário internacional que vinha pelo teletipo das Agências era de interesse da economia. Eu aprendi no Le Monde, eu nunca fui no Le Monde em Paris, mas eu conhecia o correspondente do Le Monde aqui no Rio. Aqui nos nossos jornais a função de separador de telegramas é uma função quase subalterna. Se facilitasse deixava para o contínuo fazer. No Le Monde, a editoria internacional tem um chefe, um editor e quem faz a separação dos telegramas é o subeditor. Porque quando ele está fazendo aquilo, ele não está simplesmente organizando aquilo, ele está tomando

decisões de conteúdo editorial. Então, no Globo essa coisa passou a ser feita por um dos subeditores internacional. Um jornalista assim de alto gabarito. Então o que era já para economia ele passava, o que era, vamos dizer, que fosse, naquela época tinha muito, noticiário sobre esses grandes exilados brasileiros: Brizola isso, Jango aquilo. Aí passava para editoria nacional e conforme a importância passava para mim. A regra era a seguinte. Também tinha o problema da censura e da orientação do jornal. Os editores tinham liberdade absoluta de me interromper em qualquer momento para me passar alguma informação. Se eu tivesse conhecimento da informação, qualquer consequência daquilo, a culpa era minha. Agora, se eu não tivesse sido informado, a responsabilidade era deles. Então, o meu princípio valia na minha convivência com o Evandro. Então, tudo que eu comunicava a ele passava a ser de responsabilidade dele. E, as vezes, até ao dr. Roberto pessoalmente: “Faça tal coisa!”. Ok, a responsabilidade era do Dr. Roberto. Então, isso é um sistema de pauta permanente. A mentalidade, isso não era uma coisa inconsciente, a mentalidade era essa, a pauta é permanente como Trotsky queria que a revolução fosse permanente. Você está o tempo inteiro pautando o jornal.

C – Essa é a segunda coisa que você falou que aprendeu com o Dr. Roberto?

J – Uma obrigação que eu tinha era assistir o Jornal Nacional. Durante o Jornal Nacional eu não podia nem atender ao telefone, nem sair da minha mesa, nem sequer ir ao banheiro. E um dia eu não atendi ao telefone. Aí vem a telefonista: “Dr. Roberto está no telefone para falar com o senhor”. Então eu pensei que era uma coisa urgente e fui atender. Ele disse assim: “porque que tu atendeste?”. Eu disse que a telefonista chegou aqui. Ele respondeu: “Isso foi um teste que eu fiz! É para não atender”. Ele dizia que não podia o Jornal Nacional ir para um lado e o jornal ir para o outro. A não ser que aquele fato que era destaque no Jornal Nacional fosse superado, uma coisa assim. Mas eu tinha que acompanhar do começo ao fim. Então, você vê, nós o tempo inteiro estávamos repautando o Globo.

C – Agora, explica um pouco melhor esse não poder ir para um lado a tv e o jornal ir para o outro? Como é que é isso?

J – Alguma coisa que a tv atribuiu muita importância....

C – O jornal colocava na segunda parte, lá no fundo.

J – É estava lá no fundo. Então, aí você, se foi um erro de avaliação deles, você no texto dá um jeito de compensar e tal. Mas o que saiu no Jornal Nacional tem que está em destaque no Globo.

C – Isso é uma coisa interessante porque do ponto de vista da história do processo, elevado a enésima potência, você tem aí a questão do comprometimento das empresas com várias frentes de informação. Então, quando não existe um jornalista, à frente, com uma idoneidade, vamos dizer de escolha, todos os veículos ficam comprometidos com aquela mesma leitura.

J – Uma coisa que eu vejo com uma certa frequência nos jornais é a mesma foto aparecer em páginas diferentes. Quando é um acontecimento muito importante isso não acontece. Mas, às vezes, tem aquela foto que é só interessante.

C – Curiosa.

J – Eu já vi, aparece assim numa foto de noticiário. Eu não acho que seja mais democrático fazer menos controle do produto editorial dos jornais. Não acho. Por exemplo, certos colunistas fazem até fazem a diagramação da coluna deles e essa coluna não é lida por ninguém. Os artigos dos colaboradores habituais não são submetidos a nenhuma forma de censura, mas eu não acho que isso seja mais democrático. Eu acho que alguém no jornal tem que saber tudo o que está sendo publicado. Até na imprensa americana há uma figura, que varia de título, que em geral é um advogado que vai lendo tudo, a Veja tem isso, figurado como diretor responsável, não sei se figura. Esse advogado lê tudo, do ponto de vista que nos Estados Unidos chamam de *Labor law*, as leis dos crimes contra a honra. Então, às vezes, uma coisa escapa e é ofensiva de alguém, você tem que saber se vai dar ou

não. Então, essa coisa também da leitura do que vai sair no jornal, de repente num artigo de um colaborador tem uma informação que deve ser apurada. Eu canso de ver, hoje no Globo, o Anselmo, a coluna dele dá uma notícia, no outro dia o jornal dá o desenvolvimento dessa mesma notícia. Dependendo do que seja, não estou dizendo que vai subtrair do Anselmo, do trabalho dele, aquela informação que é exclusiva, mas você tem que colocar (aquela que) está no jornal. Acontece, às vezes. Eu acho que no caso da coluna do Anselmo, há uma boa interface, de modo que se tenha alguma coisa lá que merece notícia da primeira página, em geral está na primeira página. Um negócio que rendeu *um bocado* foi aquela modelo Luma em não desfilar no carnaval e aí veio a informação de que ela estava grávida, depois não é que estava grávida, mas estava separando, briga com marido. Rendeu bastante. É uma coisa menor e eu não tenho muita simpatia por esse jornalismo de celebridade, porque a celebridade é fabricada, é uma coisa artificial. Mas enfim, no momento em que foi publicada essa notícia isso despertou interesses. O que eu quero dizer é que nesta suposta democratização de não censurar nada, escapa muita coisa.

C – Você citou a questão da coluna e a questão coluna, hoje, se afigura de uma maneira muito peculiar. Primeiro porque como não existe a figura do pauteiro, quase que os colunistas ficam no lugar de uma espécie de pauteiro *fake*. Porque são em primeira mão e pautam o jornal. Sempre foi assim? O espaço das colunas que existe hoje nos jornal, especialmente das colunas sociais, era assim?

J – Olha, quando eu fazia a pauta do Jornal do Brasil, eu lia todos os jornais e olha o monte de jornal que tinha naquela época. E eu lia, inclusive, as colunas sociais. Havia muita informação política interessante, até minha obrigação era ler tudo. Mesmo os jornais menos importantes, eu lia todos.

C – Como pauteiro?

J – Como pauteiro. Depois não. Já como editor chefe. Quer dizer, como editor chefe eu não deixei de ser pauteiro. Eu, por exemplo, chegava no jornal a tarde e saía de lá tarde, meia noite, uma hora da manhã. Mas eu ia lendo os jornais de manhã e telefonava para

redação: olha essa coisa está na pauta? Ou seja, eu estava interferindo na pauta, eu estava colaborando com a pauta. A pauta era a espinha dorsal, a gente sentia muita segurança. E eu não sei como é, não se hoje o se faz nos jornais, o que a gente chamava de botejo. Aquela coisa que um editor fazia de madrugada vendo o que tinha saído no Globo, o que tinha saído no Jornal do Brasil para cobrar as notícias que saíram no Jornal do Brasil e não saíram no Globo.

C – A maioria dos jornais hoje faz uma reunião de pauta em que ele coloca todas as primeiras páginas e vê o que saiu em um e o que saiu em outro, o que saiu bem e o que saiu mal no próprio jornal e põe um sinalzinho de mais e de menos publicamente. Mas eu não percebo, pelas entrevistas que eu fiz e nas reuniões de pauta que eu assisti, esse contexto de manutenção da ligação do editor-chefe com o que está acontecendo.

J – Quer dizer o jornal hoje em dia surpreende o editor chefe?

C – De alguma maneira ele tem o controle porque ele está em contato permanente com os editores, mas ele não é o gerador das coisas. Por exemplo, na reunião de pauta, que eu assisti no Jornal do Brasil, foi exatamente no momento em que eles não estavam a muito tempo no prédio aqui da Primeiro de março. Era a Sonia Araripe a editora chefe. E a reunião aconteceu numa mesa no saguão de entrada com abre e fecha de elevadores e um movimento de entrada e saído. Quer dizer eu fiquei muito impressionada com isso. Em frente ao elevador do saguão, você fazer a reunião de pauta. No elevador de um edifício público.

J – Se o jornal tem um furo o ascensorista vai lá em baixo telefona para Globo.

C – Mas não tem mais essa gana.

J – Não, eu sei. Eu sei que não tem.

C – Então é isso, essa coisa é mais fluida. Não tem essa coisa, assim, esse controle, esse domínio de cena do editor – chefe. O principal controle, aparentemente, é muito mais comercial.

J – Aconteceu outro dia, o Supremo Tribunal deu início ao julgamento de uma ação. A sessão foi transmitida, aqui em casa eu assisti ao julgamento. E no outro dia os jornais não deram nada. Agora, porque aí há uma predisposição que é esta coisa privatista que nos invadiu. Quando a Petrobrás, a Agência Nacional de Petróleo faz uma licitação de área de petróleo sai coisas imensas, páginas inteiras nos jornais. Quando o Supremo julga uma ação que contesta a legalidade dessa licitação não sai nada. Agora, o papel do jornal é informar. Pode até publicar um editorial dizendo assim: “O Supremo Tribunal não tem nada que dar palpite nisso, é bobagem....” Agora a notícia tem que ser dada. E eu noto muito este descompasso. Já me aconteceu de ler na Tribuna da Imprensa que é tão pequena, uma notícia sobre o Berlusconi, primeiro ministro da Itália, elogiando Mussolini e os grandes jornais não deram, só deram no dia seguinte. Quer dizer, não é que não tivessem a informação, se a Tribuna recebeu por uma Agência de Notícias, como é que os grandes jornais não receberam? Aí também é uma questão de pauta. O editor decidiu que aquilo não tinha importância e suprimiu. Um dos escândalos financeiros dos anos recentes, não lembro se era daquele Cacciola ou era um outro, a Tribuna da Imprensa deu a notícia e os outros jornais não deram. Eu perguntei ao Hélio como é que a Tribuna tão pequena conseguiu a informação e os outros? Ele disse que não havia sido só a Tribuna que tinha conseguido a informação. Os outros tinham, mas resolveram não publicar porque acharam que não tinha importância. Mas era, tanto que, nos dias seguintes, virou um caso, o cara foi preso e depois foi para exterior. Por exemplo, se na minha época, lá no Globo, houvesse uma coisa dessas o Dr. Roberto ia ficar furioso.

C – Agora eu proponha na minha tese uma classificação que eu gostaria de saber sua opinião. Uma classificação dentro do parco período que a pauta existiu enquanto identidade própria, tendo uma identidade própria, um lugar, um cargo. O primeiro profissional de imprensa que teve cargo no Ministério do Trabalho de pauteiro foi Luciano de Moraes.



J – Ele foi pauteiro na minha época de editor do Globo

C – Ele foi o primeiro no JB.

J – Ah, na nomenclatura legal, cargo de carteira.

C – É, em carteira.

J – Ah sim, no Jornal do Brasil, por exemplo, eu era editor.

C- É não havia esse cargo.

J – Não era nem editor de pauta. Era editor de criação e controle. No Globo era editor de pauta.

C – Aonde foi criação e controle?

J – No Jornal do Brasil.

C – Já com o Dines?

J – Já com o Dines. Na verdade, nem era editor, era chefe de departamento. Era, assim, uma organização muito racional. A editora edita, eu não, eu não editava. Eu estava na retaguarda. Então, por exemplo, pesquisa não era editoria, era departamento. A pauta não era editoria, era departamento. Então, editoria editava. Era, sei lá, nacional, internacional, cidades, esporte, economia.

C – Então a pauta era parte do departamento de criação e controle?

J - O meu cargo era chefe departamento de criação e controle. Só que era um departamento do eu sozinho.

C – Então era uma coisa que era considerada como sua função? Mas o seu nome era mais abrangente do ponto de vista funcional?

J – É. Tem uma outra coisa da pauta, acho que não acontecia na tv Bandeirantes. Mas há uma hipertrofia da pauta na televisão. Como os repórteres eram fracos, eles saiam da redação já com o texto que eles tinham que decorar. E há uns três ou quatro anos eu fazia hidroginástica uma academia que tinha aqui, perto do Cosme Velho. Apareceu lá uma equipe da tv Globo para fazer uma reportagem. Eu vi a repórter decorando lá o texto dela e logo disse o texto dela e eu percebia que a câmera estava pegando as pessoas fazendo exercícios na água.

C – Ela não chegou a apurar antes de fazer o texto?

J – Pode ser que algum editor tenha apurado tudo lá na redação e ela usou a piscina da academia como o cenário da reportagem.

C – Na minha prática de tv o que acontecia era que a gente checava, tinha algumas informações e o próprio repórter faz o texto.

J – Sim, na Bandeirantes era assim. Na Globo não era assim não.

C – Mas chegar e fazer antes de apurar qualquer coisa só no caso dela ter vindo de outras apurações, de outras academias e fez o texto final na hora que conseguiu uma imagem.

J – Pois é.

C – Mas eu não trato da questão da tv porque, realmente, a questão da tv é muito diferente da questão do jornal. Agora, eu abordo a questão da tv num determinado momento. Teve um dia que eu fui com meus alunos na redação do Dia. E me chamou a atenção o fato do movimento está muito devagar na parte da manhã. E aí eles me disseram simplesmente o seguinte: Ah, Cristina, as coisas estão muito diferentes. Antigamente o pessoal da manhã carregava o piano. Hoje em dia, as coisas vão acontecendo muito lentamente com a chegada dos editores porque eles congregam todo o funcionamento da chefia. E não é possível a gente colocar o jornal, sem dar o destaque devido ao que recebeu destaque no RJ – TV da hora do almoço. Então antigamente a televisão era completamente dependente da *Gilete press* e hoje a uma dupla alimentação. Quer dizer, o jornal também não pode sair sem o acompanhamento do foi pautado pela TV. E aí a coisa entra num nível de empobrecimento. Mas o que eu estava querendo te perguntar é o seguinte, como é que você veria uma catalogação, vamos dizer assim, do período em que a pauta era externa? Por exemplo, no período em que você trabalhou no Ministério do Trabalho, naquela época, costumava acontecer nos jornais do Rio, que os empregos pagavam muito pouco para os jornalistas, os repórteres ganhavam muito pouco. Em compensação, eles tinham uma flexibilidade, para o trabalho que a pessoa tivesse ou no Ministério público ou alguma coisa assim, trazendo pauta do próprio ministério e era uma espécie de espaço.

J – Eram, vamos dizer, setoristas.

C – É, quase isso.

J – Um bom jornalista estava fazendo medicina e teve que largar a faculdade porque não podia pagar, então para ele o diploma de jornalista era uma coisa importante. Eu me formei em direito e nem fui buscar meu diploma. Então, essa coisa tinha assim umas perversões não percebidas. A condição de separador de telegrama era humilhante. Também a de setorista, uma bobagem. Os grandes jornalistas da tv americana, um é o cara que cobre a Casa Branca e outro que cobre o Congresso, então, por exemplo, no Globo a gente procurou fazer uma política de valorização do setorista. Por exemplo, quem cobria o Banco Central, já era quase um sub-editor. Por causa da responsabilidade.

C – No jornal

J – No jornal. Quem mais valorizou isso foi Luis (Orlando) Carneiro que deixou a direção da sucursal do Jornal do Brasil em Brasília, cansou de função de chefia, voltou a ser repórter e cobre os Tribunais Superiores. Então, eu não tenho dúvida de que os ministros do Supremo Tribunal, ao abrirem o Jornal do Brasil e tem uma matéria do Luis Orlando Carneiro, eles vão ler. Porque o Luis Orlando é formado em Direito, conhece bem Direito e é um profissional de primeiro time. Então há muita coisa que o jornalismo americano é melhor que o nosso. Aqui o sujeito é afastado por idade. Eu conheci uma jornalista americana nos Estados Unidos, de vinte e poucos anos, queria fazer televisão. Não sei quem me apresentou ela e disse para eu contar a minha experiência em televisão. Eu perguntei por que ela não começava logo em televisão para ir se familiarizando, ficando mais a vontade? Ela disse que ainda não tinha idade para ter credibilidade. Veja que a Bárbara (Walters) só conseguiu o jornal dela com mais de sessenta anos. Agora a Bárbara Walters faz um programa diário de entrevistas, (*Twenty – Twenty*). Eu vi não sei se foi em alguma revista, ou algum jornal que ela depois de muita luta conseguiu que a tv, acho que ABC, concordasse que ela fosse dispensada de fazer o programa diário. Porque ela quer curtir mais a vida, viajar. Então está negociando um novo contrato para fazer um programa que não seja diário. Mas não querem soltar. O David Letterman - eu vi uma entrevista dele num programa de tv a cabo, ele com oitenta e quatro anos conseguiu rescindir o contrato dele com a NBC. Eles disseram: “Ok! A gente faz uma rescisão amigável, mas você tem que assinar um outro contrato se comprometendo a fazer, pelo menos, quatro especiais por ano”. Oitenta e quatro anos de idade.

C – Fantástico.

J – Aqui...

C – Aqui é brincadeira.

J – Aqui o (Newton Carlos) foi afastado da Folha de São Paulo quando fez sessenta anos. E é o melhor. Continua o melhor.

C - E as apresentadoras de repórteres da tv. Bom, nem vou entrar nesse mérito agora se não vou sair muito do assunto. Então, você acha que essa idéia de sugerir uma nomenclatura, assim histórica, por período, de uma pauta mais externa, quando havia essa possibilidade de intercambio maior? Uma pauta interna quando ela passou a ser a visão do mundo, passou a sair de dentro da redação? Então repórter *full time*, por isso, aquele sujeito experiente americano disse pelo menos um dia fora da redação para ver o mundo.

J – Eu acho que a mudança vem no seguinte. Quando se passou para esse jornalismo conformista dos nossos dias. Não há nem competição que havia pelo leitor. Ao mesmo tempo que o jornal se torna conformista, esses cuidados todos são relaxados. Antigamente a linha reacionária dos jornais era imposta de cima para baixo. De vez em quando, alguns analistas eram demitidos porque fez alguma coisa que não deveria ter feito. Hoje, duas profissões foram cooptadas pelo ideário do neoliberalismo, a economia e o jornalismo. Então não há mais necessidade deste controle de cima para baixo, há um relaxamento que também reduz a qualidade dos jornais. E esses jornais, pela informação que eu tenho, as tiragens média estão em queda. Em queda, radical. Tem a competição da tv. Muita gente já não compra jornal, vê a tv. Uma coisa que eu percebo, cada vez mais, são pessoas de classe média que antigamente liam O Globo, Jornal do Brasil e passaram a ler O Dia e O Extra.

C – Por quê?

J – Porque são mais baratos. Você lê mais rápido.

C – Não faz tanta diferença entre eles.

J – Não faz diferença. E agora uma coisa que devia abrir os olhos do pessoal é o seguinte. Quando eu morava em Paquetá, há quase dez anos. Nas estações das barcas, quando chegava a última barca do sábado a noite levando os jornais daqui, sabe qual era a

ilha maior? Da Folha Universal do Bispo Macedo. E esse jornal que era exclusivamente religioso hoje é um jornal de notícias gerais e acho que é uns dos jornais de maior circulação no Brasil, mais de um milhão de exemplares. Lá onde eu trabalho, mostraram que tinha um artigo sobre negócio de petróleo Eu faço um programa de televisão para a Associação dos Engenheiros da Petrobrás que é uma Associação política criada para defender a política nacionalista do petróleo. Tudo que sai sobre petróleo eles estão atentos. Então, alguém mandou para eles o jornal do Bispo Macedo, Folha Universal, que tinha uns colonistas lá, nomes conhecidos no jornalismo. E esse jornal está se expandindo. Enquanto parece que os outros, no conjunto, as tiragens estão caindo.

## **7.7. Pautas Contemporâneas do Jornal O Dia**

### **Pauta Completa**

**Edição de 11/03/2004 - quinta-feira**

Cidade

Matéria

#### **ASSALTANTE DA CASA DO MINISTRO**

O chefe de Política Civil, Álvaro Lins e o delegado da Delegacia de Roubos e Furtos (DRF), Reginaldo Félix, apresentam às 10 horas desta quarta –feira (10/03), um dos assaltantes da casa do ex-ministro Marcílio Marques Moreira. A apresentação será realizada na sala da Comunicação do prédio da Chefia, localizado na Rua da Relação, 42, Centro. ....Repórter: CAMILA

#### **AVALIZAÇÃO PMS – PAVÃO PAVÃOZINHO**

O inspetor geral da PM, coronel João Carlos Ferreira vai fazer daqui a pouco uma avaliação técnica da atuação dos policiais militares no confronto da semana passado no Morro Pavão/Pavãozinho, em Copacabana. Todos os policiais militares envolvidos no confronto, incluindo os oito que estão presos participarão da avaliação. O encontro será às 10h na sede da Associação de Moradores na Rua Saint Roman. ....Repórter: WALESKA

#### **CPI DOS HOTÉIS**

O presidente da Associação Brasileira de Indústria e Hotéis (ABIH-RJ), Alfredo Lopes, e o vice-presidente da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário, Rubens Vasconcelos, falam hoje, às 10h, no Plenário da Câmara Municipal, na audiência pública para debater a Comissão de Inquérito Parlamentar (CPI) destinada a investigar modificações urbanísticas realizadas em desrespeito à legislação em vigor. De acordo com o vereador Rodrigo Bethlem (PMDB), líder do partido na Casa e presidente da CPI, o objetivo é de apurar o licenciamento de obra de construção do hotel Rio Universe, projetado pelo arquiteto francês Philippe Starck, na Avenida Vieira Souto 80, em Ipanema, além de vários outros imóveis.

### **PARALIZAÇÃO NA FIOCRUZ**

**GREVE DE 24 HORAS AMANHÃ NA FIOCRUZ.** Os servidores vão ocupar o Castelo esperando os resultados da reunião ministerial que discute proposta de negociação de perdas salariais do Plano Bresser. Em assembléia realizada ontem (08/03), os servidores Fiocruz decidiram manter a paralisação de 24 horas marcada para amanhã (10/03), com a ocupação do Castelo de Manguinhos. É o início de uma greve progressiva, com os dias de paralisação aumentado, a cada semana, até o pagamento de precatórios já depositados em juízo e a extensão da rubrica de 26,06% (Bressinho) para todos na Fiocruz, direitos reconhecidos pela Justiça para reposição de perdas salariais originadas pelo Plano Bresser.

### **PRAZO DO MP PARA MEDICAMENTOS CONTRA AIDS SE ESGOTOU**

**FALTA DE MEDICAMENTOS PARA AIDS NO RIO DE JANEIRO:** Ministério Público Estadual estabelece prazo para Secretaria Estadual de Saúde prestar esclarecimentos. Em reunião convocada pelo promotor Dr. Cláudio Tenório realizada no dia 20 de fevereiro, a fim de buscar soluções para a falta de medicamentos para tratamento de infecções oportunistas relacionadas a AIDS e outras patologias, representantes da Secretaria Estadual de Saúde receberam do Ministério Público Estadual (3ª Promotoria de Justiça da Cidadania-Capital) documento formal para que no prazo de 10 dias o órgão preste esclarecimento sobre as cinco principais questões relacionadas ao problema.

### **PRESSÃO MÁXIMA**

**MICHEL FICA DE OLHO, TEMOS QUE ACOMPANHAR AS FAVELAS ONDE HOUE CONFUSÃO ONTEM, COMO A BEIRA-MAR.** Estão no Instituto Médico-Legal (IML) os corpos da estudante Aline Gonçalves de Lima, de 16 anos, e do pastor Marcelo Salgueiro Soares de Menezes, de 31 anos, mortos na tarde de terça-feira depois de serem baleados durante uma ação de policiais da Delegacia de Repressão a Entorpecentes (DRE) na favela Beira-Mar, em Duque de Caxias. Ainda não foi determinado o horário em que os corpos serão sepultados no Cemitério do Tanque do Anil, no Centro de Caxias. Na Favela Beira-Mar, o comércio não funciona. .... Repórter: MICHEL ALECRIM.

### **SUITE DO RACISMO**

**MICHEL** checa o que há de novo hoje. Temos que ver como foi o depoimento, que ontem o delegado não revelou.....Repórter: MICHEL ALECRIM

-----16/2/04-----

**16/02/04****Ataque**

Flamengo

Felipe &amp; Cia. Vamos chegar mais cedo para armar alguma coisa com o maestro FELIPE!!!!

Programado 14h30 (saída)

Fluminense

Vasco

Flu  
Geninho e jogadoresProgramado 8h30(saída)  
Cancelado 9h (saída)**Cidade**

Apresentação de jurados

Fila emprego

Guarda municipal usará cachorros no Sambódromo

GUARDAS E CÃES NO SAMBÓDROMO

Piscinão de São Gonçalo

Reta final nos barracões

Dos jurados, da noite, dos mimos, etcetc

Da fila, confusão, etcetc

Faremos fotos dos guardas com seus cachorros no Sambódromo.

Programado

Programado

Do piscinão

Dos barracões, gente trabalhando, etcetc

Fotos do Urquiza

Das escolas, alunos e personagens,

Programado  
11h (no local)

Programado

TRANSPORTE EM

DEBATE

Volta às aulas no Estado

**D**

11H – Gastronomia

Fotos ótimas dos drinques mais coloridos com o feijão compondo

Foto de modelo mostrando os pontos a serem massageados

Programado 11h lá

Programado 14h lá

14h – automassagem – na rua barão de jaguaribe 289, ipanema

14h30 no local: Capa de domingo – De bloco em bloco

15h saída – Entrevista

Edson Celulari, da

minissérie, e Vanessa

Jácomo, a próxima

protagonista das 18h

Fotos ótimas das amigas Tatiana e Nicole

14h30 LÁ

Fotos lindas de Celulari, que faz o Ciccillo Matarazzo, na minissérie.

Depois, fotos da nova protagonista de Cabocla, Vanessa Jácomo

Programado 15h saída

Foto bem divertida da galera

16h lá

16h – Carnaval dos

Gringos

16h no local – Chico

Buarque grava clipe na

praia

Fotos de Chico, Cléo Pires

Programado 16h no local da pauta



17h no projac – Entrevista Vanessa Jácomo, a próxima protagonista das 18h	VALE O HORÁRIO DE 15H	15h
9H – A saída do Jornal. Entrevista com Bruna Marquesine, a Salete de Mulheres Apaixonadas, que vai estar pela primeira vez desfilando na Marquês de Sacucaí	Fazer opções engraçadinhas da menina que estará com acessórios carnavalesco	9h SAÍDA DO JORNAL
<b>Economia</b> Bonecas que dão lucro	Vamos fotografar a Luciana Salvatore com seus produtos, no quiosque..... podemos fazer a foto dela mostrando uma bonequinha mais colorida nas mãos e alguns tênis sobre o balcão....vamos tentar mostrar o máximo do ambiente do quiosque, alguns produtos e a estilista	11h(hora para estar lá)
Devagar se vai longe	Vamos fotografar os sócios da D'Doces, Fabiano da Matta e Carlos Roberto Gomes, em um ambiente que mostre um pouco da padaria e do que é vendido lá....a idéia é colocar os dois perto de um balcão que contenha diferentes produtos (tem pães doces e salgados....)	Programado 14h30 (hora para estar lá)
Modernização de marca MP dos peritos Plano de saúde da Prefeitura tem propostas de três empresas Plano de saúde não deve subir mais que 15%	CANCELADO Personagens Personagem  Personagem	Cancelado 10h30 (hora para estar lá) Programado Programado

Premiado funcionários	ATENÇÃO FOTÓGRAFO: ESSA É A MATÉRIA DA CAPA DA EDIÇÃO DO DIA 24, VAMOS FOTOGRAFAR DUAS EMPRESAS (UMA ÀS 12H E OUTRA ÀS 16H) PRECISAMOS VER QUAL DAS DUAS LOJAS RENDE MAIS, PARA FAZER A FOTO DA CAPA. A FOTO DA CAPA TEM QUE SER HORIZONTAL, POR CAUSA DO CORTE DA CAPA E COM FUNDO NEUTRO, TEM QUE TER ESPAÇO EM BRANCO NA	Programado – primeira foto às 12h (hora para estar lá) segunda foto às 16h (hora para estar lá)
Presidente do TRT-RJ concede entrevista Sebos ficam mais chiques	Para ping-pong  ATENÇÃO FOTÓGRAFO: ESSA DEVE SER A FOTO DA CAPA DO CADERNO. PRECISAMOS DE FOTOS HORIZONTAIS, POR CAUSA DO CORTE DA FOTO QUE VAI NA CAPA E COM FUNDO POUCO POLUÍDO, POR CAUSA DAS CHAMADAS QUE VÃO NA CAPA, PRECISAMOS DE ESPAÇOS EM BRANCO NA FOTO....Vamos fotografar o casal Lilian Dias e Carlos Alves, donos do sebo Al Fārābi.	Programado  Programado 9h30 (hora para estar lá)
<b>Polícia</b> Itagiba na Rocinha	Foto dois caras na favela	Programado
Noquinha preso PMs metralhados no ônibus	Do bandido Da operação no Amarelinho, boneco das vítimas, enterro	Programado  Programado 7h30
<b>Suplementos</b> Um Palm sob medida para você	Foto com o personagem e que mostre seu palm.	Programado 11h  11 horas (no local)

---

**17/02/04**

**Cidade**TRANSPORTE EM  
DEBATE

Fotos do Urquiza

11 horas (no local)

**D**

09h – saída do jornal.  
Entrevista com Bruna  
Marquesine que vai  
desfilear pela primeira vez  
na Marquês de Sapucaí  
15h no local: Projeto  
Carnaval Redondo

Fazer opções bom divertidas, no  
clima de Carnaval, para a capa do  
Jornal de TV de domingo

9 h saída do jornal

16h – Carnaval dos  
Gringos

Fotos bem divertidas dos amidos do  
Cláudio Lemos, Paula Dantas e a  
galera que vende bebida com eles nos  
blocos

15h LÁ

Foto do pessoal do Bloco dos Gringos  
– uma galera estrangeira que é folia  
como qualquer brasileiro. No  
sacrilégio, na Lapa

16h LÁ

19h lá? Miscelânea de  
Carnaval, no cine Odeon  
BR

Fotos ótimas do agito: tem Cordão do  
Bola Preta, Gigantes da Lira e  
Bangalafumenga

19h30 lá

21h30 lá: Concurso de  
fantasias no carioca da  
Gema

Fotos ótimas dos foliões e das  
fantasias mais legais

21h30 lá

**Economia**Comunicação interna como  
ferramenta de vendas

Dos sócios da Pizza Park, Carlos  
Eduardo Raposo e Enrique Reinoso,  
perto de um computador e com uma  
bela (e colorida) pizza em uma  
bandeja...o objetivo é mostrar que  
trata-se de pizzaria e não um  
escritório, apesar de estarmos ao lado  
de um computador.....

Programado 15h30(hora  
para estar lá)

Franquia de formação de cabeleireiros

salas de aulas (com mesa de professor e quadro negro) ou onde são dadas as aulas práticas (que é como um salão de beleza, com espelhos e apetrechos de cabeleireiros...) para fazer na sala de aula teórica só vale se tiver quadro negro, carteiras para os alunos, etc...

Lixo que vira luxo

Tem que ver se da Rúbia Calazans, em seu ateliê....vamos fazer a foto dela no sofá da sala, com o material feito por ela sobre o sofá, colocando junto fitas cassetes e rolos de filme de foto....temos que mostrar na foto o material que ela usa e o produto que ela faz, já pronto....

Programado 13h(hora para estar lá)

Sebos viram espaço cultural

Vamos fotografar os sócios do sebo Boca do Sapo, Sérgio Henrique, Fábio e Maurício, com alguns livros raros...vamos aproveitar para mostrar um pouco do ambiente do local, podemos colocar um dos sócios sentado no sofá e os outros em banquinhos....algo que mostre que a empresa oferece espaço para o cliente se sentir à vontade (não só comprar e sair, como acontece com os sebos antigos....)

Programado 11h30 (hora para estar lá)

Fotos ótimas do MC Duda do Borel, que cantava com William

16h LÁ

D

16h no local: o funk que fez sucesso, 10 anos depois

Do diretor do Instituto Embelleze, José Carlos Semenzato, na empresa.....Podemos fazer a foto dele em uma das

Programado 15h30 (hora para estar lá)

## Roteiro de mundo para o dia 16/02/2004 - Segunda

Altos

### **Morte de jovem aborígine deflagra um dos mais graves distúrbios sociais da Austrália**

A morte de um jovem aborígine atribuída à polícia detonou na noite de domingo os mais graves distúrbios sociais vividos pela cidades de Sydney em uma década. Dezenas de jovens aborígenes travaram uma batalha campal violenta com centenas de policiais nas ruas de um gueto da maior cidade da Austrália – país onde são grandes as tensões raciais. A revolta foi deflagrada pela morte de Thomas Hickey, um jovem de 17 anos, que foi empalado por uma cerca de metal ao cair de sua bicicleta, no sábado. Ele morreu no hospital na manhã de domingo. Sua mãe, Gail, disse que o filho ficou ferido quando era perseguido pela polícia. Policiais disseram, entretanto, que apenas passaram pelo menino, que então acelerou e perdeu controle da bicicleta, sofrendo o acidente. ....Repórter: AGÊNCIAS.

### **Julgamento de Saddam Hussein demoraria ao menos dois anos, diz jornal.**

É provável que o ex-ditador do Iraque Saddam Hussein espere pelo menos dois anos até ser julgado, informou o jornal britânico “The Guardian” nesta segunda-feira, citando um renomado advogado iraquiano. Salem Chalabi, que prepara o julgamento do ex-líder iraquiano, disse ao jornal que existem o que chamou “frustrações” em torno da implementação de um tribunal para crimes de guerra para julgar Saddam, que enfrentaria acusações como genocídio e crimes contra a Humanidade. Segundo o jornal, o atraso para o início das audiências se deve em parte à necessidade de escolher e avaliar juízes, preparar a corte e montar prisões para deter os suspeitos. ....Repórter: AGÊNCIAS

Coordenadas

### **Quatro mortos no Iraque. (Coordenada)**

Bombas colocadas em estradas mataram hoje dois soldados americanos em ataques separados em Bagdá e em uma cidade ao norte da capital iraquiana, disse o Exército dos EUA. Homens armados também mataram um civil americano e deixaram outros três feridos em uma emboscada no final de semana ao sul de Bagdá. Uma criança morreu e outra ficou ferida hoje quando uma granada explodiu em uma lata de lixo enquanto elas brincavam perto de uma escola em Bagdá, disseram a polícia iraquiana e fontes hospitalares. Aparentemente, a granada tinha sido jogada na lata de lixo e foi detonada pelas crianças quando brincavam perto da escola al Jiwadain, instalada no bairro xiita de Khadimiya, no noroeste de Bagdá.....Repórter: AGÊNCIAS.

Matérias

### **Busca por sobreviventes em parque de Moscou é encerrada.**

O prefeito de Moscou disse que não há mais esperança de encontrar sobreviventes nos escombros do parque aquático que desabou no sábado (14). Pelo menos 26 pessoas morreram e mais de cem ficaram feridos quando um teto de vidro do parque Transvaal desabou. Promotores abriram uma investigação criminal para averiguar se aconteceram problemas de construção ou manutenção. Os escombros continuam a serem retirados sob baixíssimas temperaturas. ....Repórter: AGÊNCIAS.

### **Chefe da campanha de Dean ameaça trabalhar para Kerry.**

O pré-candidato democrata à Presidência dos Estados Unidos Howard Dean sofreu ameaça de motim de um assessor de alto escalão no domingo, enquanto lutava para manter sua campanha viva. O presidente da campanha, Steve Grossman, disse ao jornal “New York Times” que deixará Dean para apoiar o favorito na corrida democrata, senador John Kerry, se Dean perder as primárias de Winsconsin na terça-feira. “Se Howard Dean não vencer as primárias de Winsconsin, procurarei John Kerry, a não ser que ele me procure primeiro”, disse Grossman. “Deixarei claro que farei tudo e qualquer coisa que possa para ajudá-lo a se tornar o próximo presidente, e farei tudo e qualquer coisa para aproximá-lo da organização de Dean”. .....Repórter: AGÊNCIAS.

#### **Chefes de esquadrão da morte deixam exílio e voltam ao Haiti para lutar contra**

Milícias rebeldes do Haiti que exigem a renúncia do presidente Jean-Bertrand Aristide ganharam o reforço de comandantes de esquadrões da morte, que começaram a voltar do país deixando o exílio na vizinha República Dominicana. Com o impulso, grupos rebeldes fortemente armados voltaram à ofensiva no domingo, partindo de seu bastião, a cidade de Gonaïves, para tentar assumir o controle de outras três. Os rebeldes da Frente de Resistência Anti-Aristide teriam tomado a cidade de Dondon e atacado a polícia em Sainte Suzanne. Ambas estão no caminho de Cap-Hatien, porto no Norte que é a segunda maior cidade do país. A cidade de Trou-du-Nord também estaria sob ataque. .....Repórter: AGÊNCIAS.

#### **Hamas jura vingança por queda de reboco perto da Esplanada das Mesquitas.**

O grupo radical islâmico Hamas jurou nesta segunda-feira vingar-se de Israel devido à queda de parte de um reboco de pedras numa ladeira adjacente ao Muro das Lamentações que ocorreu no domingo, durante rara nevasca em Jerusalém. O local do acidente dá acesso à Esplanada das Mesquitas – terceiro local mais sagrado para os muçulmanos. “Alertamos a liderança do inimigo que a reação da resistência palestina aos planos contínuos de destruir a Mesquita da Al-Aqsa irão além de sua imaginação”, ameaçou o Hamas em nota. ....Repórter: AGÊNCIAS.

#### **Índia e Paquistão retomam diálogo de paz após anos de disputas.**

As potências nucleares arquiinimigas Índia e Paquistão iniciaram nesta segunda-feira sua principal negociação formal de paz em mais de dois anos e meio. O tema principal das discussões será a disputa pelo controle da região da Cachemira. O encontro de três dias em Islamabad entre as autoridades dos ministérios das Relações Exteriores dos dois países começou sob ‘uma atmosfera cordial e construtiva’, segundo um porta-voz da chancelaria do Paquistão. .... Repórter: AGÊNCIA.

#### **Italiano recebe oxigênio após quebrar recorde de beijo mais longo.**

Um italiano que teria quebrado o recorde mundial de beijos ininterruptos teve que receber oxigênio artificialmente depois da empreitada. Segundo o jornal britânico “Guardian”, os organizadores da festa de “beijação” na cidade de Vicenza, Norte da Itália, disseram que Andréa Sarti beijou a namorada Anna Chen por 31 horas e 18 minutos. Após a maratona, Sarti teve que ser ressuscitado com oxigênio por uma equipe de primeiros socorros, enquanto sua namorada teve que deitar no chão. Sarti teria entrado na competição pelo prêmio de US\$ 12,700, que permitiria seu casamento com Anna. Promovida no Dia dos Namorados (comemorado em grande parte do mundo no Dia de São Valentim, 14 de fevereiro), a festa tinha regras claras. Os casais tinham que ficar de pé por todo o período em que durasse o beijo, por exemplo. Não podiam comer, beber ou ir ao banheiro, e poderiam comunicar-se apenas com textos e mensagens escritas.

#### **Kim Jong-II faz aniversário em meio a elogios estatais e pressão internacional.**

O líder da Coreia do Norte Kim Jong – II completou 62 anos nesta segunda-feira aquecido pelos elogios abundantes de sua imprensa estatizada, mas sob intensa pressão da comunidade internacional – que tenta impedir sua busca por armas nucleares. Kim foi saudado como “Sol do século XXI” e “o mais proeminente estadista do mundo atual” pelas autoridades nas celebrações oficiais de seu aniversário em Pyongyang. A TV estatal chegou a afirmar que pessoas em todo o mundo, “do Nepal ao Peru”, marcavam a data com filmes e festas. .... Repórter: AGÊNCIAS.

## Roteiro do Interior para o dia 16/02/2004 – Segunda

### Baixada

#### Matérias

##### **Dois mortos em São João de Meriti**

Jorge Leandro Barbosa, de 21 anos, e Leandro Lessa, de 19, foram mortos a tiros por bandidos durante a madrugada, em Éden, em São João de Meriti. Ainda não sabemos se eram do bem ou do mal.....Repórter: CARLOS BRITO *Pauta*

##### **Quatro presos em Magé (foto)**

Policiais da 3ª CIPM (Magé) prenderam quatro homens que assaltaram um casal de namorados em Guapimirim, durante a madrugada. Os criminosos renderam a bancária Gilcinéia Amorim Alves, de 22 anos, e seu namorado no bairro de Parada Modelo. O casal foi obrigado a voltar para casa, de onde os ladrões levaram dois celulares, um relógio e dinheiro. Trancaram as vítimas no banheiro e foram para casa de cima onde mora o irmão de Gilcinéia, Nélcio Amorim, de 33 anos e levaram um relógio e celulares. Na fuga eles colocaram o material roubado num Fiat Palio. Logo os criminosos foram perseguidos pela polícia que conseguiu prendê-los no bairro de Parque Santa Eugênia. Foram levados para a 65ª DP. *Pauta*

##### **Severino e Benedita deixam Parque Analândia (foto)**

Casal que foi símbolo dos rejeitados pelo Fome Zero vai ser levado pela Secretaria de Estado Ação Social para Parque Vila Nova. Vamos lá fazer a retirada e ver como ficam os vizinhos, que estão nas mesmas condições.....Repórter: HELVIO LESSA *Pauta*  
.....RETORNO: Casal e sete filhos vão morar em uma casa alugada pelo estado no bairro Parque Vila Nova, próximo ao Lixão. O governo vai pagar R\$ 200 de aluguel. Temos também outras famílias vizinhas do casal que estão na mesma situação e nada foi feito.

##### **Volta às aulas (foto)**

Vamos acompanhar alunos na volta às aulas e saber como está a situação. Se tem professor, merenda, etc.....Repórter: RICARDO VILLA VERDEA VERDE.....RETORNO: Pior caso é em Caxias. De acordo com levantamento feito pelo Sepe no fim do ano passado a carência na cidade seria de 1,5 mil professores na rede estadual. O maior problema é para as turmas de 5ª a 8ª série... *Pauta*

##### **Zito escolheu seu candidato à Prefeitura de Caxias (foto)**

O prefeito José Camilo Zito escolheu o presidente da câmara de vereadores da cidade Laury Vilar para ser o seu candidato ao cargo de prefeito nas próximas eleições. O prefeito, em contrapartida do vereador, vai falar às 15h, sobre a sua escolha, na sede da prefeitura.....Repórter: CARLOS BRITO *Pauta*

Norte

## Matérias

**Enterro de policial assassinado na Brasil (foto)**

Vai ser às 17h30 em São Francisco do Itabapoana.....Repórter: *Pauta*  
 TAÍS GASPAR

**Pai mata filho em Campos**

Parece que a criança foi asfixiada. Ainda não sabemos o *Pauta*  
 motivo.....Repórter: TAÍS GASPAR

**Rosinha em Campos (foto)**

Ela vai inaugurar reforma na Escola Estadual Máximo Azevedo, no *Pauta*  
 Conjunto Habitacional Santa Maria. Depois vai inaugurar restaurante popular  
 também em Campos. Romário e Ratinho estavam na festa.....Repórter:  
 CHICO DE AGUIAR

**Suíte do pai que matou os filhos**

Vamos saber se o assassino dos filhos recebeu alta e se foi preso. *Pauta*  
 Vamos saber se a mulher dele, que teve crise nervosa, também teve  
 alta.....Repórter: CHICO AGUIAR

Serra

## Matérias

**Samba e solidariedade em Friburgo**

Integrantes de escolas de samba e blocos de Friburgo estão *Pauta*  
 participando da campanha de doação de sangue para que o estoque não fique vazio  
 no Carnaval. Cada dia é uma escola diferente. ....Repórter: FREDERICO  
 FRAGA

**Suíte da sogra**

Vamos tentar falar com ela e também com a primeira-dama para saber *Pauta*  
 se ficou revoltada com a atitude do marido. Vamos saber o que Maria José faz e  
 quanto ganha.....Repórter: FREDERICO FRAGA  
 .....RETORNO: Maria José é funcionária federal e foi cedida para  
 a prefeitura. Ela tomava conta do almoxarifado da Secretaria de Saúde e ganha em  
 torno de R\$ 650. Prefeito vai devolvê-la a União.

Sul

## Matérias

**Greve na Peugeot**

Vamos acompanhar as negociações hoje. Pode ser que sindicato e *Pauta*  
 patrão cheguem a algum acordo. ....Repórter: VALÉRIA GALVÃO

**Júnior em Volta Redonda (foto)**

Ele vai visitar o estádio Raulindo de Oliveira meio-dia e divulgará as *Pauta*  
 datas dos jogos que o Flamengo vai fazer na cidade durante o  
 ano.....Reporter: FRANCISCO ÉDSON ALVES  
 .....RETORNO: Primeiro jogo vai ser dia 25 de abril contra a  
 Ponte – Preta....Serão 16 jogos ao todo. Capacidade é para 25 mil flamenguistas e  
 renda prevista é de R\$ 100 mil.



## Roteiro da Economia para o dia 16/02/2004 – Segunda

Altos

### **Plano de saúde da Prefeitura tem propostas de três empresas**

São Semeg, Semic e Assim. Vamos detalhar: perfil das empresas com olho na rede de atendimento, repercussão com o funcionalismo, número de queixas contra as empresas na ANS e no Procon Rio, repercussão na Câmara de Vereadores. Cadê as grandes?.....Repórter: ANA MARIA E TERESA.....FOTOGRAFIA: Personagem Situação: Programado (RAFAEL MORAES)

.....INFOGRÁFICO: Vamos detalhar as empresas em arte com a logomarca de cada uma. Dados sobre às 15 horas.

### **E-mail falso: a vez da Fiat**

É uma febre. A Fiat alerta aos usuários da Internet sobre a ação de hackers que estão enviando falsos e-mails, em nome da montadora, com o título “Promoção Fiat, eu quero o meu”. A montadora informa que esses e-mails têm vírus que podem se instalar no computador do internauta e transferir suas informações privativas para uso indevido. Aproveitamos o gancho e vamos lembrar os do Banco do Brasil, da Receita Federal e Banco Central. Vamos lembrar dos riscos e vamos dar um serviço de proteção. ILUSTRA REPRODUÇÃO DO E-MAIL DA FIAT E UMA PÁGINA FALSO DO BB.....Repórter: WALLACE

### **Mercado prevê inflação menos e corte de juros em março**

O mercado acredita que a inflação irá mostrar uma forte desaceleração em março, mês em que o Comitê de Política Monetária (Copom) deve realizar o primeiro corte de juros do ano. Uma pesquisa do Banco Central mostrou nesta segunda-feira que a mediana das estimativas de quase 100 instituições financeiras para o índice Nacional de preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de março subiu de 0,41% na semana passada para 0,43%. Apesar de alta, esse número marcaria um forte recuo em relação à taxa de 0,71% prevista por elas para este mês, e à de 0,76% apurada em janeiro. Para IPCA deste ano e de 2005 as estimativas foram mantidas em, respectivamente, 6,02% e 5,00%. O mercado estima que o BC irá manter os juros em 16,5% em fevereiro, mas cortá-los em 0,25% ponto em março. Para a taxa de juros no final do ano, as estimativas tiveram leve alta, de 13,63% para 13,80%, enquanto para o final de 2005 foram mantidas em 12,5%.

Matérias

### **Concurso: suíte da manchete de domingo**

Vamos avançar na ajuda aos interessados nas 41.380 vagas que a União vai abrir este ano. O que é certo que cai em todas as provas? Qual a melhor rotina de estudos?.....Repórter: VALÉRIA

### **Segundo lote do auxílio educação da prefeitura sai dia 1º**

Informe está no D.O do Rio de hoje. Detalharemos. TEM LISTA. São 42 colunas com números de matrícula. FALAR COM A PAUTA.....Repórter: TERESA

### **Trabalhador não vai precisar preencher formulário para receber FGTS**

Mais de 3 milhões de empresas que contribuem com o FGTS no País devem se cadastrar na Caixa a partir de hoje. É para que as demissões sejam comunicadas via Internet. Assim, o trabalhador não vai mais precisar ir à Caixa e preencher formulários para requerer o fundo. Vai só para receber. SUÍTE DO INFORME.....Repórter: WALLACE

### **Plano de saúde não deve subir mais que 15%**

Até agora nenhuma empresa apresentou proposta de aumento acima do patamar esperado pela ANS. Prazo termina dia 26. Outro aspecto importante é que o processo de migração e adaptação dos planos de saúde antigos (anteriores a 1999) aos enquadrados na Lei 9.656/98 ainda poderá ter modificadas suas regras – definidas em dezembro por medida provisória e resoluções da Agência Nacional de Saúde Suplementar. Isso porque a MP 148, que trata do assunto, ainda tem de ser votada no Congresso, o que deve ocorrer até o dia 26. O relator da MP, deputado José Aristodemo Pinotti (PFL-SP), já deixou claro que irá propor alterações em itens que considera desfavoráveis ao consumidor. Para tomar a decisão, o relator ouviu desde representantes de usuários até as operadoras de convênios, mas principalmente os órgãos de defesa do consumidor. Na avaliação do Procon-SP, há vários problemas na MP e na Resolução 64 da ANS. ....FOTOGRAFIA: Personagem Situação: ()

### **BC identifica fraudes da Parmalat**

O Banco Central identificou irregularidades cambiais cometidas por seis empresas ligadas, direta ou indiretamente, à Parmalat no Brasil, como prestação de declarações falsas, omissão de informação e problemas em operações de comércio exterior, indicações de que houve remessa ilegal de recursos para fora do país. ....Repórter: FERNANDO COM AGÊNCIA

### **Dilma fala hoje**

A ministra das Minas e Energia, Dilma Rousseff, estará nesta segunda-feira, no Grande ABC, em visita ao Pólo Petroquímico do ABC. Ela participará da reunião do Consórcio Intermunicipal Grande ABC, cujo tema central será expansão do Pólo. A reunião será às 15 horas, na sede da empresa Polietilenos União, na avenida presidente Costa e Silva, 400, no bairro de Capuava, em Santo André. Após o evento, a ministra concederá entrevista aos jornalistas. Acompanharão a ministra na reunião Luiz Marinho, presidente da CUT e o deputado federal Luiz Carlos da Silva – o professor Luizinho – vice-líder do governo Lula na Câmara dos Deputados. Espera-se que a ministra responda à grita das empresas do setor. Elas dizem que o novo modelo vai resultar em aumento de tarifas. ....Repórter: LUCIENE COM AGÊNCIAS.

### **Farma Sare já atendeu quase cinco mil servidores estaduais**

A Farma Sare, farmácia exclusiva para servidores estaduais, registrou 4.983 atendimentos desde a data de inauguração, em agosto do ano passado, até o último dia 10, segundo estatística realizada pela Secretaria de Administração e Reestruturação. A procura média é de 40 a 50 funcionários diariamente, de segunda a sexta-feira. A Farma Sare funciona no edifício-sede da Secretaria na Avenida Erasmo Braga, 118/2º andar, Centro, no horário das 21h às 16h. A farmácia oferece cerca de 64 itens. Parte do estoque de remédios que são vendidos pela Farma Sare é produzida no laboratório da PM, em Niterói, mas há também genéricos adquiridos de outros laboratórios de marca. Para beneficiar-se dos serviços oferecidos pela Farma Sare é preciso levar a carteira funcional ou documento de identidade junto com o contracheque, de forma a comprovar que é servidor estadual. Os remédios só poderão ser adquiridos com receita médica.

### **Novo contrato põe Vale como maior fornecedora da Corus**

A Companhia Vale do Rio Doce vai se tornar a maior fornecedora de minério de ferro para o grupo anglo-holandês Corus, que anunciou nesta segunda-feira contrato de 10 anos com a mineradora brasileira. “É excelente para garantir maiores vendas de longo prazo”, afirmou Kátia Brollo, analista do Unibanco, que está revendo sua recomendação para as ações da Vale. Atualmente ela sugere “manutenção” aos investidores. As ações da Vale subiam ligeiramente no início das operações da Bolsa de Valores de São Paulo. Enquanto o Ibovespa caía 0,31% pouco antes das 11h25, as ações preferenciais da Vale subiam 0,49%. O novo contrato com a Corus substitui um anterior de 3 anos e 5 milhões de toneladas de minério-de-

ferro por ano. Segundo comunicado da Corus, num prazo de cinco anos o fornecimento pode chegar a 10 milhões de toneladas por ano. O novo contrato dá às duas companhias o direito de rescindi-lo.

Colunões

### **Petrobrás e White Martins**

A Petrobrás e a White Martins anunciam em entrevista coletiva, nesta segunda-feira (16/02), às 16h, na Sala de Imprensa do edifício sede da Petrobrás – à Avenida Chile, 65/24º Andar – A criação de uma joint venture.....Repórter: AGÊNCIA

Xx Dominicais

### **Bonecas que dão lucro**

Matéria para caderno de Negócios. Vamos mostrar a designer Luciana Salvatore que criou as bonequinhas de tecido pintadas a mão, há cinco anos, vendendo na Feira Hype. Hoje, ela comercializa de porta-chupetas a bonés e tênis (seus hits de vendas e que trazem mensagens positivas), em quiosques no Rio Sul e no Shopping da Gávea.....Repórter: SILVANA

.....FOROGRAFIA: CANCELADO Situação: Cancelado ()

.....FOTOGRAFIA: Vamos fotografar a Luciana Salvatore com seus produtos, no quiosque.....podemos fazer a foto dela mostrando uma bonequinha mais colorida nas mãos e alguns tênis sobre o balcão.....vamos tentar mostrar o máximo do ambiente do quiosque, alguns produtos e a estilista Situação : (ALVADIA)

### **Devagar se vai longe**

Matéria para caderno de Negócios. Vamos mostrar que, em termos de empreendimento, pode-se ir crescendo aos poucos, com ações planejadas.....Vamos mostrar o exemplo de uma empresa, a D'Doces, que começou com um quiosque que vendia guloseimas no corredor do shopping e se transformou em uma padaria dentro do shopping, ocupando o espaço de uma grande loja, com muitos clientes e vendas em alta.....Repórter: SILVANA

.....FOTOGRAFIA: Vamos fotografar os sócios da D'Doces, Fabiano da Matta e Carlos Roberto Gomes, em um ambiente que mostre um pouco da padaria e do que é vendido lá.....a idéia é colocar os dois perto de um balcão que contenha diferentes produtos (tem pães doces e salgados.....) Situação: Programado (ALVADIA)

### **Premiando funcionários**

Matéria para capa do caderno de Negócios. Vamos mostrar empresas que premiam funcionários como forma de incentivar o bom atendimento ao cliente. O gancho da matéria é uma pesquisa que mostra que essa estratégia é usada pela maioria das grandes corporações e representa um investimento com alto retorno (em volume de vendas) para a empresa.....Repórter: SILVANA

.....FOTOGRAFIA: ATENÇÃO FOTÓGRAFO: ESSA É A MATÉRIA DA CAPA DA EDIÇÃO DO DIA 24, VAMOS FOTOGRAFAR DUAS EMPRESAS (UMA ÀS 12H E OUTRA ÀS 16H) PRECISAMOS VER QUAL DAS DUAS LOJAS RENDE MAIS, PARA FAZER A FOTO DA CAPA. A FOTO DA CAPA TEM QUE SER HORIZONTAL, POR CAUSA DO CORTE DA CAPA E COM FUNDO NEUTRO, TEM QUE TER ESPAÇO EM BRANCO NA FOTO, POR CAUSA DAS CHAMADAS QUE VÃO NA CAPA. VAMOS FOTOGRAFAR O DONO DO RESTAURANTE FELLINI, O EMPRESÁRIO Nelson Laskowsky, JUNTO COM UM GARÇON .....A IDÉIA É FAZER A FOTO DOS DOIS PERTO DE UMA MESA E O GARÇON SEGURANDO UMA BANDEIJA COM UM PRATO E O EMPRESÁRIO AO LADO, COM UM VALE NA MÃO (A EMPRESA DÁ VALE PRÊMIO AOS FUNCIONÁRIOS, NO VALOR DE 10,00 PARA CADA ELOGIO FEITO POR UM CLIENTE...)

### **Presidente do TRT-RJ concede entrevista**

Na redação do jornal. O juiz NELSON TOMAZ BRAGA.....Repórter: LUCIENE .....FOTOGRAFIA: Para ping-pong Situação: Programado (ALEXANDRE BRUM)

### **Sebos ficam mais chiques**

Matéria para caderno de Negócios. Vamos mostrar que os sebos, lojas de livros antigos, estão surgindo novamente no Rio, só que me lojas mais transadas, com serviços, como cafeteria e até a presença de DJs e musicam, embora continuem trabalhando com edições antigas de livros e revistas. MATÉRIA DE CAPA.....Repórter: SILVANA .....FOTOGRAFIA: ATENÇÃO FOTÓGRAFO: ESSA DEVE SER A FOTO DA CAPA DO CADERNO. PRECISAMOS DE FOTOS HORIZONTAIS, POR CAUSA DO CORTE DA FOTO QUE VAI NA CAPA E COM FUNDO POUCO POLUÍDO, POR CAUSA DAS CHAMADAS QUE VÃO NA CAPA, PRECISAMOS DE ESPAÇOS EM BRANCO NA FOTO.....Vamos fotografar o casal Lilian Dias e Carlos Alves, donos do sebo Al Fârâbi. Vamos fazer a foto deles perto de uma vitrine com livros raros que tem lá.....esses livros irão à leilão em março, podemos pedir para que um dos dois esteja com um livro nas mãos.....o ideal é mostrar um pouco do ambiente da loja, os livros e os empresários.....Situação: Programado (ALVADIA)

## **Roteiro do Caderno D para o dia 16/02/2004 – Segunda**

Matérias

### **09H – Saída do Jornal. Entrevista com Bruna Marquesine, a Salete de Mulheres**

Fazer fotos da bonitinha com alguns adereços de Carnaval.....Repórter: MARCELLE CARVALHO (ACOMPANHADA)

.....FOTOGRAFIA: Fazer opções engraçadinhas da menina que estará com acessórios carnavalescos Situação: (ISABELA)

### **11h – Gastronomia**

Drinques para a feijoada de Carnaval .....Repórter: FLÁVIA MOTTA (NÃO ACOMPANHA)

FOTOGRAFIA: Fotos ótimas dos drinques mais coloridos com o feijão comendo Situação: Programado (MÁRCIO MERCANTE)

### **14h – automassagem – na rua barão de Jaguaribe 289, Ipanema**

Manobras de automassagem.....Repórter: MÁRCIA GÓES

.....FOTOGRAFIA: foto de modelo mostrando os pontos a serem massageados Situação: Programado (MÁRCIO)

### **14h30 no local: Capa de domingo – De bloco em bloco**

Histórias de gente que emenda um bloco no outro no Carnaval .....Repórter: EUSEBIO GALVÃO (VAI JUNTO)

.....FOTOGRAFIA: Fotos ótimas das amigas Tatiana e Nicole Situação:

()

### **15H saída – Entrevista Edson Celulari, da minissérie, e Vanessa Jácomo,**

No Projac – Workshop da novela Cabocla, com Vanessa Jácomo, Patrícia Pillar, Daniel de Oliveira, Regiane Alves e Tony Ramos.....Repórter: ANA LUCIA DO VALE (ACOMPANHA)

.....FOTOGRAFIA: Fotos lindas de Celulari, que faz o Ciccillo Matarazzo, na minissérie. Depois, fotos da nova protagonista de Cabloca, Vanessa Jácomo Situação: (ISABELA)

.....FOTOGRAFIA: VALE O HORÁRIO DE 15H Situação: (ISABELA)

### **16h no local – Chico Buarque grava clipe na praia**

Vamos ver a gravação do clipe do filme ‘Benjamim’, que tem a participação do cantor .....Repórter: RUBIAMAZZINI (ACOMPANHA)

.....FOTOGRAFIA: fotos de Chico, Cléo Pires Situação: Programado (MÁRCIO)

## **Roteiro do Ataque para o dia 16/2/2004 – Segunda**

Altos

### **Flamengo**

Depois de despachar o rival Vasco, co a vitória de ontem no Maracanã, o Flamengo começa a treinar de olho na final da Taça Guanabara, contra o Fluminense, no sábado de Carnaval.....Repórter: JANIR JÚNIOR

.....FOTOGRAFIA: Felipe & Cia. Vamos chegar mais cedo para armar alguma coisa com o maestro FELIPE!!! Situação: Programado (REGUA)

### **Fluminense**

O técnico Valdir Espinosa começa a preparar o time para a decisão da Taça Guanabara, contra o Flamengo, no sábado de Carnaval.....Repórter: MAURO LEÃO

.....FOTOGRAFIA: Flu Situação: Programado (MORAES)

Matérias

### **Vasco**

Time volta aos treinos no Vasco-Barra e o técnico Geninho dá coletiva para explicar a derrota de ontem para o Flamengo.....Repórter: MARCO SENNA

.....FOTOGRAFIA Geninho e jogadores Situação: Cancelado (SEM FOTO)

## **Roteiro de Ciência e Saúde para o dia 16/2/2004 – Segunda**

Altos

### **ACUPUNTURA E BELEZA**

Queda e falta de brilho nos cabelos, unhas quebradiças, palidez e muitos outros sintomas são sinais de que o organismo não está trabalhando bem. Problemas pulmonares, digestivos e hepáticos podem acabar por externar seus sintomas, como por exemplo, bolsas embaixo dos olhos que indicam mau funcionamento renal e as bolsas acima dos olhos que são sinal de que a vesícula biliar não está trabalhando bem.....Repórter: CAROLINA REZENDE

### **SALTOS ALTOS NO SAMBA**

Carnaval chegando. Com a aproximação da data, as passistas estão sempre “em cima do salta”. Mas, como elas conseguem ficar tanto tempo sobre aqueles sapatos tão altos? De acordo com o especialista, os sapatos ideais são aqueles que têm um equilíbrio entre a sola e a parte da frente, ou os que têm uma variação de até 0,5 cm. Os calçados com saltos de 1,9

cm aumentam a pressão nos pés em até 22%. Já os de salto de 8 cm, aumentam a pressão nos dedos em até 76%. .....Repórter: DANIELLA DAHER

Matérias

### **Cientistas acham diamante descomunal no coração de uma estrela.**

Um diamante de inimagináveis 10 bilhões de trilhões de quilates brilha no espaço a 50 anos-luz de qualquer ambição terrena. Pesquisadores do Centro de Astrofísica Havard-Smithsonian detectaram na constelação de Centauro uma estrela-anã branca cujo núcleo é formado por um bloco de carbono cristalizado – um diamante. A pedra tem 4 mil quilômetros de diâmetro e 2,25 milhões de trilhões de trilhões de quilos. Em quilates, seria o número um seguido de 34 zeros. O maior diamante já encontrado na Terra – o Estrela da África, que pertence à Coroa Britânica – tem “meros” 530 quilates. “Seria preciso um porta-jóias do tamanho do sol para guardá-lo”, descreveu, em um comunicado, o astrônomo Travis Metcalfe, que liderou a pesquisa que levou à descoberta. “Para bancá-lo, Bill Gates e Donald Trump não davam nem para começar”. .....Repórter: AGÊNCIAS

### **Vírus da gripe aviária chega ao Tibet.**

O ministério da Agricultura da China disse nesta segunda-feira que o vírus H5N1 da gripe aviária foi encontrado na capital da região do Himalaia, Lhasa, a cerca de 3.600 metros acima do nível do mar. Casos de gripe aviária já foram registrados nas províncias de Guangdong, no sul da China, e da Hubei, no centro do país. O Ministério da Agricultura não sabe como vírus chegou ao Tibet.....Repórter: AGÊNCIAS

Outras

### **EXAME PET SCAN CHEGA NO RIO**

Um novo método de diagnóstico do câncer que identifica a doença em fase muito inicial, diferencia tumores malignos e benignos, determina o estágio em que se encontra a doença e monitora a eficácia dos tratamentos já está ao alcance dos cariocas. A Clínica Multi-Imagem PET-CT, localizada no Centro Médico BarraShopping, está realizando esse tipo de exame que combina dois aparelhos de tomografia: o PET (Positron Emission Tomography ou Tomografia por Emissão de Prótons) e o CT (Computed Tomography ou Tomografia Computadorizada). O resultado é a fusão das imagens metabólicas do PET – que atua com base nas alterações químicas das células – às imagens anatômicas do CT, possibilitando a localização exata da lesão, de modo precoce e não-invasivo, mesmo no caso de tumores malignos de pequena dimensão. ....Repórter: DANIELA DAHER

## **Roteiro da Polícia para o dia 16/2/2004 – Segunda**

Altos

### **Noquinha preso**

O bandido terror da ilha preso na Vila dos Pinheiros, Complexo da Maré, será apresentado às 13h na Secretaria de Segurança. A secretaria está alegando que o cara está ligado ao ônibus da PM que foi metralhado ontem.....Repórter: MARCIA BRASIL

.....FOTOGRAFIA: do bandido Situação: Programado (CARLOS MORAES)

### **PMs metralhados no ônibus**

Afinal, qual a razão do ataque aos PMs na noite de ontem na Avenida Brasil. Algum chefe do Amarelinho ordenou? Quem manda ali? Já sabiam que ônibus passaria? O ataque partiu realmente da favela? Ta lá conferir a operação na favela. A Polícia está esculachando? Prendeu alguém? Acompanhamos o enterro das vítimas ou a chegada de parentes para

liberação dos corpos. Temos que ficar de olho no IML, pois os policiais mortos não são daqui, são do interior. Vamos tentar falar com os feridos e saber o que de fato aconteceu, relato de quem sobreviveu ao ataque. Tem feridos graves que precisam ser monitorados. E o que diz o Hottz? Mostramos com estatística quantos PMs já morreram esta ano e fazemos comparativo com o ano passado. É importante fazer o perfil desses policiais que morreram.

.....Repórter: BARTOLOMEU BRITO

.....FOTOGRAFIA: da operação no Amarelinho, boneco das vítimas, enterro  
Situação: Programado (SEVERINO SILVA)

.....RETORNO: Não tem operação no Amarelinho. Polícia ainda investiga se ataque veio da favela ou de uma Toyota e outro carro que teriam emparelhado com o ônibus. O veículo está sendo periciado agora pela manhã no batalhão de Bangu. Os corpos dos três PMs mortos não serão enterrados no Rio. Um vai para Barra do Pirai e outros dois para Campos.

Matérias

### **Defensoria verifica superlotação na carceragem da Polinter do Centro**

A partir das 10:30h de hoje (2ª feira, 16/02) uma equipe de defensores públicos e estagiários do Núcleo de Defesa dos Direitos Humanos e da Assessoria Criminal da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro estará na Polinter da Praça Mauá para avaliar o quadro de superlotação na carceragem. ....Repórter: MARIA INEZ

#### **Escola de Enfermagem da UFF é vistoriada**

O representante do MEC no Rio, o prefeito de Niterói, o reitor da UFF e um representante da secretaria de Segurança visitam hoje o campus da faculdade de enfermagem. Laudo da PF comprovou que existe risco de vida na área para alunos e professores por conta das balas perdidas e tiroteios da favela próxima. Em princípio, as janelas serão blindadas e a entrada desviada para uma outra rua.....Repórter: ALUIZIO

#### **Itagiba na Rocinha**

O subsecretário de Segurança vai a à Rocinha às 11h. Terá a companhia do inspetor geral de Polícia, cel João Carlos Ferreira. A visita será acompanhada pelo Bope. A idéia é fazer avaliação técnica do trabalho realizado pelo Bope por lá nos últimos tempos – onde pessoas inocentes foram mortas e a comunidade gritou contra as arbitrariedades da polícia. Aproveitamos para repercutir com Itagiba o massacre dos PMs e o crime da Lagoa. Cadê a segurança da PM na área tão nobre da Cidade. Cobramos do subsecretário uma medida.....Repórter: ROBERTA FORTUNA

.....FOTOGRAFIA: foto dois caras na favela Situação: Programado  
(MARCELO FRANCO)

#### **Suíte caso Lagoa**

Voltamos a 15ª DP (Gávea) e continuamos na cola das investigações. Temos que acompanhar a caçada ao casal de ladras assassinas. Tentamos confirmar se a de cabelo comprido é mesmo a parceira da mulher de cabelos curtos que foi reconhecida pelo porteiro. Hoje deve rolar depoimentos na 15ª de moradores do prédio que tem como síndico o pai de Melissa, nossa colega. Vamos ouvir os moradores e associações.....Repórter: BRUNO MENENES

#### **Suíte caso Paula Lavigne e Caetano**

Temos que ficar no pé da 15ª DP e saber se eles identificaram o cara que expulsou o rapaz que é filho da empregada do Caetano. Paula Lavigne vai processar o shopping? Temos que ouvir o shopping novamente.....Repórter: BRUNO MENENES

Outras

### **Caso Priscila Belford**

Afinal, cadê a mulher. A polícia ainda não tem pistas?????? Quantos dias desaparecida?.....Repórter: PERELO

### **Caso Rômulo**

Monitoramos a história.....Repórter: ADRIANA CRUZ

### **Caso Staheli**

Continuamos em busca de novidades.....Repórter: MARCIA BRASIL E ADRIANA CRUZ

### **(Não Categorizados)**

Bandidos obrigaram moradores do Aterro do Cocotá, área próxima ao Dendê e um dos acessos ao Morro, a interromper o trânsito e fechar comércio. Turma queimou colchões e sofás velhos. Teve tiroteio na madrugada entre os bandidos.....Repórter:

## **Roteiro da Cidade para o dia 16/2/2004 – Segunda**

Altos

### **Escolas se rendem a técnica**

A imperatriz fez escola e as demais agremiações seguiram sus passos. Hoje a busca pela técnica virou regra e não exceção como era a Imperatriz. Tem foto.....Repórter: CLAUDIO VIEIRA

### **Reta final nos barracões**

O carnaval chegou (oba!!!!!!!!!!). A cinco dias da folia, vamos mostrar a corrida final dos barracões. Muito trabalho? Gente dobrando????? Falamos com carnavalescos sobre retoques, acabamentos, e, IMPORTANTE. PEGAMOS DIA E HORA DE RETIRADAS DE ALEGORIA DOS BARRACÕES. O Império deve está fazendo mutirão para tirar o atraso. ....Repórter: PEDRO MOTTA E FLÁVIA DUARTE

.....FOTOGRAFIA: dos barracões, gente trabalhando, etccccc Situação: Programado (TARANTO JR.)

Matérias

### **Abertura dos desfiles terá música própria**

O maestro Eduardo Lages está gravando o tema de abertura dos desfiles que tem refrão de todas as escolas de samba. Abertura deve ter orquestra e tudo mais.....Repórter: CRHISTINE

### **Apresentação de jurados**

É hoje, às 20h, no Scala a apresentação dos 40 julgadores dos desfiles do Grupo Especial. Lá, será sorteado os módulos onde cada jurado ficará. Atenção porque tempos que fazer os bonecos de todos eles separadamente e pegar os contatos. Também preparamos matéria sobre os mimos. Aqueles presentes que as escolas dão para a turma. Sempre rende.....Repórter: FLAVIA DUARTE

.....FOTOGRAFIA: Dos jurados, da noite, dos mimos, etccccc Situação:

()

### **CASO ITACURUÇÁ**

Está marcado para hoje Sumário de Acusação, na Vara Única de Mangaratiba. Serão ouvidas duas a três testemunhas. Não foi confirmado o horário... .....Repórter:

### **Família da Fome**



A secretaria de Ação Social ficou de remover hoje, às 10h, a família que mostramos em nossas matérias. A família será removida para o parque Viva Nova, também em Caxias.....Repórter: BAIXADA

### **Fila emprego**

Rolou um sururu na Santa Clara. A peãozada viu um anúncio no jornal e saiu em busca do emprego. Encarregado disse que não sabia de nada e deu uma certa confusão.....Repórter: MADALENA ROMEO

.....FOTOGRAFIA: da fila, confusão, etccc Situação: Programado (MARCELO FRANCO)

.....RETORNO: Quando chegamos lá não havia mais fila que chegou a reunir 500 pessoas. Mas temos personagem que chegou atrasado. O anúncio foi publicado no DIA página 5 do caderno de empregos. Alguém que tinha o nome completo e o telefone de um dos funcionários da empresa fez o anúncio no nome dele. Parece que a corretora de imóveis que sofreu o golpe é 171 e o trote deve ter sido vingança. Segundo um funcionário do vaga certa, esta é a segunda vez que fazem trote com a empresa.

### **Guarda Municipal usará cachorros no Sambódromo**

A GM usará 16 cachorros na Sapucaí para ajudar na segurança da Passarela. Vamos conversar com a GM. Também vamos saber dos esquemas de segurança, saúde e da Defesa Civil. A Justiça também teria um posto volante e vamos falar com o Juizado de Menores para saber como será o seu esquema lá.....Repórter: FABRICIO MARTA

.....FOTOGRAFIA: dos cachorros, etccccc Situação: Programado (ISABELA HASSOW)

### **Piscinão de São Gonçalo**

Vamos conferir a quantas anda a tal piscina do povão de São Gonçalo. Já terminaram as obras? Vão inaugurar? O verão está acabando.....Repórter: MELISSA

.....FOTOGRAFIA: do piscinão Situação ()

### **TV Câmara**

Vamos adiantar como será a telinha dos vereadores. ....Repórter: VIVIANE BARRETO

### **Volta às aulas no Estado.**

Vamos percorrer as escolas mais problemáticas da rede. Aquelas que ano passado tinham carência de professor, alunos juntos em turmas etccccc. Mostramos se melhorou ou não. Qual a expectativa dos alunos? E como ficou a aprovação do último ano com em carência várias matérias? Teve aquela história de aprovar devendo matéria? Ouvimos depois o secretário para saber das convocações de professores. Quantos se inscreveram, quantos foram chamadas hoje, tentaremos fazer contato com algum que irá trabalhar. Buscaremos personagens, alunos e professores.....Repórter: KARINA BOTTINO E BAIXADA

.....FOTOGRAFIA: das escolas, alunos e personagens, Situação: Programado (CARLO WREDE)

Outras

### **Bacalhau assassino**

Continuamos em busca de novidades sobre o peixe que causou mortes na ZO.....Repórter: ROBERTA NOVIS

**Pauta de 16/02/2004**

**Editoria:** **Cidade**

**Retranca:** **Escolas se rendem a técnica**

**Descrição:** A imperatriz fez escola e as demais agremiações seguiram seus passos. Hoje a busca pela técnica virou regra e não exceção como era a Imperatriz. Tem foto.

**Repórter:** Cláudio Vieira ☐ *Tropa de Choque* **Prev. de Retorno:**

**Tipo:** ☒ Alto ☐ Coord. ☐ Colunão ☐ Dominical

☐ Matérias ☐ Feature ☐ Agências

Obs.:

**Mídia:** ☐ Jornal ☐ O Dia Online ☐ Rádio ☐ Televisão

☐ **Acesso Restrito**

☐ **Destaque para 1a.**

**Pauta de 16/02/2004****Editoria:** Cidade**Retranca:** Reta final nos barracões

**Descrição:** O carnaval chegou (oba!!!!!!!). A cinco dias da folia, vamos mostrar a corrida final dos barracões. Muito trabalho? Gente dobrando???? Falamos com carnavalescos sobre retoques, acabamentos, e, IMPORTANTE. PEGAMOS DIA E HORA DE RETIRADAS DE ALEGORIA DOS BARRACÕES. O Império deve estar fazendo mutirão para tirar o atraso.

**Repórter:** Pedro Motta e Flávia Duarte ☐ *Tropa de Choque* **Prev. de Retorno:****Tipo:** ☒ Alto ☐ Coord. ☐ Colunão ☐ Dominical **Seqüência:**☐ Matérias ☐ Feature ☐ Agências**Obs.:****Mídia:** ☐ Jornal ☐ O Dia Online ☐ Rádio ☐ Televisão☐ Acesso Restrito ☐ Destaque para a 1a.

**Pauta de 16/02/2004****Editoria:** Cidade**Retranca:** Abertura dos desfiles terá música própria

**Descrição:** O maestro Eduardo Lages está gravando o tema de abertura dos desfiles que tem refrão de todas as escolas de samba. Abertura deve ter orquestra e tudo mais.

**Repórter:** Crhistine ☐ *Tropa de Choque* **Prev. de Retorno:****Tipo:** ☒ Alto ☐ Coord. ☐ Colunão ☐ Dominical **Seqüência:**☐ Matérias ☐ Feature ☐ Agências

Obs.:

**Mídia:** ☐ Jornal ☐ O Dia Online ☐ Rádio ☐ Televisão☐ Acesso Restrito ☐ Destaque para a 1a.

## **Roteiro para o dia 26/4/2004**

### **Ataque**

Altos

#### **BOTAFOGO**

Dia seguinte da demissão de Levir Culpi. Time se reapresenta à tarde em General Severiano e inicia preparação para jogo contra o Atlético-MG, no Caio Martins. RJ TV noticiou que o auxiliar Luiz Matter dirigirá a equipe nas duas próximas partidas.

#### **FLAMENGO**

Time volta aos treinos ainda sem Felipe – que viajou para Hungria com a seleção – e se prepara para enfrentar o Paraná, em Curitiba, na quinta-feira.

#### **FLUMINENSE**

Time se reapresenta nesta quarta à tarde nas Laranjeiras. Quarta tem o primeiro grande desafio do tricolor no Brasileiro, contra o São Paulo, no Morumbi.

#### **VASCO**

Reapresentação à tarde no Vasco-Barra. Fábio, que não vive boa fase, recebe homenagem de patrocinador pelo dia dos goleiros. Petkovic ainda não tem estréia confirmada. Time enfrenta o Guarani, quinta, em São Januário.

Matérias

#### **SELEÇÃO BRASILEIRA**

Time chega a Dudapeste, mas só treina na véspera do jogo. Temos entrevista com Edu, chegou até a pensar em se naturalizar inglês, foi campeão no domingo e vai ter sua primeira chance na seleção.

Outras

#### **TÊNIS**

Saretta estréia às 7h no Torneio de Barcelona. Guga joga pelo torneio de duplas por volta das 13h, ao lado do argentino Mariano Zabaleta.

### **Baixada**

Matérias

#### **Conjuntivite sem trégua**

Vamos percorrer alguns postos e ver com as secretarias de Saúde da região o número de casos da doença.

#### **Munição e farda apreendidas em Caxias (Flávia Mota)**

Farda do Exército, munição de vários calibres e armas foram apreendidos esta madrugada na Favela Vai quem quer, em Imbariê, Caxias. Ninguém foi preso. Ainda não temos mais detalhes.

#### **Pré-candidato a vereador assassinado em Caxias (Alessandro)**

Ele estava com a mulher e é conhecido como Zé da Padaria. Ele era do PDT. Ainda não temos mais detalhe.

#### **Suíte da meningite (Alessandro Costa)**

Vamos falar com secretário de Saúde e tentar achar o médico. Temos que ver com o Cremerj se eles vão apurar o caso. Falaremos de novo com a família.

## **Cidade**

### **Altos**

#### **(suíte) Surto de conjuntivite**

Vamos percorrer os hospitais da rede pública (Souza Aguiar e Miguel Couto) e fazer vários personagens. Vamos voltar a 14ª DP (Leblon) e ver como está o caso do registro contra a médica Ana Dulce Flores, por omissão de socorro feito por paciente que procuraram tratamento no fim de semana no HMC. Temos que ouvir a Sociedade de Oftalmologia sobre o surto dando dicas de procedimentos para cura e evitar o contágio. Temos que falar com a secretaria de saúde (municipal e estadual) para saber dos números. Já é um surto?

#### **Igreja gay já tem sede no Rio**

A primeira igreja formada por gays, a Igreja da Comunidade Metropolitana, vai abrir esta semana sua sede. A inauguração será domingo com a celebração de um casamento gay. Segundo o reverendo americano Donald Eastman, que veio ao Brasil para a conferência da igreja este fim de semana, o Brasil é o país em que a igreja tem maior chances de crescimento, devido ao dinamismo próprio da sociedade brasileira.

### **Matérias**

#### **Manifestação pelo Passe livre**

Idosos, estudantes e deficientes realizarão um protesto na porta do Fórum às 13h de hoje. A manifestação será realizada na mesma hora em que o Órgão Especial do Tribunal de Justiça estará julgando a constitucionalidade ou não da lei do passe livre. A ação foi movida pela Fetranspor.

#### **110 anos de Ipanema**

Vamos até o Ipanema Plaza e fazer a lavagem da calçada do hotel em homenagem ao aniversário do bairro. A limpeza vai ser feita por 13 baianas comandadas pela famosa baiana do Bairro conhecida como Keka. O hotel fica na esquina de Prudente de Moraes e Farne de Amoedo.

#### **Agenda do Prefeito**

O prefeito César Maia visita hoje, entre 9 e 11 horas, a Pro-Matre. No local, que existe há 86 anos, nascem, diariamente, de 35 a 40 bebês. A atual presidente, Lucy Vereza (ex-secretária Municipal de Educação, de 1979 a 1983), vai receber o Prefeito e percorrer toda a maternidade. Esta é a primeira vez que um prefeito visita a instituição.

#### **Incêndio no Rebouças – Túnel fechou**

A Pajero prata LNA 6084 pegou fogo no Cosme Velho, saída da primeira galeria, sentido Sul-Norte. O carro veio pegando fogo desde o início do túnel e a proprietária só teve tempo de abandonar o carro e fugir. Temos que descobrir o nome dela e o tempo que o túnel ficou fechado. FOTOS DE UM MARRETA.

#### **Caso Naya**

A 4ª Vara Empresarial do Rio deve decidir hoje sobre leilões de imóveis do empresário. Vamos ficar atento as novidades.

#### **Pardal fora de ação**

A prefeitura tirou de ação o pardal da Estrada Francisco da Cruz Nunes. Próximo ao Cemitério Parque da Colina, sentido Itaipu-Largo da Batalha. As multas foram canceladas.

#### **Tempo na cidade**

Vamos ouvir a meteorologia e saber a previsão para a semana. Parece que será a mais fria do ano. Descobrir também qual é a média da temperatura do outono, que começou quente. Será que esse tempo horrível vai continuar e o outono vai ter cara de outono mesmo? Tem ressaca?

### **Outras**

### **Escola saqueada em Bangu**

A Escola Municipal Presidente Médici, na Rua Tibagi, em Bangu, foi atacada durante o feriado prolongado. Ao voltarem hoje para o reinício das aulas, os profissionais de educação e os alunos encontram salas e instalações depredadas e pichadas. Foram deixadas ameaças de morte nos quadros e paredes da escola. Os estragos causados pelos invasores foram tão grandes que as aulas tiveram que ser suspensas pela direção da unidade. Na semana passada, houve uma tentativa de invasão da escola. Cadeados foram arrombados. A Presidente Médice é uma das maiores escolas municipais na área de Bangu. Ali estudam mais de mil alunos. Telefone de contato – 99728564 – Cátia.

### **“Acendendo a Cidadania nas escolas”**

O projeto em parceria com a Prefeitura e a Defesa Civil levou o jogador Fabiano Eller hoje a CRE da Ilha do Governador. O jogador foi mais um atrativo para as crianças. Técnicos fizeram palestras alertando sobre a prevenção de acidentes.

## **D**

### **Matérias**

#### **13h30 lá: Detonautas lança novo CD**

Os meninos falam sobre o CD novo

#### **16h lá: Entrevista com Buchecha**

O MC fala sobre o CD novo, as mudanças na carreira e etc

#### **17H – SAÍDA DO JORNAL. Show do cantor Elymar Santos, no Teatro João**

### **Caetano**

Vamos acompanhar a entrada do público no teatro para ver se vai dar confusão.

#### **CANCELADO 14h – O melhor da Vida – estúdio**

O melhor da vida

### **Outras**

#### **16h: DJ Marlboro**

O DJ fala sobre seus projetos

## **Economia**

### **Altos**

#### **Lula: Correção da tabela do IR e mais recrutas**

Lula promete “boa notícia” sobre reajuste da tabela. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou nesta segunda-feira que espera atender à reivindicação dos metalúrgicos que pedem a correção da tabela do Imposto de Renda. Em visita à fábrica da Mercedes-Benz em São Bernardo do Campo, para o lançamento de um programa do Ministério da Saúde – a Rede Nacional do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) 192 -, Lula observou faixas e cartazes com a exigência da categoria. – Esse negócio de Imposto de Renda é uma inquietação que nós temos na nossa vida, no sindicato. Fico feliz eu o sindicato coloque a coisa como uma bandeira – disse o presidente. Lula informou que até sexta-feira, quando a categoria realiza manifestações na Via Anchieta, espera dar uma resposta sobre o assunto. – Quem sabe a gente evita que vocês andem - disse, com bom humor.

#### **DIA E Band assinam acordo operacional**

O Grupo O DIA e o Grupo Bandeirantes de Comunicação assinam acordo operacional, que irá resultar na segunda maior plataforma multimídia do Rio.

#### **Dia da empregada doméstica**

A data é 27 de abril, portanto amanhã. Vamos mostrar as falhas e injustiças da legislação, como o FGTS facultativo, que não pegou. Qual é o salário mínimo delas? Existem problemas de comprovação para aposentadoria.

### **Crédito com desconto em folha ganha novo fôlego**

Seis meses após o governo estender para os trabalhadores do setor privado a possibilidade de usar os salários como garantia de operações de empréstimo, o crédito com desconto em folha ganha novo fôlego. Na sexta-feira, o Banco do Brasil (BB) assinou contrato com a Telemar para ofertar a modalidade aos 37 mil funcionários da companhia, e, na quarta, será a vez do BMC selar convênio com o Correios para os 105 mil empregados do serviço postal. O Santander- Banespa, o primeiro a encampar a interface sindical entre bancos e trabalhadores, comemora a marca de R\$ 63 milhões em desembolsos desde outubro. O Banco VR fechou o primeiro trimestre com incremento de 11 % na carteira, com R\$ 27,8 milhões emprestados. Apesar de avançar pelo setor privilegiado, o forte do BB ainda é o funcionalismo. Nos últimos quatro meses, o estoque de empréstimos subiu de R\$ 500 milhões para R\$ 1 bilhão.

### **Features**

#### **Juiz usa de cautela a ele conferido para recolocar empresa em funcionamento**

Num caso raro no País, o juiz Ricardo Braga Monte Serrat, as Sétima Vara Cível de Ribeirão Preto, presidente dos processos de concordata e falência da Indústria de Produtos Alimentícios Cory Ltda., está usando o poder geral de cautela do juiz para recuperar fabricante das balas IceKiss e dos biscoitos Hipopó. “A Lei de Falência não prevê um processo de recuperação de empresas falidas, mas estou adotando medidas para proteger os credores, os empregados e o próprio negócio”, diz ele, que ontem convocou a imprensa e os vereadores de Ribeirão Preto para ver a fábrica local da Cory em operação. “Seria bom que se reforçasse na nova lei de falências os poderes do juiz para a prática de atos que impedissem prejuízo para o negócio e para os funcionários no período entre a decretação da falência e a retomada das atividades”, sugere Monte Serrat. Segundo ele, esse período é crucial para o futuro das empresas e, no Brasil, costuma estender-se.

### **Matérias**

#### **Taxação de inativos**

Vamos ficar em cima dessa história. Falar com a pauta.

#### **Grupo de trabalho analisará impacto de reivindicações de grevistas do INSS**

Uma nova reunião, marcada para amanhã avaliará os avanços das negociações do comando de greve dos servidores do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) com representantes dos ministérios da Previdência Social e do Planejamento, Orçamento e Gestão, além da direção do instituto. O secretário-executivo do Ministério da Previdência Social, Floriano Martins de Sá Neto, informou que deverá ser criado, na reunião de terça-feira, um grupo de trabalho para analisar os impactos das reivindicações apresentadas pelos servidores, “para que se possa chegar a um acordo efetivo que ponha fim à greve”. Vamos acompanhar o dia de greve.

#### **Prefeitura paga quinta-feira quarta parcela da devolução de desconto indevido**

Cerca de 50 mil pessoas, entre servidores aposentados e pensionistas do Município, receberão, no dia 29 de junho, a quarta e última parcela da devolução das contribuições previdenciárias que foram descontados a favor do Previ-Rio entre dezembro de 1998 e abril de 2001. A suspensão dos descontos – de 9% e depois 11% - foi decretada pela Prefeitura em abril de 2001. Com esta parcela, de aproximadamente R\$ 30 milhões, a prefeitura alcança volume de devolução da ordem de R\$130 milhões. A primeira parcela, relativa a dezembro de 98 a julho de 99 foi paga em julho de 2002. A segunda, em dezembro



de 2002, devolveu o que foi descontado entre agosto de 99 e janeiro de 2000. A terceira parcela, relativa a fevereiro a julho de 2000 saiu em outubro do ano passado.

#### **Escola de Saúde do Exército prorroga inscrição de concurso**

Concurso público para provimento de cargos civis nos hospitais do Exército tem novidades. As inscrições foram prorrogadas até o dia 30 de abril de 2004.

#### **Aumentam as operações de empréstimo para saldar dívidas pessoais**

As operações de crédito do sistema financeiro somaram R\$ 416,7 bilhões, no mês de março, com aumento de 1,1% na comparação com fevereiro, e elevaram para 9,5% a expansão ocorrida nos últimos doze meses, com ênfase para os financiamentos a pessoas físicas, serviços e indústria. Os números constam do relatório mensal sobre Política Monetária e Operações de Crédito do Sistema Financeiro elaborado pelo Departamento Econômico do Banco Central. O documento revela que “a demanda de recursos por parte das famílias continua influenciada pela contratação de crédito pessoal”, com destaque para o crescimento dos empréstimos consignados em folha de pagamento, em razão da concentração de compromissos financeiros nos primeiros meses do ano. No mês foram registradas pequenas reduções nos custos dos juros, tanto para nos primeiros meses do ano. No mês foram registradas pequenas reduções nos custos dos juros, tanto para pessoas físicas quanto para empresas.

#### **Gabaritos da UFF e da AGU**

Aguardamos

#### **Idoso que declarar IR pela Internet terá prioridade no recebimento da restituição**

Está no DO da União de hoje: O contribuinte pessoa física com mais de 60 anos, com direito à restituição do Imposto de Renda terá prioridade na hora de receber as parcelas devidas pela Receita Federal. Para tanto, é preciso que o interessado faça a sua declaração pela Internet ou em disquete. A operação só é possível porque a Receita Federal recebe e processa primeiro as declarações realizadas por meio magnético, que são aquelas feitas pela Internet, por disquete ou por telefone. As apresentadas em formulário são as últimas a receberem a restituição, até mesmo as dos contribuintes com mais de 60 anos. Vamos olhar do ponto de vista de quem terá mais um mês para receber a restituição por ter menos de 60 anos.

#### **Macarrão sobe 8%**

Segundo a ABIMA, aumento entre 15 e 20% no preço do grão do trigo já preocupa produtores nacionais de macarrão, que poderão ser obrigados a repassar essa diferença. As constantes altas do preço do trigo nas últimas duas semanas já parecem ter uma consequência certa: os produtores nacionais do setor de massas e outros derivados do trigo serão obrigados a repassar esse aumento para o preço final nas gôndolas dos supermercados. “Os fabricantes de macarrão trabalham com margens muito estreitas e não têm como absorver este nível de aumento de preços de sua matéria-prima principal”, explica a presidente da ABIMA (Associação Brasileira das Indústrias de Massas Alimentícias), Eliane Kay. Até o final de março o preço da tonelada de trigo nacional era cerca de R\$ 460,00, dependendo da região do País. Hoje, essa mesma tonelada de trigo está sendo comercializada por R\$ 550,00.

#### **Polícia Federal investiga roubo no ministério da Fazenda**

A Polícia Federal já está apurando o roubo que houve no último final de semana do prédio anexo ao Ministério da Fazenda em Brasília, quando placas internas e componentes dos computadores da Coordenação de Haveres Mobiliários foram levados. Segundo comunicado da assessoria de imprensa não há riscos de “vazamento” dos dados sigilosos da Secretaria Tesouro porque as informações são mantidas através de um programa avançado de segurança, com senhas, e não em microcomputadores como os que foram violados. Não foi possível, ainda, dimensionar o total dos prejuízos materiais porque a PF ainda está fazendo o

levantamento, mas a empresa Confederal, que faz a segurança do prédio, irá arcar com os prejuízos, informou a assessoria.

#### **Prefeitura nomeia assistentes sociais**

Decreto hoje nomeia assistentes sociais, aprovados em concurso público, para reforçar as atividades do Fundo Rio e da Secretaria de Desenvolvimento Social. Os profissionais atuarão em projetos voltados para a população carente em todas as regiões da cidade. Entre os locais onde irão atuar estão os Centros Municipais de Atendimento Social Integrado.

#### **SDE vai investigar acordo das telefônicas**

A SDE (Secretaria de Direito Econômico do Ministério da Justiça), que já investiga a associação firmada entre a Telefônica, a Telemar e a Brasil Telecom, analisará a documentação apreendida pela polícia na Telefônica. A Folha revelou que documentos apreendidos na sede da Telefônica, em São Paulo, mencionavam estratégia para, no futuro, elevar as tarifas cobradas pela Embratel “pelo teto”. Além da Telefônica, Brasil Telecom e Telemar fazem parte do consórcio. Pelo acordo secreto, sem a concorrência da Embratel, as tarifas fixas poderiam reduzir os descontos hoje em vigor e, assim, ampliar o valor das tarifas. Os documentos foram apreendidos pela polícia e faziam parte do que as empresas chamaram “Projeto Carnaval”. Os executivos deram esse nome à operação porque o consórcio das empresas foi formalizado durante o Carnaval. Os papéis foram apreendidos no último dia 5.

Outras

#### **(Não categorizadas)**

xx Dominicais

#### **Mercado do cartão de plástico em alta**

Matéria para caderno de Negócios. Vamos mostrar que, com o aumento do uso do cartão de plástico, que hoje faz parte do dia a dia de todo brasileiro, já que foi adotado com carteira de planos de saúde, como cartão de ponto de empresas, e até como ingressos para eventos, as empresas que fabricam estes cartões de plástico estão faturando cada vez mais. Antigamente estes cartões eram mais usados por bancos e como cartão de crédito, hoje não, então vamos mostrar este mercado.

#### **Parceria para vender porta em porta**

Matéria para caderno de Negócios. Vamos mostrar a parceria firmada entre a fábrica de lingerie Duloren e a Hermes, que tem anos de experiência de vendas por meio de catálogos. Com a parceria, a empresa de lingerie começou a distribuir, pelo catálogo, mais de cem produtos exclusivos, não encontrados nos mais de 22 mil pontos de venda da Duloren em todo país.

#### **Sargento do Exército perseguido porque passou em concurso público**

A vida de um sargento do Exército virou um inferno após ele ter sido aprovado no concurso para Polícia Rodoviária Federal. Perseguido no quartel, foi preso duas vezes, espancado e não pode se comunicar com o advogado. Desesperado com o tratamento, pediu baixa. Comandante, no entanto, diz que ele “é indispensável, e que o Exército não tem interesse em liberá-lo”. Comandante proíbe militar de deixar o quartel para fazer os exames necessários ao concurso. Temos a mãe do rapaz como personagem.

#### **Vaidade masculina**

Matéria para caderno de Negócios. Matéria para capa. Vamos mostrar que o aumento da vaidade masculina, mudança de comportamento notada nos últimos anos, vem gerando cada vez mais oportunidades de negócios, para empresas de diferentes ramos. Como por exemplo, vamos mostrar o aumento da procura de tratamentos e cuidados com cabelos e pele nos salões.

## Interior

### Outras

#### **Carro da Prefeitura de Cantagalo passeando na rua Teresa**

Um palio Weekend da Secretaria de Saúde está estacionado desde cedo na tradicional rua de compras da cidade. No local não há nenhuma clínica médica ou órgão público.

#### **Começa a funcionar restaurante popular em Macaé**

Hoje é o primeiro dia de funcionamento do restaurante criado pela prefeitura, que vai vender comida a R\$ 1. Vamos acompanhar com foto.

#### **Conjuntivite em Macaé**

De janeiro a abril já foram registrados 1,5 mil casos na cidade. Colírio receitado por médicos já está faltando nas farmácias. Média de atendimento por dia é de 50 casos, apenas na parte da manhã.

#### **Dutra engarrafada**

Pista de descida da Serra das Araras está engarrafada desde a tarde de ontem por causa de um acidente. O congestionamento é de mais 10 km, desde ontem. Uma carreta caiu numa vala e bloqueou parte da pista. A viagem de São Paulo para o Rio, que costuma durar quatro horas, está sendo feita desde ontem em quase dez horas. A carreta deve ser retirada do local agora, o que deverá forçar o fechamento da pista de descida.

#### **Faetec abre 840 vagas cursos gratuitos em Campos**

Distribuição de senhas para inscrições começam na quarta-feira. Inscrições são de 3 a 15 de maio. Vagas são para cursos de informática, de vários níveis.

#### **Incêndio atinge plataforma P-31**

Petrobrás divulgou nome oficial com esclarecimentos sobre o incêndio registrado na noite de domingo na plataforma. Ela informa que o fogo começou por volta das 23h20 em um gerador de energia moído a diesel e foi controlado em meia hora pela brigada antiincêndio. Não houve feridos e, segundo empresa, produção volta ao normal ainda hoje.

#### **Macaé terá incubadora de cooperativas**

Projeto será inaugurado no dia 1º. Prefeitura construiu um prédio no bairro da Ajuda para abrigar a incubadora. Já tem seis cooperativas sendo criadas, de garçon, serviços em gerais, construção civil, beleza e costura. Intenção é gerar renda e qualificar a mão de obra local, para facilitar a contratação do pessoal que busca emprego na cidade, atraídos pelo desenvolvimento gerado no município pelo setor de petróleo.

#### **Menina não consegue remédio para diabetes**

Sofrendo de um tipo complicado de diabetes, uma menina de Petrópolis não vem conseguindo se tratar adequadamente porque a prefeitura não vem fornecendo os medicamentos. Ela gasta R\$ 1 mil com os remédios. Menina tem oito anos de idade e corre risco de vida.

#### **Prefeitura de Três Rios consegue impedir CPI**

Prefeitura conseguiu na Justiça impedir a busca e apreensão de documentos por parte de integrantes da CPI criada na Câmara para investigar irregularidades na administração municipal.

#### **Presidente do TRT em Macaé**

O presidente do TRT, desembargador Nelson Tomaz Braga, está participando de audiência pública onde pediu ajuda à prefeitura para abrir a segunda vara trabalhista na cidade. Segundo ele, Macaé tem uma das maiores demandas de processos trabalhistas do estado. A única Vara do Trabalho local criada em 1986 e possui, atualmente, cerca de 15 mil ações em andamento. Do montante, 1,800 foram ajuizados apenas em 2003. Por dia são 110 ações em julgamentos, contra 55 no Rio.

### **Sem telefones**

Na localidade de Santo Antônio, em Bom Jardim, moradores ainda não têm telefones. No local existem só dois orelhões que operam via rádio, com prefixo de Friburgo. Telemar alega que não instala telefones porque a comunidade tem apenas 575 moradores, enquanto a legislação exige que tenha 600 habitantes para a empresa ser obrigada a instalar linhas fixas.

### **Suíte caso programa de rádio de vice-prefeito**

Geraldo Pudim disse que vai entrar na Justiça hoje contra a decisão da juíza Maria Tereza Gusmão de Andrade, que no sábado determinou que um oficial de Justiça e um policial acompanhasse o programa de rádio apresentado por ele.

### **Trabalhador ganha R\$ 1 mil por ter sido ofendido pelo patrão**

O pedreiro Antônio Oliveira de Alcântara, 45 anos, de Volta Redonda, ganhou uma indenização de R\$ 1 mil de seu antigo patrão por ter sido chamado de nordestino burro. Ele levou um ano para receber a indenização determinada pela Justiça.

### **Vereadores de Areal acabam com taxa de iluminação**

Câmara decidiu no sábado acabar com a taxa de iluminação no município. Vamos ver detalhes.

## **Opinião**

Outras

### **Caixa Postal**

Emmanuel Cancelli fala a construção das plataformas da Petrobrás no Rio.

## **Polícia**

Altos

### **Estudante morto em Copacabana**

O estudante Caio Monteiro de Souza, de 17 anos, de família de classe média e morador do Leme, foi morto a tiro ontem de madrugada em frente ao 266 da Rua Ronald de Carvalho. Amigos do rapaz informaram que o crime pode estar ligado com uma briga em que o adolescente se envolveu na madrugada durante um show do grupo Rappa na Fundação Progresso. Temos que ouvir a 12ª DP (Copacabana), pois o rapaz também pode estar envolvido com drogas ou com roubo de CDs player. SÓ TEMOS FOTOS DO LOCAL. TEMOS QUE CONSEGUIR O BONECO COM A FAMÍLIA E A HISTÓRIA DA VÍTIMA. A delegada da DP é a Monique Vidal (boa conversa). O CORPO JÁ DEVE ESTAR NO IML, VAMOS PASSAR LÁ PRIMEIRO.

### **Zelador Morto no Alto**

O zelador da Igreja Nossa Senhora da Guia, no Alto da Boa Vista, foi espancado e morto dentro do templo. Parece que os assassinos foram ladrões, que tentaram roubar peças da Igreja.

### **Superdelegados prontos**

Os 13 delegados que vão combater o crime organizado em diversas áreas do Rio – cada um numa área específica – já foram escolhidos pelo Álvaro Lins. Podemos ligar para o chefe de polícia e além de divulgar os nomes contar como isso vai acontecer.

Colunões

### **Federal baleado**

O agente da Polícia Federal Luiz César da Fonseca Carvalho, 51 anos, lotado na sede da Superintendência do órgão, na Praça Mauá, foi baleado, ontem de madrugada, durante uma troca de tiros com três homens que assaltaram o posto de gasolina na Avenida Embaixador Abelardo Bueno, 2.300, nas proximidades do autódromo, em Jacarepaguá. Os

bandidos renderam os funcionários do posto de gasolina, onde roubaram aproximadamente 400 reais e no momento em que fugiam tentaram roubar o Audi do policial que chegava para abastecer e reagiu atirando. Para fugir do local os banditos roubaram o Gol, com placa da Bahia JLV-0601, de propriedade do assistente administrativo do posto. O policial foi socorrido por populares e levado para Hospital Lourenço Jorge, onde se encontra internado com um tiro no ombro direito, outro na mão e mais um na coxa direita. O caso foi registrado na 16 DP (Barra da Tijuca)

### **Rapaz morto**

Policiais do Regimento de Polícia Montada (RPmont) encontraram, na madrugada de hoje, o corpo do menor Washington Raimundo Matos, de 16 anos. Ele foi assassinado a tiros na Rua Adauto Lúcio Cardoso, 40, em Campo Grande. Até agora a polícia ainda não sabe o motivo do crime.

### **Matérias**

#### **Ilha vigiada**

Garotinho e cia inauguram hoje às 10h o sistema de monitoramento por câmeras da Ilha do Governador.

ÀS 18h ELE VAI ESTAR NO SENADO

#### **(Suíte) Staheli**

Vamos continuar atentos ao caso. Temos que ver a situação sos aceiro Jossiel. Vai ser preso ou não??? Está marcada para hoje, no IV Tribunal do Júri, a audiência do caseiro Jossiel Conceição dos Santos, principal acusado do assassinato do casal americano Zera Todd e Michelle Staheli, ocorrido no final de novembro, no Condomínio Porto dos Cabritos, na Barra da Tijuca.

#### **Arsenal**

E as investigações?? Tem novidades?

#### **E o Dudu? Que fim levou?**

Cadê o bandido e por onde anda a polícia que não prende o criminoso.

#### **Menina baleada**

Vamos monitorar a situação na favela do Quieto, no bairro do Sampaio, e o estado de saúde da menina Daiane Damasceno Diegues, de 13 anos. Ela foi baleada na porta de casa e esta internada na UTI no Serviço de Assistência Médica Infantil, na Tijuca.

### **Saúde**

#### **Altos**

#### **MACHISMO CAUSA DOENÇA**

Pesquisa com 780 jovens do sexo masculino, entre 15 e 24 anos, realizada pelo Horizons Program, programa do governo americano voltado para aids, e a ONG Instituto Promundo conclui que comportamentos machistas podem afetar a saúde de homens e mulheres. Tais atitudes, segundo o estudo, estão intimamente ligadas ao aumento de casos de violência sexual e doméstica, de gravidez não planejada e de disseminação de doenças sexualmente transmissíveis.

#### **TRATAMENTO PRÉ-CANCER**

O food and Drug Administration (FDA), órgão que regula o setor de medicamentos no Estados Unidos acaba de aprovar o uso de Aldara (imiquimod) – um creme de alta tecnologia que age no sistema imunológico – para tratamento de uma lesão precursora de câncer de pele: a queratose actínica. A indicação de Aldara para tratamento da queratose actínica representa uma alternativa mais cômoda para eliminar a doença. Isso porque os tratamentos atuais mais eficazes são bastante invasivos. A lesão, em geral eliminada por meio de cirurgia, quimiocauterização ou crioterapia, requer anestesia e pode deixar cicatriz.

## Colunões

### **Um ano de cialis no Brasil**

Vai haver uma coletiva on-line sobre o primeiro ano de medicamento contra a impotência da Lilly, Cialis, no Brasil. Vamos ver se tem alguma novidade.

## Matérias

### **Depressão e cortisona**

Pesquisa científicas recentes observam em alguns indivíduos com depressão severa uma produção elevada de cortisona durante a noite, que refletia na mudança de humor. A cortisona é uma substância que possui várias funções. Entre elas ajuda contra inflamação, a manter a pressão arterial equilibrada e é responsável pela eliminação ou retenção de sal no organismo. Mas também tem ação sobre o sistema nervoso central, causando alterações de humor que levam à depressão.

### **Hipotireoidismo vai ser mapeado**

Doença que afeta principalmente mulheres a partir de 35 anos, o hipotireoidismo pode ter seus sintomas confundidos com depressão, menopausa e obesidade. Quando não tratado adequadamente ou diagnosticado precocemente, pode trazer sérias consequências para todo o organismo – como cérebro, aparelho reprodutor, ossos. A incidência aumenta progressivamente com a idade.

## **(Não Categorizados)**

### Outras

### **(Não Categorizado)**